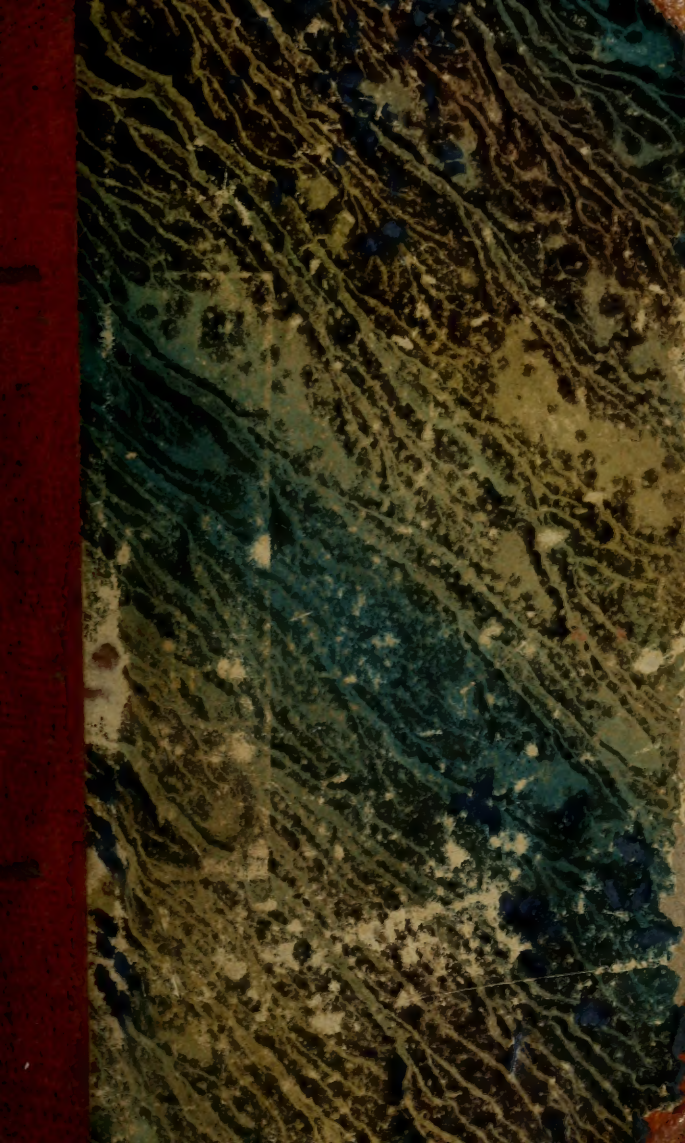


3 tomes reliés en 1 vol.

[Extrait Catalogue fin t. I p. 191]
[Catalogue complet fin t. III p. 135

traduction Portugaise

I. chap. 2 (Hyères Saint-Tropez)

PQ
2446
.S3
P6
1846

SMRS

A SALAMANDRA.

ADVERTENCIA.

O romance da SALAMANDRA, cuja traducção temos a honra de apresentar aos leitores, é sem contradicção uma das mais formosas flores que compõe a corôa de gloria que orna a fronte do immortal auctor dos Mysterios de París. Nelle se apresenta o prototypo do marinheiro militar, revestido de todos os seus vicios e virtudes, de toda a abnegação e amor á disciplina, de todo o fanatismo em fim, pela honra dessa classe em que o tenente Pedro é um admiravel exemplo. Alem disso, grande numero de interessantissimos episodios lhe dão um dos primeiros lugares neste genero de composições; e varias edições esgotadas tanto em París, como na Belgica, comprovam o merecimento da obra, e justificam a preferen-

cia que lhe demos a qualquer romance familiar, dos muitos que entre nós apparecem todos os dias, e cujas acções são mais ou menos comesinhas.

A traducção vai feita com o cuidado e esmero devidos ao publico, e ás pessoas que nos obsequiaram com as suas assignaturas; mas se por ventura não tivermos attingido a meta dos nossos desejos, seja comnosco indulgente o leitor, que nem somos litterato, nem queremos que nos seja adjudicado o privilegio da perfeição; temos escripto e traduzido algumas obras, e desejamos agradar: é esse o nosso unico merito. Foi confiado nelle e na benignidade dos leitores, que emprehendeu este trabalho

O TRADUCTOR.

A SALAMANDRA.

LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

Chega-se ao mesmo fim por meios diversos.

MONTAIGNE.

Os mais minuciosos movimentos da maligna mulher eram regulados com a certeza do melhor relogio maritimo fabricado por Harrisson.

BYRON, — *D. Juan.*

O Estanque de Tabaco.

Pelo meio da rua de Grammont existia em París, em 1815, um estanque de tabaco frequentadissimo; não lhe faltava cousa alguma: fóra da porta notava-se o comprido cylindro de folha que encerrava uma lamparina constantemente accesa, a enorme caixa de tabaco de buxo, e por cima uma pintura a oleo de quatro pés quadrados, representando o inevitavel tomador, que com o

polegar e o index na altura das ventas dilatadas, aspirava com delicia o pó odorifero.

Era por isso que uma multidão de Allemães, Russos, Prussianos, Batavos e Inglezes, desejosos de dar algum encanto á folga dos corpos de guarda, se reuniam em grande numero em casa de Monsieur Formon, que lhes vendia innocentes distracções em fumo, tabaco de mascar e cigarros.

Em uma formosa tarde do mez de julho, estava o ar tépido, a atmosphera carregava-se de espessa poeira que rodopiava debaixo dos pés dos cavallos; elegantes carruagens crusavam em todo o sentido, e as plumas variegadas que ondeavam nos capacetes estrangeiros, confundiam-se com os véos e as mantas brancas, que então serviam d'enfeite ao bello sexo; os baluartes estavam por assim dizer esmaltados de um sem numero de laços de cores vivas e variadas, sem contar os ricos *dolmans* da guarda russa, e o sombrio aspecto dos hussares da morte que fazia sobresair ainda mais a elegancia desses esplendidos uniformes, resplandecentes pelos seus bordados e pelos seus galões.

Ora n'essa tarde, o estanque de tabaco de Monsieur Formon não se desenchia; mas em vão procuravam os freguezes atraz do

balcão a boa e comprida cara do estanqueiro. A todas as perguntas que a tal respeito lhe faziam respondia o seu caixeiro Francisco, com um ar mysterioso, que irritava ainda mais a curiosidade geral:

— A não tomarem outro tabaco senão o que meu amo lhes vender d'aqui em diante, podem estar certos que não hão de espirrar mais.

A um outro, militar imberbe que pedia em alta voz cigarros e dos mais fortes, dizia Francisco com ar de sarcasmo:

— Se meu amo aqui estivesse, em vez de batter no balcão com o vosso chifarote (que não é capaz de offender a uma criança), como um ferreiro na sua bigorna, terieis de aproximar-vos com o chapéo na mão!

E um cento de discursos semelhantes. Finalmente todos se admiravam da desapparição de Monsieur Formon, cuja paciencia e brandura eram geralmente conhecidas e apreciadas.

Este homem benemerito ia, vinha, agitava-se no meio da sua estreita salla, e ora se aproximava da janella para lançar por ella uma timida olhadella, ora voltava a sentar-se, consultando com inquietação o seu relogio de parede.

Monsieur Formon poderia ter cincoenta annos, era alto e magro; espessos cabellos brancos cobriam sua testa baixa e deprimida; seus olhos de um verde claro, um queixo retraído, uma boca assaz affastada de um nariz curto e esborrachado, davam a seu rosto notavel expressão de simplicidade.

— Isabel, disse elle, parando diante de uma mulher de quarenta annos, que, inclinada sobre uma mesinha, escrevia rapidamente: Isabel, o que pensaes desta demora? são quasi oito horas, e nada de novo... Terão enganado meu primo, o que muito me satisfaria.

Isabel fez um violento gesto d'impaciencia, e atirando a penna com vivacidade:

— Enganado... enganado... Vós o desejaes sem duvida?

— Vamos, vamos, não te enfades: bem sabes que isso te faz mais mal do que a mim.

— Enfadar-me! exclamou ella, e seus olhinhos fouveiros chammejavam sob as largas rendas de uma touca de pontas. Enfadar-me... não tenho eu rasão? Não foi apesar da vossa repugnancia, que tentei de vos fazer restituir uma posição decente? que tentei arrancar-vos ao vosso ignobil mostrador,

onde passarieis a vida vendendo, sem vos envergonhardes, virginia e macubá?

— Querida amiga, o macubá é superior ao virginia. Deves pois dizer: — A vender, sem vos envergonhardes, macubá, virginia, &c.

— Que infamia! E não vos envergonhaes da vilesa de vossos gostos?

— Não, não, julgo-me assim feliz; estou ao facto de tudo quanto se passa no bairro, onde sou assaz estimado: pois cumpre ser justo, não faço mal a pessoa alguma, e sirvo quando posso; tenho o meu socego, e a minha tranquillidade; de manhã tomo o meu caffé com leite, a noite jogo a minha partida de dominó, e bebo a minha garrafa de cerveja: não tenho cuidados, a venda do meu tabaco rende bastante para não inquietar-me do futuro. Por vida minha! Se isto não é felicidade, onde diabo é preciso procura-la?... E ainda me esquecia fallar da minha optima e excellente consorte, accrescentou o bom do estanqueiro affectando galanteria.

A impaciencia da excellente consorte não conheceu mais limites. Levantando-se com vivacidade da cadeira em que estava, agarrou no marido pelo braço, e o arrastou quasi até ao fundo da salla.

Ahi tirando um transparente véo de garça, descobrio o retrato de um official de marinha, cujo trajo parecia pertencer ao ultimo seculo. Por cima do retrato brilhava imbutido no caxilho um rico escudo com estrella azul em campo vermelho, sustentado por dous leões de caudas encurvadas, e rematado por uma corôa de marquez.

— Vêde, exclamou ella, empurrando com tanta violencia o desgraçado Formon, que este cahio de joelhos sobre o sophá; vêde... e morrei de vergonha, lembrando-vos do que fostes, e do que deverieis ser.

Lançando os olhos sobre esse antigo retrato, o estanqueiro suspirou, abanou com a cabeça tristemente, limpou uma lagrima, e proseguio com tom de reprehensão:

— Ora pois, ainda outra vez esse retrato. Meu Deos! Isabel, como sois cruel em despertar de continuo semelhantes recordações! Tudo isso acabou, e não póde voltar, nem tão pouco a esperança de tornar a ver as nossas terras de Longetour, onde passei uma tão prasenteira mocidade. Pobre castello arruinado, onde apertei a mão moribunda de meu pai! onde beijei os cabellos brancos de minha boa mãi, que na hora da morte me dizia: « Alberto, tu serás feliz,

porque és bom filho.» Minha pobre mãi; era tão caritativa, tão amiga dos infelizes!... lançaram ao vento as tuas cinzas, destruiram a tua capella, e o nosso antigo castello tão cheio de recordações domesticas!... Ah!...

O bom homem fez uma pausa neste lugar, e continuou, passando rapidamente a mão na testa:

—Oh!... Oh!... Tudo isso está passado, esquecido: não fallemos mais a tal respeito, eu t'o rogo, Isabel, bem sabes que já tomei outros gostos, outros costumes; actualmente a obscuridade convem mais á minha idade, e ao meu caracter. Nunca fui ambicioso; deixa-me aqui morrer tranquillo e socegado. Abandona a empresa que tentaste: tu sabes melhor que ninguem a penivel posição em que me collocas, se me concederem o que em meu nome pediste, bem contra minha vontade.

—Pareceis-me sempre singular! proseguio a mulher com accento de colera concentrada. Foi acaso por vós sómente que puz em movimento tantas protecções poderosas, que nos restituio a restauração? não de certo; vós não valeis a pena disso: foi pelo nosso nome.

— O nosso nome, o nosso nome! disse o estanqueiro com ligeira mistura d'impaciencia; o nosso nome!... Bem podias dizer o meu nome. E se eu renuncio voluntariamente ao meu titulo, podes tambem renuncia-lo, porque em fim... tu que és tão altiva...

— Muito bem! acabai, Senhor, acabai.

— Sim, não to digo para te agoniares, pois que és a esposa do meu coração... e da minha escolha; porem emfim teu pai era... era... fabricante de franjas, na rua dos Ursos.

Ainda que a ultima parte desta phrase fosse pronunciada quasi inintelligivelmente pelo estanqueiro, não sei todavia o que succederia, a julgar pelos relampagos que despediam os olhos de Isabel, se Francisco não houvesse interrompido o perigosissimo dialogo.

— Senhora... senhora... disse elle entrando, aqui está este cartapaxo, que acaba de trazer um soldado.

E apresentou a sua ama uma immensa carta ministerial, lacrada com tres sellos.

— Dai cá, e retirai-vos, disse Isabel com voz imperiosa; rasgou depois precipitadamente a capa, em quanto o marido a con-

templava com a mesma anceadade com que o paciente espera a sua sentença.

— Bravo! bradou ella com transporte, depois de ter lido. Não me enganaram, cumpriram a palavra. E adiantando-se para seu marido: — Monsieur Formon, marquez de Longetour, podemos alfim reassumir o nosso titulo.

— O nosso titulo! disse entre dentes o marquez.

— Graças á poderosa protecção da nossa familia.

— Nossa familia! suspirou ainda o estanqueiro.

— Graças á vossa familia, vos é outorgado o posto de capitão de fragata; pois vos é contado como serviço effectivo o tempo que passastes na emigração, e no vosso despresivel balcão. Alem disso, sois nomeado commandante de uma corveta, e encarregado de uma importante commissão! Lêde...

O marquez estava attonito e embasbacado. Por fim exclamou:

— Ora pois, Isabel! uma corveta! uma corveta de guerra, a mim que não navego ha vinte annos, a mim que, antes da revolução, fiz apenas uma viagem de Rochefort a Bayonna. É um absurdo! O diabo vos le-

ve!... pois sois a mulher mais louca que conheço, disse por fim o marquez desesperado. — Recuso o commando, accrescentou elle, lançando os despachos sobre a mesa.

— Vós o re-cu-saes, articulou surdamente a marqueza, fazendo sentir a seu marido a ponta de suas unhas penetrantes. — Vós o re-cu-saes... repetio ella. Não, não, não o acredito! E conservando sempre o braço de seu marido apertado em sua mão secca e ossuda, sorria-se com gesto verdadeiramente diabolico.

O pobre Formon, vencido pelo seu habito de submissão e pelo medo que lhe inspirava sua mulher, murmurou em voz baixa:

— Sim, sim, acceito, Isabel...

— Muito bem, agora assignai esta carta de agradecimento, escripta de antemão ao ministro.

— D'esse modo, Isabel, tu o queres decididamente? Lembra-te que...

— Assignai.

— Estou perdido! exclamou elle dolorosamente, atirando com a penna.

— Emfim, disse a marqueza, vamos reassumir uma dignidade que nunca deveriamos ter deixado... acompanhai-me marquez.

— Adeos, adeos, feliz tempo de minha

vida! disse tristemente o ex-estanqueiro, seguindo as pisadas de sua mulher.

Um mez depois o marquez de Longetour partio para Toulon, a fim de tomar o seu commando.

Foi desta maneira que Monsieur Formon deixou de vender tabaco e cigarros.

CAPITULO II.

Queres roubar, e temes a vertigem?
Fomos nós que nos puzemos á tua
frente, ou tu á nossa?....

GOETHE. — *Fausto.*

Saint-Tropez.

Ergue-te, formoso sol da Provença; ergue-te! Já o Elba se recorta em azul sobre a toalha de claridade diaphana, com que inundas o horisonte... Ergue-te! Vem cobrir de um véo de purpura e de luz as elevadas montanhas da Corsega, e dourar as aguas indolentes do golpho de Fréjus.

Mas já os teus raios tem dissipado os tremulos e frios vapores que corriam o mar para se precipitarem sobre ti.

Sobre ti, sol benigno, que nos trazes da Italia o calor e a voluptuosidade! É por isso que a Provença é igual á Italia. Vede alem esses montes verdejantes, cobertos de neve e de flores com corollas de ouro, que derramam suavissimos perfumes; essas casas brancas de telhados vermelhos, esses terrenos calcinados. Não parece uma villa da Toscana? E comtudo é Hyeres, a fertil

Hyeres, que gosta de contemplar seus bellos laranjaes, e ver suas quintas encantadoras reflectirem-se nas aguas azuladas do Mediterraneo.

Oh! as nossas Provençaes, que comprimem seus espessos cabellos sob as malhas lustrosas de uma rede verde, que occultam seus peitos trigueiros e aureos em um estreito corpinho preto de festões vermelhos...; as nossas Provençaes, dizemos, equivalem perfeitamente ás Italianas do Arno.

As filhas da nossa Provença tem igualmente á noite suas danças á borda do mar, suas danças vivas, apaixonadas, e lascivas. Tambem á noite, quando a lua pratêa os bosques de myrtos, a viração perfumada calla-se algumas vezes para deixar sussurrar ardentes beijos, amorosos estremecimentos entrecortados de silencios... que fazem exultar e delirar.

Porem já o sol a prumo sobre os escuros telhados de S. Tropez descreve largas sombras nos rochedos de quartz de granito, e de porphido, que servem de moldura ao golpho de Grimaud, em cuja extremidade está situado esse pequeno porto.

Todas as facetas brilhantes desses rochedos de mil cores, se illuminam alternativa-

mente. As fendas cristalisadas das granactites e das staurides, scintillam, resplandecem, e brilham em reflexos côr de rosa, azues, verdes, nacarados, scintillantes...

E pois, a arêa está de tal forma misturada de quartz e de mica, que a praia parece semeada de um pó prateado, e serve de franja ás ondas douradas e transparentes que por ella se estendem.

Tranquillo e velho porto de S. Tropez, patria de um bravo almirante, do nobre Suffren, nada mais te resta do teu antigo esplendor, que essas duas torres avermelhadas pelos raios solares! abertas e arruinadas, porem ornadas de verdes coroas de hera, e de grinaldas de convolvulos de flores azues.

Quantas vezes os malditos sarracenos, arrostando a protecção dos condes de Provença, fizeram encalhar ao pé do teu molhe os seus sacolevas (1) que vinham carregar dessas jovens Provençaes, tão procuradas nos basares de Smyrna e de Tunis!

Pobres moças de S. Tropez! para vós já não ha esperança de serdes arrancadas a vossas familias consternadas, roubadas por

(1) Navio turco ou barbaresco.

algum maldito pirata, e depositadas palpitantes mas curiosas sob os ricos porticos do palacio de algum émir!

Já não tendes esperança de abandonar vossas cabanas de tijolo, vossas esteiras de junco, e a agua salgada do mar, pelos banhos perfumados debaixo dos sycomoros, os tapetes de cachemira, e as cupulas elegantes de pinturas mauriscas!

Boas raparigas! faço justiça ao vosso natural desgosto!... Ao menos outr'ora, esperava-se com impaciencia a estação do roubo; porque emfim essa vinda dos piratas era um futuro.

E tambem tu, pobre porto de S. Tropez, deves ser lamentado! pois já não são esses travessos navios de bandeirollas escarlates, que fundeam em tuas aguas desertas; não, é algumas vezes um pesado barco mercante, um magro mistico; e se por acaso alguma pequena escuna vem amainar ao abrigo do teu molhe, toda a povoação fica em movimento.

E juro-vos pela corôa da Santa Virgem, que estava ella bem agitada no dia 17 de Junho de 1815, pois o navio que se balanceava no ancoradouro não era:

—Nem uma *Tartana* de velas latinas.

— Nem um *Both* com seus cutelos ligeiros e fluctuantes como o lenço de pescoço de uma mulher.

— Nem um *Dogre* com a sua immensa mesena.

— Nem uma *Muleta* com as suas sete velas triangulares.

— Nem uma *Gondola* venesiana branca e dourada, com cortinados de purpura.

— Nem uma *Urca* que ostenta duas vastas vergas, como as azas do Leviathan.

— Nem um *Paduan* com o seu velame cortado em quadradinhos.

Não era finalmente.

— Nem um *Prahaut-plary* de Macassar.

— Nem um *Balour* das ilhas de Sunda,

— Nem um *Piahap* do estreito de Magalhães,

— Nem um *Gros-bois* das Antilhas,

— Nem um *Yacht* inglez,

— Nem um *Catimarou*,

— Nem uma *Palma*,

— Nem uma *Biscainha*,

— Nem uma *Becasse*,

— Nem uma *Balancelle*,

— Nem uma *Chelingue*,

— Nem um *Chanpan*,

— Nem um *Houari*,

— Nem um *Dinga*,
— Nem um *Yole*,
— Nem... emfim, era... era...
— A SALAMANDRA!

CAPITULO III.

..... Victoria nulla est,
Quam quæ confessos animo subigat hostes.
CLAUDIAN.—*De Sextu consulatu Honorii.*

Patife! quantos demonios tens assoldadados?
SCHILLER. — *Fiesque*

A Salamandra.

SALAMANDRA!... Nome bello, elegante, casquilho e expressivo; casquilho e elegante, como toda essa graciosa corveta, tão expedita e ligeira, de fórmas tão delicadas, de velame tão quadrangular, e de tão elevada mastreação!

Viva como um peixe, submissa e obediente ao leme, e capaz de virar de bordo dentro de um tanque!

Carregada de velas até aos topes, docil e desembaraçada, inclinava suas elevadas flexas que vergavam como se fossem cannas, e voava sobre as ondas com a celeridade da gaivota.

E nem era unicamente um navio de cor-

so e de ostentação, não por certo! apenas o navio desenrolava as dobras de um pavilhão rival, fallava alto e prolongado, forte e ao longe.

É por isso que disse que o seu nome era expressivo.

Expressivo sim! Se visseis esta altiva corveta em 1813 trovejante, furiosa, e desgrenhada, pular com enthusiasmo no meio dos relampagos que rebentavam de suas trinta caronadas de bronze!

Ao ver as torrentes de fogo, e a lava de ballas e de metralha que vomitava de suas baterias, julgar-se-ia a cratera abrasada de algum volcão, ou um lago de fogo, de que era ella a verdadeira Salamandra.

Se visseis a maligna morder uma fragata ingleza com seus arpéos d'abordagem, seus arpéos vermelhos e abrasadores, tanto as bandas eram amiudadas e abundantes!

Neste horroroso combate, mostrou-se ella digna do seu nome: travada com a fragata, fez fogo pela derradeira vez, fogo tão de perto, que os artilheiros dos dous navios quebravam as cabeças a pancadas de soquete, arrancavam mutuamente os espeques, e apunhalavam-se de uma a outra coberta.

Tres vezes quebraram os arpéos, e tres vezes abordou ella o navio inglez, como ella intrepido e encarniçado!

Então pegou fogo a bordo da corveta... o fogo, que se cruza, estende-se, torce-se, sobe ás enxarcias, sibila nas velas, e aperta os mastros com a sua espiral abrasadora. O fogo! o fogo! nem ao menos se deu por elle a bordo, pois só se pensava em metter a pique o navio inglez. Alem de que não havia receio de explosão: não restava a bordo nem um grão de polvora no paiol; pois deveis saber que ella se gasta quando uma banda não espera por outra!

Intrepida Salamandra! o fogo a cobria até ás obras vivas, o mar a erguia, e ella continuava a arder, poupando a ultima descarga, como um usurario poupa a sua ultima moeda de ouro, esperando occasião de arrasar o inglez.

Finalmente! finalmente! o inimigo apresentou a pôpa, a Salamandra córou, o ferro choveo, a artilharia troou... Hurrá!... foi a pique... hurrá!... abismou-se... não ha mais inglezes.

Hurrá! Um seguimento de cadaveres que redopiavam no redemoinho que fez a fraga-

ta submergindo-se, restos de apparelho e de mastreação...

E nada mais.

Tractou-se então de extinguir o incendio; o que se conseguio.

Oh! quanto estava mudada, a minha valente e benemerita Salamandra!

Já não elevava com insolencia seus mastaréos, já não ostentava com deleite o seu apparelho liso e penteado como os cabellos de uma mulher; já não eram a sua bateria reluzente, as pinturas de mil côres que ornavam a sua pôpa, e se cruzavam e estendiam em maravilhosos arabescos!

Não, nada disso era!

Toda queimada, espedaçada, esburacada pela metralha, tingida pelo sangue, ennegrecida pela polvora, fumegante, e prestes a ir a pique, a intrepida corveta tornou a entrar no porto, com o seu farrapo tricolor pregado na pôpa, e o massame cahindo espedaçado sobre o cintado, cortado por mil estilhaços, e por mil ballas!

E com tudo, este desmantelamento ficava perfeitamente bem á casquilha!

É assim que vemos algumas vezes nos bailes uma espirituosa e louca moça, de

olhos brilhantes, pelle vermelha e aveludada; uma garça transparente minuciosamente pregada, cinge seu bello corpo: seus cabellos perfumados, estão arredondados symetricamente em lustrosos anneis; o seu cinto e a sua manta regularmente collocados; poder-se-hiam contar as dobras de sua camisinha; e pois, tudo nella é delirio, delirio e prazer de criança que ri, arrebatada por uma walsa pulada.

Esta alegria, esta symetria d'enfeites, agradam, bem o vejo; todavia acharia menos elegancia, porem mais encantos n'esse cinto amarrotado, n'essa manta caindo, n'esse cabello desatado; sim! mais encantos acharia em uma ligeira pallidez, em uma placida tristeza, em um olhar languido, e disfarçado. Oh! e mais ainda em toda essa arrebatadora desordem que prova emfim... que a Salamandra, era mil vezes mais pittoresca, mais poetica, e embriagadora depois do combate.

Por isso os unicos vinte homens que, apezar de feridos, ficaram em estado de reboca-la, a conduziram com respeito e amor ao ancoradouro de Toulon para ser concertada.

Era na verdade uma consciencia reparar

um navio em semelhante estado: desde o gurupés até ao leme era toda ella uma chaga, um buraco.

Mas tinha-se tornado um monumento; era sempre a SALAMANDRA.

Mas quem não fosse cobarde como um espião, tornar-se-ia um bravo, pondo o pé a bordo da Salamandra: pois ahi respirava-se não sei que cheiro d'alcatrão, não sei que perfume de polvora velha queimada, que fazia batter nobremente o coração!

Mas essas taboas cicatrisadas, esses canhões amolgados pelas ballas; o convez ennegrecido pelo sangue que nelle havia penetrado... Tudo isto, digo, tinha uma voz forte e poderosa, que exprimia uma das paginas gloriosas de nossas guerras maritimas. Irra! juro-vos que aquelles, que tendo passado por este baptismo de fogo, restavam da antiga equipagem, podiam iniciar noviços.

Oh! a insolente bem sabia que tinha em seus flancos cento e vinte marinheiros valentes, entre os quaes dezenove que restavam da antiga tripulação, e que eram designados a bordo pelo nome de *carvões*. Accrescentai a isto uma centena de marinheiros da ex-guarda imperial, e tereis uma idéa

da flor dos camaradas embarcados neste intrepido navio.

Cumpria ver as suas boas caras tisnadas, curtidas, cicatrisadas e adustas: suas cabeças de ferro, hombros de Hercules, e corações de criança; eram intrepidos e indolentes, temerarios e bons.

Estes marinheiros do diabo, bem que soubessem que Bonaparte não gostava da marinha, elles o tinham visto n'essa desastrosa campanha da Russia que haviam tambem feito! elles o tinham visto repartir seu pão, e seus vestidos com os soldados, e o amavão por n'elle encontrarem o que tambem tinham: coragem e bondade.

Ora, em 1815, logo que tiveram noticia dos negocios de Rochefort, e da nobre e bella proposição do bravo commandante Collet, e da passagem do imperador a bordo do *Bellerophon*, choraram de raiva, e tornaram-se tristes e ferozes.

Sabendo depois das sanguinosas reacções do meio dia, murmuraram. Tiveram lugar algumas rixas com os habitantes de Toulon; e por fim, para evitar novas contendas, mandaram a corveta esperar no porto de S. Tropez, o momento da partida.

Pobre corvetinha! sahio do ancoradouro,

não como em outro tempo com as peças sahidas, e as enxarcias esticadas, fogosa e impaciente, alçando no mais alto tope o seu glorioso pavilhão como signal de desafio.

Não! sahio triste e como envergonhada, quasi sem artilheria, e servindo de transporte.

Os miseraveis a tinham castrado! Restava-lhe unicamente o nome, que fazia ainda tremer os inglezes; restava-lhe unicamente a sua equipagem de carvões, e marinheiros da ex-guarda, tristes e severos como ella.

E pois, este navio triste e pesaroso, que se consumia sósinho no porto de S. Tropez, era a Salamandra, que o sol alumiava com os seus primeiros raios.

CAPITULO IV.

O proveito de um é o prejuiso do outro.

MONTAIGNE.

Sois um libertino! — Desde que fallamos, tenho uma pergnnta nos labios. — Fallemos em outra cousa.

DIDEROT.

Pedro Huet.

Logo que o sol appareceo no horisonte, tocou-se o tambor, e içou-se o pavilhão.

Nobre e santo costume!

Não ha alguma coisa de poetico e de grande em confundir a idéa do sol que se levanta com o estandarte que sobe... saudado pelos primeiros resplandores do dia?

Então retinio um toque de apito, longo, agudo, e sofreado; os marinheiros vieram um a um, descalços, munidos de escovas, grêda, e arêa, e começaram a polir, esfregar e limpar o convéz da corveta, que dentro em pouco ficou branco e liso como marmore.

Um official embrulhado em um vasto casacão azul, e com um boné agaloado de ou-

ro na cabeça, subio ao convéz, e foi sentar-se junto da pôpa.

Tendo chegado, tirou o boné, e o sol alumiou um rosto trigueiro, vigorosamente regular. Parecia ter quarenta annos; as suas feições, sem serem bellas, denotavam um caracter de franquesa e coragem, que agradava á primeira vista: sómente os movimentos de uma impaciencia mal sofreada provavam que se não achava no seu estado ordinario. Ora caminhava a passos precipitados, ora sentava-se, e não se lhe ouvia mais do que estas palavras, pronunciadas em voz baixa:

— Rapaz do diabo!... maldicto rapaz!

Uma nova personagem appareceo no convéz. Era um homemzinho, gordo, e grave, de cabellos louros deslavados, que trazia oculos verdes sobre um comprido nariz, boné de panno, e sobrecasaca escura.

— Bom dia, nosso charo tenente, disse o homemzinho gordo.

— Oh! bom dia, commissario, respondeo o official preocupadissimo.

E o peior phisionomista do mundo teria podido ler em seu rosto nobre e impressionavel, que elle não via com prazer o commissario. Todavia continuou a conversa.

— Que bello tempo, meu charo tenente; faz um sol que deslumbra!

— Está bello, com effeito.

Depois de uma pausa de alguns minutos, o tenente rompeo o silencio.

Commissario, disse elle, sou o unico official da Salamandra que resta do antigo estado maior (e suspirou); e a equipagem com quem vivo ha onze annos pede-me todos os dias o soldo atrazado que se lhe deve. Não poderieis escrever para Toulon a esse respeito?

— Meu charo tenente, foram prevenidos os vossos desejos; recebi hontem as ordens e os fundos, e tenciono fazer hoje mesmo o pagamento.

— Vamos! commissario, sois um bravo, e os meus marinheiros receberão com prazer essa noticia. Pobre gente!... paguem-lhes ao menos... que bem o merecem... e depois mandem-nos embora...

— Perdoai, tenente: não se vos manda embora, mas esta equipagem tem um modo um pouco...

— Um pouco que?

— Não, não... não digo isso; mas poderia pensar-se que...

— Pensar o que?

— Não, não, vós não entendeis... mas parecem ter saudades de uma ordem de cousas, que já não existe, e é uma injustiça...

— Fallemos em outra cousa. Dizei-me: vistes meu filho ir a terra?

E o rosto do official tomou uma expressão de tristeza, porque esta pergunta pareceo sahir dolorosamente da sua boca.

— Quem? o Senhor Paulo?

— Sim, sim, meu filho.

— Não, meu charo tenente; julguei que estava a bordo. Pois elle não está aqui?

— Não, e a sua ausencia me inquieta, porque se acha em terra sem minha licença; heide castiga-lo como pai e como official.

— Mas estareis bem certo disso?...

— Certissimo! respondeo com impaciencia o official. Imbecil! pensou elle comsigo mesmo; como se a inquietação de um pai podésse deixar alguma duvida.

— Porém, proseguio o commissario, ahi está o senhor de Merval que poderá talvez informar-vos melhor.

— Basta, senhor; não é preciso que todo o navio seja sabedor do meu segredo.

O recem-chegado era um joven segundo tenente de cabellos louros, gentil, corado e

elegante, e bem que fosse ainda muito cedo, a sua farda estava abotoada e apertada com minucioso cuidado; suas dragonas novas resplandeciam com os raios do sol, e um bello punhal de cabo de madreperola pendia de um cordão de seda preta com argolas de ouro.

Quando elle tirou o seu chapeo encerado para cumprimentar o primeiro tenente, mostrou espessos cabellos louros penteados, e annelados com tanta perfeição, que fariam honra a uma mulher.

— *How do you do?* (1) disse elle rindo-se ao official.

— Muito bem, meu charo Merval! Mas que diabo de costume tendes sempre de vos dirigirdes a mim fallando inglez? Essa lingua, mancebo, deveis saber que me não serve!

— Este tenente tem um velho odio guerreiro... Oh! oh! sois injusto. Graças a Deos, tenho-os observado bem, e posso assegurar-vos que são uns coitados.

— E famosos marinheiros, famosos marinheiros! disse o commissario; marinheiros para nos darem sota e az. Ah! ah!

(1) Como estais? ou como passais?

O primeiro tenente lançou-lhe um olhar desprezador, córou, e não respondeo.

— Sim, meu charo commissario; porem a esse respeito valeis tanto como elles, quero dizer, valemos tanto como elles! disse o segundo tenente.

O primeiro tenente tinha-se affastado bruscamente depois da louca phrase do commissario.

— Já não posso conter-me, é preciso mandar a terra. Ah! meu filho!... meu filho!... exclamou elle. E voltando-se para um homem do leme: — Chamai mestre La Joie!

Cinco minutos depois vio-se apontar, elevar-se e crescer uma longa figura na abertura da escotilha.

Esta figura aproximou-se a dous passos de distancia do official, tirou a sua carapuça de lã, pegou em um comprido apito de prata, chegou-o aos labios, e esperou.

Era mestre La Joie, um dos velhos da Salamandra, um carvão, oh! um verdadeiro carvão!

É impossivel figurar cousa mais triste, mais sombria, mais carrancuda, e mais feia, do que esse rosto amarellado, ossudo, secco, calvo, magro, e anguloso.

— Vem cá, disse o tenente.

A grande figura avançou um passo.

— Mais perto, homem!

Elle adiantou-se até tocar no tenente, que lhe fallou um momento ao ouvido.

La Joie fez com a cabeça um signal expressivo, tornou a pôr a carapuça, não disse uma unica palavra, porem deo um assobio agudo e modulado, que na linguagem nautica quer dizer: — Embarquem os remadores do primeiro escaler.

Cinco minutos depois, nem mais nem menos, os doze homens que compunham a equipagem desta embarcação achavam-se em pé, com os remos levantados, a bombordo da corveta.

Mestre La Joie desceo, sentou-se no escaler, depois de haver respeitosamente levantado as alcatifas de panno azul, semeado de flores de liz, que o cobriam, e tocou o apito. Os remos caíram ao mesmo tempo, e fenderam as ondas; não se ouvio mais que um estrondo... e nem uma gota d'agua espirrou.

Apitou outra vez, e os remos calaram as vagas de um só movimento, com uma cadencia e harmonia taes, que ter-se-hia jul-

gado que os doze remos eram movidos por uma mesma machina.

Depois La Joie, que estava ao leme, dirigio a prôa para o caes do porto, e em breve desappareceo por detraz do molhe.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO V.

Engole-se apenas tragada a mentira que nos lisongêa, e bebe-se gota a gota a verdade que nos desagrada.

DIDEROT.

As nossas acções são como as consoantes que cada um faz referir ao que lhe convem. Ninguem deveria admirar-se senão de poder admirar-se ainda mais.

LAROCHEFOUCAULD — *Maximas.*

O Estado Maior.

Tendo o dispenseiro annunciado que estava o almoço na mesa, desceram o commissario, e os tenentes abaixo, onde acharam já á mesa o cirurgião de bordo, homem de cincoenta annos, córado, vigoroso, e de cabellos brancos, espessos e crespos.

— Valha-te o diabo, Pedro! disse o douctor ao primeiro tenente; ha uma hora que te espera o almoço: hade estar frio, e o nosso cosinheiro provençal dirá que não tem culpa disso.

— Aqui estamos meu bom douctor, aqui estamos.

— Tranquillisa-te, disse o tenente, tomando o lugar de honra na cabeceira da mesa.

Durante alguns instantes não se ouvio senão o ruido dos talheres e dos pratos. O douctor o interrompeo.

— Dize-me Pedro: sabe-se finalmente quando chega o nosso novo commandante? Oh! cumpre que seja um camarada austero para conduzir semelhante navio! a equipagem é solida, mas diabolicamente turbulenta. Gosta da terra, porque já está curada de agua e fogo; são demonios em corpo e alma, porem bons e valentes, e a quem é necessario dirigir como tu fazes, com vara de ferro! E todavia, enforcado seja eu se os entendo! pois deixar-se-iam cortar em pedaços por ti do primeiro até ao ultimo. Finalmente, espero que escolheriam para os commandar algum desses velhos maritimos, frios, duros e inflexiveis, de vontade de ferro no serviço, porem humanos e bons nas outras relações... Se sabes quem é o commandante, dize-o, Pedro. Sabes de onde vem? como se chama?

— Disseram-me o seu nome, respondeo

o tenente com indifferença: é o barão... o marquez... ou o Conde de Longetour... marquez, segundo creio. A fallar a verdade perco-me com os seus malditos titulos, que são tão asnaticos como se o chamassem o cavalheiro mastaréo de gavea, ou a condessa vela grande... Mas perdoai, perdoai Merval, disse elle estendendo a mão ao segundo tenente cordealmente; esquecia que sois... conde, se me não engano...

A expressão d'enfado que por um momento havia sombreado o rosto do joven segundo tenente desapareceo, e elle apertou a mão que Pedro lhe offerecia.

— Sou segundo tenente da Salamandra, e tenho a maior ufania em estar debaixo das ordens de um bravo como vós.

— O Senhor é com effeito conde, proseguio o commissario; está na minha lista da equipagem. Alberto Deodato Vicente Beaunair, conde, meu Deos! conde de Merval... conde, é isso mesmo.

— Está bom, está bom commissario, disse córando o segundo tenente; eu sei o meu nome.

— Sim Senhor; mas sois conde, tendes um bonito titulo. Quem me dera ser tambem conde! E vós douctor?

— Calai-vos commissario, disse o douctor: sois mesmo um pato tonto.

— Hein?... como? disse o homemsinho gordo, tornando-se vermelho como uma cereja.

— Digo que sois um pato tonto, continuou imperturbavelmente o douctor, olhando para elle fixamente.

— Vamos, vamos, não vos enfadeis, disse o tenente rindo-se. Bem sabeis commissario que o douctor costuma fallar com franquesa: ha vinte tres annos que assim o conheço, e não sereis vós que o fareis mudar.

— Não certamente! disse o douctor. Tal qual me vedes, mancebo, disse ao almirante *** que se tinha conduzido como um garoto em frente do inimigo; que tinha feito espedaçar um montão de bravos pela sua cobardia! Infelizmente sou eu uma prova, pois que a pesar de ferido, curei-os, amputei-os, e tratei-os como meus proprios filhos. Assim, bem vedes, commissario, que posso dizer-vos que sois um pato tonto, visto que já disse a um almirante que era um garoto.

— Vamos, basta, douctor, disse Pedro, compadecendo-se do commissario que parecia assentado sobre brasas.

— Porem, commissario, proseguio o douctor; não vos quero mal por isso. Tocai. Haveis de acostumar-vos. Façamos uma guerra juntos, e vereis que o velho Garnier é um bom marinheiro; mas cumpre que elle diga tudo aquillo que lhe burbulha no coração; o que eu vos disse era necessario.

— E esse commandante tem bons combates? perguntou o joven segundo tenente.

— Por vida minha! disse Pedro, não o conheço. Longetour!... Sabes quem é Longetour, meu douctor?

— Tanto quanto sei de que peixe é este rabo. E vós, Merval? perguntou o douctor ao segundo tenente.

— Nem tão pouco eu.

— Todavia seria uma desgraça estragar uma semelhante equipagem; póde-se fazer tanta cousa com esta gente, quando se sabe conduzir! Porem estou tranquillo: a Salamandra é conhecida, e só algum lobo marinho nos roerá os ossos.

— A proposito, proseguio o douctor, encostando-se á mesa, e traçando com a faca figuras geometricas no fundo do prato; e vós, Merval, onde servistes? Sahis das escolas de Toulon, ou das de Brest?

— Senhor, a minha familia nunca aban-

donou os seus soberanos, e eu acompanhei a minha familia, disse o segundo tenente.

— Ah! entendo, servistes os inglezes: Mancebo, isso não é bonito, disse o douctor abanando com a cabeça.

— Senhor! Senhor! disse o moço empallidecendo.

— Digo que isso não é bonito, continuou o douctor traçando figuras.

Este incidente despertou Pedro que parecia absorto.

— Então meus senhores!...

— O Senhor insulta-me, disse o mancebo com força.

— Merval! Merval! disse o tenente.

— Digo-vos que não é bonito servir os inglezes. Nada mais.

— Dar-me-heis satisfação, e agora mesmo! bradou o segundo tenente levantando-se da mesa.

— Oh! oh! oh! disse o douctor continuando a fazer figuras, faz d'aqui a pouco vinte annos que navega o velho Garnier, e não é uma criança que hade metter-lhe medo. Mancebo, depois do combate de Trafalgar, tenho visto muitas batalhas, tenho sido ferido cinco vezes, o que me grangeou este pedaço de fita encarnada. O meu ami-

go Pedro que aqui está, poderá dizer-vos se receio curar algum dos meus marinheiros debaixo do fogo. Não me bato porem por amor de miserias. E pois, bem vedes que devo dar conta da minha vida a esses pobres marinheiros de quem tracto ha onze annos; são como meus filhos, tem confiança em mim, e quando padecem acham sempre o velho Garnier. Não posso dispor de mim; perguntai-lh'o se quizerdes. Olhai, não vos quero mal, dai-me a vossa mão. Servistes os inglezes, na minha opinião fizestes mal, não é bonito isso, e eis aqui tudo.

— Merval, disse o tenente, rogo-vos que me attendais.

Á força de rasões boas ou más, tranquillisou-se o moço tenente, o qual, cheio de boas qualidades, era leal, bravo e pouco rancoroso; foi elle o primeiro a dar a mão ao douctor.

— Disse-vos o que pensava, respondeo este apertando-lhe cordealmente a mão; agora podemos navegar cem annos juntos, que não abrirei a boca, porem era preciso que dissesse o que vos disse.

Desceo um guarda marinha, e dirigindo-se ao tenente: — Tenente, o primeiro esca-

ler acaba de attracar. O Senhor Paulo está a bordo.

— Finalmente! disse o tenente. Dizei ao senhor Paulo que venha fallar-me, e mandai amarrar o escaler.

E Pedro Hut dando o exemplo levantou-se da mesa.

— Não esqueçaes o pagamento da nossa gente, disse elle ao commissario.

— Ao meio dia começarei, tenente: podeis dar o competente aviso.

— Basta, disse Pedro Huet, e subio á camara; pois na ausencia do commandante que se esperava, occupava o aposento deste official superior.

— Encontro-vos finalmente, Senhor! é uma fortuna, disse elle, abrindo a porta da camara ao aspirante.

CAPITULO VI.

É assim que á vista dos padecimentos da morte, se apura como em um fogo a alma christãa; é assim que ella se despoja de tudo o que é terrestre e demasiado sensivel, mesmo nas mais innocentes affeições.

BOSSUET. — *Orações Funebres.*

O Aspirante.

Uma palavra sobre elle; digamos uma palavra ácerca deste menino! Pois tinha apenas dezeseis annos... e todas as illusões proprias desta idade, illusões tão ingenuas, ardentes, e poeticas! — Tinha elle um d'esses corações virgens e candidos, de tal fórma cheio de nobres idéas, que ouvindo referir bellas acções, ou animosos infortunios, punha-se a chorar... de prazer ou de compaixão.

Porque n'elle existia poderosa séve de mocidade e convicção; porque essa alma terna e ainda pura, acreditava em tudo, tudo admirava.

Para esta alma, a vida era um prisma deslumbrante, matisado de vagos desejos de

amor, fortuna, e gloria: tudo n'ella era sol e primavera, confiança e virtude.

E pois, para este menino, o objecto ideal do mais profundo culto, da maior idolatria depois de seu pai, era uma mulher!

Oh! uma mulher era para elle uma crença, era o seu fim, o seu futuro, era a ventura eterna, reservada sem duvida por Deos á sua casta juventude.

Eterna! sim. Porque elle não abandonaria em seu pensamento essa mulher nem n'este mundo, nem no outro. Pobre menino! vivia da sua vida! morreria da sua morte! — E depois, para duas almas de anjos, — existe o ceo... — Era o seu sonho!

Nobre sonho, santa e ingenua esperança de um cõração joven! Oh! a memoria de sua terna mãi tinha purificado o seu amor... essa religiosa recordação confundia-se em todos os seus pensamentos, logo que elle pensava n'essa mulher que amaria algum dia; pois considerava como um dever sagrado dedicar-lhe todo o profundo e pathetico amor, que sua boa mãi havia em outro tempo tido por elle.

Porque sua mãi já não existia: Pedro a perdeo quando seu filho tinha apenas oito

annos, e o tomou em sua companhia a bordo da Salamandra.

Por isso o pobre pequeno foi, ainda bem criança, privado dos maternaes cuidados de uma mulher, que derramava sobre elle todo o amor que não podia prodigalisar a seu marido ausente.

E todos sabem que quando uma mãi teme pela vida de seu esposo, é duas vezes mais terna por seu filho!

Depois d'esse fatal acontecimento, Paulo não sahio mais da companhia de seu pai; educado a bordo, n'essa escola de uma vida selvagem e cruel, a sublimidade e as harmonias de uma natureza sempre primitiva, reflectiram-se em sua alma ardente e viva, fazendo n'ella germinar os mais nobres sentimentos.

Não obstante a sua tenra idade, comprazia-se seu pai em fazer-lhe admirar os quadros grandiosos e variados, que incessantemente se apresentavam á sua vista. Umas vezes embalado nos cestos de gavia ao bramido da tempestade, sorria-se Paulo á sua voz atroadora.

Outras vezes o velho mestre La Joie, tomando-o ás costas, levava-o ao tópe do mas-

tro mais elevado, e ahi acostumando suas mãosinhas ao grosseiro contacto do apparelho, ensinava-lhe, brincando, a pratica d'esta terrivel profissão; e era um gosto ver algumas vezes Paulo, em sua louca alegria, lançar-se á extremidade de um cabo, e ficar suspenso sobre o abismo, balanceando-se indolentemente!

Estes brincos, reunidos a uma tal existencia, desenvolveram fortemente n'elle o phisico e o moral; o coração habitua-se a esses perigos continuos, e por isso Pedro retirou Paulo do poder de seus *creadores*, como elle dizia, quando este chegou á idade de dez annos, e encarregou-se da sua educação.

Juntando a pratica á theoria fez o mancebo rapidos progressos, foi nomeado aspirante, e recebeo a sua primeira ferida em um dos gloriosos combates da Salamandra.

Seu pai o vio cair fatigado e ensanguentado; mas voltou os olhos, e continuou indifferentemente o commando que havia começado.

Porem depois do combate, quando depoz com o porta-voz o caracter duro e impassivel do homem do mar, este homem de ferro, immobil no meio do fogo, chorou e so-

luçou, como uma joven mãi junto do berço de seu filho. Passou noites inteiras ao seu lado, vellando-o, tractando-o, cogitando nos seus menores desejos, sollicito, attento, e obediente aos mais pungentes caprichos de seus padecimentos, devorando as suas lagrimas, quando Paulo, não o reconhecendo em seus delirios, o chamava em altos gritos.

Oh! quão doloroso e profundo era o sentimento que exprimia a voz d'este pobre pai, quando dizia: — Meu filho, meu Paulo, estou aqui... Meu Deos, meu Deos, estou aqui! Sou eu... é a minha mão... É a mão de teu pai que apertas em tuas mãos seccas e abrasadoras... Paulo, meu Paulo, meu filho!... Já me não conhece... Oh! sou bem desgraçado! Paulo não o ouvia, e continuava a dizer: — Meu pai!

Instinctiva e sublime invocação, ultimo grito de esperança e de amor, admiravel illusão, que colorindo as trevas da mortal agonia, fazia acreditar a esse filho, que um pai podia, como Deos, prolongar os nossos dias!

Mas a morte não ferio essa bella alma! Paulo restabeleceo-se, e seu pai ficou quasi louco de alegria. Em sua longa convalescença, não o abandonou um só momento. Para

o divertir contava-lhe os seus maravilhosos e intrepidos combates, e as suas viagens a longinquos paizes. E quando um somno reparador cerrava as palpebras de Paulo, callava-se, e apenas respirando, inclinado sobre a sua macca, contemplava-o com amor e idolatria, sem poder conter grossas lagrimas de prazer; porque o pobre pai chorava então de gosto, esperando que seu filho o chamasse no meio de algum sonho alegre e tranquillo.

Paulo, já em estado de fazer uma nova campanha a bordo da Salamandra, sahio do porto para combater a fragata de que já sabe o leitor, Foi o ultimo combate da corveta antes de 1814.

Combate terrivel e sanguinolento, em o qual recebeo Pedro por seu turno uma perigosa ferida.

Era tocante ver o filho prestar ao pai os seus assiduos cuidados, com o egoismo da dedicação, e o ciume do affecto, innato nas bellas almas.

Pedro restabeleceo-se, e o seu restabelecimento foi uma festa para a equipagem.

Porque Pedro Huet era tão amado como temido, e merecia na verdade inspirar estes dous oppostos sentimentos, pela sua severi-

dade no serviço e amisade que consagrava a seus marinheiros, os quaes desde longo tempo conheciam suas virtudes: os marinheiros tem a este respeito um instincto que jámais os engana.

Todavia, se o ciume podesse achar guarida em uma alma tão bem formada, Pedro teria talvez ciumes da influencia que seu filho exercia sobre a equipagem.

É uma contradicção extravagante no caracter e natureza do homem, ver os entes mais fortes e mais terriveis preferirem obedecer aos mais fracos e inoffensivos. Será pela consciencia d'essa especie de superioridade, que consiste em depositar a sorte e a vontade em mãos debeis que facilmente se espedaçariam? Póde ser tambem que o homem forte que se submete ao fraco, julgue provar com isso, que uma tal submissão é inteiramente voluntaria.

Entretanto é certo que a influencia de Paulo a bordo parecia magica; elle, fraco menino, exercia uma especie de maravilhoso imperio sobre esses homens de ferro que tinham assistido a vinte batalhas, e que já não sabiam o que era perigo.

E pois, esses homens, supersticiosos como todos os homens ingenuos e energicos,

acreditavam em não sei que vaticinio de um velho baiuqueiro, que ligava a existencia e o destino da Salamandra á existencia e ao destino do aspirante.

E por isso nunca o navio apparecia mais asseiado e mais limpo, do que quando Paulo estava de serviço. Finalmente poder-se-ia chamar o anjo da guarda da Salamandra.

Porque tambem era bom, corajoso, intrepido e generoso; e porque o exterior correspondia n'elle ao interior.

De mediana porem esbelta estatura, o seu modo participava do seu caracter, e da sua condição nobre, liberal, e franca; seus compridos cabellos castanhos sombreavam uma testa saliente, clara e lisa como a de uma moça; seus olhos pretos eram bem rasgados, vivos, espirituosos e penetrantes; seu nariz aquillino, sua boca ligeiramente arqueada, e um queixo de covinha um pouco erguido, davam-lhe uma expressão de austera altivez que lhe assentava maravilhosamense; juntai a isto uma côr de rosa viva, que se tornava carmesim á primeira emoção, um bigodinho lustroso e recente, que sombreava seu labio rubicundo e...

E tereis uma encantadora phisionomia de rapaz, que fazia andar á roda todas as cabe-

ças das moças de S. Tropez, especialmente quando a sua linda farda azul com agulhetas de ouro apertava bem a sua fina cintura, desenhada pelo cinturão do seu punhal curvo, e quando trazia com nobreza o seu chapeo agaloado.

Pedro Huet, porem, não deixava o mancebo ir a terra; não porque quizesse fazer d'elle um frade, mas por saber que os maritimos da Salamandra eram odiados pela sua opinião politica pronunciada; e por conhecer que os Provençaes, exaltados na sua, olhavam para elles com desgosto; e como bom pai, temia por seu filho.

O filho porem não participava d'esses temores; e como, segundo as ordens do tenente, nenhuma embarcação podia sair de bordo, na vespera tinha-se Paulo *arriado* pela escada da pôpa, e atravessado a nado a pequena distancia que separava o navio da costa.

CAPITULO VII.

Um pai é na terra o unico Deos sem atheo.

ERNESTO LEGOUVÉ — *Poesias ineditas.*

O Pai e o Tenente.

Deixámos Pedro e seu filho na camara da corveta.

— Poderei, senhor, saber, disse Pedro, sentando-se longe do mancebo, poderei saber porque sahistes de bordo sem permissão minha?

Esta reprehensão era feita pelo official. O pai accrescentou mentalmente:

— Com risco de te afogares, desgraçado filho!

— Pai, eu t'o digo... E pronunciando estas palavras aproximou-se Paulo de seu pai com timidez, apoiou uma das mãos na cadeira, e com a outra pegou na de Pedro.

O bom tenente sentio enfraquecer-se a sua coragem á palavra *pai*, pronunciada com voz doce e humilde.

E por isso proseguio severamente recuando a cadeira com vivacidade, para evitar as

caricias de seu filho: — Tracta-se de serviço, senhor; chamai-me tenente, e afastai-vos.

— Ao menos assim não fraquearei, pensava elle.

O mancebo fez uma pequena carantonha cheia de malicia e de graça ao mesmo tempo, córou, e mudou de tom. A sua voz, de tremula que era, e fraca, tornou-se clara e breve. Levantou a cabeça com altivez, e respondeu com segurança:

— Tenente, ausentei-me de bordo, porque andava aborrecido; fiz mal: puni-me.

— Quero saber, senhor, o que fostes fazer a terra.

— Permitti que vo-lo occulte; faltei ao serviço, castigai-me.

— Senhor!... disse Pedro com firmeza.

— Tenente, a minha vida militar pertence-vos; a minha vida privada só pertence a meu pai.

— Pois bem, meu filho! exijo...

— Isso agora é outra cousa, pai; vais saber tudo.

Desta vez com a voz doce e humilde de ainda ha pouco.

— Vamos, disse Pedro comsigo mesmo, é preciso ceder-lhe. Alem de que, fazendo-

me superior nada saberia, porque o rapaz tem um caracter de mil diabos. Ao menos assim saberei tudo. Porem não quero olhar para elle, pois tenho mais vontade de o abraçar, que de o reprehender. Parece-se tanto com a mãi! Vejamos, Paulo, fallai.

O moço aproximou-se de seu pai, e desta vez pôde encostar os dous braços nas costas da cadeira; abaixou depois a cabeça ao nivel da de Pedro, abraçou-o, e disse em voz baixa, e com um profundo suspiro:

— Olha, pai, creio que estou namorado.

— Ahi temos outra!

— Tu sabes, pai, que fui ha oito dias com a lancha buscar a terra uns toneis. Em quanto a gente chegava com elles á lancha, puz-me a passear na praia; e alem... olha, podes ver d'aqui, é aquelle pavilhãosinho no meio das laranjeiras.

— Sim, eu vejo. E depois?

— Oh! pai! vi acolá... uma linda moça, que espiava... Mas ah! nem eu sei o que ella espiava.

— E dahi?

— Escondi-me atraz de um rochedo para que ella me não visse, e alli fiquei mais de huma hora a contempla-la. O meu coração batia, a minha vista perturbava-se; e

quando voltei, oh! parecia-me que te amava duas vezes mais, meu bom pai!

— Foi por isso que a lancha tardou tanto? disse Pedro, com um tom, que mal encobria a sua emoção.

— Tenente, proseguio o outro com a sua endiabrada voz breve; já vos dei razões que acceitastes.

O maligno menino abusava do amor de seu pai.

— Paulo!...

— Não te enfades, pai; tudo saberás. Hontem á noite arriei-me pela escada da pôpa, metti a roupa em uma caixinha que empurrei adiante de mim, e fui a nado para terra.

— Que imprudencia! não sabes, desgraçado, que a ferida te faz algumas vezes inchar a perna a ponto de não poderes nadar?

— Ora pai! pois eu tinha lá tempo de pensar n'isso? E depois esperava ve-la.

— E viste-la com effeito? disse Pedro, sem lembrar-se da gravidade da pergunta.

— Não, pai.

— Então que diabo fizeste toda a noite?

— Pai, puz-me a passear em roda do seu jardim, diante das suas janellas; e ainda agora estaria a contempla-las, se o mal-

dicto velho mestre La Joie me não descobrisse; e se não receasse tambem inquietar-te, pai, disse o mancebo com admiravel expressão de amorosa ternura.

— Paulo, é essa toda a verdade?

— Bem sabes que nunca minto, pai.

— Ainda bem. Mas tudo isso é muito máo. Tu sabes, meu filho, que os provençaes não gostam da Salamandra; passam-se cousas extraordinarias no sul da França: estes camponezes são máos, e temo tanto por ti, como pelos nossos marinheiros. Promette-me pois que não irás mais a terra.

— Não, pai, porque lá iria ainda quando devesse caminhar sobre brazas, mas sem faltar ao meu serviço.

— Maldicto teimoso!... Porem ao menos vai armado!

— Sim, pai, eu t'o prometto.

— É incrivel a minha indulgencia para comvosco, Paulo; algum dia m'a lançareis em rosto. Ora pois, como faltaste abertamente á disciplina, meu charo filho, ficarás de sentinella aos prezos por vinte e quatro horas... mas irei fazer-te companhia.

— Meu bom pai! meu querido pai! disse o mancebo abraçando-o.

— Muito bem, disse o tenente; mas se

soubesses as inquietações que soffri! toda a noite não dormi. Pobre amiguinho, lembra-te que só a ti tenho no mundo!

E reteve uma lagrima que ia correr, pois ouvio batter á porta.

— Entre quem é! disse Pedro voltando-se para as janellas da pôpa, para que lhe não vissem os olhos humidos. Que temos?

— Tenente, disse um guarda marinha, o commissario manda perguntar se póde começar o pagamento.

— Sem duvida. Fazei avisar a equipagem.

CAPITULO VIII.

> Elles tem apenas diminutissimos ordenados; mas o que se chama *tour du bâton* (1) é tão consideravel, que não ha cousa mais commum, do que a rapidez das fortunas n'essa classe.
>
> DIDEROT — *Viagens.*

O Pagamento.

Em consequencia das ordens do tenente, tinha o commissario feito o pagamento, e o silencio rigoroso que reinava ordinariamente a bordo da Salamandra, era interrompido por um tinido metallico, que partia de todos os cantos do navio.

— Finalmente, disse o commissario, que para desempenhar as suas funcções tinha vestido a sua farda azul, bordada de prata, com vivos encarnados; finalmente, repetio elle, ajuntando os registos e papeis espalhados sobre a mesa, está pago esse maldicto atrazado! tres annos de soldo... E era tempo, pois com estes damnados...

Neste momento uma especie de grunhido

(1) Lucros illicitos dos empregados.

surdo e inarticulado interrompeo o monologo do commissario.

— Ora pois... ainda outra vez!... disse elle. Vejamos, que temos? que me querem!

O grunhido tornou-se mais pronunciado, e pôde ouvir-se estas palavras: — Meu commissario... Sou eu... meu commissario...

— Tu quem? quem és tu? que queres?

E o commissario levantou-se apressadamente da cadeira, foi á porta, agarrou no importuno pela golla da jaqueta; e levando-o para debaixo da abertura da grande escotilha, pôde com o soccorro da claridade que por ella penetrava, contempla-lo a seu gosto.

Palavra de honra! era uma cabeça digna do pincel de Rembrandt!

Figurai-vos um homem de mediana estatura, porem de robusta constituição, um rosto quasi rôxo de vermelho que era, cercado de largas suissas, pretas e espessas, que se reuniam a cabellos brancos, raros, curtos, e erriçados como os de uma escova.

Uma enorme cicatriz que começava na testa atravessava a sobrancelha, o olho (era torto), e a face esquerda, ia perder-se no queixo, tão profunda, que poderia n'ella accommodar-se o dedo minimo.

Bem que fosse no mez de junho, e fizesse extraordinario calor, usava este homem duas camisas, uma de baeta encarnada, e outra branca, cujo collarinho, preciosamente bordado, assentava sobre a primeira.

Finalmente uma compridissima jaqueta de panno azul, guarnecida na golla e nas mangas de galão de ouro, e uma calça de fazenda grosseira completavam o seu vestuario.

Quando o commissario o puxou para debaixo da escotilha, deixou-se elle conduzir, caminhando a passos lentos, e fixando com ar vergonhoso o seu olho unico sobre o administrador.

— Oh! és tu, Bouquin!... então que queres? Vamos, responde depressa!

— Meu commissario, disse o outro rollando em espiral, em cóne, e em rhombo, a carapuça de lã de quadros azues que tinha na mão, meu commissario... é... é... que... parece que fui logrado.

— Hein?...

— Sim, meu commissario... parece que me roubam, e que ainda não recebi a minha conta.

— Como é isso?...

— Tres annos, meu commissario... tres annos de atrazados a 700 francos... são

2,100 francos, e eu apenas chuchei 1719, cinco soldos, e quatro *liards*. E mostrava uma immensa saccola que trazia debaixo do braço.

— Ah! isso quer dizer que pedes contas?

— Não, meu commissario... com vossa licença: peço a *minha* conta.

— Nada mais justo, meu rapaz, nada mais justo. Deos me livre que me julgassem capaz de recusar os mais insignificantes esclarecimentos! Oh! sim!... ganhaes muito bem o vosso dinheiro, meus bravos, vós o ganhaes muito honradamente, para que vos não seja demonstrado até o ultimo soldo; que digo? até o ultimo *liard*, que não se vos faz a minima injustiça... Ouves, Bouquin?

E repetio, accentuando fortemente:

— Que não se vos faz a minima injustiça.

— Está visto... está visto... meu commissario.

— Como visto!

— Digo que está visto, meu commissario, porque o vosso antecessor dizia a mesma cousa. É muito justo. Isso quer dizer na vossa manobra o mesmo que na nossa

«Apromptar para largar gaveas!» Vamos adiante, meu commissario; eu vos escuto...

— Muito bem; os setecentos francos por anno fazem tanto por mez, tanto por semana, e tanto por dia; mas deves saber, Bouquin, que ha annos bissextos, e mezes de vinte e oito dias; alem disso o valor das moedas correntes altera-se algumas vezes, e os pesos hespanhoes que recebeis em pagamento valem quarenta e sete centesimos mais que as peças de cem soldos, e é por isso que... Tu bem me entendes?

— Sim, meu commissario, disse o outro, que mordia os beiços a fazer sangue, prestando a mais vigorosa attenção a este discurso administrativo.

— É por isso que... continuou o commissario com nova volubilidade, é por isso que o valor das peças de cem soldos deve diminuir outro tanto sobre o capital e sobre a totalidade das sommas que o thesouro vos paga escrupulosamente... entendes, Bouquin?... escrupulosamente... para integral amortisação do soldo atrazado... Tu bem me percebes... parece que isto é bem claro.

— O soldo atrazado... Sim, commissario, começo a entender.

E o desgraçado apertava a cabeça, como para fazer entrar em seu cerebro rebelde a clara e luminosa explicação do administrador.

— Ora, proseguio este, estando os teus setecentos francos sujeitos ás fluctuações inevitaveis operadas pelo cambio, sobre o valor dos pesos hespanhoes, e sendo os escudos de seis libras sujeitos igualmente a um desfalque notavel e diminutivo, por isso que, sendo-lhe opposto o valor dos pesos, sómente quanto aos annos bissextos, e aos mezes de vinte e oito dias, resulta necessariamente... Tu comprehendes?... mas não te incommodes, Bouquin: se te não parece bastantemente claro, podes dize-lo. Agora já entendes?

— Sim, commissario.

E arregalava o olho de maneira assustadora.

— Eu continuo. Dos annos bissextos, e dos mezes de vinte e oito dias resulta necessariamente, e é patente, averiguado, e notorio, que abatendo de um lado a diminuição operada sobre os pesos, a differença de pagamento, tomada na proporção dos annos bissextos e dos mezes de vinte e oito dias, balanceando-se do outro lado, porem em vosso favor... entendes?... em vosso fa-

vor o augmento dos escudos de seis francos, vem estes a prevalecer sobre as peças de cem soldos, pelo menos, 475 francos. Deste modo já vês que ajuntando estes 475 francos aos teus 1785, ficas com 2260, e pela tua conta, nota bem isto, és apenas crédor de 2,100. Não é verdade?... responde, não é verdade?

— É verdade, meu commissario, apenas se me deve 2,100, proseguio Bouquin, limpando o suor que lhe corria pelas faces.

— Então! já vês que és tu ao contrario que deverias 160 francos, por isso que só se te deve 2,100; não fui eu quem o disse, foste tu, e já te demonstrei que recebeste 2260. Por tanto, meu rapaz, deves estar certo que poderia reclamar 160 francos, que deveria talvez faze-lo para te ensinar a não desconfiar dos teus superiores e do governo, que vos dá sempre mais do que vos deve, e que sempre se engana em vosso favor, como acabas de vêr; porém desta vez quero ser bom moço. Sirva-te isto de lição; guarda os teus 160 francos de accrescimo, ouves, Bouquin? guarda-os, e seja isso para ti um novo motivo para bemdizer a ordem de cousas que o ceo nos restituiu... Ora pois! vai, Bouquin, e dize aos

teus companheiros, que. se tiverem a pedir-me algumas explicações, estou prompto a dar-lh'as, tão claras e luminosas como as que te dei a ti. Ah! meu Deos! nada de preferencias; o que se faz por um, deve fazer-se por todos.

E dizendo isto pegou, cantarolando, nos registos debaixo do braço, entrou no seu camarote, e fechou a porta, deixando Bouquin a suar em bica, estupefacto, confundido, embasbacado, e, o que é mais, convencido da generosidade e desinteresse do governo para com elle.

— Apre! disse elle limpando a testa, antes queria metter a gavea nos tres rinzes debaixo de tempo, do que ser obrigado a tornar a *entender* o commissario. Oh! aquillo é que se chama lingua! que taramella! Com tudo parece certo que sou eu quem devo, e que ganhei no negocio 160 francos. Então que diabo veio cantar-me aquelle velho jacaré de La Joie, dizendo-me que o commissario nos tosquiava como a carneiros!

E o bom homem correo a encontrar-se com mestre La Joie.

— Então! lhe disse Bouquin, chegando-se a elle, então! nós nos enganavamos: parece que a... fructução... os annos bissep-

ticos, e a amorti... a avorti... a accorti... em fim, é a mesma cousa, o nome não quer dizer nada... fazem com que chuchemos 160 francos... em lugar de perder 450; que se o governo não fosse bom marinheiro nos obrigaria a entrar com elles na gamella... e que o commissario navegou a rumo direito, e sem *amarar-se*.

A unica resposta de La Joie foi olhar fixamente para Bouquin, tirar da algibeira o seu comprido apito, e saccar delle dois sons breves.

— Ora vai á... disse Bouquin, que pareceo entender perfeitamente o sentido da harmonia expressiva de La Joie. Seja a minha gravata a drissa da bandeira se não é verdade!

Nova modulação no apito, que Bouquin tornou a traduzir, pois replicou: — És teimoso como um peixe porco; é como te digo, La Joie; era preciso que tu lá fosses, para te desenganares.

E Bouquin subio ao convéz, deixando na bateria o seu amigo do apito.

Ora, cumpre saber que La Joie, mestre d'equipagem da corveta, era o homem mais silencioso e triste que existia no mundo. Tinha-se habituado a fallar o menos possivel,

e as mais das vezes respondia a seus iguaes ou inferiores por modulações d'apito, que já todos entendiam; o que parecerá menos extraordinario sabendo-se que, nos usos maritimos, quasi todas as ordens são dadas pelo apito, cujo som agudo e sonoro domina o mugido do vento e das ondas.

E pois, para mestre La Joie, o apito era um novo idioma, uma linguagem sua, alternativamente alegre e triste, colerica ou satisfeita; uma linguagem admiravel para traduzir as impressões que agitavam o velho marujo.

Da maneira porque elle embocava o instrumento para mandar fazer qualquer manobra, dos sons mais ou menos asperos, mais ou menos correntes, conhecia a equipagem a differença do seu humor.

Se o som era trinado, brilhante, e dividido em cadencias que subiam e desciam em escalas harmoniosas, e retiniam em diversas modulações, diziam todos os marinheiros:

— Oh! bom! havemos de ter bom quarto: mestre La Joie está de bom vento.

Se pelo contrario o apito não soltava senão um unico assobio, secco, aspero, e duro, rouco e imperativo, repetiam elles em voz quasi inintelligivel:

— Cuidado, rapazes, que o vento parece que vem do lado dos rochedos, e se continuar assim, hade chover a cantaros soccos e pontapés.

Estes vaticinios meteorologicos e psychologicos eram ordinariamente realisados pelos acontecimentos.

Neste dia porem só havia logar para a esperança e alegria, que o *pagamento* tinha feito nascer na alma dos marinheiros.

CAPITULO IX.

> Os homens tem um instincto secreto que os leva a procurar divertimento e occupação, no exterior proveniente do ressentimento de sua miseria continua.
>
> PASCAL. — *Pensamentos.*

Problema.

Certamente, se a felicidade existe, achava-se n'esse dia a bordo da Salamandra.

A felicidade! ente fantastico e real, que cada um invoca sob tão diversas apparencias!

Assim, pela tarde, quando o sol semeando a atmosphera das côres do prisma, innunda o horisonte de sua tepida luz, que se vai degraduando desde o branco mais resplandecente até o vermelho arrôxado, vemos algumas vezes uma nuvem de contornos dourados e fugitivos, que a viração da tarde balancea ainda, no meio dos vapores de um ceo abrasador.

Essa nuvem, que apresenta apenas um aspecto, tem mil... Por um lado é uma columnata gothica, elegante e delicada, com suas vidraças reluzentes... Por outro admira-se uma arvore de ramos de ouro e folhas

de purpura. Alli vê-se uma figura de vestidos talares, poderosa como *Jehovah;* acolá, finalmente, apparecem as linhas delicadas e aereas de uma encantadora cabeça de moça com pescoço de cysne.

Tal é a felicidade! ente ideal e positivo, verdadeiro como a luz e o som, e impalpavel como elles! que toma alternativamente as figuras mais oppostas, e que não conserva nenhuma!

Existirá a felicidade na bocca da mulher que murmura a nossos ouvidos amorosa suavissima palavra? na mão tremula que não repelle a nossa mão? em um longo passeio sobre esmaltada relva, debaixo da espessa abobada de annosos carvalhos, que coroam uma ilha fresca e verde?... em um passeio... com o seu braço ligado ao nosso... quando o silencio e as reprehensões, a tristeza e as gargalhadas de alegria infantil, os fogosos estremecimentos... quando, em fim, tudo é amor e consentimento, e que todavia não tem sido ainda pronunciada a palavra amor?

Ou, será a verdadeira felicidade, depois da declaração? a felicidade duradoura, que inunda para sempre a alma de celeste alegria?

Quando palpitante e feliz pelo sacrificio que vos fez, por ter jogado comvosco, e arriscar-se a perder o seu futuro, prevê as lagrimas amarguradas que tem a derramar algum dia... porque em fim a mulher que ama tem precisão de soffrer?

Será quando, depois da declaração, ella vos diz com lacrimoso sorriso: — Oh! agora é tua a minha honra... minha vida, meus pensamentos, minha alma, são igualmente teus!... Agora com uma palavra, pódes fazer-me a mais desditosa das mulheres, com uma palavra pódes matar-me... por isso, anjo adorado, o meu amor não é amor... é um sentimento novo... um sentimento que absorve e supera todos os outros... um sentimento que só elle faz a minha existencia! Consistirá a felicidade no despreso das illusões do mundo, quando são previstas e comprehendidas?

E pois, encontraes uma pobre moça, bella e miseravel, costeando o vicio, e prestes a cair n'elle... Tendes compaixão d'ella... e a tiraes do seu lodo; perfumaes e vestis seu corpo, procuraes dar-lhe uma alma, tentando fazer n'ella germinar o reconhecimento; e então, graças aos vossos puros e desinteressados cuidados, orna-se o seu es-

pirito, voltam as suas graças, completa-se a sua belleza... Vós sorris á vossa obra...

E uma noite, a vossa obra põe-se ao fresco com um lacaio; vós porem encolhendo os hombros, dizeis *rindo:* — Eu esperava isto! — e nem uma só fibra vibrou dolorosamente em vosso coração.

Será isto felicidade?... ou antes, será ella o vosso amigo da infancia, com o qual tendes vivido em commum, tendo vós tudo e elle nada; o irmão a quem defendestes com a vossa espada, o irmão em fim, que sempre vos achava para chorar com elle quando padecia? este terno e excellente irmão, aproveita-se de uma reacção politica para reduzir-vos á miseria e mandar-vos ao patibulo: vós o vêdes que vem assistir á vossa passagem, e lhe dizeis *rindo:* — Vem, descuidado; quasi que chegavas tarde.

Porque não achaes um sentimento de odio ou de vingança em vosso coração!

E será isto felicidade?...

Consistirá ella n'essa morte moral do coração, que o deixa tão insensivel á alegria, como um membro separado do corpo o é á dor?

Revelar-se-ha melhor no meio do luxo e de seus prestigios? existirá nos palacios dos

principes, nas fazendas reaes? Será felicidade possuir cães e cavallos, brilhantes librés, e antigos brasões? fazer caçadas ao som de clarins?

Vamos á caça! Vamos á caça!... Picadores, tocai! matilha, pódes gritar, pódes fazer latir as tuas cem vozes. Tudo é rumor e delirio; latidos dos cães que mordem seus companheiros; estrepitos atroadores das trompas, e relinchos dos cavallos que se empinam e batem com as patas.

Eia *Talbot!* meu bom cavallo de raça! Eia! meu excellente cavallo favorito! escolhido entre corredores de sangue puro, de genealogia celebre e sem mancha, que ostentam nas minhas cavalhariças lageadas de marmore branco. Oh! meu nobre e brioso ginete!... com o dinheiro que me custaste, teria dotado tres virtuosas aldeãs, e pago vinte generosas acções; mas tambem, como é fina, lisa e lustrosa a tua crina, e roliça a tua anca! Como são nervosas as tuas pernas! seccas, largas e chatas as tuas canellas! delicadamente torneados os teus cascos! macio e dourado o teu pello, meu *Talbot!* E como pagaria eu caro um cavallo como tu! Lá toca a saída. Eia! transpõe fossos e barreiras, salta e pula, que teu

lombo vigoroso e elastico dobra-se como uma mola de aço. Eia *Talbot!* arrebata-me com embriagadora rapidez; pois é tambem embriagadora uma carreira desordenada.

Mas, a proposito de embriaguez; estará a felicidade no fundo do copo do homem ebrio, quando afogando n'elle a sua razão, e a sua imaginação incontinente excitada, limita-se a gosar, como vegetal, d'essa dilatação nervosa, que os sentidos procuram em todo o seu ser, que já não pensa, não vê, e não ouve?

Dormirá ella em casa d'esses homens ricos, sempre especieiros, sempre de carapuça de lontra na cabeça, sempre gordos, rosados, luzidios, satisfeitos e honrados?

Em casa d'esse homem, cuja mulher trigueira se chama sempre Veronica, e que no outono da vida, adorada de seu esposo, astuta, viva e colerica, quando falla a seu marido, mostra os alvos dentes, quando o caixeiro da loja lhe aperta os joelhos por detraz do mostrador?

Em casa d'esse droguista, que chama sempre Anastacia á sua filha, Theobaldo a seu filho, e que o manda vestir d'artilheiro ou de lanceiro?

Em casa d'esse tendeiro, sempre eleitor,

sempre assignante do *Constitucional*, jurado, sargento da guarda nacional, amador de operas e entremezes, de gravuras jocosas, e da passagem campestre da cerca de S. Gervasio?

D'esse droguista, que lê Voltaire, e jura *por vida minha!* que usava de caixa de tabaco de Touquet, quando n'ellas havia a carta constitucional? que nunca vai á missa porque é espirito forte, e porque a religião só é boa para o *povo?*

Finalmente, será esse droguista a felicidade incarnada?

Talvez fosse necessaria esta longa e fastidiosa digressão sobre *a cousa que se não acha*, esta rapida e incompleta analyse de gostos tão oppostos, variados, e inversos, para fazer comprehender a loucura e extravagancia dos differentes generos de *felicidade* que se tramavam a bordo da Salamandra, nem mais verdadeiros, nem mais falsos do que os que temos enumerado.

A maior parte dos marinheiros reunidos na bateria estavam sentados, deitados, ou em pé, contando e recontando os seus escudos, e enterrando-os em suas compridas bolças.

Depois, em quanto esperavam a hora de

pôr em pratica sua singular theoria de divertimentos, fallavam ácerca d'elles com alegria e embriaguez; promettendo e jurando livrar-se o mais breve possivel d'esse ouro que os incommodava e embaraçava nas manobras pelo som ralhador que, diziam elles, produzia.

Este ponto principal foi pois irrevocavelmente resolvido, não sem terem ido preliminarmente fazer uma visita tanto ao tenente Pedro, como ao velho Garnier, afim de lhes entregarem a metade do pagamento destinado a seus pais, mães, mulheres ou filhos. Era este um uso reconhecido, sagrado, e estabelecido. Feito este repartimento, respiraram livre, e puderam então entregar-se (especulativamente) aos mais vivos prazeres..

— Hurrá! dizia um d'elles sacudindo a bolsa; no fundo d'esta ha trinta canecas do melhor vinho do Cabo que tem nascido em um tonel, para vir vasar-se nas goélas de um honrado marinheiro!

— Por todas as alcayotas de Cadiz! dizia outro, affogando amorosamente a grossura de sua saccola; estou apalpando a pelle mais fina e macia... Oh! cá vejo os mais lindos olhos pretos, o mais alvo collo... Vem

cá, Rosinha, Terezinha, Antoninha! deixa-me abraçar-te!... Vem, boa rapargia; n'estes dois dias quero deixar comtigo em secco a mina do caroço... Vem, Rosinha, Terezinha, Antoninha... quero abraçar-te.

E abraçava Rosinha, Antoninha, e Terezinha, na veneravel pessoa do velho sacco.

— E tu, Jeronymo, que farás da tua burra? disse outro a um companheiro, que parecia absorto acabando de contar o seu dinheiro, e dizia: — O maldicto logrou-me! — Era talvez o unico que com Bouquin tinha pensado em verificar as suas contas.

— Eu, disse Jeronymo com gravidade, comprarei em Toulon uma farda, um chapéo, e uma espada de commissario, emfim, todo o basar de um commissario. E depois direi a algum paisano, soldado, ou calafate: quero vestir-te de commissario.

— E depois? perguntaram algumas vozes.

— Depois dir-lhe-hei: Agora dou-te todo o dinheiro que quizeres... com a condição que heide coser-te a soccos até tirar-te as ralingas do espinhaço. Olhem, é uma asneira na verdade ser pirateado de manhã até á noite. Ao menos d'esta fórma julgarei que me vingo em um verdadeiro commissa-

rio, em um ladrão, que lhe pago o roubo que me fez, e fico consolado! (*)

— Optimo! famoso, Jeronymo! disse o interlocutor. Queres que tambem entre? queres admittir-me?

— Nada! arranja tambem um se quizeres. Um commissario não chega para dous; não poderia comnosco, a menos que encontrassemos algum homem robusto, algum colosso.

— Eu por mim, disse o outro, vou reunir todos os musicos que encontrar em S. Tropez, e os farei navegar de conserva atraz de mim: — Rabecas, clarinetas, trompas, zabumbas, clarins, marimbaus e pianos... tudo hade ser agitação; um concerto de endemoninhados, que me tocará... o que?... uma deliciosa cantiga que eu sei:

« *Comamos, bebamos,*
« *As costas quebremos...*

(*) É inutil dizer neste logar que estes gracejos, tradiccionaes entre os marinheiros, não atacam de maneira alguma o talento, probidade, e alta sabedoria do corpo administrativo da marinha, que faz tão relevantes serviços a esta arma. Entre os marinheiros é um texto a gracejos analogos aos que usam os soldados de terra para com os seus Pagadores, intendentes, e empregados de viveres.

Ou então a dos: — *Nóz de amor.*

— Nada, Parisiense, disse outro, cada um deve cantar uma cantiga diversa... Assim hade ser mais rico.

— Sim, tens rasão, cada um a sua cantiga. Que divertimento! E tudo isso em quanto eu comer, beber, andar, dormir, e...

— Tudo isso, disse um artilheiro interrompendo-o, tudo isso não vale a ventura de deixar este maldicto uniforme pelo vestuario de paisano. Uma sobrecasaca de cabeção largo, um chapéo de tres pancadas, e umas botas. Oh!... botas... botas... que bella cousa para aquelles que, como nós, são obrigados a andar toda a vida de pés descalços neste patife de convez!

— E então suspensorios! exclamou Jeronymo. Suspensorios! que delicia! como vou ficar inchado! Eu, que só uma vez usei d'elles, em uma arribada... a Calcutá.

— Ah! proseguio o Parisiense, Calcutá... isso é que é terra! lembras-te, Jeronymo, de Calcutá? Oh! Calcutá, patria querida, terra venturosa, onde se póde coser a soccos dous Indios por um punhado d'arroz. Que vida deliciosa! anda-se sempre em palanquim, a camello, ou a elephante. E

as mulheres! grande Deos! Bailadeiras encantadoras, quasi nuas, que abanam a gente com caudas de pavão.

— E que comida!... aquillo é que se chama comida! Pimentões tão fortes, que em se comendo póde-se arrancar a pelle da lingua.

— Felicidade aquillo! disse elle com um profundo suspiro de saudade!

E um cento de discursos semelhantes, que seria longo enumerar.

A noite veio surprehender a equipagem no meio d'estes risonhos projectos, d'estas doces e picantes conversas. em que a alma ingenua dos bons marinheiros se revelava em toda a sua clareza, em que ella apparecia inteiramente nua, mas timida e vergonhosa.

Ter-se-ía julgado uma joven virgem que deixa cair, enrubecendo, o seu ultimo veo...

Veo tão diaphano que o bello corpo, liso e lustroso, desenha-se como uma nuvem côr de rosa por baixo do tecido branco.

CAPITULO X.

Ao clarão da lua, e quando o vento sopra de um certo ponto do céo, eleva-se um som estranho, que nada tem de terrestre.

BYRON — *D. Juan.*

O que a mulher quer, Deos o quer.

Proverbio.

A Salamandra recebeo hontem pagamento.

Estrangeiro, artista, ou viajante, tu que paras de repente para descançar teu bordão de freixo, enxugar teu rosto; e prestar attentos ouvidos ao rumor surdo e longinquo, aos clamores que, cobertos pela distancia, te chegam confusos; nada temas, pois não ha perigo algum; espera porem mais um dia para entrar em S. Tropez; porque *a Salamandra recebeo hontem pagamento.*

Estrangeiro! a noite está tão bella, placida e transparente! os aloés e as laranjeiras derramam perfumes tão suaves e penetrantes! o céo está tão azul! as estrellas tão scintillantes! Assenta-te, assenta-te ao pé

d'esta amoreira sylvestre, de folhas aveludadas; fica no alto da montanha, e talvez antes de nascer o dia verás algum espectaculo desconhecido e extraordinario, pois *a Salamandra recebeo hontem pagamento.*

Talvez o suave repouso que vaes tomar sobre esta relva perfumada de tomilho e mangerona, seja algum tanto interrompido.

Tuas palpebras, cerradas pelo somno, talvez vejam atravez de seu tecido, apparecer um clarão avermelhado, elevar-se, rodopiar nos ares, e estender-se em largas e brilhantes volutas de fogo.

Abrirás os olhos; e a costa, o golpho, o mar e o céo, estarão illuminados e cobertos de uma côr arrôxada e resplandecente. S. Tropez arderá em chammas crepitantes, e os juramentos, as gargalhadas, as cantigas e as imprecações se confundirão com os dobres dos sinos, os rufos dos tambores, as descargas d'espingardas, e outros signaes de rebate; por que o incendio terá saccudido nesse lugar o seu manto de chammas; e porque *a Salamandra recebeo hontem pagamento.*

Ou tambem ámanhã, se passares a noite em socego e tranquilidade, ao descer do outeiro entrarás na cidade. Não tens visto algumas vezes em uma povoação signaes da

passagem de uma tromba eletrica ou de um furacão?

São elles telhados quebrados, janellas arrancadas, vidros em estilhas, portas rachadas, e outras meio cahidas, balanceando-se á mercê do vento; ruinas que alastram as ruas, pedras amontoadas e vigas espedaçadas.

Pois bem! verás pouco mais ou menos o mesmo espectaculo. Observarás alguma temorosa figura de mulher levantar toda tremula a ponta de uma cortina, e arriscar uma olhadella para a rua. Verás meninos mais ousados, atreverem-se a sair fóra de suas casas, e lançar furtivo olhar interdicto sobre este quadro; e menos receosos depois aproximarem-se e apanhar um chapéo de marinheiro todo amarrotado, um comprido apito de prata, e algumas moedas de ouro, ou uma gravata bordada ricamente. Porque a Salamandra tambem por ahi passou, e se os interrogares, dirte-hão ingenuamente: — Ah Senhor! não é nada; é *a Salamandra que recebeo hontem pagamento.*

E tudo isso poderá ser verdade: porque hontem até á noite a tripulação entreteve-se a conversar á cerca de seus projectos, mas cumpria executa-los. Ora, sabia-se que o tenente era inflexivel, e que só raras vezes

concedia licenças para ir a terra, e tratava-se do meio que deveria empregar-se para lá irem occultamente.

E saberás estrangeiro, que é mais facil achar uma rapariga de quinze annos moralmente virgem, um amigo que respeite vossa amada, um cavallo sem defeitos, um livro sem prefacio, um pôr de sol sem poesia, um amanuense em camarote de theatro, um poema didatico divertido, um rio sem agua, — não fallo da Hespanha, nem dos jardins inglezes — do que impedir a tripulação de um navio de ir á terra quando tem dinheiro. E *a Salamandra recebeo hontem pagamento!*

Assim pois, pela meia noite, vendo o official de quarto uma calma perfeita, e o mar magnifico, abandonou o convéz e desceo ao seu camarote, recommendando a mestre La Joie que tomasse conta do navio. Mestre La Joie vigiou em quanto pôde; porem o tempo estava soberbo, e elle nada tinha a recear pela corveta; alem de que acordaria ao primeiro rumor: abaixou pois o capuz de seu capote sobre os olhos, agachou-se em cima de uma celha de adriça e adormeceo.

Immediatamente um grumete emboscado entre duas peças, desceo a toda a pressa, e avizou os marinheiros que se tinham deitado

todos vestidos nas suas macas. De um pulo lançaram-se todos abaixo de suas camas suspensas; os homens de quarto abandonaram tambem o convez; e toda a equipagem, á excepção dos mestres, e officiaes deitados em seus camarotes, se reunio na bateria. Fecharam-se as escotilhas por dentro, abrio-se uma portinhola, e como os tres escaleres da corveta se achavam amarrados ao longo do costado do navio, carvões, e outros, em numero de noventa e dous, desceram pela portinhola, acommodaram-se nas embarcações, e retiraram-se sem fazer o menor rumor, tendo sido os remos cuidadosamente forrados. Meia hora depois estavam em terra, tendo posto os officiaes e os mestres na impossibilidade de os seguirem, por não deixarem a bordo embarcação alguma.

Esta fuga estava na ordem das cousas, era por assim dizer normal; foi um acontecimento que devia resultar da influencia magnetica das piastras, sobre a organisação do marinheiro. Ora, não podiam elles subtrahir-se á lei commum, imposta a todos os entes submarinhos, pois tambem eram marinheiros *da Salamandra que tinha na vespera recebido pagamento.*

Objecto certamente digno do estudo de

algum phisionomista, era a expressão que contrahio o rosto de mestre La Joie, quando, despertado pelo ar fresco da manhã, sacudio-se no diametro de seu capote, como um leão na sua juba; lançou para traz o capuz, esfregou os olhos, olhou em redor de si, e vio pela primeira vez que os dez marinheiros de quarto, que de noite bastavam para o serviço do ancoradouro, não estavam no seu posto.

Pareceo-lhe que sonhava. O bravo mestre fez um giro em redor do convez, e não vio nada, absolutamente nada.

— Os velhacos, disse elle, desceram sem duvida para se deitarem; isto é demais! Ao que parece, vamos *tocar zabumba* no couro destes cachorros. E eis aqui quem vai annunciar-lhes que a dança hade ser viva, disse elle, pondo na bocca o seu grande apito.

Ah meu Deos! era de fazer tremer! que som penetrante, aspero, duro, imperioso, e ameaçador! Creio que o apito do mestre La Joie nunca o havia tido tão terrivel; e á fé que era cousa muito diversa das trombetas do ultimo juizo!

Tendo retinido o som do apito, La Joie tornou-o a metter na algibeira, e esperou cheio de confiança, passeando com os braços cruzados, abanando com a cabeça, com gesto

irritado, e murmurando horriveis blasfemias.

Nem o mais leve rumor agitou o navio: julgar-se-ia uma balêa dormindo em mar azulado. Reinava o mais profundo silencio.

Mestre La Joie parou repentinamente; alongaram-se lhe as sobrancelhas, e creio que pela vez primeira, depois de treze annos, a apparencia, a fraca apparencia de um sorriso, errou em seus labios enrugados.

— Tem um medo infernal, e não se atrevem a subir, disse o bom do homem. É com tudo agradavel poder com isto, — e tirava o apito que observava com satisfação = poder com isto, proseguio, fazer tremer estes oitenta tractantes que tem tanto medo da agua e do fogo como se estivessem debaixo de um furacão, ou de uma banda de metralha: sempre é muito bella a profissão de marinheiro!

Depois de ter-se deixado arrebatar por estas lisongeiras reflexões, mestre La Joie applicou novamente o ouvido. Silencio, o mesmo silencio.

— Estão escondidos como coelho na tocca, de maneira que se não atrevem a mexer-se; sabem elles, pois o apito os prevenio, que o primeiro que mostrar o focinho ao de fóra da escotilha, receberá uma ração de soccos, que não hade saber onde guarda-los.

Continuava a reinar o mesmo silencio.

— Ora pois, disse mestre La Joie, que por acaso se achava em desusado momento de indulgencia, talvez apitasse mais forte. O mal póde bem remediar-se, pois não me recordo de ter dado um berro semelhante... Vejamos, moderemos um pouco, pois é preciso acabar com isto: já está o sol fóra, e a bandeira ainda não está içada.

E, qual a mulher que repete algumas vezes uma palavra cruel, ou uma ordem arrebatada que opera o effeito opposto ao que ella esperava, mestre La Joie fez ouvir um som, que, se não promettia um dia sereno, annunciava ao menos tempo regular.

Nada, o mesmo silencio.

Cumpria então ver mestre La Joie inclinado sobre a grande escotilha, com o braço estendido, o apito em uma mão, os olhos abertos estupidamente, e as ventas dilatadas, passar por todas as cores, desde o branco desmaiado até ao vermelho purpurino, e quasi roxo!

Os toques d'apito tornavam-se precipitados, breves, entrecortados, colericos, furiosos e atroadores como o estrepito do raio. Batia o compasso com o pé, com força capaz de arrombar o convez.

Silencio, sempre silencio.

Exasperado finalmente, abaixou-se para abrir a escotilha. Era impossivel: estava fechada por dentro. Todas... todas as escotilhas estavão fechadas!

Mestre La Joie desesperava.

Precipitou-se nas mesas de bombordo, inclinou-se, examinou, não vio os escaleres, e comprehendeo muito tarde a terrivel verdade...

Então pulou, saltou, gritou, e escumou. Espeques, barras de cabrestantes, cartuxeiras, soquetes, tudo vôa em estilhas, ou é espalhado pelo convez.

A este barulho infernal acordam os officiaes, e levantam-se a toda a pressa.

Assim ás vezes pelo meio da noite a explosão de uma arma de fogo, ou gritos de afflição despertam e sobresaltam uma casa inteira: todas as janellas se abrem e se guarnecem de gente, apparece um sem numero de cabeças penteadas, desgrenhadas, bocejando, resmungando, esfregando os olhos, acotovelando-se, e perguntando por fim: — Que é?... Que succedeo?

Assim á furiosa matinada de La Joie os tenentes, o cirurgião, o commissario, e os poucos officiaes marinheiros que tinham

ficado a bordo appareceram nas portinholas, e nos buracos das escotilhas, com as cabeças ainda tonteadas pelo somno, e estendendo o pescoço para o convez.

— Então, La Joie, estás doudo? É preciso amarrar esse tractante e sangra-lo até deitar sangue branco, disse o bom douctor.

— La Joie! La Joie! que gritos são esses? perguntou emfim o primeiro tenente com voz severa.

— Fugiram, tenente! Os cachorros fugiram todos; estão em terra nos escaleres.

— Ainda outra vez, quem?

— A marinhagem, tenente; esses ladrões estão todos em terra!

— Deviamos ter suspeitado isso, disse o tenente: tem dinheiro... Porem diz-me, La Joie: levaram tambem a baleeira?

— Nem d'ella me lembrava, disse La Joie. Será uma felicidade!... e correo para a prôa.

— Levaram tambem a baleeira!... Mas não foram elles, foi o senhor Paulo. Aqui está um pedaço da sua agulheta pendurada nos cepos; naturalmente quando desceo não deo por isso.

— Maldito rapaz! disse Pedro; que exemplo!

— Que faremos tenente! que faremos? dizia La Joie, mordendo os punhos.

— Esperaremos. Elles voltarão, não o duvido; porem o que mais receio são as disputas, as rixas, e as brigas com os Provençaes. E meu filho... meu filho, que póde talvez achar-se compromettido... Maldicção! maldicção!

— Ora pois, disse o bom douctor, esses indignos hãode voltar cheios de facadas e contusões. Preciso apromptar a minha caixa de instrumentos, os meus fios e unguentos.

— E fareis muito bem, respondeo La Joie; pois vos asseguro que brigas terriveis vão ter logar em S. Tropez, que as facas trabalharão, e que hade derramar-se tanto vinho como sangue. E deveria esperar-se isso, como diz o tenente, porque *a Salamandra recebeo hontem pagamento.*

LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO XI.

> Como seus olhos eram puros, e candidos seus labios! Como seus olhos innundavam a sua alma de claridade! O formoso lago de Nemi, que nenhum sopro de vento encrespa, tem menos transparencias e limpidez: os pensamentos liam-se em sua alma antes que ella os concebesse.
>
> LAMARTINE — *A Primeira Saudade.*

Alice.

Em uma noite de verão, carregada, calmosa e suffocadora, á claridade duvidosa de um candieiro que projectava grandes sombras nas paredes de um quarto modestamente mobilado, uma moça, meio deitada, occultava o rosto nas mãos, e parecia profundamente occupada.

Seus braços nús, alvos e torneados, revelavam as fórmas mais elegantes e delicadas, uma compleição esbelta e graciosa, um d'esses exteriores primorosos, que por singular capricho da creação encerram quasi sempre uma alma forte e apaixonada.

As longas madeixas de seus cabellos castanhos, estendendo-se caprichosos por um collo liso e lustroso, encobriam então o rosto da joven; pois via-se apenas o seu queixosinho côr de rosa, arredondado e coberto de uma pelle tão transparente, que mostrava uma rede de vêas azuladas.

Por improviso estremecimento levantou ella a cabeça, deo um suspiro, e estendeo os braços; e olhando depois para um relogio de ouro que se achava pendurado no quarto, ao lado de uma cruz de marfim, encoberta por um ramo de buxo bento, exclamou:

— Sómente duas horas... duas horas... Oh! que noite! que noite! Nunca o tempo me pareceo tão longo. E pois, não sei, mas estou ardendo!... quasi suffoco; preciso respirar, falta-me o alento; minhas mãos queimam... Meu Deos, meu Deos, que tenho eu?

E de assentada que estava, deitando-se com arrebatamento, cruzou os braços na borda da cama, e deixou caír a cabeça sobre elles.

Suas feições appareceram então á luz incerta do candieiro vaporosas e confusas; era um objecto aereo, impalpavel; dir-se-ia que

essa luz tremula, que, ora dourada, brilhava com vivo esplendor, ora obscura, lançava apenas um pallido clarão, dava alternativamente a seu rosto encantador suave expressão de serenidade, ou de amargor profundo.

Seriam porem facticias as luzes e as sombras que alumiavam ou obscureciam sua joven fronte? Não seria antes a sua alma de virgem, variavel ou inconstante, que n'ella se reflectia alternativamente alegre ou triste, feliz ou desgraçada?

Com effeito, quem conhecerá jámais o coração de uma donzella, abysmo mil vezes mais profundo que o coração de uma mulher casada? Ha entre ellas tanta differença quanta vai do ideal ao verdadeiro. Na mulher casada o futuro está feito, decidido, e quasi previsto; na donzella tudo parece encoberto, tudo é incerteza, desejos vagos, esperança e temor, prazer e desgosto. O seu coração é uma harpa eolica, que vibra ao menor sopro que se deslisa por suas cordas sonoras; é uma harmonia confusa, extravagante, sem sequencia, incompleta, e todavia encanta e entristece, faz rir e chorar.

— Oh! disse Alice, quem me dera não pensar! ser flor, arvore, ou passarinho! voar

por esses ares, ou florecer á borda de algum regato! Sim, desejaria ser flor! que murcha e cahe, sem ter saudades de sua mãi! com tudo, quanto deve viver isolada uma flor! Que tristeza para ella quando o sol se encobre! Aqui está uma no vestido que hontem levei ao baile! Quem vir suas folhas tão verdes, suas cores tão vivas, julgará que são naturaes. E com tudo, que engano! E uma pobre flor dos prados, verdadeira e natural, seccaria e morreria em um dia, entretanto que estas enganadoras conservam por longo tempo o seu brilho falso e emprestado!

E não sei que rapida e fugitiva idéa lhe revelou n'esta ingenua comparação a vantagem de uma namoradeira falsa e insensivel sobre uma menina sincera e amante.

— O baile! proseguio ella; e já a expressão melancholica de seu rosto havia desapparecido, já seus olhos brilhavam, e por singular acaso brilhava tambem a luz do candieiro; o baile! quanto era bello esse baile! As dansas, os passos que se cruzavam vivos e animados, as damas cobertas de pedrarias, as damas e homens que se sorriam... porem o seu sorriso estava unicamente nos labios: em todos os rostos pin-

tava-se a incuria e o aborrecimento. E com tudo os diamantes resplandeciam, os perfumes derramavam suavissimos aromas, os espelhos scintillavam com milhares de luzes, multiplicadas pelo brilhantismo dos cristaes, e não sei por que motivo todo este esplendor apenas saciava meus olhos; o meu coração permanece vasio, e já não se recorda de cousa alguma. Com effeito, a alma não tem memoria para o que só é ostentação e vaidade. Oh! meu Deos! quanto é triste não termos ao menos de que nos lembrarmos! Sim! quanto é triste a vida assim passada! disse Alice.

E seus ternos olhos azues se arrasaram de lagrimas; e suspirando voltou-se no leito, juntando as mãos na cabeça e cruzando seus bellos dedos.

O candieiro estava quasi a apagar-se, e as sombras luctavam contra a sua claridade moribunda.

N'este momento os olhos de Alice fixaram-se sobre a cruz e sobre o ramo de buxo pendurados no quarto.

— Eis alli, disse ella em voz baixa, eis alli o crucifixo de minha mãi, a cruz que ella beijou na hora da morte, e o ramo santo que benzeo o seu ataúde..

E uma lagrima rolou pela sua face pallida.

— Esta cruz não saío do meu poder, nem aqui, nem no convento. Ah! por que me tiraram do convento? Estava n'elle tão satisfeita! gostava tanto das festividades da igreja e dos vapores do incenso! de levar as fitas do estandarte de Nossa Senhora, de seda branca bordada de ouro! de cantar com as minhas companheiras os canticos sagrados ao som do orgão!

Quão terna e suave é a musica do orgão! Algumas vezes fazia-me estremecer, incommodava-me! E as rosas que desfolhavamos pelo Corpo de Deos! os vestidos que faziamos para as mulheres pobres! os hymnos que entoavamos ao Senhor que se sacrificou por salvar o mundo! Que santa devoção! Com quanto amor, com quanta idolatria cantava seus louvores! Servi-lo em seu templo, adora-lo toda a minha vida! tal era o meu unico desejo. Oh! sinto aqui, disse ella dolorosamente, apertando com ambas as mãos o seio palpitante... Sinto aqui immensa necessidade de amor e sacrificio.

E depois de um momento de silencio proseguio:

— Para que me levam? para que me obrigam a deixar a França? estaria tão fe-

liz no meu convento! Amar a Deos, orar-lhe todos os dias!... Haverá cousa superior á felicidade que se experimenta orando?... Sim, talvez quando lhe rogamos por alguma pessoa. Porem quão injusta sou! Vou para a companhia de meu pai, que me deixou ainda creança. E com tudo, máo grado meu, esta viagem me opprime e entristece; sómente a idéa de ver meu pai vem algumas vezes tornar menos tristes os meus pensamentos. Oh! meu Deos! disse ella, compaixão, compaixão para mim, se deve ser-me fatal esta viagem!

E o candieiro estava a apagar-se. Apenas com grandes intervallos a sua chamma, por um momento reanimada, alumiava fracamente o quarto, desenhando nas paredes largas sombras tremulas e phantasticas.

O coração de Alice opprimia-se. Quasi que teve medo; e impellida por essa necessidade, que experimentam algumas vezes as mulheres, de entregar a sua sorte nas mãos do acaso, e procurar n'elle o conhecimento do futuro, exclamou com singular exaltação, porem com voz firme e resoluta:

— Estou para sempre votada á desgraça sobre a terra, se esta luz expirar antes que

tenha dito tres vezes: — Minha mãi que estás no céo, roga a Deos por tua filha!

E Alice, pallida e anhelante, começou com voz alterada:

— Minha mãi, que estás no céo, roga a Deos por tua filha!

A luz vacillou, e lançou um clarão amortecido.

— Minha mãi, que estás no céo, roga a Deos por tua filha!

A luz estallou, lançando viva claridade. O coração de Alice foi alliviado de um peso enorme, e ella continuou com segurança:

— Minha mãi, que estás no céo...

Porem a luz, amortecendo-se, estremeceo e apagou-se.

— Oh! minha mãi, estou perdida! exclamou a donzella com voz espedaçadora.

E caío soluçando com a cabeça entre as mãos.

Apenas um minuto se teria passado, quando ella levantou o rosto banhado de lagrimas como para gosar amargamente das trévas que lhe vaticinavam um futuro tão funesto. Mas qual não foi a sua surpresa e o seu prazer, quando vio um debil e frouxo raio do sol, que descrevendo nas janellas ligeiro clarão dourado, introduzia-se no quar-

to, e ía derramar-se sobre o crucifixo de marfim e sobre o ramo bento, que parecia circumdar de uma pallida aureola de luz.

Esta terna e mysteriosa claridade, tão inesperada e tranquillisadora, que se introduzia no meio de uma tão profunda escuridade, como a esperança no coração afflicto, veio socegar a donzella, e tornar menos cruel a tristeza que a opprimia.

— Oh! minha mãi, sem duvida ouviste tua filha! disse ella com delirio e embriaguez, ajoelhando para agradecer a Deos.

Então, fatigada das emoções vivas e diversas que tinha provocado, fechou os olhos ainda humidos, entreabrio os labios côr de rosa, e foram estas as ultimas palavras que se exhalaram com seu halito fresco e voluptuoso.

— Minha mãi... os anjos do céo... ventura!...

E adormeceo entre uma lagrima e um sorriso.

Dorme, menina, dorme! Permitta o céo que esse raio matutino seja para ti a aurora de um bello dia! Dorme, Alice! oxalá que algum sonho gracioso e puro como o teu coração venha acalentar-te!

Dorme, menina! que talvez algum dia

terás saudades das noites agitadas, crueis, e e quasi sem somno que tens passado!

Pobre moça! depois de haver respirado a atmosphera d'este mundo brilhante e affectado, onde tudo são flores, perfumes e claridade; embriaguez e voluptuosidade, desejos abrasadores e loucos amores; talvez tenhas saudades do teu mundo pessoal, do mundo ideal que creavas para ti, que para ti povoavas; do teu mundo do qual eras soberana, e onde, evocando vinte futuros, podias, indifferente e caprichosa, extingui-los com um sopro.

Dorme, Alice! que se o teu coração podesse gozar dos tormentos que causas, dir-te-ía que desde hontem á noite o filho do tenente da Salamandra, o bello e timido Paulo, que tu ainda não conheces, está sentado, choroso e desolado, ao pé dos rochedos que cercam o muro do teu pomar de laranjeiras, esperando sempre entrever a tua figura de anjo atravez de sua espessa sombra.

CAPITULO XII.

Advirto-vos que é uma taberna pouco commum.

BURKE — *A Louca.*

A los borrachos . . . felicidad.

JUANILLO BERÉS.

A Taberna de Saint-Marcel.

A taberna de S. Marcel é uma casa de pasto provençal, situada, quando muito, a meia legua de S. Tropez, assás proxima ao mar, isolada, tranquilla e separada de toda e qualquer habitação, vasta e commoda, em uma palavra, é uma excellente taberna, em a qual os bebados não são incommodados nem pela importunação das *conveniencias sociaes*, nem pelas exigencias dos regulamentos da policia,

E por isso os marinheiros que vinham por acaso ancorar a S. Tropez tinham singular affeição a esta hospedaria.

Depois de cada campanha iam apressadamente a terra para correr com alegria á querida estalagem, sempre agradavel e prasenteira, sempre prompta a recebe-los o

melhor possivel, qualquer que fosse a sua opinião politica.

Na verdade, esta taberna era para os pobres marinheiros como uma amante, que se está certo de encontrar depois de longa ausencia, e a quem nunca se interroga sobre os dias passados, com tanto que o seu acolhimento seja cordeal e franco.

Ora, o acolhimento da estalagem de S. Marcel era sempre franco e cordeal; um pouco interesseiro é verdade, porem que querem! O velho Marius, seu proprietario, industrioso, assás versado no estudo das sciencias abstractas, tinha estabelecido uma escala de proporção, a qual lhe demonstrava mathematicamente que a prata dos marinheiros valia para elles cinco francos menos que para os outros, pela immensa facilidade com que a despendiam; e por isso fazia-lhes mathematicamente pagar cinco vezes o valor de tudo aquillo que em sua casa consumiam.

Eis aqui o *moral* da taberna de S. Marcel.

Quanto ao *physico*, era caiada de branco, com um bello terrasso cercado de uma balaustrada de madeira em que serpeava uma d'essas formosas vinhas do meio dia, de folhas verdes e troncos nodosos; finalmente, as janellas eram pintadas de um encarnado,

feio na verdade, pois era encarnado côr de sangue.

Uma modesta taboleta, representando S. Marcel, balanceava-se por cima da porta principal, coberta por uma especie d'alpendre formado pela saliencia de uma grande sacada.

Havia tambem um bosquesinho de platanos e de tilias, sombreando mesas de pedra, espalhadas aqui e alli por baixo d'esta verdura deliciosa.

N'este dia, era já bastantemente tarde, e o sol ía desapparecendo por detraz das montanhas, espalhando brilhantes e dourados reflexos sobre as paredes brancas da estalagem; o céo estava puro e o ar tranquillo; finalmente, tudo aununciava uma bella noite de verão.

Não ha como uma formosa noite d'estio para prolongar um jantar á claridade duvidosa da lua; para respirar com delicia a brisa do mar que vem refrigerar uma noite escandecida, tornada vermelha por generoso vinho.

Ora, ouvindo os gritos e as cantigas que retiniam na taberna de S. Marcel, podia presumir-se que a brisa tinha n'essa noite bastantes cabeças a refrescar.

Podia-se igualmente julgar da importancia dos hospedes que então se banqueteavam!

Por tres seges desapparelhadas e postas ao abrigo de um alpendre:

Por um barulho e algazarra infernaes, que fazia tremer os poucos vidros que ainda restavam, as portas e as janellas; e que agitava até a pacifica e santa imagem de S. Marcel, que estremecia na ponta do competente sustentaculo:

Pelos pratos, garrafas vasias ou cheias, copos e moveis, que, partindo de tempos em tempos das tres grandes janellas da sacada, se precipitavam com rapidez, descreviam parabolicamente sua curva, e fam rebentar como bombas aqui e alli:

Pelos chapéos, e toda a sorte de roupa, pelas *carriks*, (*) challes, botas de canhão, toucas de mulher; e cinco ou seis pares de suspensorios que seguiam á porfia o caminho dos pratos e das cadeiras.

Mas cumpre tambem dizer, e é de rigorosa justiça declarar, que até então ainda não tinham lançado pela janella fóra homem ou mulher. Parece porem que este genero de projectil não tardaria em succeder

(*) Especie de sobrecasaca com largo cabeção.

aos outros, pois vio-se descer do terrasso, amarrado á ponta de um lençol, o proprietario da taberna, o tio Marius, pallido, desfigurado, retorcendo-se, agitando-se, jurando, e maldizendo.

As mãos invisiveis que sustentavam o lençol, enganando-se, (não se póde saber tudo) enganando-se, dizemos, na verdadeira altura da casa, largaram-no um pouco mais cedo, e o velho Marius percorreo com mais rapidez do que queria, uns onze pés que lhe restavam para chegar a terra.

Caío ajoelhado, dizendo com accento provençal:

— Ah! cães damnados do occidente! (*) agora o vereis! e levantando-se de um pulo precipitou-se para a porta: estava fechada.

Então Jeronymo — o marinheiro que vestia os homens de commissarios, para divertir-se dando-lhes pancadas — appareceo na sacada.

Bastará dizer que estes hospedes turbulentos eram os mesmissimos carvões *da Salamandra que tinha na vespera recebido pagamento*, como já sabe o leitor.

(*) Os provençaes assim designam os homens do norte.

Jeronymo appareceo pois na sacada; porem em que estado, meu Deos! Com o rosto vermelho, arroxado e incandescente, os olhos scintillantes como duas estrellas; os cabellos polvilhados — o desgraçado tinha-se mandado empoeirar por luxo; — vestido com camisa de punhos de renda, e peitos de folhos, da mais fina cambraia de linho: vasto collete de seda preta, e casaca côr de castanha, que já tinha saudades da golla, uma manga, e uma das abas.

Jeronymo interpellou Marius, que gritava em terriveis imprecações.

— Nós te pedimos que descesses, velho feiticeiro, porque nos estavas *serrando* as costas com o teu maldicto: *Vão-se embora.*

— Porem, grandissimos patifes! disse o outro, desde que anoiteceo estaes quebrando quanto achaes em casa, e tirando os fundos ás minhas pipas!

— Pagar-se-hão!

— Estaes quebrando as minhas mezas!

— Pagar-se-hão!

— Quebraes as minhas cadeiras, os meus copos, os meus...

— Pagar-se-hão! pagar-se-hão!

— Já duas vezes pouco tem faltado para pegardes fogo á casa!

— Pagar-se-ha! Oh! agora me lembra! Vamos pagar-te a casa; ficará sendo nossa, e se então tiveres a desgraça de te approximares, dançaremos uma dança cujos passos serão dados sobre a tua barriga. Vejamos! quanto queres pela tua casinha?

E Jeronymo levantou a cabeça, olhou attentamente para todos os lados como architecto experimentado, e disse:

— Queres por ella dous mil francos com tudo o que se acha dentro, com a condição de nos deixar em paz? heim?... Ora pois! está concluido: a tua casinha é nossa; antes de nos irmos faremos com ella uma fogueira de S. João; é justamente hoje o seu dia. E para provar-te que os carvões são bons rapazes dar-te-hemos as brazas:

E Jeronymo, satisfeitissimo com a lembrança, voltou para dentro, apesar das recusas repetidas de Marius.

Com effeito, Marius, espantado, tremia como uma canna, pois sabia que os marinheiros eram muito capazes de ser da opinião de Jeronymo, e de abraçar e adoptar a sua idéa extravagante.

Cinco minutos depois reappareceo Jeronymo na sacada com duas pesadas bolsas.

— Aqui está o teu dinheiro, *papa-azeite*

do inferno! (*) Agora é nossa a tua casa. Põe-te ao fresco, ou vamos dar-te uma corrida. Vamos, anda! tu nos incommodas e envergonhas a nós e a estas senhoras. Aqui vai o teu dinheiro.

E as bolsas caíram pesadas, produzindo um tinido surdo e metalico.

Marius apanhou-as e exclamou logo:

— Ah! vós lançaes-me fóra de minha casa, ladrões, bandidos, salteadores, bonapartistas! Eu bem sei o que devo fazer, malvados do occidente! E dirigindo-se a Jeronymo: — As minhas janellas são vermelhas como vês: pois bem! daqui a pouco haverá com que pinta-las, e sereis vós que fornecereis a tinta! E desappareceo com as bolças.

— Ah! vil camello! dizes que havemos de pintar as tuas janellas. Como é nossa pinta-la-hemos se quizermos; ouviste? Somos por ventura teus escravos, cachorro de *papa-àzeite?* Sim, sim, fazes bem em dar ás trancas, do contrario estavam feitas as tuas contas. — Finalmente, disse Jeronymo dando um profundo suspiro de alegria intima e

(*) Os homens do norte da França assim chamam os Provençaes.

satisfação completa, estamos finalmente em nossa casa; estamos no que é nosso.

E entrou na sala com o garbo e confiança do proprietario que caminha no seu terreno.

Elle entrou... Mas que espectaculo, e que barulho!

CAPITULO XIII.

As mulheres achavam-se alli, como em toda a parte, enfeitadas, presumidas e affectadas: sempre a mesma vida.

JULES JANIN. — *Confissões.*

Não ha desgosto que se não esqueça com as *artes e a amisade.*

SCRIBE.

Bellas Artes.

Não gostaes de uma d'essas magestosas symphonias, em que um cento de musicos attentos, concorrem para exprimir uma harmonia unica, composta de mil harmonias; em que cem musicos recitam, com uma só e ampla voz, um immenso poema musical, alternativameute alegre e triste, jocoso e apaixonado?

Não gostaes de pensar com admiração que esses sons tão diversos se perdem e confundem em um unico som, e que seus extremos não se tocam se não para reunirem-se em arrebatadora harmonia? Com

effeito, taes são o estrondo atroador dos instrumentos de cobre, o estridor suave e queixoso do fagote, a harmonia surda e cavernosa dos instrumentos de corda, os cantos puros e suavissimos das flautas, as vibrações sonoras da harpa, e os rufos funebres dos timballes. Que contraste de sons!

E tudo isto tem sua phrase ou significação, tudo completa o effeito geral; desde o *solo* ambicioso das primeiras partes, até o tinido modesto do triangulo de aço, tudo tem a mesma importancia, o mesmo poder, para tornar a harmonia expressiva e grandiosa.

Se gostaes de tudo isto, gostareis e admirareis o immenso e atroador estrondo da orgia que se agitava na taberna de S. Marcel.

Juro-vos porem que não havia um som, ou uma voz a supprimir, n'essa harmonia barbara; porque essa harmonia tem tambem suas regras e exigencias immutaveis; uma orgia bem organisada é tão pouco commum! São precisas tantas cousas para completar a sua melodia!

Desde as risadas loucas até as lagrimas de desesperação, desde os dictos jocosos até as lamentações, tudo é preciso; gritos agudos e penetrantes de furor, vozes de mu-

lheres, cujo metal seja ainda puro e são, mas que começa a tremer; gemidos surdos dos homens que cahem estupidos e embriagados; imputações e injurias dos que disputam; desafios, soccos, e gritos de morte. O retintim e o roçar das espadas que se cruzam são tambem de admiravel effeito. Mas infelizmente são tão raros como os verdadeiros timballes em uma orchestra!

Porem que digo? É tambem preciso o sonoro mordente dos copos e garrafas que se quebram, e o estridor aspero dos talheres com que os bebados tocam na louça.

Finalmente, tudo é necessario em uma orgia, desde as pateadas de um circulo delirante, que salta e cambalêa, até o suave murmurio de um beijo, dado e recebido a furto!

E havia tudo isto no salão da taberna de S. Marcel, que estremecia até os alicerces, ao som desta harmonia completa. Oh! completa certamente, porem extravagante e terrivel, como esses estrondos sem nome que sahiam da bocca do inferno de Dante.

Com effeito, os marinheiros da Salamandra eram tão maravilhosamente dotados pela natureza, que improvisavam de maneira admiravel as differentes partes da *Opera*

gigantesca que se executava na hospedaria do respeitavel Marius.

Insignes executores, creados perfeitamente para uma tão bella musica!

Porem ainda era pouca cousa ouvir a musica, cumpria ver o quadro que apresentavam os *concertantes*; pois se a orgia tinha sua melodia, não deixava de ter tambem uma pintura particular.

Era uma pintura forte e escura, uma pintura animada positiva, palpavel, de maneiras duplas de brilho e vigor; porque nos rostos o branco tornava-se carmesim, o carmezim rôxo, e o rôxo azul; os olhos não brilhavam, resplandeciam... As arterias não estavam entumecidas, achavam-se convulsivamente estendidas a ponto de quebrar. E ainda isto não é tudo! a orgia tem igualmente suas fórmas, assim como tem uma pintura particular. Os corpos pareciam não ter mais organisação ossea, a julgar pelas suas posições flaccidas e indolentes, pelas quedas que davam, em que mais pareciam dobrar e abater do que cahir; os angulos abatiam-se, as saliencias apagavam-se, e arredondavam-se. E é de lastimar o que o desenho perdeo com isso, pois, se a pintura correspondesse ás cores, seria sublime. Final-

mente mudou a propria atmosphera, matisando-se de um vapor arrôxado que, encobrindo o quadro, dava-lhe não sei que apparencia mysteriosa e phantastica de prodigioso effeito.

E vêde como a natureza se compraz em aperfeiçoar as organisações completas! Os dignos marujos da Salamandra, já tão favorecidos por ella para executar musica, não o eram menos para pôr em acção uma pintura ardente e vigorosa, uma pintura, dupla, ou quadrupla de maneiras.

E pode-se outra vez dizer: insignes executores creados perfeitamente para uma tão bella musica!!

Até aqui tendes ouvido: agora vêde!

No meio de uma vasta sala de barrotes negros, apenas alumiada pelo clarão tremulo e indeciso de alguns candieiros de cobre, estendia-se uma mesa enorme, coberta de fragmentos de copos, garrafas e pratos; uma mesa çuja, emporcalhada, e cheia de nodoas de vinho.

Em redor desta mesa gritava, grunhia, trovejava, bebia e tornava a beber, a tripulação da Salamandra, vestida grutescamente, embriagada, com os peitos descobertos, embrutecida, e moida por excessos de todo o genero.

De longe em longe, e como para contrastar com os rostos trigueiros e purpureos dos marinheiros, appareciam as figuras, pallidas e marmoreas, das mulheres ahi conduzidas pela sua infeliz sorte.

Finalmente, dos oitenta marinheiros haveria, quando muito, uns trinta e cinco que, completamente bebados, rolavam ou dormiam, debaixo da meza.

Os que ainda estavam em seu juizo sustentavam conversações jocosas, em quanto acabavam algumas garrafas esquecidas.

— Finalmente, disse um quebrando um copo de que apenas teria bebido a quarta parte, finalmente, isto é que é viver!

— Oh! exclamava outro, pegando com liberdade e amor na cintura de sua vizinha, — porque o verdadeiro amor é impertinente, e o respeito indifferença; — Oh! Teresinha, eu te amo, e te adoro. Digo-o bem alto, sem receiar comprometter-te, porque emfim, nós não somos... padres.

— Oh! Parisiense, dizia Jeronymo, lá no teu Pariz não se fazem destas festas, não ha tascas em que se dê bailes como este! Com os vinte e tres mil francos que nós todos possuiamos hontem á noite está paga a casa, e hade ser queimada; ámanhã não

teremos nem um malvado de um soldo; com mil diabos!

E batia na mesa com um ar de alegria e satisfação difficil de descrever.

— E ninguem dirá, acrescentava outro, que os carvões da Salamandra não quebraram aqui as garrafas e os copos em quanto destribuiam caricias a estas moças. Agora venha a morte. Façamos com a casa uma fogeira, e dir-se-ha no paiz: foi a tripulação da Salamandra que se divertio singularmente; que gente feliz!

— E sem remorsos, balbuciou o Parisiense. Tem-se uma familia... satisfaz-se á familia e ás... ás... emfim, ás cousas da natureza. Ametade do pagamento para a natureza, e a outra metade para a extravagancia; pois bem sabes Jeronymo que a extravagancia é a nossa divindade.

— Acredito! disse este ultimo com gravidade ebria, que faria honra a um magistrado.

— Porem, proseguio o Parisiense, o que faremos nós por sobre-mesa? Atiremos estas mulheres pela janella fóra para jogarmos cunhos ou cruzes?

As mulheres olharam-se mutuamente perturbadas.

— Não, Parisiense, por ellas respondo eu.

— E se jogarmos o socco!

— Oh! boa lembrança! boa lembrança! serve Parisiense, porem cuidado, Ricardo, olha que esse amigo é bom de vela, e já está á capa. Ora pois, vão sepultar-se debaixo da mesa, vão matar-se, não tem duvida. Assim! assim! Oh! dize-me bella loura, queres recrear-te enterrando este guardanapo na bocca de Bernardo? Porem acaba com isso! Olha como abre os olhos! Que loucura! elle não come guardanapos, porque o affogariam. Agora o verás, vai sem duvida esganar-te. Se tu não tens juizo!

— Bom, bom, temos mais um fundeado, disse Jeronymo, vendo cahir Bernardo, quasi suffocado; não tem duvida hão de morrer affogados em vinho. É pena, pois são carvões legitimos! Oh! Parisiense, vamos nós pôlos ao fumeiro em quanto estão bebados, para conserva-los a seus respeitaveis parentes e a seus amigos? Que dizem? approvam?...

— Sim, sim, gritaram os que ainda se seguravam em pé, ponhamo-los de fumo para não apodrecerem.

— O porco de fumeiro, conserva-se melhor, disse um engraçado.

— Sim, sim, é verdade. Alem disso é

para seu bem; e verão que não tem negocio com ingratos.

Tiraram então a mesa e arranjaram os bebados crusados uns sobre os outros, e cercados de chapéos de palha, de mantas de mulher, de guardanapos, e dos varaes e da palha que arrancaram das cadeiras.

Os desgraçados deixavam-se conduzir articulando algumas queixas abafadas, alguma chocarrice, ou rindo e chorando ao mesmo tempo: apenas aquelles que supportavam o peso d'essa fogueira humana despediam surdos gemidos.

— Vejam! balbuciou um, puzeram-nos em pilha como antenas de sobrecellente. Somos agora marinheiros do não chega!

— Então que é isto? murmurava outro, quem é o engraçado que faz macca das minhas costas, e da minha cabeça travesseiro?

E outros colloquios semelhantes que o Parisiense interrompia gritando:

— Vamos! ao fumo!... ao fumo!...

— Terão mais cem annos de vida, gritou um.

— Devemos ser bons rapazes, tornou outro.

— E quando acordarem replicou Jeronimo, ficarão admirados, de se acharem conservados como se sahissem de um tonel!

— Vamos! vamos ao fogo!... ao fogo com elles!...

E chegaram uma vela a um enorme montão feito com a palha das cadeiras, que devia communicar rapidamente o fogo a toda a roupa e fato que os rodeava.

— Então! está decidido?... perguntou outra vez o Parisiense.

— Parece-me que sim! E lembra-te meu rapaz, que um beneficio nunca se perde, acrescentou philosophicamente Jeronymo.

— Adeos! então cá vai!..... disse o Parisiense.

E a vella approximou-se dos combustiveis.

Neste momento, tão critico para os desgraçados que se ia com tanta philantropia defumar, ouviram-se gritos terriveis da parte de fóra, e a casa estremeceo toda, ás pancadas reiteradas que abalavam a porta solida da estalagem.

A vela cahio das mãos dos Parisiense, que seguido por Jeronymo se arremeçou para uma janella que entreabrio.

Estamos logrados!..... disse elle ao Parisiense.

Oh! disse um outro, é a chegada da sobremesa.....

Vem a proposito, que não tinhamos que fazer.

CAPITULO XIV.

O prazer excede consideravelmente á fadiga que tinhamos experimentado para goza-lo.

SHAKSPEARE — *Ricardo III.*

Assim! crava!... Podeis estar tranquillos, camaradas; não façaes caso d'esta miseria.

SCHILLER — *Os Salteadores.*

O Divertimento dos Demonios (*).

A admiração ou espanto de Jeronymo era em verdade muito legitimo.

Á claridade sanguinolenta de grande numero de archotes de resina, que despediam ao longe seus reflexos avermelhados, e vinham bruscamente purpurear as partes salientes da estalagem de S. Marcel, via-se agitar como sombras uma multidão consideravel, grotescamente vestida, e extravagantemente alumiada pelos raios de caprichosa luz, que tambem resplandecia aqui e alli sobre

(*) Le Pichon Joueic dis diables. É assim que se chama na Provença esta procissão extravagante. Vejam-se os Annaes.

coroas, armas e vestimentas, que luziam com os seus dourados e prateados.

Parecia por então tranquilla esta turba singular, e formava um immenso circulo em torno da taberna.

Era não sei que corporação, composta de homens grutescamente vestidos de demonios, de satyros, de mulheres, de divindades, e de faunos, tudo isto coberto de lantejoulas e ouropeis, de lama e de farrapos, que faziam ainda mais sobresaír a selvagem e feroz expressão de seus olhos negros, e de suas faces trigueiras e tisnadas.

Quando o tumulto se aquietou completamente, um provençal, de estatura athletica, saío do circulo. Estava vestido de mulher, e representava a rainha de Sabá n'esta farça ignobil, confundida ainda com as mais graves ceremonias religiosas; via-se o rei Herodes com sua mitra de papel dourado, Plutão e *Jesus Christo*, Proserpina e *Nossa Senhora*, sem fallar de úm sem numero de *anjos*, demonios, e *santos* subalternos, armados de fouces, de forcados, e de páos, e em parte embriagados, porque na occasião d'esta especie de solemnidades faziam-se frequentes paradas nas tabernas, depois de ter acompanhado de dia as procis-

sões parochiaes de S. João, e n'ellas pomposamente figurado, segundo um costume que remonta, se me não engano, a João 1.º, conde de Provença; ora este costume tem-se perpetuado até os nossos dias, e a auctoridade municipal faz ainda annunciar o programma e a marcha d'essas horrendas ceremonias.

A rainha de Sabá tinha o rosto coberto de signaes e arrebiques, a barba preta empoeirada, bem como seus longos cabellos, e um vestido branco cheio de nodoas, deixava ver seus largos hombros e seus braços cabelludos; apertava-lhe a cintura uma especie de manta escarlate, e um diadema de papelão prateado cingia-lhe a enorme cabeça.

Agitando uma maça de carvalho grosseiramente entalhada, que lhe servia de sceptro, a rainha de Sabá reclamou silencio, e fazendo retinir uma voz que faria honra ao cantor de uma cathedral, disse, em algaravia provençal bem pronunciada, pouco mais ou menos o que se segue:

— Meus filhos, acha-se aqui um punhado de velhacos e bonapartistas, que se atrevem a profanar a festa de S. João, e que espancaram o nosso honrado compatriota, o

tio Marius. Estes cães de Francezes (*), estes maldictos occidentaes expelliram-no de sua casa; mas felizmente para elle achou amigos; e nós, meus filhos, viemos vinga-lo!

— Sim, sim, vingança! Morram, morram os bonapartistas, morram esses cães! gritou e vociferou toda a turba a uma voz, lançando-se com violencia contra a porta, que felizmente estava fechada por dentro.

— Os patifes fecharam a porta! exclamou a rainha de Sabá, dando na porta fortes pancadas com a sua maça.

— Abris ou não abris? Nós viemos vingar o tio Marius.

— Sim, sim, repetio a multidão, vinguemos Marius! morram os bonapartistas!

— Foram expulsos de Toulon, expulsemo-los tambem d'aqui!

— Morram, morram como em Nymes, meus filhos! bradava a rainha de Sabá, que rugia de raiva, abalando os gonzos da porta.

N'este momento abrio-se uma janella, e appareceo o rosto ebrio de Jeronymo, tendo na mão um gargalo de garrafa que lhe

(*) Os camponezes provençaes dizem sempre, quando fallam dos habitantes do resto da França, *os Francezes*.

servia de porta-voz, o qual levou immediatamente á bocca, e caíram da sacada estas palavras:

— Olá! canalha de *papa-azeites*, que estão vocês chamando á falla? Olá!

Esta interpellação ía arrancar uma tempestade de gritos e alaridos; mas a rainha de Sabá conteve com um grito a sua tropa, e respondeo:

— És tu, patife do occidente, bonapartista infame! és tu o miseravel que expulsou um velho de sua casa, e que dás banquetes em dia de solemnidade religiosa! Se não abres já a porta correrá *vermelho*, ouves, jacobino? Responde.

— Pois eu, respondeo gravemente Jeronymos, tomaria o teu vestido por vela d'estai, por mastros as tuas pernas, por vergas os teus braços, e por casco o teu corpo, e atiraria comtigo ao mar com seis pollegadas de ferro na pança á moda de lastro.

— Mata! mata esse cachorro!

A rainha impoz silencio e disse: — Tu vaes ver que... Jeronymo a interrompeo, e accrescentou:

— Espera, que já me esquecia; e como quando fores navio a tua grande cabeça hade ser a figura da prôa; então heide

baptizar-te com o nome de... de... *Minotauro.*

E fechou a janella depois de fazer uma energica carantonha.

— Com mil trovões! disse a rainha de Sabá, arrombemos a porta, meus filhos, e não sofframos que estes bonapartistas nos incommodem.

— Sim, sim, morram! bradaram cem vozes.

E precipitaram-se sobre a porta, que não podia resistir por longo tempo; estava já quebrada uma taboa, quando da sacada caío a prumo sobre os assaltantes uma enorme meza de carvalho, pesada e massiça; felizmente não foi ferida a rainha de Sabá, mas cinco ou seis demonios ou satyros rolaram esmagados, o rei Herodes ficou contuso, e a *Virgem Maria* teve o hombro deslocado.

Este incidente augmentou a colera dos provençaes, mas acalmou um pouco o seu ardor.

Pozeram-se então fóra do alcance de projecteis de semelhante natureza, afim de consultarem.

O conselho, porem, foi interrompido por Jeronymo, que appareceo de novo na janella com o seu bemaventurado porta-voz.

— Olá! oh *papa-azeites!* quereis restituir-nos a nossa meza! temos ainda alguns cangirões a despejar, e algumas das vossas costas para tirar as ralingas.

— Morra, morra o cachorro! bradaram alguns.

— Deixai-o, meus filhos, disse a rainha de Sabá; Juliano e João Maria não podem tardar.

— Não haveis de matar ninguem, tornou Jeronymo. Ah! vós cuidais que os carvões se deixarão fustigar como grumetes! nada!... não matareis ninguem, e...

Jeronymo não pôde continuar. Disparou-se um tiro; elle desappareceo da janella, e a sua ultima palavra foi: — Ah! cães... cobardes!

Eram Juliano e João Maria que tinham voltado com espingardas.

— Bem! muito bem! gritou a turba. Assim morrem os bonapartistas e os francezes.

— Meus filhos, disse a rainha de Sabá, em vez de arrombar a porta, entrincheiremo-la, e depois subiremos ao terrasso; ha lá um alçapão que conheço, e como fica por cima da sala principal podêmos d'ahi tasquinhar n'elles á vontade.

A porta foi então fechada por fóra e tran-

cada com a meza, que cobriram de pedras e de barrotes, de maneira que toda a fuga era impossivel aos marinheiros.

O aspecto do salão estava inteiramente mudado; já não se dava gritos, já não havia embriaguez, e tinha desapparecido a alegria. Os carvões rodeavam o pobre Jeronymo, que tinha recebido no peito uma bala. e que ainda respirava.

O Parisiense, de joelhos, sustentava-lhe a cabeça, e os outros, pallidos e immoveis, fixavam sobre elle olhares estupidos.

— Meus bons marujos, disse por fim Jeronymo com voz fraca e sibilante, é uma vergonha ter escapado por tantas vezes ás ameixas, ser carvão para morrer assim como um cão damnado! Emfim!... Onde está o Parisiense?

— Aqui estou, meu velho, meu pobre marinheiro.

— Ah! tenho a vista escura, e já te não conheço. Estou mamado, Parisiense.

— Não! não!

— Sim: porem escuta... Promette-me uma cousa...

— Qualquer que seja, estás servido, meu marujo.

— Pois bem! casa com minha mulher,

Parisiense. Ella não tem direito a uma pensão, e morreria de fome depois da minha morte, assim como minha filhinha; e esta idéa me tornaria o anzol difficil d'engolir. Emfim, queres? Bem sei que isso te incommodará; porem...

— Oh! sim! não importa; tua filha terá um pai, meu bom marujo, respondeo o Parisiense, limpando os olhos com as costas da mão.

— Agora abraça-me. Vós outros dai-me a mão. Adeos, meus pobres carvões! Afflige-me não poder despedir-me do tenente e do senhor Paulo antes de deitar a barquinha! porem vós lh'o direis; pois haveis de vê-los e fallar-lhes, se estes cães vos deixarem os olhos e a lingua.

Aqui enfraqueceo-lhe a voz, e a respiração tornou-se-lhe cada vez mais sibilante e embaraçada.

Os marinheiros aproximaram-se.

— Vamos! continuou Jeronymo com esforço; estou quasi a ir a pique. Adeos, meus velhos carvões! tanto mais que o nosso tempo está passado. O nosso pavilhão perdeo a côr; os Inglezes passaram-nos á pôpa... e por isso estimo outro tanto ir ver se os navios lá de cima tem gorupez e mastros reaes.

Adeos, carvões! Quero estar n'agua, ouvis? quero ser atirado ao mar com uma bala de 36 aos pés. É a sepultura do marinheiro... Adeos! outra vez adeos, Parisiense! Ama um pouco a minha filhinha; não dês muita pancada em minha mulher, e... com mil diabos! vós não me denunciareis; e por tanto... Viva o Imperador!

E caío morto.

— Ah! cães de bonapartistas! Viva o Imperador! Olhai, ahi vai o monstro do vosso Imperador!

E tres tiros partiram pela estreita abertura do alçapão. Jeronymo recebeo segunda bala, — bala perdida — o Parisiense teve o braço arranhado, Bernardo, o artilheiro, ficou com o hombro quebrado, e caío logo.

— Estes tractantes vão matar-nos como moscas! bradou o Parisiense. Saiamos d'aqui, fundeemos corpo a corpo, e vinguemos Jeronymo! Á bordagem!... á bordagem! Se não tendes as vossas facas tomai as da meza, accrescentou elle.

E arremeçou-se para a escada que conduzia ao terrasso, brandindo uma enorme faca de trinchar de que se tinha armado.

Desgraça! a porta estava fechada, e ouvia-se o rumor surdo que fazia uma parte

dos provençaes postados no terrasso, e demolindo o tecto do salão, entre tanto que os outros estavam de vigia ás janellas que tinham entrincheirado, bem como a porta, içando-se á sacada.

D'ahi a pouco um chuveiro de pedras e de caliça annunciou que os assaltantes acabavam de practicar no tecto uma larga abertura, a favor da qual poderam as tres espingardas funccionar em todas as direcções, pondo uma dezena de carvões fóra do combate.

Felizmente faltaram as munições.

— Meus filhos, disse a rainha de Sabá, agora vamos acaba-los abrindo a porta d'este terrasso. As nossas facas estão amoladas, e veremos se os Bretões tem nas vêas sangue ou cerveja.

— Finalmente! gritaram os carvões, o combate vai ser igual, ainda que sejais vós dous contra um.

— Vós quizestes sangue! haverá sangue, disse surdamente o Parisiense com os dentes cerrados, embrulhando a mão em um guardanapo para segurar melhor o cabo da faca.

— Sou comtigo, meu filho, cosinheiro do facão, disse a rainha ao Parisiense saltando na sala.

— Ah! vem, bella moça! quero fazer-te um collar de aço francez, gritou o Parisiense, arremeçando-se ao encontro do gigantesco provençal.

O resto da tropa tinha-se tambem precipitado já pela escada, já pela abertura do tecto, e o combate travou-se furioso.

CAPITULO XV.

UM SOLDADO.

— Tolheram-nos o passo, e a porta está obstruida por cadaveres.

OUTRO SOLDADO.

— Quebraram-me a cabeça, camaradas. Soccorro! Já não vejo nada!

BYRON — *Metamorphose do Corcunda.*

Que bello luar faz esta noite!

Um dançarino ao seu par.

Combate.

Silencio! nem um grito! porque um grito atraiçôa uma ferida.

Silencio! morde-se em silencio quando se está desarmado, degola-se em silencio, mata-se em silencio, e mata-se muito, pois o sangue rega o soalho. Mas nem um grito!

E esta massa embriagada e ardente cruza-se, torce-se, rola-se, e torna a levantar-se.

Unhas e dentes, tudo serve, com tanto que appareça sangue. Mas nem um grito!

Silencio! excepto o rumor dos pés, que

se seguram pesados para a lucta; o suspiro que se arranca morrendo, o choque dos ferros, o estridor de duas laminas que se encontram no mesmo peito — porque a sala estava escura, e só restava uma unica luz.— Silencio! não se ouça nem um grito!

E tendo sido abertas as janellas pelos assaltantes, via-se, á doce claridade da lua, uma paizagem alegre, pomares de laranjeiras cobertos de flor, e um limpido regato que serpejava prateado no meio de um verde prado; os vagalumes suspendiam nos eloendros suas pyramides de fogos resplandecentes, e o grilo fazia ouvir seu canto agudo e sonoro.

Os cadaveres dos feridos começavam a incommodar os combatentes. Andava-se facilmente sobre os seus corpos, porem sendo falso esse ponto d'apoio, caía-se muitas vezes: e em uma lucta corpo a corpo, faca a faca, dentada a dentada, toda a vantagem é para aquelle que póde, como um dos provençaes pôr ambos os joelhos sobre o inimigo, e dizer-lhe com sorriso cruel, com os olhos chamejantes, vermelhos e fixos:

— És meu! olha, inferno! aqui está o meu punhal ainda novinho para outro Francez!

Ou como um marinheiro que dizia ao rei Herodes:

— O meu ferro está partido, mas heide quebrar-te a soccos esses dentes. Ah! doe-te? Assim me parece, pois teus dentes me apertaram a mão como o faria uma torquez. Guarda-a, que eu tomo a tua faca. Irra! o cabo está molhado! É sangue! Oh! quanto sangue!

E via-se á doce claridade da lua uma paizagem alegre, pomares de laranjeiras cobertos de flor, e um limpido regato que serpejava prateado no meio de um verde prado; os vagalumes suspendiam nos eloendros suas pyramides de fogos resplandecentes, e o grilo fazia ouvir seu canto agudo e sonoro.

— Encontro-te finalmente! disse o Parisiense á rainha: procuro-te ha um quarto de hora para vingar o meu marinheiro, e lançar-te ao pescoço o colar de aço que te prometti!

— Tens ciumes dos meus favores, meu filho? disse a rainha com risadinha d'hyena.

— Sim, quero tocar-te o *coração!* respondeo o Parisiense, caíndo de um pulo sobre a rainha de Sabá.

— Oh! vem, meu filho! deixa-me abra-

çar-te; heide ser boa rapariga. E por siggnal pertendo levar a tua cabeça, murmurou o Provençal, estreitando o Parisiense em seus braços de ferro.

Os seus rostos tocavam-se, e assim ficaram dous minutos, sentindo soltar-se a respiração de seus narizes entumecidos.

D'improviso a rainha abrio os braços, dando um grito doloroso, arrancado pela surpresa e pela dôr.

Era um moribundo que lhe devorava a perna.

O Parisiense recuou um passo, e levantou o facão, que caío a prumo, e sibilando, sobre o peito da rainha, e o enterrou até o cabo.

— Finalmente *toquei o teu coração!* hein, minha rainha! disse o Parisiense, voltando a faca na ferida para alargar o golpe.

— Oh! sim, com mil demonios! chegaste-me, mas heide dar-te o ultimo beijo do meu amor!

E o provençal, com a raiva convulsa de um moribundo, lançou-se sobre o Parisiense e o mordeo nos labios e na face com tal violencia que os dentes, atravessando os musculos, foram tocar nos dentes do marinheiro. Ambos caíram.

E via-se á doce claridade da lua, uma paysagem alegre, pomares de laranjeiras cobertos de flor, e um limpido regato, que serpejava prateado no meio de um verde prado; os vagalumes suspendiam nos eloendros suas piramides de fogos resplandecentes, e o grilo fazia ouvir seu canto agudo e sonoro.

— O Parisiense está morto! gritou um carvão.

— Vingança! vingança, para o Parisiense!

— Vingança para a rainha! bradaram os provençaes E a peleja tornou-se mais encarniçada e sanguinolenta. Como as forças começavam a esgotar-se, principiaram as blasfemias, que são de grande auxilio em taes occasiões.

Os provençaes porem eram em numero superior, e protegidos alem disso pelas vestimentas, e carapuças de papellão com que se mascaravam; e os marinheiros da sua parte estavam exhaustos pelos excessos da vespera.

Já elles fraqueavam vencidos pela multidão:

Já o triumpho duplicava a força e a coragem dos provençaes;

Quando a voz do Parisiense veio reanimar os marinheiros. Tinha conseguido ar-

rancar-se dos dentes da rainha, deixando-lhe na bocca a metade do beiço. Estava coberto de sangue.

— Animo! animo! Se deixarmos aqui a pelle, ao menos arranquemos-lhes a sua, gritou elle.

E lançou-se em corpo e alma sobre Proserpina dizendo;

— Estou esta noite muito namorador. Quantas amantes!

De uma parte combattia-se com o encarniçamento da desesperação, e da outra com a certeza de uma victoria que os marinheiros não podiam por longo tempo disputar.

Era uma horrivel carnificina, Havia com effeito *vermelho*, como tinha dito a rainha de Sabá.

E via-se á doce claridade da lua, uma paysagem agradavel, pomares de laranjeiras cobertos de flor, e um limpido regato que serpejava prateado no meio de um verde prado; os vagalumes suspendiam nos eloendros suas piramides de fogos resplandecentes, e o grilo fazia ouvir seu canto agudo e sonoro.

Neste momento, porem, o canto do grilo não resoou só; um outro som, ainda mais agudo e penetrante, veio retinir no silencio da noite.

E esse som approximando-se cada vez mais, tornava-se cada vez mais vivo, atroador e expressivo.

Cumpre dizer que era o som de um apito bem conhecido a bordo da Salamandra.

E conhecia-se que a pessoa que d'elle tirava tão ditosas modulações corria apressadamente, porque os sons eram como que accentuados por uma marcha precipitada.

E os passos de uma multidão de homens resoaram na relva.

Uma turba assaz numerosa de marinheiros, commandada por Paulo e La Joie, sahio do bosque de tilias bradando:

— Animo, meus filhos! aqui vem reforço! Vivam os carvões! Viva a Salamandra!

E Paulo, vendo as escadas ainda collocadas de encontro á saccada, arrojou-se a ellas seguido de La Joie que lhe ia no encalce, e um minuto depois toda a sua gente, tendo escalado a saccada, precipitou-se no salão.

Era tempo! eu vo-lo juro.

CAPITULO XVI.

Que ventura, a de tornar-se a ver!
MADAME MALIBRAN.

Vivam os Carvões!

Vivam os carvões! viva a Salamandra! taes foram as primeiras exclamações dos recem-chegados, quando se precipitaram no meio desta implacavel peleja.

Este soccorro inesperado, o apito de La Joie e a voz de Paulo, deram tal energia e valor aos marinheiros, que a fortuna voltou-se immediatamente, e o combate durou apenas um momento: a vantagem decisiva ficou pela Salamandra.

Estando os marinheiros, como se sabe, sempre munidos de uma multidão de pedaços de cabo e de mialhar, amarraram com elles os provençaes que restavam capazes de fazer algum movimento, que na verdade bem poucos eram. Desceram depois á sala de baixo em busca das mulheres que estavam desmaiadas, e dos marinheiros bebados, que pela maior parte, dormiam o seu melhor e mais profundo somno, porque no momento

do perigo, tinham para alli sido conduzidos por seus camaradas, afim de os subtrair a esta sanguinolenta refrega. Os pobres homens queixaram-se amargamente de os terem acordado tam cêdo.

— Estaes loucos! dizia um: não podeis divertir-vos sem a algasarra e gritaria que ha pouco fazieis lá em cima?

— É verdade, replicou outro. Brincai, mas deixai dormir os outros.

— E não lanceis mais bombas nem foguetes, disse um terceiro, estendendo os braços e voltando-se para acabar de dormir.

— Vamos La Joie, disse Paulo, mandai pegar nelles, e que sejão conduzidos e arrumados nas embarcações.

E dirigindo-se aos recem-chegados.

— Vós formareis um guarda por pelotões d'aqui até á praia, e até o momento de nos pôrmos ao largo, pois temo que não caia sobre nós todo o paiz.

Levantaram então os corpos do pobre Jeronymo, e de onze marinheiros perigosamente feridos, e desceram com elles afim de os transportarem até a praia, nos braços ou nas seges em que tinha passeado a equipagem. Os carvões sufficientemente forçosos para caminhar e manobrar, reunidos aos

marinheiros conduzidos por Paulo, foram destinados a levar os escaleres para bordo da Salamandra.

Quando o pequeno comboy estava prompto a dár a vela, fez Paulo minucioso exame a fim de certificar-se que nenhum dos seus carvões restava na taberna, e deo o signal da partida.

— Senhor Paulo, disse o Parisiense, esqueci-me d'incendiar a taberna do tio Marius, e dezejo faze-lo.

— Pois vai e volta depressa: o sol não tarda a nascer, e a bordo estão inquietos.

O Parisiense demorou-se apenas dous minutos, e voltou dizendo: — É percizo não esperdiçar dinheiro á tôa.

— Marcha! disse Paulo.

O apito de La Joie retenio, e a caravana pôz-se a caminho. Paulo era o ultimo e vigiava tudo com minuciosa attenção.

Chegaram d'ahi a pouco á praia onde estavam fundeadas todas as embarcações da Salamandra.

Os feridos foram acommodados na lancha, e os embriagados nos escaleres.

Paulo mandou largar as velas, e puzeram a proa para a Salamandra, qne sahia pouco a pouco do nevoeiro, que os primeiros raios do sol dissipavam.

O ar frio e penetrante da manhã, dando no rosto dos bebados, despertou-os um pouco e restituio-lhes, senão inteiramente a razão, ao menos a alegria.

Começaram então as cantigas, os garganteios, as poesias, e as jocosidades interminaveis que os reiterados toques d'apito de mestre La Joie, não podiam reprimir. Os desgraçados não tinham a menor idéa do que se havia passado, e seus gritos de alegria contrastavam singularmente com os lamentos e gemidos dos feridos do outro escaler, que ardentemente suspiravam pelos cuidados do bom Garnier.

Resta explicar como chegou Paulo tão a proposito em soccorro dos seus carvões.

Ausente da Salamandra, e tendo ido, segundo o seu costume, girar em redor da casa de Alice até ao por do sol, dispunha-se a voltar a bordo, quando encontrou na praia vinte marinheiros, commandados por um mestre, mandados a S. Tropez, para reforçar a tripulação da corveta.

Quando chegou perto da pequena escada que serve de desembarque, admirou-se de vêr a taes horas todos os escaleres da Salamandra alli fundeados, sem uma unica pessoa que os guardasse.

Começava a conceber algumas suspeitas, quando vio apparecer ao longe, approximar-se e tornar-se cada vez mais distincto, um homem que nadava, e que conseguio chegar á praia: era La Joie, mandado pelo tenente, que tendo em vão esparado todo o dia, sem meio algum de communicação, se havia resolvido a expedir La Joie, em busca de informações, e a obriga-lo a tranpor a nado a distancia de uma legua que separava a Salamandra da costa.

La Joie referio a Paulo tudo quanto tinha succedido; este, tremendo pelas consequencias da deserção, e sabendo qual o odio que os Bretões e Provençaes se consagravão, a differença de suas opiniões, e o seu implacavel caracter, pôz-se á testa dos recemchegados, e seguido de La Joie, que se vestio muito decentemente, graças á precaução que teve de levar a roupa amarrada á cabeça, percorreram todas as tabernas de S. Tropez, sem encontrar os carvões.

Por fim lembrou-se La Joie da taberna de S. Marcel, por ahi ter ido algumas vezes *conversar* com o seu marinheiro Bouquin; e pelo seu estado de isolamento e tranquilidade, suspeitou que esta honrada locanda homisiasse os marinheiros da Salamandra.

Ora, sabe-se que elle se não enganava, e que chegou a tempo de evitar que acabasse a matança dos pobres carvões, que se acham actualmente em segurança, e voltam para a corveta a todo o panno.

Finalmente, Deos é Deos, e Mafoma é o seu profeta; porem o destino não podia condemnar a morrer ao punhal de assassinos, uma tão valente tripulação, composta de professores de musica, e de pintores, tão louca em suas orgias, como alegre nos combates.

Uma tripulação que se individualisava em um só homem: que tinha a mesma vontade, o mesmo desejo. É preciso beber? bebamos! É preciso matar? matemos! sem queixar-se da fatalidade, que transforma um dia de embriagador prazer, em carnagem sanguinolenta: não meu Deos! ella foi apenas surprehendida, e se pergunta: Quem o teria dito hontem?

E pois, se a tripulação tivesse succumbido, o que seria da Salamandra de quem ella é a vida e o sangue?

A tripulação que circula em suas baterias, em suas cobertas, em seus mastros, e em suas gavias, que se devide pelos immensos ramos de seu maçame, é o sangue que circu-

la em suas arterias, nos seus vasos, e nas suas vêas.

A tripulação da Salamandra é o sangue que anima o seu corpo, que lhe dá vida e existencia; é o seu coração e a sua cabeça. Então ella estremece; vai e vem, tem uma voz, uma respiração, solta-se a vida por todas as suas portinholas; então está ella rodeada desse rumor inexplicavel que não é rumor, mas que se exhala de toda a creatura viva: será isto um écho do pensamento? será uma voz da animação? não sei, mas em fim, este rumor nos diz: Isto existe.

E a Salamandra não existiria sem esse rumor.

Vede-a agora, como está sósinha e triste, privada desde hontem da sua equipagem..... É como o silencio e o somno da morte. Como está fria, descorada e lugubre! Dir-se-ia um desses corpos petrificados, que os magicos das baladas feriam com uma morte passageira.

Mas, bom magico, tu sem duvida a tocaste com a tua varinha, pois eil-a que treme em todos os seus membros, que balencea brandamente suas vergas, com uma sensação de prazer, que corre por todo o seu appa-

relho. Oh! ella move-se! agita-se! ella existe!

Existe sim! porque a sua equipagem chegou a bordo. Existe! porque está cheia a sua bateria, estão guarnecidas as suas cobertas, e as suas gavias povoadas.

Existe! e vêde como mudou o seu aspecto: já ella não está triste, e silenciosa, fria e envergonhada como essas mulheres que tem apenas um amante..... Está soberba e altiva, feliz e risonha..... mirando no espelho das ondas os seus enfeites..... Casquilha e elegante, inclina-se e se levanta, fazendo resplandecer o brilhantismo de seus mil pavilhões; está radiosa, libertina e insolente!

E pois, quando o sol querido vem cobri-la pomposamente de um vestuario de ouro e de purpura, ella recebe com indifferença e despreso a sua homenagem, como uma meretriz arruinada que se revolve negligentemente nos mais ricos e brilhantes tecidos.

CAPITULO XVII.

Era a bem dizer um triste somno, entrecortado de clamores e sobresaltos.

JULES JANIN — *A Confissão.*

Dignus est intrare in nostro docto corpore.

MOLIERE — *O Doente Imaginario.*

A Volta.

Já dissemos que, segundo as instrucções de Pedro, tinha-se La Joie lançado a nado, afim de ir a terra, e procurar meios de conduzir uma embarcação para restabelecer a communicação.

E por isso o primeiro tenente, o segundo, e o douctor ficaram agradavelmente surprehendidos ao verem chegar a lancha e os escaleres com as velas cheias.

— Admira-me que o velho La Joie acertasse tão de pressa, disse Pedro.

— Que diabo queres tu, respondeo o medico; não ha em terra grandes recursos: vinho, vinho, mais vinho, e sempre vinho:

e por isso devem chegar-nos em um estado que...

— Espero, tenente, disse o commissario, que lhe dareis um exemplo de severidade.

— Sei qual é o meu dever, senhor.

— Calai-vos, commissario, disse o velho Garnier; não sabeis o que é o marinheiro? julgaes que esses coitados commettem grande crime indo, depois de dous annos de campanha, passar em terra um dia de bom tempo? Dou-vos seis mezes, a vós, que já vos queixaes tanto da vida do mar, e então veremos...

— Deos me castigue, disse Merval, se não ha sangue e mortos nos escaleres!

— Dizei antes que ha n'elles muito vinho, e muitos bebados, disse Garnier.

— Não, com mil diabos! disse o tenente, apontando o seu oculo: Merval tem rasão, eu bem o temia! alguma rixa, algumas pancadas trocadas com Provençaes, alguns negocios de politica... Maldicção! meus pobres carvões! meus pobres marujos! E Paulo? e meu filho?

— Tranquillisai-vos, disse Merval, já o estou vendo. Vem ao leme da lancha. Nada lhe succedeo.

— Diabo! disse o douctor; vamos á cai-

xa d'instrumentos, aos fios e ao unguento! Eis alli perdido bastante sangue! Emfim, não ha remedio.

E o bom do homem desceo ao seu camarote.

— E o que para mim é mais sensivel, disse o tenente, é lembrar-me que são valentes e leaes marinheiros, cuja conducta desculpo por conhecer as privações que tão corajosamente soffrem: e que cumpre recebe-los a bordo com aspereza e rigor; cumpre ser severo.

— Ora! ora! disse o segundo tenente, tractaes os marinheiros com demasiada doçura; os Inglezes...

— Os Inglezes, senhor, não tem nas vêas sangue francez. Conduzem-se ao fogo a poder de calabrote; e a coragem, que só combate collocada entre dous perigos, ou affogada em vinho e rum, é uma coragem tristissima.

— Cada um tem o seu modo de pensar, tenente. Mas eis ahi a nossa gente.

Com effeito tinham atracado os escaleres, porem nem um marinheiro appareceo no convez. Confundidos e envergonhados, saltaram todos pelas portinholas: sómente os feridos foram içados a bordo, bem como o pobre Jeronymo.

Paulo informou de tudo o estado maior, e o tenente ordenou a mestre La Joie que mandasse subir a tripulação ao convez.

Os marinheiros appareceram de cabeça baixa, indifferentes e resignados.

Pedro tomou uma attitude severa, e disse:

— Todo aquelle que abandonar o navio sem licença será punido com oito dias de ferros. Quando este abandono tiver o caracter de conjuração, os chefes serão castigados com vinte chibatadas. A tripulação da Salamandra está n'este caso: nomeai-me os chefes.

Bem sabia o benemerito official que não teria resposta.

— Visto que recusaes nomea-los, a gente que não estiver de quarto, ficará a ferros doze horas por dia, durante um mez.— Destroçar! marcha! — E quem não está de quarto... a ferros, já.

Tudo isto estava tão previsto e conhecido de antemão pela equipagem, que não houve uma murmuração, uma palavra; e na verdade Pedro parecia mais penalisado do que elles.

— Boa gente! disse elle, vendo-os descer um a um com indifferença; por um dia de prazer, e que prazer! vão recomeçar dous

ou tres annos da vida mais penivel e cruel, e sem um queixume! Pobre gente;... Porem vejamos os feridos.

E foi reunir-se ao douctor, que ía, vinha, jurava, e trovejava na bateria, onde se tinham provisoriamente depositado.

— Brutos que sois! lhes dizia elle, não podieis levar comvosco os vossos sabres, para ir a terra e castigar esses patifes? É pena que Bretões, que sabem jogar o páo de dous bicos, se deixem assim matar como loucos!

— Douctor, disse um, nós tinhamos comnosco as nossas facas.

— Ah! sim! as vossas facas! e ainda sois asnos para jogar a faca com esses cães de Provençaes! Olha! olha para esta ferida! os vossos alfinetes fariam incisões como estas? Digo-vos que sois uns brutos, uns asnos, uns animaes. Ora pois, lembrai-vos bem do que vou dizer-vos. Se amanhã de manhã conhecer pela ferida de algum que deveria soffrer dores esta noite, e que me não mandou chamar; se conhecer, emfim, que alguem tem padecido sem m'o participar, entendeis?

— Sim, douctor.

— Pois bem, esse alguem ficará a ferros

por quinze dias depois de curado. Eu vo-lo juro, desgraçados, porque já não é a primeira vez que isto vos acontece!

— Porem, douctor...

— Não temos porem, nem meio porem! Julgaes, disse o bom homem desesperado, julgaes que estaes aqui para padecer como condemnados, e eu para coçar as orelhas e dormir como um frade? Julgaes que homens como vós não merecem todos os cuidados possiveis? Não vos é a minha vida consagrada, miseraveis!...

— Sim, douctor! sim, douctor! disseram os outros com terrivel medo, pois o bom Garnier exhalava a sua philantropia com inaudita furia. Bem sabemos que sois o nosso velho douctor, e que nos curaes *estrepitosamente*.

— Bella malicia! eu me esbofetearia se o não fizesse. Vamos, meus filhos, o dito dito! isso não hade ser nada; tranquillisai-vos, e lembrai-vos dos ferros, se padecerdes sem o participar!

— Sim, douctor.

E o bom Garnier foi, resmungando, reunir-se ao tenente, que tinha na mão uma carta aberta.

— Ora pois, lhe disse Pedro, sabei que

está a chegar o nosso commandante, o marquez de Longetour.

— Quando?

— Annunciam-me de Toulon a sua inspecção para amanhã.

— O senhor de Longetour...

— Sim, o marquez de Longetour, capitão de fragata... Não me recordo de semelhante nome.

Nem eu tão pouco, o que para mim é indifferente. Volto aos meus feridos; esqueci-me de lhes dizer certa cousa.

E, durante o dia seguinte, a chegada do novo commandante foi o objecto de todas as conversações a bordo da Salamandra.

LIVRO QUARTO.

CAPITULO XVIII.

Ainda que levada a um vicio decente,
és calorosa, mas não libertina; estás fascinada, mas não céga.

BYRON — *A Walça.*

— Que aceio! Mas o teu noivo é horrendo, minha querida!

— É um homem!...

Resposta de mulher.

Tafularia.

Deos eterno! que aceio! que luxo! e que graça!

Oh! não é o porte pesado e inflexivel de uma urca dinamarqueza, magra e tesa como uma velha solteira, nem a figura massiça e quadrangular de uma gorda galeota hollandeza, pesada e grosseira como a creada do governo de uma casa.

É alguma cousa mais fina, desembaraçada, elegante e voluptuosa.

Na verdade, a Salamandra enfeita-se tão bem! Tem um gosto tão depurado!

E como uma tal corveta não segue as modas, porem inventa-as, foi ella a primeira que usou as velas de papafigos desmesuradamente chanfradas.

Foi ella a primeira que pintou d'encarnado o interior das portinholas, as quaes, levantadas sobre um cintado alvo como a neve, se recortavam em losangos de purpura.

Cumpria porem ter o seu gosto, a sua figura, e a sua belleza para usar semelhantes cousas; cumpria finalmente ser a Salamandra!

Lembra-me que um dia, em Calháo, uma corveta ingleza quiz macaquear o aceio da franceza; porem, oh meu Deos! se visseis depois a coitada da ingleza! estava tão ridicula que fazia compaixão. Pobre ingleza!

E com tudo, tinha o mesmo encarnado nas portinholas, o mesmo chanfrado nos papafigos: faltava-lhe porem não sei o que, faltava-lhe uma certa distincção, uma certa *prosapia* aristocratica, rarissima nas corvetas e nas mulheres!

Sim, já se vê, minha bella Salamandra, que esperaes o vosso novo chefe. Que apuro de minucioso aceio! que gosto nos enfeites.

Como está branco e limpo o vosso convez! direita e alinhada a vossa mastreação! que

symetria nas enxarcias, estendidas com arte! como vos cobris voluptuosa sob as dobras fluctuantes das velas!

Porem, que vejo? Como, casquilha, abandonastes vosso bello cofre? como vestistes vossas resplandecentes guarnições de achas-d'armas, e vosso cinto de caronadas de bronze! Meu Deos! estou deslumbrado! Até as vossas gavias tem seus colares de pistolas com coronhas de cobre, e seus bacamartes de bocca larga á mourisca, com que tanto vos ensoberbeceis!

E pois estais coroada de todos os vossos pavezes, que esmaltam o azul do céo com os mais vivos e variados matizes: é o azul dos Inglezes, o encarnado dos Turcos, o amarello dos Hespanhoes, o branco e azul dos Hellenos, e o verde e branco do Chille; que sei eu?

Na verdade, minha bella Salamandra, estais scintillante de aço, de ouro, de cores, e de luz.

E para que todos esses brilhantes preparativos! Para receber o digno e bom marquez de Longetour, que por vós abandonou o seu tranquillo balcão, sua maligna mulher, sua existencia feliz e ociosa, o seu jogo de dominó, o seu café, e finalmente os seus modestos costumes.

Oh! muito receio que esse pobre homem não seja levado, conduzido, atormentado, e talvez perdido por vossa causa.

Elle tão docil, vós tão altiva; elle tão medroso, vós tão intrepida; elle tão casto e timido, vós tão impertinente e amorosa, arrastando a aza a todos os navios que encontraes. Muito temo que não haja entre vós e elle alguma incompatibilidade de genio, como já se diz, e que o não obrigueis a instaurar algum processo de divorcio.

Porque emfim querereis sem duvida conservar o vosso valente e altivo Pedro Huet. Pobre marquez!

E se elle ficasse namorado de vós! Com effeito, estaes hoje bem enfeitada: não o amaes, e todavia quereis seduzi-lo!

Na verdade, as corvetas e as mulheres são demonios incarnados. Nunca a Salamandra tinha movido tanto os affectos. Todos os carvões e marinheiros, conduzidos por Paulo, estavam graciosamente vestidos de calças brancas, e jaquetas azues com botões de ancora; seus cintos vermelhos destacavam-se com a alvura das camisas, guarnecidas de azul nos collarinhos, os quaes, dobrados sobre as golas das jaquetas, deixavam ver pescoços trigueiros e vigorosos.

Finalmente, um chapellinho de copa muito baixa e de abas estreitissimas, coberto por uma capa branca, e cingido por larga fita preta, completava o seu uniforme.

O mestre, contra-mestre e guardiões conheciam-se pelos galões de que estavam guarnecidas suas golas e mangas.

Reinava a bordo o mais profundo silencio; eram nove horas, e tinha sido annunciada par as nove e meia a chegada do marquez.

Por esse motivo estava reunido no convez o estado maior.

Pedro e os officiaes militares, vestidos com o grande uniforme de marinha — de vivos escarlates, e bordaduras de ouro nos punhos e nas golas, — tinham, em logar de espada, um punhal suspenso por cordões de seda.

O bom douctor tinha as insignias do seu posto, bordadas em velludo carmesim, e o commissario trazia as suas de prata em panno azul.

Paulo estava arrogante como uma creança, com a sua agulheta de ouro, e um bello punhal de cabo de madreperola, que lhe havia dado seu pai.

— Não vêdes alguma cousa, vigia? perguntou o primeiro tenente.

— Sim, tenente: parece-me que vejo um escaler com a bandeira colhida, o qual vem dobrando o cabo.

— Vamos conhecer finalmente o nosso commandante! disse Pedro, pegando no oculo. Sim, é elle certamente. Senhor de Merval, mandai collocar a todos nos seus postos de combate, afim de receber o capitão.

Assim se fez.

— Será gordo ou magro? perguntou o douctor a Pedro.

— É cousa que não sei. A esta distancia vê tu mesmo, se és capaz.

— Parece-me bem magro! disse tristemente o douctor, depois de haver olhado. Máo signal, para a meza, bem entendido.

Vamos, vamos, meus senhores! cada um ao seu posto, disse o tenente; o escaler approxima-se, e não tarda a atracar.

Com effeito a embarcação, tripulada por doze vigorosos marinheiros, descreveo um grande circulo antes de atracar, e veio com maravilhosa certeza perder a esteira e o impulso justamente ao pé da escada d'estibordo.

N'este momento appareceo Pedro no alto do portaló.

O apito de mestre La Joie retinio, o tambor tocou a marcha, içou-se o galhardete

do commandante, e dous cabos, forrados de panno escarlate, foram lançados ao longo do costado para facilitar a ascenção do ex-estanqueiro, que já tres vezes tinha tirado o chapéo, e parecia embaraçadissimo na subida.

CAPITULO XIX.

— Tu o conheces perfeitamente; elle tem seus costumes particulares. — Comprehendes?

RAYMANN.

— Sim! sim! comprehendo.

SCHILLER — *Os Salteadores.*

— Camaradas. que dizeis a isto?

— Um! um! oh! oh!

— Sou da vossa opinião.

BURKE — *A Louca.*

A Inspecção.

Monsieur Formon, marquez de Longetour, durante a sua longa residencia atraz do seu balcão, tinha-se esquecido um pouco da gymnastica maritima; e por isso parecia inquieto por ter de subir uma escada cujos degraus, applicados ao flanco do navio, deixavam apenas o espaço necessario para collocar a ponta do pé.

Ajudando-se pois dos cabos que pendiam de cada lado, começou elle a perigosa subida.

Tendo chegado ao meio da escada deu um passo em falso, escorregou, e morreria infallivelmente se não tivesse a presença d'espirito de agarrar-se fortemente a alguns cabos; mas não tendo ponto d'apoio, ficou suspenso, e volteando no ar.

Então um marinheiro do escaler lhe pôz respeitosamente os pés na escada, e pôde elle, graças a esse inesperado soccorro, chegar ao convez.

— Que diabo de manobra está elle fazendo! dizia o velho Garnier, estará experimentando a solidez dos cabos? Mas decididamente parece-me um phtisico!

— Eu vos saúdo, meus senhores. A vossa escada é um pouco incommoda.

Taes foram as primeiras palavras que o ex-estanqueiro dirigio aos officiaes, que se achavam reunidos no convez da corveta.

Monsieur de Longetour estava comprimido em uma bella farda inteiramente nova, tinha um chapéo inteiramente novo, dragonas inteiramente novas, e uma espada inteiramente nova. Sim! inteiramente nova, e coberta d'essa camada humida e gordurenta que attesta a pureza virginal do aço. Monsieur Formon, marquez de Longetour, estava radioso e resplandecente.

— Não, por vida minha! não é commoda a vossa escada, repetio elle de novo, cumprimentando os officiaes.

— Muito sentimos, commandante, não ter outra para vo-la offerecer, respondeo Pedro: permitti porem que vos apresente ao estado maior... Oh! meu Deos! tomai sentido, commandante: ides cair no porão.

Era Monsieur de Longetour, que tendo recuado dous passos para fazer uma cortezia, havia-se approximado da abertura da grande escotilha, e provavelmente desappareceria no meio do discurso de Pedro, a não ser a caritativa advertencia d'este.

— Commandante, proseguio Pedro, se quizerdes ter o incommodo de descer, terei a honra de apresentar-vos nominalmente os vossos officiaes.

O commandante porem estava de tal fórma assustado com o que acabava de se passar, que em vez de dirigir-se para a pôpa, precipitou-se para a prôa do navio, seguido do estado maior, que não podia conceber semelhante extravagancia.

— Provavelmente vai ver o fogão, disse o douctor. Ora pois, é natural de bom genio!

Finalmente o ex-estanqueiro, lembrando-se que outr'ora a camara se achava na pô-

pa, depois de ter feito o giro da corveta, voltou para ré.

É certo que este passeio passou aos olhos da tripulação por uma inspecção.

O tenente desceo então, e precedeo o seu superior na bateria, onde era situado o aposento do commandante.

O benemerito marquez entrou na sua camara, e ficou admiradissimo do luxo que ahi achou.

— Tudo isto é bonito, disse elle a Pedro, muito bonito! Rogo-vos porem que me apresenteis aos senhores officiaes.

Pedro começou:

— O senhor de Merval, segundo tenente.

— O senhor de Merval, segundo tenente... segundo tenente?... Ah! agora me lembra: chamavamos a isso em outro tempo capitão de charrua. E usavamos, se me não engano, farda e colete azul, guarnecidos de galão á borgonheza; de verão concedia-nos Sua Magestade o favor de usarmos roupa de camellão; era bem fresca! Senhor de Merval, muito me alegro de tomar conhecimento comvosco!

E o bom marquez fez uma cortezia.

Pedro e o douctor trocaram um olhar de surpreza. Pedro continuou a nomenclatura.

— O senhor Paulo Huet, aspirante de primeira classe, fazendo a bordo serviço de official.

— Porem vós, tenente, tambem vos chamaes Huet?

— Sim, commandante; é meu filho.

— Oh! amavel mancebo! é aspirante? Chamavamos a isso... esperai um pouco... já me recordei! sim, chamavamos a isso guardas do pavilhão da marinha. Tinhamos então farda azul-loio, forrada de sarja escarlate, bem como os canhões, meias encarnadas, chapéo de mosqueteiro, telim de pelle de alce, guarnecido e acolxoado de fios de ouro, com argolas lisas. Diziam perfeitamente! e este bello rapaz ficaria interessantissimo assim vestido! Ora pois, disse o bravo commandante, batendo levemente na face de Paulo; ora pois! o menino tem juizo! o paesinho está satisfeito?

Paulo córou, conteve com difficuldade uma forte vontade de rir, e fez uma cortezia.

Pedro proseguio:

— O senhor Garnier, cirurgião. O velho douctor approximou-se.

— Oh! senhor douctor, tenho a maior satisfação em conhecer-vos! Espero porem que nos veremos como amigos e nada mais;

pois tenho um medo terrivel dos instrumentos cirurgicos!

— Todavia, commandante, quando vos vi ha pouco voltear na ponta dos cabos do portaló, pensei que tomariamos mais amplo conhecimento.

Ito foi dito, apesar das olhadelas e signaes reiterados do tenente, que temia a franqueza de Garnier.

— O caso é, douctor, respondeo o commandante, que fiz engraçadas piroetas.

— Oh! engraçadissimas, commandante, rimos até nos esganarmos!

Pedro enrubeceo de colera.

— Tanto melhor! gosto que todos se divirtam e estejam satisfeitos.

— Oh! porem...

O tenente interrompeo o douctor, que ía responder ao commandante, e apresentou o commissario.

— O senhor Gabillot, official de fazenda, commissario do navio.

— Official de fazenda! disse o commandante, que não acabava com as suas recordações; official de fazenda! Sim... chamavamos a isso official de penna. Usavam farda cinzenta, colete de veludo carmesim, e meias da mesma côr.

— O senhor commandante tem muita bondade, respondeo o commissario, em querer recordar-se de semelhantes detalhes; e a esse respeito aproveitarei a occasião para manifestar minha devoção pela familia reinante que a providencia nos restituio, que a providencia nos...

— Calai-vos, commissario, disse o douctor a meia voz, interrompendo o financeiro: fallam-vos em meias carmesins, e vós respondeis providencia! Pareceis uma besta comendo herva.

O ex-estanqueiro não quiz ficar atraz, e replicou:

— Ninguem mais que eu venera e respeita essa familia, que nos foi restituida pelo céo; devo-lhe, alem d'isso, o prazer de conhecer-vos, o que muito me lisongeia. Ora pois, espero que nos entenderemos bem; e sinto-me desde já disposto a amar a todos vós, e a trazer-vos em meu coração como meus filhos... Ajudar-nos-hemos mutuamente, e vós me auxiliareis com os vossos conselhos, porque terei necessidade d'elles.

— Emfim, meus amigos, para terminar com uma palavra que deve achar echo em todos os corações: — Viva o rei! viva o rei!

— gritou o bom marquez com as lagrimas nos olhos, e lançando o chapéo ao ar.

O commissario rompeo então em uma exclamação tal, em um grito realista tão inesperado e retumbante, que o douctor, ouvindo-o, deo um pulo furioso.

O tenente estava em tractos. Approximou-se porem do marquez, e perguntou-lhe se queria ver a corveta mais detalhadamente.

— Não, não, meu amigo; ao depois veremos isso. Desejaria primeiramente dizer duas palavras a esses bravos que se acham lá em cima.

E tornou a subir seguido dos officiaes.

O apito de La Joie impoz silencio, e o marquez tomou a palavra.

— Meus valentes amigos, o rei me envia para commandar-vos, e tudo farei para tornar-me digno d'esta graça. Confio que tambem nós nos entenderemos perfeitamente.

Pedro tossio com força, olhando para o marquez.

Todavia este continuou:

— E todos sereis meus filhos.

— Tambem elles! disse Garnier. Ora pois, é uma gaivota com os seus filhinhos.

— Por qunnto, meus amigos, proseguio e ex-estanqueiro, vereis que o vosso velho

commandante é um bom homem que não ha-de fazer mal a ninguem, que ao contrario morreria por vosso respeito... e que vos hade defender se quizerem maltractar-vos.

E o benemerito marquez começou a chorar de enternecimento.

— Basta, basta, commandante; deixai-me acabar.

Na verdade os marinheiros pouco acostumados a taes lagrimas, começavam a surrir-se e a cochichar.

— Ainda bem, disse o marquez, limpando os olhos.

— Marinheiros, disse o tenente, o commandante me encarrega de accrescentar, que desejando de todo o seu coração fazer-vos felizes, quer que a mais severa disciplina reine constantemente a bordo; e pertende que as menores faltas sejam punidas como até aqui. Ordena-me alem disso vos diga, que o achareis duro e inflexivel, se vos não mostrardes dignos da vossa antiga reputação, Destroçar!... Quem não está de quarto volte a ferros.

O rosto dos marinheiros tomou de novo a expressão de indifferentismo e resignação que a eloquencia do marquez havia amenisado; e um delles disse ao descer para os ferros:

— Apezar do seu arzinho de bom rapaz, o nosso commandante parece um velho damnado. Não o ouviste dizer ao tenente que nos chamasse á falla! É mais um lobo marinho, um casca grossa. É precizo não nos deixarmos morder por elle!

Pobre marquez! eras mal julgado!

— Meu charo tenente, disse o commandante a Pedro, quereis agora descer por um pouco á minha camara? tenho duas palavras a dizer-vos.

— Tambem eu preciso conversar comvosco commandante.

— Encontraram-se os nossos desejos, disse o ex-estanqueiro.

E desceram ambos.

CAPITULO XX.

O rei é infallivel.

Constituição Franceza.

Revelação.

— Primeiramente, meu charo tenente, disse o marquez, pedir-vos-hei licença para tirar esta diabolica farda, que na verdade me affoga.

— Podeis estar a gosto, commandante.

— Ah! estou finalmente livre! Como é pesada!... E a espada! e o diabo do chapeo que me faz entortar os olhos!!... Na verdade, meu amigo, ha tanto tempo que sou paisano, que perdi inteiramente o costume das armas como se costuma dizer.

— Então commandante ha muito tempo que deixastes de navegar?

Oh! se ha!.... Porem meu amigo, é preciso franqueza em todo o caso; e por tanto escutai-me:

Em 90 emigrei para Alemanha, onde fiquei até 1805; sollicitei então do Imperador a graça de entrar no posto de tenente que tinha antes da revolução. Recusou-m'o

claramente, pretextando, que era verdade, que devia ter-me enferrujado um pouco, visto que Vienna não podia passar por porto de mar. Um de meus parentes, porem, o duque de Saint-Are, então camarista de Bonaparte, obteve para mim uma administração de tabaco. Foi uma compensação.

— Um estanque de tabaco! Como senhor! pois sahis de um estanque de tabaco? exclamou Pedro com doloroso espanto.

— Sim, meu charo; porem attendei-me. Achava-me muito feliz com o meu novo emprego; tranquillo, e obscuro, tendo esquecido a minha antiga fortuna, o meu titulo, e esperanças que não deviam mais realisar-se, assim vivi até a épocha da restauração. Veio então a lei que reconhecia o tempo de serviço dos emigrados, tanto durante a emigração, como no dominio da usurpação; o que para mim foi indifferente. Mas tenente, tenho um diabo de uma mulher, que é um demonio em corpo e alma, accrescentou em voz baixa, como se mesmo a bordo receiasse ser ouvido por Izabel. Ora. minha mulher, lembrou-se d'escrever a meu primo o duque de Saint-Are, que de camarista, tinha-se naturalmente transformado em gentil homem da camara. Pelo mais ex-

traordinario dos acasos, era eu possuidor de alguns titulos de familia, para elle de grande importancia, os quaes o demonio de minha mulher lhe offereceo. Acceitou elle, e em agradecimento conseguio que eu entrasse em serviço activo, dando-se-me um posto superior ao que desempenhava antes da revolução. Deveis pensar, meu bom amigo, que eu o recusaria.

— Muito bem, commandante, e depois?

— Depois, meu amigo, a damnada de minha mulher, tanto trabalhou, que me obrigou a acceitar: respondeo ao ministro, máo grado meu, e ella mesma me teria levado á sua presença, se Deos me não tivesse feito a graça de a favorecer com um pleuriz que a retem em Paris.

— Ah senhor! senhor! tomai sentido! advirto-vos que vos achaes em uma posição perigosissima; porque emfim, estaes inteiramente esquecido da vossa profissão.

— Inteiramente, inteiramente, meu charo.

— E das manobras?

— Igualmente.

— E da theoria de marinha?

— Da mesma maneira

— Nesse caso, é inutil fallar-vos da tactica, da astronomia?

— Como diabo queires vos que eu aprendesse todas essas cousas? antes da revolução era eu muito moço, e os divertimentos... Bem me entendeis... Repito: como quereis que eu aprendesse todas essas cousas?

— Porem, senhor, ainda é tempo, recusai... recusai... Arriscaes a vossa vida, e a de toda uma tripulação, que se compõe de bons e valentes marinheiros. Senhor, ainda outra vez, recusai.

— Recusai... recusai.. Isso é facil de dizer. E minha mulher?

— Meu Deos! pelo que observo as vossas dragonas assentariam melhor em vossa mulher!

— Aqui para nós, meu amigo, isso é verdade; e é por isso que não posso recusar o commando da corveta sem o seu consentimento; e estou certo, que ella m'o não dará nunca.

— Porem em fim, senhor, o que tencionaes fazer acceitando o commando?

— Meu charo, tenho dous partidos a tomar: mostrar que tenho capacidade, ou confessar a minha ignorancia. Tomando o primeiro, não poderia representar o meu papel oito dias seguidos; e tomando o segundo, podia ter a fortuna de encontrar um homem

de bem, como vós, — e o marquez estendeo a mão a Pedro — confessar-lhe tudo, pedir-lhe seus conselhos, e entregar-me á sua generosidade.

A colera de Pedro cahio em presença de uma tal franqueza. O pobre velho tinha um ar tão humilde, pesaroso e embaraçado, que o bom tenente respondeo:

— A vossa confiança não será illudida, senhor, e agradeço-vos a revelação. Devo todavia advertir-vos, que não é a vós, a quem apenas conheço, e sim ás vossas dragonas, que para mim representam um symbolo, um posto, que não deve ser manchado; é a esse posto, digo, que eu me consagro. É um fanatismo, bem o sei; porem em quanto viver Pedro Huet, os seus cuidados, as suas esperanças, a sua vida, e até a sua honra, se necessario fôr, tudo será sacrificado, para que a honra da nossa marinha e do nosso pavilhão, não sejam nodoadas, e para que um official, que traz dragonas de commandante, seja respeitado e respeitavel aos olhos da sua tripulação; porque sem isso, senhor, não ha subordinação possivel. Para exigir a obediencia passiva e absoluta, que é alma da navegação, cumpre ao menos que o posto seja o representante

do saber aos olhos dos marinheiros. É por isso que d'ora em diante, empregarei todos os meus cuidados para evitar que pareçaes indevidamente collocado no posto que ocupaes. Porem, ainda uma vez senhor, estaes sem precisão alguma em uma fatalissima posição.

— Emfim, tenente, que quereis vós que faca? Agora está decidido; e assim...

— Ah! senhor! bem o sei. Desgraçadamente o mal é irreparavel. Vos sois nobre, conceituado e protegido: se eu escrevesse ao ministro a fim de expor-lhe o verdadeiro estado das cousas, tractar-me-íam de bonapartista, e exigiriam a minha demissão: e assim antes quero vigiar eu mesmo na conservação da pobre Salamandra e dos meus carvões. Deste modo, senhor, estamos entendidos; mas, por favor, nem uma palavra de manobra, e sobre tudo, não contrarieis jamais as minhas ordens; e em algum caso difficil, fingi que me dizeis algumas palavras ao ouvido, que eu fingirei executar as vossas ordens.

— Sim tenente, disse o outro com submissão.

— Para começar, deveis assignar uma ordem do dia que vou escrever, em a qual

testemunhareis á equipagem a vossa satisfação.

— Sim, tenente.

— E depois concedereis perdão aos homens que estão a ferros.

— Sim, tenente.

— Será tambem preciso dar ração dobrada de vinho a esses valentes, pela vossa feliz chegada. É o costume.

— Sim, tenente.

— E sobre tudo, evitai quando estivermos no mar, de subir ao convéz em occasiões de máo tempo, porque me incommodarieis. Apenas me mandareis chamar para acreditar-se que me communicaes as vossas ordens.

— Sim, tenente.

Neste momento entrou o velho Garnier.

Então Pedro fazendo uma venia ao marquez de Longetour, disse-lhe, com o modo mais respeitoso:

— Tendes mais algumas ordens a darme, commandante?

— Ordens! respondeo o ex-estanqueiro; sois vós ao contrario que... Não, não tenho. Oh! quero dizer, temos alguns passageiros, e entre elles monsieur de Saffie, que vai para Smyrna, e a cuja disposição foi posta á corveta; depois madame e mademoiselle

de Bléne, sua sobrinha que vão para a companhia de monsieur de Bléne, tambem em Smyrna, banqueiro riquissimo, segundo me informaram. Estas tres personagens, comerão á minha meza; quanto ao seu alojamento, não sei se...

— Tractarei disso, commandante.

— E eu, commandante, disse o velho Garnier, venho reclamar por meus filhos: a enfermaria acha-se collocado muito *avante* na bateria, e as peças de caça me incommodam terrivelmente. Quererá o commandante dár algumas ordens sobre este objecto?

— Meu velho amigo, respondeo Pedro, vendo o embaraço do marquez, o commandante, a quem ja fallei ácerca d'isso, disse-me o que desejava fazer a tal respeito.

— Sim, sim, já está isso arranjado douctor, disse o marquez; mas espero, meus senhores, que tereis a bondade de jantar heje comigo.

— Teremos essa honra, commandante, respondeo Pedro, saudando com respeito e subordinação o seu superior.

E saío com Garnier.

— Muito bem! tem ares de bom rapaz,

disse o douctor, mas parece-me que não tem salpicado muitas vezes os olhos com as aguas do mar.

— Enganas-te, meu velho amigo, enganas-te: é um homem solido, que, segundo creio, sabe perfeitamente o seu dever, mas que tem o costume de fazer dar todas as ordens por seu segundo, que vem a ser o seu porta-voz: e é bem desagradavel...

— De certo! mas, emfim, se é maritimo, já não é pouca cousa; para nós que receiavamos tanto ter algum asno por commandante!

— O que te prova, meu bom douctor, que não se deve duvidar de nada. Oh! porem, que vejo! é um escaler, e bem guarnecido! Tendes bellas doentes, feliz douctor.

— Certamente! são os nossos passageiros, disse Garnier, correndo á escada com a agilidade de um mancebo.

Foi o segundo tenente Merval quem recebeo respeitosamente madame e mademoiselle de Bléne, que foram introduzidas por Pedro Huet á presença do commandante.

Mas procuremos explicar o fanatismo de Pedro pelas graduações, fanatismo que pareceria exaggerado áquelles que não conhecem todas as exigencias da vida maritima.

Esta abnegação, inconcebivel por um symbolo convencional, não precisaria de commentarios, se se soubesse a que grau era então, e é ainda hoje, levado na marinha o ponto de honra, e o espirito de classe.

E na verdade, este fanatismo, se n'isso o ha, tem sua logica positiva e irrefragavel.

A manobra e os costumes nauticos exigem que reine a bordo o mais absoluto despotismo, que a obediencia seja passiva e instantanea; porque em terra, ou em exercito, a execução de uma ordem, apressada ou retardada um minuto ou um segundo, nada póde acarretar de desagradavel. No mar, porem, a menor hesitação póde trazer a perda de um navio, de seu carregamento e tripulação.

Comprehender-se-ha que a existir a mais ligeira duvida sobre a capacidade do chefe supremo, de quem os officiaes subalternos são apenas echo; essa confiança cega, que faz arrostar todos os perigos, será alterada e diminuida; em logar de obedecer á primeira palavra, discutir-se-hão as ordens, e em breve a incerteza, a insubordinação, e a revolta virão espedaçar o admiravel edificio da hierarchia maritima, baseada de direito sobre a coragem e o saber.

D'este modo Pedro, consagrando-se ao posto do marquez, pensava tanto na sua pessoa e nas de seus camaradas, como na do commandante; porque desde o dia em que a influencia moral do chefe é desconhecida, o que será da dos inferiores?

E não é esta influencia a questão vital, a alma e base da sociedade nautica? Não é ella a poderosa alavanca, por meio da qual um unico individuo move e governa o destino e a existencia de quinhentos homens? Em terra jámais o sol falta ao soldado; elle vê para onde é conduzido: as cidades, as montanhas, e os bosques são os seus guias; no mar, porem, são estrellas desconhecidas, observações astronomicas superiores á sua intelligencia, que conduzem os marinheiros. Nem uma palavra, nem uma pergunta ácerca da derrota. Se o mandam andar, anda; se o mandam parar, pára; se o mandam arriscar a vida na ponta de uma verga, elle a arrisca: ignora onde se acha e para onde vai; não tem o direito de temer os escolhos, quando mesmo se ache no meio dos arrecifes.

E passa mezes e annos n'esta ignorancia, arrebatado pelas tempestades, acalentado pelas calmarias, sem saber em que logar o ar-

rebata a tempestade, ou o acalenta a calma.

E depois, para os marinheiros, uma maca dura e estreita, um alimento grosseiro, agua corrupta, o trabalho e as pancadas; para elles uma bateria escura, onde estão amontoados e privados de ar; entretanto que para o commandante ha uma camara vasta e commoda, o mais apurado luxo, as comidas mais exquisitas, de que os pobres marinheiros respiram com delicia e suavidade do aroma, comendo o biscouto e a carne salgada, em quanto os criados do seu superior transportam em rica baixella o seu jantar!

Não é preciso, repito, que estes homens, cuja força numerica está fora de toda a proporção com a força numerica dos officiaes que os commandam; não é preciso que para excusarem uma tal disparidade de existencia, para se resignarem á vida mais grosseira e trabalhosa, para arriscarem cem vezes a vida a uma palavra; não é preciso, digo, que estes homens tenham o mais profundo respeito a seus chefes, a mais inteira confiança em sua coragem e em seu saber; que tenham, emfim, a mais intima convicção da sua inferioridade e da superioridade d'elles, e que liguem á subordinação a idéa da sua conservação pessoal!

Esta convicção elles a tem instinctiva, porque o homem reconhece sempre involuntariamente a superioridade do espirito sobre o corpo; os marinheiros tem esta crença, porque reconhecem que não são mais do que o braço que executa, entretanto que o commandante é a cabeça que pensa e que concebe. Tem esta intima persuasão, eu o sei; mas por isso mesmo que a sua crença, na alta capacidade de seu chefe, impõe aos marinheiros uma tão profunda submissão, uma crença opposta, traria tambem terriveis resultados.

É justamente o que Pedro tinha comprehendido, porque temia que a tripulação, conhecendo a incapacidade do marquez, o designasse para o substituir; e Pedro, com as idéas invariaveis que tinha ácerca da disciplina, com os conhecimentos que possuia do coração do povo maritimo, sabia que este primeiro attentado aos direitos do chefe acarretaria necessariamente a ruina de todos os outros; porque o ataque contra a hierarchia militar é como um colar de que se tira a primeira perola, todas as outras correm e perdem-se.

Confio que os leitores me perdoarão esta longa e arida digressão; mas pareceo-me que

era ella necessaria para completa intelligencia do caracter de Pedro, que não é uma abstracção, porem um retrato psycologico, de que poderia citar vinte originaes.

Uma hora depois voltou Paulo de terra, onde tinha ido a serviço. Subio; mas, ao entrar no convez, tornou-se pallido, perturbou-se-lhe a vista, e foi obrigado a encostar-se á amurada.

Tinha visto Alice a bordo da Salamandra!

FIM DO 1.º VOLUME.

CATALOGO

De alguns Romances, ultimamente publicados, que se vendem na loja de Bordalo, rua Augusta N.° 195. Na mesma loja se alugam não só estas obras, como todos os mais Romances Portuguezes até hoje publicados, a 300 réis por mez, 800 réis por trimestre, deixando depositados 1:440 réis (menos as pessoas estabelecidas).

Gaiato do Terreiro do Paço, ou o Gil Braz Portuguez, 4 vol.	1:200
Adelina e Mauricio, ou o Casamento e o amor, 2 vol.	720
Moravia (A) Romance, 2 vol.	960
Assassino, ou a Torre e a Capella, 2 vol.	
Viagens na minha terra, por Garrett, 1 vol.	480
Uma Filha do Regente, por Alexandre Dumas, 3 vol.	960
Barba Azul, de Eugenio Sue, 3 vol.	1:200
Mathilde, de Eugenio Sue, 4 vol.	
Consuello, de Jorge Sande, 4 vol.	1:920
O Engeitado, de Pizarro, 1 vol.	600
Historia do Consulado e do Imperio, por Thiers, 3 vol.	
Mysterios de París, 8 vol.	3:840
Judeo Errante, 20 vol	2:400
Hercules (O) Preto, 1 vol.	300

Familia (A) Gogô, de P. de Kock, 4 vol. 960
Sñr. (O) Dupont, de P. de Kock, 4 vol. 960
De Dia para Dia, de Frederico Solié, 4 vol..... 1:200
Castellã Sanguinaria, ou a Vingança Mysteriosa, 2 vol. .....
Lea Amalia, Romance, 2 vol.....
Castello (O) das Colinas, ou as tres Irmãs, 3. vol..... 1:200
João, de Paulo de Kock, 4 vol..... 960
Um Joven Encantador, de P. de Kock, 4 vol..... 960
Luiza e Julia, Romance Historico, 2 vol.
Itanoko, ou o Negro como poucos brancos ha, 3 vol..... 1:200

A SALAMANDRA.

A SALAMANDRA

ROMANCE MARITIMO

DE

EUGENIO SUE,

TRADUZIDO POR * * *

VOLUME SEGUNDO.

LISBOA:

TYPOGRAPHIA DE O. R. FERREIRA E C.ª
LARGO DO CONTADOR-MOR, N.º 1 A.

1846.

A SALAMANDRA.

CAPITULO XXI.

> Cousa estranha! bella como era, e apesar de ter dezesete annos, não sabia se era clara ou trigueira, alta ou baixa: jámais tinha pensado na minima cousa que lhe pertencesse.
>
> BYRON. — *Don Juan.*

> Como! pois quizeste vir aborrecer-te em nossa companhia?
>
> KARC. C. — *Os Dous Irmãos.*

Os Passageiros.

É summamente agradavel poder dizer: — Aquelle coração é meu, porem só meu! porque antes de pertencer-me, jámais tinha batido, jámais o rubor tinha subido ás faces d'aquella moça, jámais seus olhos humidos se occultaram, jámais precisou evitar um pensamento importuno; jámais pensativa, tinha esquecido as horas, ou escondido a cabeça no seio de sua mãi.

Oh! estes corações, e estas virgens, só

se encontram, na verdade, nos harens ou nos conventos.

Com effeito, com os nossos costumes, e em a nossa París, a moça de dezoito annos, ainda a mais prudente e vigiada, a mais casta e virtuosa, a mais obediente a sua mãi, a mais despresadora de suas criadas, tem tido quantos e quantos amores!

De tres a cinco annos, amor de bonecas, amor de cada minuto, amor de cada noite, amor de cada dia: este é, sem comparação alguma, de todos elles o mais vivo. De cinco a dez annos, amor de maridinho a mulherzinha, amor que os pais toleram e animam, porque nada os diverte tanto como as scenas dos arrufos, de ternura e de ciume em miniatura. Aos doze annos, amor de discipula para com o mestre de desenho e de piano; a mãosinha alva e engraçada corre com tanto gosto sobre o teclado! faz deslisar-se o lapis com tanta elegancia sobre o papel! o professor é tão civil com a ama que assiste sempre ás lições!

Aos quinze annos, amor de visinhança, amor do estudante robusto e louro, que apparece córado na trapeira, no meio de chagas e campainhas. Dos dezeseis annos até aos dezoito é uma desordem completa! Oh!

então ha milhares de namoricos, infinitos pares de contradanças para cada inverno, louros, trigueiros, pallidos, córados, altos e baixos, basbaques ou estupidos. Isto faz tremer!

Bem sei que os amores castos não se trahem, nem mesmo pelo olhar; mas sim os amores *imaginarios e veniaes* como se costuma dizer; os amores que alteram prodigiosamente o viço das sensações, e a virgindade das emoções, delicada e impalpavel como o cotão de uma flor, ou de um fructo.

E admirai-vos depois d'isto de encontrar, debaixo da aza materna, moças de dezoito annos já corrompidas, astutas e sagazes, capazes de desesperar um santo, e que apenas tem, para corresponder á vossa paixão, se acaso a tendes, um amor fingido, porque o verdadeiro, o natural, gastou-se desde a boneca até á walsa.

E por isso, quanto o coração de Alice contrastava com esses corações prematuramente sediços! Ella tão pura e primitiva; ella que só tinha ido a um baile para jurar de lá não voltar; ella que, educada em um convento por uma amiga de sua mãi, tinha purificado seu coração em vez de o manchar; ella, finalmente, que só a Deos tinha

amado com nobre e sublime ternura toda de contemplação, toda mystica, que havia dado inconcebivel desenvolvimento á sua imaginação joven, ardente e casta. Comparado a este amor divino, o que poderia ser para ella um amor terrestre, commum e illicito? porque n'ella, como em todas as almas fortes, deviam ser extremos, crimes ou virtudes, porem nunca vicios.

Alice, como já sabe o leitor, tinha com pezar saído do convento; a idéa, porem, de uma viagem por mar, e a esperança de ver seu pai minoravam as suas saudades.

Chegando a bordo da Salamandra, examinou tudo com a sua curiosidade de moça, e achou em Paulo o mais zeloso e attento *cicerone*.

Com effeito, a timidez de Paulo não era essa timidez nescia, que é as mais das vezes a consciencia dos loucos, ou a que resulta de uma educação falsa e exaggerada.

O aspirante, pelo contrario, era excessivamente franco e sincero. Dizia tudo quanto lhe vinha á cabeça; e como seu pai tinha n'elle desenvolvido os mais nobres sentimentos, tudo o que dizia tinha o cunho de uma elevação d'idéas muito rara.

O amor que elle consagrava a Alice não

mudou a sua disposição natural para a franqueza, antes a augmentou. Para o seu coração puro o amor era, como a virtude, um sentimento de que devia gloriar-se; uma palavra que não devia pronunciar; mas era um facto que cumpria provar pelo respeito, e pela mais santa dedicação.

Por isso Alice vio Paulo, mas sem emoção; procurou-o, mas com tranquillidade; ouvia-o com prazer, mas era uma ventura e não um delirio.

E Paulo patenteava-lhe toda a sua alma, fallava de si com essa confiança ingenua, com essa necessidade de expandir-se alem do que sentia, que é um dos felizes privilegios de uma organisação nova e extremosa; nem por um momento lhe vinha ao pensamento que podesse ser importuno ou aborrecido, porque esta confidencia era, a seus olhos, um signal profundo de confiança e estima da sua parte. E julgava-a assim, porque ter-se-ía ensoberbecido de a inspirar.

E assim manifestava-lhe todas as suas esperanças, referia-lhe as suas campanhas e viagens com uma ingenuidade encantadora; fallava-lhe de sua pobre mãi, com as lagrimas nos olhos e o sorriso nos labios, porque a lembrança de seu pai vinha trans-

formar esta pungente magoa em doce melancholia.

Alice tambem ria e chorava, e a boa madame de Bléne dizia limpando os olhos:

— Vamos, meus filhos, fallemos em outra cousa.

E era então Alice que contava a sua vida, a sua infancia, e os seus gostos e desgostos: as suas saudades ao deixar a sua caritativa e santa existencia, a esperança de ver seu pai, e a sua incerteza no futuro.

Á palavra futuro electrisava-se Paulo. Predizia então o seu: ou morreria, ou seria almirante; teria gloriosos combates, feridas, e grande nomeada; e tudo isto para sua mulher, dizia elle córando.

— E essa mulher será bem feliz, e soberba de possuir-vos, dizia Alice: sois tão bom e tão generoso! amaes tanto vosso pai, senhor Paulo!

E algumas vezes era o marquez de Formon tão pouco capitão de fragata, mas tão bom homem; o benemerito tenente, e o velho Garnier, os que augmentavam o circulo; conversava-se, ria-se, o douctor atormentava o commissario, e o segundo tenente Merval prodigalisava a Alice os seus obsequios, porem Alice não lhe dava attenção.

Tudo ía ás mil maravilhas; Alice era venturosa, e todos os mais eram felizes. Havia porem muitos desejos de partir, mas era necessario esperar monsieur de Saffie, a cujas ordens tinha o governo posto a corveta para conduzi-lo a Smyrna.

CAPITULO XXII.

Vou contar-vos uma historia. — Silencio !
WALTER-SCOTT, — *Peveril du Pic.*

O Piloto Verde.

Tinham-se passado alguns dias depois da chegada de madame de Bléne abordo da Salamandra; era uma noite bella como todas as noites da Provença; apenas a lua estava coberta de uma côr avermelhada, e o calor tornou-se quasi subitamente abafador, pois a fraca viração, que conservava no ar alguma frescura, extinguio-se inteiramente, Então o mar tornou-se tranquillo, liso e brilhante como um espelho, em o qual se reflectia a côr singular da lua.

Bouquin gravemente sentado em uma peça, tendo a seus pés ou apinhados em redór de si os marinheiros de quarto, occupava-se em referir-lhes uma dessas historias maravilhosas que em todos os tempos suavisaram o aborrecimento do serviço.

Uns deitados de costas e com as mãos juntas, fechavam os olhos, como para melhor saborear o mel das historias de Bouquin.

Outros comprimiam-se junto delle, com os cotovellos nos joelhos, o pescoço estendido e os olhos arregalados, parecendo absorver as palavras na sua passagem.

Finalmente alguns delles, verdadeiros sybaritas, não se contentando com um só prazer, repartiam-se entre o caximbo e a narração, que durando havia algum tempo, tinha sido por um momento interrompida.

— Imaginai, meus filhos, dizia Bouquin mettendo n'algibeira a caixa de tabaco de mascar, depois de ter posto na bocca uma boa porção; imaginai pois que o Piloto Verde andava embarcado em um navio; mas que navio, meus rapazes! Os mastros de uma náo de tres pontos serviriam, quando muito, para pernos dos seus moitões. Emfim, façamos uma supposição: se tivesseis de subir ao seu mastro grande pelo lado d'estibordo, tornando a descer pelo de bombordo, subirieis moços, não é assim? pois bem, terieis voltado velhos, e já com cabellos brancos. Sim rapazes! eram precisos vinte cinco annos para subir, e outros vinte cinco annos para descer do tal mastro grande!

Aqui o auditorio manifestou a sua surpresa e admiração por uma escala ascendente de imprecações e blasfemias.

Bouquin sorrio-se, reforçou o tabaco que tinha na boca, e que lhe inchava a face, e proseguio:

— Nesse tempo, meus rapazes, cumpria ver o Piloto Verde, navegando com tempestades e furacões terriveis, capazes de pegar fogo no mar. Cobria-se de velas como nós nas calmarias. Porem que velas, rapazes! que velas! O Piloto Verde acommodaria no traquete uma esquadra de cem navios, e atando-lhe depois as pontas, como nós fazemos com um lenço de castanhas, levava-os na mão sem muito custo.

Nesse tempo pois o Piloto Verde perseguia a escunasinha que era pintada de branco e dourada, com velas azues claras, a qual fugia a bom fugir, batendo com o panno n'agua, quasi a soçobrar. Mas ah! o Piloto Verde avançava sempre sondando o fundo, porque o oceano não o tinha sufficiente para a sua quilha. Avançava elle, como vos dizia, meus rapazes, sondando o fundo com um croque. Vós julgareis que tal elle seria! O mais bonito é que a pobre escunasinha não estava a dous tiros de peça do Piloto Verde, quando.... adevinhai o que faria a velhaquinha?... Pôz-se á capa!

— Isso é mentira, disse um.

— Ah patife! cachorro! disse outro, exasperado com o disparate da escuna, e levantando-se furioso.

— Por fim de contas, ficou logrado, ha-de ter o pago que merece, disse um terceiro menos enthusiasta.

— Então lá vai outra, disse Bouquin mettendo mais tabaco na boca. Eis que o Piloto se approxima o mais possivel, para lançar sobre a pobre escuna um anzol dez mil vezes maior que a ancora de uma nau de tres pontes.

— Oh meu Deos! disse um.

— Ah! sim! queria pescar a escuna á linha, como se pesca uma sardinha.

— Esse Piloto Verde era um maldicto, um jacaré, um Parisiense! disse um.

— Silencio! exclamou o auditorio.

— Então, meus rapazes, approximou-se elle um ponco mais. E deveis notar que todas as velas do Piloto Verde estavam ferradas, e que elle sondava o fundo, porque havia apenas uma tempestade ordinaria, e o vento não era sufficiente nem para fazer oscillar as velas. Ora muito bem! de repente o Piloto Verde começou a correr, dous, tres, cinco, dez, quinze, e vinte nós, em arvore secca!

Neste lugar o espanto e a admiração chegando ao seu auge, manifestaram-se por olhares embasbacados, e varios gestos expressivos.

— Agora, meus rapazes, vamos ao mais engraçado! proseguio Bouquin, satisfeitissimo do effeito que produzia, vamos ao mais engraçado, e julgareis da alegria da escunazinha. Ei-la que iça bandeiras em todos os mastros em signal de triumpho; porem, meus rapazes, as bandeiras eram chammas de todas as côres, que giravam em todas as direcções de maneira soberba. Mas ainda isso não é tudo, meus rapazes. No seu convéz que era de prata, havia peças de ouro que formosissimas mulheres vestidas apenas para o pudor, carregavam de perfumes deliciosos á maneira de polvora. E em lugar do estrondo dos diabos que fazem as nossas peças de 36 quando vomitam, os canhões de ouro da escunasinha, produziam quando disparavam, uma soberba musica; o fumo embalsamava o ar, e o fogo dos tiros, era doce e fresco como o que nos vem das laranjeiras que acolá vemos

— Deos poderoso! disse um sybarita, quereria ser chefe de peça n'essa tripulação de mulheres bonitas. Todas as noites poria

duas a ferros na minha macca, por causa da disciplina ou de alguma falta, se bem que não as mortificaria muito com o serviço! oh! isso não!

— Morde essa lingua, Poirot! gritou o auditorio.

— E via-se sempre ao longe, proseguio Bouquin, o patife do Piloto Verde, que continuava a correr mau grado seu.

— Então como é isso?

— Eu vo-lo digo, meus rapazes; já vos fiz ver que a escunasinha tinha todas as ferragens de ouro puro.

— De ouro massiço?

— Certamente, de ouro massiço: ahi é que está a virtude; e não havia a bordo da escunasinha nem um alfinete, nem uma agulha que fosse de ferro.

— E então os alfaiates?

— Oh animal! pois não te disseram já que a sua equipagem de mulheres lindissimas estava sómente vestida quanto era necessario ao pudor! respondeo Poirot, a quem esta circumstancia tinha singularmente tocado.

— Ora, meus rapazes, continuou Bouquin, que se arranjava perfeitamente com estas interrupções, porque lhe davam occa-

sião de fazer frequentes viagens á caixa de fumo; o Piloto Verde, meus rapazes, estava cheio de ferro, e a escunasinha, que era boa maritima, sabia que pela altura de 306° grau de latitude norte, ha uma montanha de iman, de seis mil leguas de circumferencia.

— Ora essa! disse um, com bem pronunciado accento d'incredulidade.

— Sempre és bem patife! Se isto não é assim, de que servem as nossas bussolas, que, sendo de aço puro, voltam sempre para o norte?

Um enorme socco, junto a esta rasão irrefragavel, fechou a bocca do sceptico, com grande satisfação do auditorio, que o apupou.

— Ora, meus rapazes, se os navegantes não tem a precaução de evitar a montanha d'iman, ou de ter todas as ferragens de ouro, o que muito embaraçaria os donos de navios e os governos pela sua carestia; se, como vos digo, não tem elles a precaução de a evitar, logo que se acham na distancia de duzentas e sessenta e tres leguas e um quarto, nem mais nem menos; os navios começam a correr, porem mais depressa do que este nosso, em linha recta á montanha d'iman; e apenas estão a sete leguas de distancia, saltam fóra d'agua, como pei-

xes voadores, e vão pregar-se na montanha, como os alfinetes em uma almofada. E como o iman não tem acção sobre o ouro, os que estão com elle apparelhados zombam d'ella menos mal! Eis a rasão porque o Piloto Verde corria tanto, e a escunasinha ficava sempre no mesmo logar. Desgraçadamente porem para a escuna, eis que sáe do fundo do mar...

N'este logar da sua historia deo Bouquin um agudo grito:

— Santo nome de Deos! disse elle, levando a mão com vivacidade á coixa esquerda; filhos, alguma cousa vai succeder nos ares!

— Que é isso? Será acaso o Piloto Verde que vos chamou á falla para vos dizer isso ao ouvido?

— Não, meus rapazes! é a minha coixa que me serve de barometro! Desde a minha ultima ferida sei com antecipação o tempo, e posso vaticinar-vos alguma cousa seria para d'aqui a pouco! Oh! outra vez! Vamos, vamos! levantai-vos, rapazes, levantai-vos! Basta de historias! Agora tracta-se de vigiar a tormenta, e a que se está arranjando hade ser famosa!

— É verdade! que côr singular tem a lua!

E Bouquin, sem responder, desceo rapidamente á camara do commandante, onde se achavam reunidos o estado-maior, e os passageiros.

— Minhas senhoras! disse Pedro, depois de espiar por uma das janellas; não ha perigo algum, porem por prudencia não saiam da camara.

Depois, tendo feito signal ao commandante que ficasse com as passageiras:

— Vamos, meus senhores, subamos ao convez a ver o que ha de novo; eu já volto a receber as vossas ordens, commandante, e dar-vos conta do que ha.

As senhoras ficaram na camara com o commissario, o douctor, e o commandante, e Pedro com os officiaes subiram ao convez. E era tempo!

CAPITULO XXIII.

Chegas com um tempo infernal, Etrick.
BURKE.

O Tufão.

Quando o tenente chegou ao convez, já o apito de mestre La Joie tinha reunido a tripulação.

O calor era pesado e insupportavel, ouvia-se trovejar, não estrondosamente, mas com um ruido surdo, igual e prolongado, como o rufar de um tambor coberto de luto.

A côr da lua tornou-se cada vez mais opaca, até desapparecer sobre uma especie de vapor arrôxado, que, estendendo-se pelo céo com rapidez, cobrio-a de uma meia-tinta embaciada, e deo um reflexo pallido e avermelhado a todos os objectos.

As ondas, que, apesar da calmaria, se estendiam pesadamente pela praia, despediam uma tal quantidade de clarões phosphoricos, que pareciam cobrir com uma escuma de fogo os negros rochedos da costa, os quaes conservavam em suas cavidades os traços reluzentes da passagem das vagas.

Os peixes vinham á superficie d'agua, resvalavam sobre ella, cruzavam-se e fugiam, deixando no mar tranquillo e liso longos sulcos chammejantes, que resplandeciam formando circulos, linhas e losangos rapidos e deslumbrantes.

Um forte cheiro de bitume espalhou-se repentinamente na atmosphera, já impregnada de fluido electrico, e n'ella soltou em abundancia miasmas sulfuricos, que crepitavam como as bolas de ar no fundo d'agua.

Um pallido relampago sulcou o céo, e um violento trovão retumbou por cima da corveta.

— A postos, senhores officiaes! gritou o tenente. Mestre, vêde se estão promptas as correntes do guarda-raio, que são de grande importancia actualmente. Receio que tenhamos alguma tromba d'ar, algum tufão, disse elle a Merval. Oh! antes quereria pôrme á capa! Mas não ha viração, e assim prefiro ouvir soar a carvalheira.

— Merval, disse o tenente, tomai sentido que...

N'este logar foi Pedro interrompido por um violento trovão, acompanhado de um relampago luminoso e ardente, que pareceo inflammar a electricidade, desde longo tem-

po acumulada e condensada em redor da Salamandra.

Em um momento o alto dos mastros, a parte das vergas que lhe fica contigua, as amarras de ferro nos escovens, e finalmente tudo aquillo que offerecia a minima superficie de ferro, cobrio-se de uma chamma azulada, ligeira, e rapida, que, sem se fixar, volteava nas trevas.

— É o fogo de Sant'Elmo, disse o tenente. Sentido com o prumo, que o tempo torna-se escurissimo.

Com effeito o ar estava de tal fórma espesso e denso, a obscuridade era tão completa, que não se viam uns aos outros.

— Accendam as lanternas! gritou Pedro.

Mas apenas foi dada esta ordem, que uma columna de fogo veio sobre a corveta com a rapidez do raio, e com espantosa detonação.

O choque foi terrivel: a Salamandra inclinou-se com a força do vento, e quando tornou a endireitar-se caío um tufão sobre ella com tanta violencia que parecia enterra-la no mar.

Os balanços erão soffreados e terriveis; o fluido electrico sulcava o convez em todos os sentidos, as peças pareciam inflammadas, e

o navio estava como cercado de uma aureola de fogo; os mastros e as vergas pareciam como os conductores de uma immensa machina, que iam receber nas nuvens o estrondo e as chammas.

Ás terriveis detonações juntava-se uma vibração metallica e penetrante; e esta massa ignea parecia tanto mais resplandecente, quanto eram profundas as trevas que cercavam o mar e a costa.

N'um momento vio-se, á claridade funebre que rodeava a Salamandra, um escaler que fazia força de remos para chegar á corveta.

Apenas porem foi visto um momento, porque o terrivel phenomeno só durou dous minutos; a nuvem electrica passou rapidamente, e deixou o ancoradouro na mais completa escuridade.

Nem uma unica palavra tinha sido ainda pronunciada a bordo, que o não tinha permittido a violencia da surpreza, quando foi interrompido este silencio pelas seguintes palavras:

— Oh da Salamandra! Oh!...

— Quem vem lá? perguntou o tenente.

— Official... embarcação do porto.

— Atraque, respondeo elle. E dirigindo-

se a La Joie: — Então, mestre, o tufão ensurdeceo-vos? não ouvis? É um official... vamos, vamos, ao portaló!

Com effeito La Joie, assim como o resto da equipagem, tinha ficado por um momento paralisado, por um incidente tão pouco esperado. Pouco a pouco, porem, voltou a tranquillidade; penduraram-se duas lanternas na bateria. O apito do mestre fez-se ouvir, e Merval adiantou-se para o portaló, afim de receber o individuo que chegava com tão máo tempo.

O tenente tinha descido á camara do commandante, a quem achou deitado em seu sophá, com a cabeça debaixo dos travesseiros, e em estado que fazia compaixão.

Merval não esperou muito; o estrangeiro appareceo, e lhe disse: — Senhor, sou eu o passageiro por quem esperam: poderei fallar ao vosso commandante, e tereis a bondade de acommodar a bordo o meu criado grave, e as mais pessoas de meu serviço que se acham n'esta lancha?

— Vou dar as ordens necessarias para esse fim, senhor. Fostes muito feliz em escapar á tormenta, que tomou outra direcção.

— Foi com effeito uma felicidade; mas

tende a bondade de conduzir-me á presença do commandante.

Merval pedio a Paulo que acompanhasse o estrangeiro á camara do marquez.

Era impossivel ver as feições de monsieur de Saffie, porque um grande capote preto, ensopado em agua do mar, o envolvia quasi inteiramente; via-se sómente que era de elevada estatura.

Apenas tinha o estrangeiro descido á camara, appareceo Pedro no convez. — Finalmente, disse elle a Merval, chegou o nosso passageiro; e se houver vento saíremos d'este porto infernal. — Mandai descarregar esta lancha.

— Encarregarei d'isso vosso filho, disse o segundo tenente um pouco agastado.

— Sem duvida quereis fallar do aspirante de serviço, respondeo friamente Pedro, que, segundo o seu costume e rigorismo, isolava sempre os laços de familia da subordinação e hierarchia militar.

— Se faltou ao serviço, puni-o, senhor de Merval, porque sois seu superior.

E o bom do tenente voltou-lhe as costas.

Paulo tinha descido para tranquillisar Alice e Madame de Bléne, a quem este acontecimento havia excessivamente assustado, e

que estavam em terrivel inquietação, apesar dos protestos do velho douctor.

Uma hora depois subio o marquez ao convez. — Ah! ao menos aqui respira-se, disse elle, e eu bem precisava respirar. — Ora pois, tenente! saímos amanhã de manhã: o nosso passageiro assim o exige.

— Oh! assim será, se elle tiver o poder de ordenar ao vento que mude para o norueste.

— Hade ser se o vento o permittir, meu amigo; isso está entendido.

— Alem de que, póde ser; o tempo está limpando, caem algumas pingas de chuva, e bem podiamos ter norueste.

— Tanto melhor. Já vistes o passageiro?

— Não, commandante.

— Não é muito fallador; perguntou-me qual era o seu aposento, mandou vir o seu creado grave, fez-me uma cortezia e retirou-se.

— Que figura tem elle?

— Muito boa: tem um modo um pouco altivo; é uma d'essas caras que... emfim, falta-lhe o que se chama maneiras de bom moço.

— Á fé, commandante, que pouco me importa isso; o que mais me interessa é que me dispenseis por toda esta noite.

— E para que, tenente? Tenho uma tremenda vontade de dormir.

— Póde ser; mas não dormireis senão depois de ter apprendido e recitado a manobra que mandareis talvez amanhã: é impossivel que vos recuseis a isso.

— Direi que estou doente.

— Com o velho Garnier é impossivel; provar-vos-ía que mentis.

— Porem...

— Aqui não ha porens, commandante; assim hade ser. — O meu posto é na prôa; cumpre que lá esteja. — Logo que se levantar o ferro virei procurar-vos.

— Sim, sim, como quizerdes, disse o bom Longetour, suspirando e dizendo comsigo mesmo; — Este tenente do diabo é outra Isabel.

Os marinheiros, deitados nas baterias, vendo vellas accesas na camara do commandante, diziam: — Este velho é um damnado; é capaz de enlouquecer o tenente sobre a theoria, para ver se está forte nas manobras.

— E quem diria, ao ve-lo com o seu casacão forrado, e o seu boné de pelle de lontra?

— Emfim, uma casca de nós não é um

navio, como costuma dizer-se, e demais, vamos ve-lo *trabalhar;* pois dizem que amanhã nos vamos embora.

—Tanto melhor, pois aqui já estou começando a alquebrar.

E d'ahi a pouco, á excepção dos marinheiros de quarto, estava a tripulação da Salamandra abysmada em pesado e profundo somno.

CAPITULO XXIV.

> Como! pois quiseste vir aborrecer-te em nossa companhia?
>
> MARC C. * * * — *Os Dois Irmãos.*

Miseria.

O passeio que na manhã seguinte, dava o segundo tenente Merval da prôa até á pôpa, e desta até a prôa da corveta, foi interrompido por alguns gritos agudos que partiram do gurupés.

— Que é isto? perguntou o segundo tenente.

— Nada, senhor. Estão-se *divertindo* com Miseria, porque o torpe rato talvez sahisse do porão.

— Ah!... disse o segundo tenente; e continuou o seu passeio, depois de recommendar que se *divertissem* com menos estrondo.

O porão de um navio é a parte mais funda da embarcação; e em toda a sua extensão dividido e subdividido em muitas cavidades, nas quaes se guardam a polvora, os cabos, o vinho, biscouto, etc; é finalmente um immenso armasem, onde se vai constante-

mente tirar alguma cousa; é a cidade subterranea, que alimenta a cidade superior.

Cidade povoada por um povo á parte; porque a gente que a habita, e que só rarissimas vezes apparece no convéz, está votada aos mais peniveis trabalhos, e arrasta a existencia no meio d'essas trévas eternas.

Mas, por isso mesmo, tanto em terra como no mar, tem-se sempre attribuido um poder sobrenatural, aos individos que vivem em isolâmento; em terra são os eremitas e os pastores os que gosam da faculdade advinhatoria; no mar são os homens do porão.

— Póde alguem saber o futuro?

Sabe-o o fiel de um porão.

— Perdeo-se alguma cousa?

Dirijam-se a elle; já como adepto da sciencia do futuro, já como habillissimo, segundo os espiritos fortes, em conhecer os lugares de sonegamento, sempre multiplicadissimos nas profundidades do porão.

— Finalmente, vem algum singular presagio meteorologico surprehender os marinheiros?

Pede-se a sua explicação ao fiel do porão, que na phrase maritima, não está subjeito a iufluencia alguma estranha, porque, não vendo nunca o céo, e não conhecendo o

tempo, deve ter em seus vaticinios, a maior sinceridade.

A *cova dos leões*, parte reservada do porão, é ordinariamente a habitação, o camarim, e o cenaculo do fiel do porão.

Assim era a bordo da Salamandra; e o fiel Buyk estava de tal fórma preso á sua cova, e tinha tão poucos dezejos de gosar do ar exterior, e da vista da natureza, que quando a corveta virou de crena, em vez de ir para terra, pedio licença para ficar em uma presiganga durante o concerto, e voltou apressadamente a tomar posse da cova, logo que a corveta sahio do dique.

Ora, Buyk, aliás adevinhador habillissimo, e muito estimado a bordo, participava quanto ao moral, da fria dureza do soalho de ferro que cobria o seu pavimento.

Observemos.

Sobre uma caixa bastantemente baixa, um homem acocorado, sustentava a cabeça nas mãos. Era Buyk.

Todo o seu vestuario compunha-se de uma calça de panno escuro, mas segundo o seu costume não usava de camisa, por causa do calor suffocante, que reina constantemente n'esse espaço estreito e quasi privado de ar e de claridade.

Parecia de mediana estatura; magro, porem de musculos maravilhosamente desenvolvidos. A luz da lanterna que alumiava a cova, apenas lançava um clarão duvidoso e avermelhado.

Levantou a cabeça. Tinha os cabellos grisalhos e raros, os olhos cavados e embaciados, as maçãs do rosto salientes; e por desmazelo trazia as barbas crescidas.

— Miseria! gritou elle com voz forte.

Ninguem respondeo.

— Miseria! Miseria!

Silencio.

— Miseria! Miseria! Miseria!

Á terceira vez, uma voz fraca e affastada, respondeo com acento de terror:

— Aqui estou, aqui estou,... Aqui estou....

E a voz approximava-se repetindo sempre:

— Aqui estou! aqui estou!

Porfim, um rapaz de sete annos saltou de um pulo na cova. Era Miseria.

Buyk conservava-se sentado, e fez-lhe com a mão certo signal.

Miseria sentio um ligeiro estremecimento correr-lhe por todo o corpo, indo tomar em um canto da porta uma especie de disciplinas, feitas de pedaços de corda, com os nós appertadissimos, as quaes apresentou a Buyk.

Pôz-se depois de joelhos, e offereceo as costas.

Fazia compaixão o seu pobre corpo, magro, fraco e doente, amarello e sem côr.

Buyk disse-lhe:

— Chamei-te tres vezes e não vieste.

E quatro pancadas fortemente applicadas zurziram o rapaz, que não deo um grito nem uma queixa; levantou-se, pegou nas disciplinas, limpou com ellas os olhos sem que elle o visse, pendurou-as no prégo e voltou a collocar-se em pé diante delle.

— Agora has-de dizerme porque tardaste tanto?

— Estavam-me dando pancadas lá em cima.

— Mentes! estavas brincando.

— Brincar, ?.... eu brincar! oh meu Deos! eu brincar! Quem quereria brincar comigo? disse o triste e misero rapaz com indefinivel expressão de amargura.

Os outros grumetes dão-me pancadas quando lhes fallo; tomam-me o meu pão, e chamam-me rato do porão. Agora mesmo deram-me lá em cima, pois dizem que dez chicotadas em um grumete, trazem bom vento!

Oh! com razão me chamaes *Miseria!*

accrescentou elle suspirando, porque não ousava chorar, e todo o seu corpo pisado e asulado tremia como varas verdes; o calor suffocava e elle tinha frio.

— Que tal está o tempo?

— Desde hontem, vento do norueste.

— E contiuua a ventar norueste? perguntou Buyk com voz atroadora.

— Sim, disse o rapaz cheio de medo.

— Venta do norueste? repetiu Buyk pensativo.

— Sim.

— Quem te falla? E estas tres palavras foram acompanhadas de uma botefada.

Buyk cahio em profunda meditação, que só interrompeo para fazer algumas figuras e signaes, com pedrinhas, pedaços de cabo e com a sua faca.

O rapaz não se movia, e immovel retinha a respiração, temendo provocar novas pancadas.

Na verdade, Miseria era bem digno de lastima. O desgraçado havia sido recebido a a bordo por caridade; sua mãe tinha fallecido no hospital, e Buyk, tendo-o por assim dizer adoptado, tinha-o feito seu criado, e fazia-lhe pagar bem caro o pão que o pobre rapaz nem sempre comia! Final-

mente, Miseria era tão magro e doente, que para a sua existencia, era-lhe indispensavel o ar, e o calor do sol; os brincos de creança, estrondosos e animados; uma boa vida alegre e indolente, e finalmente o repouso e o somno. E elle pelo contrario, sahia do porão o menos possivel, com médo dos outros grumetes que o perseguiam, atormentavam e espancavam. E por isso, o unico praser do misero, era de noite, em quanto Buyk dormia, resvalar no convéz como uma cobra, trepar á borda do navio, e saltar pelas mezas.

Então seu pobre rosto enfermo expandia-se, reanimado pelo ar saudavel do mar; experimentava então uma felicidade de creança, em ver saltar as ondas, borbulhar, e quebrarem-se na prôa do navio, innundando-o de phosphorica claridade; em contemplar as estrellas que brilhavam no céo, ouvir o ruido do mar, e estar uma hora sem ser espancado.

Mas eram curtos e raros estes momentos de vivo praser, pois receiava não responder logo á vóz terrivel de Buyk; e por isso as fracas ideas do infeliz transtornavam-se por alguns momentos. Então pallido e livido, com medonho sorriso nos labios, e dilatando

os olhos de maneira horrivel, dizia com a sua fallinha aguda e penetrante:

— O rato do porão tem bons dentes, e com elles hade roer a nóz.

E pronunciando estas inintelligiveis palavras, voltava-se sobre si mesmo com espantosa rapidez; até que exhausto de forças, cahia em um somno lethargico.

Era sempre por elle que Buyk, mandava chamar Bouquin; o que teve lugar nesta occasião.

O grumete subio á bateria suspirando, porque já previa o que o esperava.

Com effeito, apenas appareceo principiaram os gritos do costume acompanhados de pancadas.

— Ah! estás ahi, rato do porão! Toma lá, rato, gritava um.

É este patife quem come os cabos, e bebe o alcatrão, dizia outro.

— Toma, Miseria, guarda lá isto no paiol dos soccos!

— Vamos ao rato! vamos ao rato!

E todos os marinheiros, com especialidade os grumetes, bradando e batendo com os pés, correram atraz de Miseria, que parecia resvalar como uma cobra por meio das peças; tal era a agilidade que o medo lhe dava!

Por fim trepou ao convéz, afim de chamar Bouquin. Nova desgraça! Bouquin estava conversando a ré com o tenente; e elle sabia a quanto se expunha, se pusesse pé n'esta parte do convéz reservada aos officiaes.

Finalmente quiz a fortuna que Bouquin acabasse de conversar.

— Buyk vos chama, Bouquin, disse o grumete.

Ah! és tu, torpe rato! Já lá vou. Vae dar-lhe a resposta, e aguenta lá....

E Bouquin, acompanhou o recado de um tremendo pontapé, como para não perder o costume contrahido com Miseria, e desceo logo á cova dos leões dizendo: — Que diabo me quererá este velho feiticeiro? Este sujeito póde gabar-se de ser um famoso philosopho!

CAPITULO XXV.

Consultei por tres vezes mademoiselle Lenormand. É uma louca, mas diz cousas extraordinarias e admiraveis.

O Imperador Alexandre.

Vaticinios.

— Então, velho jacaré, queres tagarellar com um ancião? disse Bouquin, entrando com precaução no reducto de Buyk. Mas, Santo Nome de Deos! accrescentou Bouquin, está tão escura a tua casinha, que se aqui se fizesse a distribuição do vinho, não se saberia quem bebia duas ou quatro garrafas. Mas, já que fallas em beber, *arria* aqui uma caneca de qualquer cousa; pois tenho uma tosse secca, que me disse o douctor precisava ser tractada; e bem sabes que não é por meu interesse, mas por interesse d'elle que te peço de beber; porque, primeiro que tudo, cumpre adoçar o meu estomago enfermo, e isso fará honra ao douctor.

E, para provar a sua enfermidade, fez Bouquin tremer e resoar a Salamandra com o som atroador de seus vastos polmões.

Buyk, absorto em seus calculos, não res-

pondeo a Bouquin; mas, estendendo o braço, pôz ao pé do seu amigo um glorioso cangirão de vinho.

Este *silencio* era muito do agrado de Bouquin para que se lembrasse de interrompelo; e então não se ouvio mais que um ruido surdo e compassado, como de uma fonte que corre, prova da sollicitude de Bouquin em pôr a coberto a responsabilidade medical do velho Garnier.

Quando Bouquin tinha quasi esgotado o cangirão, dirigio-se a Buyk:

— Então, velho! que diabo me queres tu?

— Escuta, Bouquin, disse o outro com imperturbavel seriedade. Ainda não tirámos o horoscopo do novo commandante, e devemos faze-lo, porque vamos talvez hoje dar á vela.

— É justo, disse Bouquin, depois de beber de novo, e fazendo estallar a lingua contra o paladar.

— Mandei-te chamar, Bouquin, para tomar informações d'elle. Vamos, eu te escuto; procura lembrar-te qual era o vento quando elle veio para bordo.

— Era uma brisa de sudueste capaz de arrancar pinheiros.

— Continua, disse o fiel do porão.

— É um homem alto como o mastro da mesena, que usa de çapatos de ourelo, sobrecasaca côr de mel, e boné de pello, como o do porteiro do arsenal.

— E vem... d'essa maneira para o convez da Salamandra! para o convez de uma valente corveta de guerra! disse Buyk exasperado.

— Quanto a isso, Buyk, penso como tu, que é humiliação para a corveta e para a tripulação, que não está acostumada ás sobrecasacas côr de mel.

— É um navio perdido, disse Buyk.

— Tu o julgas?

— E que diz a isso o tenente!

— Essa é boa! desespera-se; e tanto mais que o burro velho não é nada commodo, e gosta de dar a sua dentada. Sim! não é nada commodo. apesar dos seus çapatos de ourelo: verás como elle baralha tudo com o seu bom modo. Ouvi outro dia dizer ao tenente em voz alta, como para que todos o ouvissem, que o commandante era um bom e excellente maritimo, mas que o não parecia. E na verdade parece-se bem com o tio do defunto Jeronymo, que dá agua benta na porta de S. Luiz. Se o visses chegar a bordo dirias que era um d'estes campo-

nezes que vem ao porto ver os navios, e que nos fazem um montão de perguntas asnaticas. Todavia é um damnado, um casca grossa; é preciso não brincar com elle.

— Como se chama?

— E demais a mais é fidalgo, é um reintegrado, o marquez de Longetour.

— Então o nome d'elle começa por um L, e veio para bordo com vento sudueste?...

— Em uma sexta feira.

— Uma sexta feira.

— E em vez de ir primeiro para o lado da pôpa, foi immediatamente para a parte da prôa!

— Diabo!...

— E quando se içou a bandeira, a driça deo tres nós.

— Oh!

— E foi treze dias antes da tromba, por occasião da qual chegou o passageiro que levamos a Smyrna... Tu sabes, aquelle bello homem, de maneiras arrogantes?

— E sete dias depois que foi assassinado o pobre Jeronymo por aquelles patifes papa-azeites.

— Sete dias...

— Oh! já me esquecia: no mesmo dia

em que o senhor Paulo caío na escotilha do porão, com risco de vida.

A estas palavras Buyk deo sobre a caixa um pulo furioso.

— Basta! basta! exclamou elle; basta, Bouquin! Pobre corveta! pobre Salamandra! Olha, Bouquin, esse marquez é a morte da corveta; e dizendo da corveta, digo do senhor Paulo, porque um não póde viver sem a outra, e porque o senhor Paulo nasceo no dia em que a corveta foi lançada ao mar. Sim! é a morte do misero senhor Paulo, que, como te tenho dito um cento de vezes, é o seu anjo da guarda. Oh! pobre Salamandra! disse tristemente Buyk; e eu que te vi correr do estaleiro; eu que corri comtigo, pois já estava installado na minha cova de leões! Não os conservarás por muito tempo.

— Estás patinhando n'agua, marinheiro!

— Estou patinhando! disse severamente Buyk. Estou patinhando!... Foi ou não verdade, quando, antes do combate da corveta com a fragata ingleza, vos tinha eu vaticinado que se a Salamandra tivesse avaria grossa, o senhor Paulo teria tambem alguma, ou antes teria a mesma! Muito bem! e qual foi a avaria grossa da Salamandra?

— Foi nas obras vivas; no costado de

bombordo, por baixo da nona portinhola. Vejo-o como se lá estivesse, e mesmo julguei que íamos ficar de molho.

— Ora bem! e não foi no costado de bombordo, quero dizer, do lado esquerdo que foi ferido o senhor Paulo? Não queres acreditar, teimoso, que aquillo que succeder a um deve sempre succeder ao outro, e que o teu marquez hade ser causa da perda de ambos! Mas ainda ha uma cousa a fazer, uma unica...

— Qual é, marinheiro?

— Atirar o commandante pela borda fóra, ver se elle póde acostumar-se a viver com os peixes, e se as barbatanas o ajudarão a navegar!

— Essa idéa não é de desprezar; mas não vês, meu velho, que ha lá em cima alguma cousa que incommoda?

— A providencia?

— Que asneira! nada! o tenente, que nos faria cosinhar a cabeça em môlho de cartuxos, para dar um delicioso jantar aos tubarões.

— E pois, Buyk, o que tiver de ser hade ser, como dizia aquelle Ottomano com quem bebi em Alexandria, apesar da sua... da sua...

— Da sua religião, queres tu dizer?

— Sim, sim, da sua religião, que elle não enterrava mal. E hasde confessar, Buyk, que a religião Ottomana é optima para acostumar noviços ao fogo. Dizem-lhes: — Se tiverdes de ser feridos, vós o sereis. Em frente, e guardar cabeças! — Eu, cá por mim, sou da opinião do Ottomano, porque é clarissima. Se tivermos de deixar aqui os ossos, aqui ficarão, senão... Quanto a dar o banho no commandante, sem o prevenir, é brincadeira em que me não metto, e mesmo aconselho-te que o não digas muito alto, porque me lembro que ha cabos a bordo, e creio que ainda tens a pelle do lombo. Porem ouço o apito do velho La Joie. Espera, que haverá de novo? A gente toda ao convez... Vamos talvez suspender. Até logo, velho: obrigado pela buena-dicha.

E deixou Buyk combinando de novo as informações que acabava de receber.

Com effeito, ouvia-se a bordo o rumor confuso, e a agitação que reina em um navio qnando a tripulação se apressa a subir ao convez para alguma manobra importante.

CAPITULO XXVI.

Perfice gressus meos semitis tuis.

PSALMO 16.

A Manobra.

Como tinha previsto o tenente, depois do tufão soprou brisa do norueste. Fizeram-se todos os preparativos para suspender, e quando Bouquin appareceo no convez já ahi se achava formada a tripulação; os gageiros estavam nos cestos; o segundo tenente Merval, e Paulo junto do cabrestante, e esperava-se unicamente por Pedro e o commandante. O velho Garnier, o commissario e os dous segundos tenentes estavam occupadissimos com o recem-chegado, monsieur de Saffie.

— Viste-lo, douctor? perguntou o commissario.

— Sim, um instante, esta manhã.

— Que qualidade de homem é?

— É um gigante, disse o novo official, — um antigo segundo tenente chamado Bidaud, — um colosso, de maneiras arrogantes; e depois... tem um olhar... um olhar malicioso.

— Se tem os olhos pardos, como Bonaparte, hade ser bonito.

— É horrendo, interrompeo Merval, que veio tomar parte na conversa. Eu tambem o vi um momento, tem um porte magestoso, uma mão de mulher, e... Mas não gosto d'aquella cara; o seu modo é inepto e presumido.

— Não, replicou o douctor; antes tem maneiras aborrecidas.

— E bem poderia dizer-se um pouco duras, um pouco ruins. E comtudo, algumas vezes parece excellente moço. Verbi gratia, não é conversador; e, alem d'isso, quando falla... não sei, mas parece que está zombando.

— Ora, adeos! disse Garnier.

— É como acabo de dizer. Trouxe-o de Toulon aqui, douctor. Pois bem! quando elle me dizia: isto é preto, eu respondia: sim, é preto, porque me parecia preto; e quando me dizia: isto é branco, e tambem me parecia branco... ainda que o preto me tivisse parecido preto... e que o branco...

— Ora bem! disse o douctor, interrompendo o senhor Bidaud, não sei se é por causa do preto, mas o que estais ahi dizendo parece-me escurissimo. Com o seu bran-

co e preto julgar-se-ía que o velho é algum pardo. Entendeis, Merval?

— Eu nada.

— É alguma charada, senhor Bidaud? Então venha a palavra! venha a palavra! exclamou o douctor.

Felizmente, para o pobre Bidaud, o commandante e Pedro chegaram ao convez. O commandante, pregado e comprimido em seu uniforme, pallido, abatido, com os olhos languidos, e em estado que fazia compaixão; e o tenente, que lhe disse, depois de o ter saudado militarmente:

— Commandante, vou cumprir as vossas ordens.

E Pedro dirigio-se á prôa da corveta, e mandou virar ao cabrestante, afim de pôr a Salamandra a pique sobre as amarras, deixando o marquez sósinho com o porta-voz, o qual elle voltava em todos os sentidos.

Parecia ao misero commandante que os olhos da tripulação estavam pregados sobre elle; os cabellos se lhe arripiavam, tremiam-lhe as orelhas, e mandava mentalmente Isabel a todas as legiões de demonios que povoam o inferno.

A voz do tenente fez-se ouvir.

Voz cem vezes mais terrivel aos ouvidos

do marquez, que todas as trombetas do ultimo juizo.

— Commandante, estamos a pique d'estai, bradou Pedro.

O marquez teria desejado abysmar-se no mar; o miseravel já se não recordava d'uma unica palavra da lição que Pedro lhe havia dado e repetido vinte vezes durante a noite.

— Commandante, repetio Pedro, estamos a pique.

— Oh! de véras? muito bem!...

— Então, commandante? perguntou Pedro.

— Muito bem!... E o desgraçado marquez torcia o porta-voz; suava em bica. Via tudo voltear em redor de si. Porfim respondeo com esforço:

— Muito bem! vamos embora.

— Que ordenaes, commandante? disse o outro.

— Sim, partamos, partamos!

Pedro nada entendia, e bradou outra vez:

— Mas nós estamos a pique, commandante. Não largâmos as gaveas?

Esta interrogação foi um raio de luz para o commandante, que começou a gritar com todas as suas forças:

— Sim, certamente, já.

O desgraçado de nada se lembrava, disse comsigo Pedro. E approximando-se do commandante, disse-lhe baixinho:

— Vós nem ao menos tendes memoria; é uma vergonha. Entregai-me já o porta-voz!... A corveta vai *garrando.*

— Meu amigo, eu sei...

— Commandante! commandante! nós *garramos*, gritou Merval, com uma especie de susto.

— O porta-voz, senhor! disse outra vez Pedro em voz baixa.

— Mas lembrai-vos que... aos olhos da tripulação... Esperai... agora me lembro... esperai... Larga!...

— Nós vamos correndo para a costa, commandante! gritaram Merval e Paulo.

E Pedro, fóra de si, empurrou o marquez, precipitou-se ao catavento, e bradou:

— Larga gaveas! iça gaveas! Larga joanetes! a estibordo o leme!

A esta voz bem conhecida, a esta ordem breve e accentuada, a equipagem moveo-se com inconcebivel união, como se fosse impellida por uma só machina; já a corveta não corria perigo algum, e começava a guinar para estibordo. Pedro desceo então do

catavento, e disse em voz baixa ao commandante:

— Mandai largar a vela ré, bracear á pôpa por bombordo, fazendo-me observar, de maneira que todos ouçam, que me esqueci d'esse ponto importante.

O marquez, contentissimo por tomar a desforra da sua humiliação, embocou o porvoz, e deo essa ordem, pouco mais ou menos, ao pé da lettra. Alguns termos technicos foram estropiados; porem a marinhagem, acostumada ao seu conjuncto, comprehendeo perfeitamente, e executou a manobra, dizendo pela primeira vez:

— Foi pena que o tenente interrompesse o commandante por esquecer isto! Em que se fiará elle? O tractante do velho de nada se esquece! Oh! elle entende da machina; e por isso mesmo não teve rasão o tenente em interromper a manobra: elle o pagará, não tem duvida!

A brisa, inchando as velas da Salamandra, cedeo ella ao seu impulso, e d'ahi a pouco tinha dobrado a ponta do golpho de Grimaud.

Logo que a corveta se pôz em marcha, o commandante, a um signal de Pedro, desceo á sua camara, onde logo se lhe reunio o tenente.

— Na verdade, senhor, admira que tenhaes tão pouca memoria!

— Ah! tenente! estive em um aperto dos diabos! Mas, graças a vós, saí d'elle optimamente. Dou-vos os agradecimentos!

— Não se tracta de agradecimentos, senhor! cumpre ao contrario punir: visto que por vossa causa, e pela primeira vez em minha vida, faltei á disciplina, mandando em vosso logar, sem ordem vossa, em presença da tripulação.

— Mas foi a bem do serviço, meu amigo.

— Porem, senhor, o exemplo é terrivel. Sabei que uma tripulação póde achar-se no meio de arrecifes, sem que um unico homem, ou official, tenha direito de alterar uma palavra nas ordens do commandante. Sabei, senhor, que o que eu fiz com motivo louvavel, póde ser feito com motivo criminoso; que isso é já uma desgraça para a disciplina, e que só excessiva severidade póde attenuar o seu perigosissimo effeito.

— Mas é singular, meu amigo, que me queiraes obrigar a punir-vos, quando...

— Quereis matar-me a fogo lento com as vossas objecções, senhor. Não quereis comprehender que não se tracta de vós, porem do vosso posto? d'isto! gritou o tenente, sa-

cudindo com violencia a dragona do marquez: d'isto, senhor! que é tanto para vós, como para nós, uma questão de vida ou de morte; que se uma tal falta ficasse impune, ámanhã a equipagem, animada pelo máo exemplo, discutiria as nossas ordens, murmuraria, revoltar-se-ía, talvez nos ameaçaria, e faria corso com a corveta.

Vamos, vamos! não vos enfadeis, meu amigo: farei o que vós quizerdes. Vamos! sereis punido, visto que assim o quereis.

Pedro encolheo os hombros de compaixão.

— Acreditaes, senhor, que não é penoso, e cruelmente penoso, na minha idade, ser mencionado no diario de bordo como insubordinado; eu, senhor, que sou fanatico pela disciplina! Mas pouco importa isso, porque o exemplo de um castigo severo, imposto a um official por falta de subordinação, é salutar para a tripulação, e não póde deixar de tornar mais profundo o respeito inalterável que ella deve ter pela disciplina. E todavia, senhor, o que ides descrever no diario, por minha ordem, destruirá talvez as unicas esperanças de adiantamento que me restavam!

— Muito bem! e então?

— Então, senhor, sei sacrificar tudo is-

so á honra da corporação a que pertenço, e a minha consciencia largamente me indemnisa. Vós estaes em vista, senhor, e eu sou desconhecido; se ha quinhentos tenentes, ha apenas cincoenta capitães de fragata, que devem ser, aos olhos dos marinheiros, homens puros e escolhidos. Demais, senhor, uma nodoa parece mais suja na farda bordada de um commandante, que na sobrecasaca azul de um official subalterno.

— Porem, Meu Deos! uma vez que vou punir-vos, que diabo quereis mais?

— Felizmente! disse Pedro.

E o marquez, escrevendo o que lhe dictava o tenente, consignou o acto d'insubordinação de Pedro, que tinha ousado, á vista da tripulação, interromper as ordens do seu commandante, e que por esse delicto tinha sido condemnado a quinze dias de prisão.

Esta ordem foi copiada no caderno dos quartos. Poderá julgar-se da importancia d'este caderno, sabendo-se que é escrupulosamente conservado a bordo, e enviado ao ministro, á chegada do navio a França, para servir d'informação ácerca da conducta dos officiaes, e de provas historicas da viagem, e da commissão que a embarcação tinha a desempenhar.

Emfim, sexta feira 15 de agosto de 1815, saío a Salamandra do porto de S. Tropez, pelas onze horas da manhã, e ás cinco da tarde já se não podiam distinguir as montanhas da Corsega.

LIVRO QUINTO.

CAPITULO XXVII.

Moço ou velho, imprudente ou sabio, que de céos em céos, errante como uma nuvem, segues o instincto de um prazer, ou o appello de um dezejo; viajante! onde vás tão longe? Ainda não é aqui o fim da tua viagem?

VICTOR HUGO.

Ah! julgaes que sois feliz?
— Aqui estou eu.

MATHURIN. — *Bertram.*

Bueno Viaje.

Corre, vôa rapida por esse mar azulado, chara e benemerita Salamandra! Adeos, França, adeos! Adeos bella Provença de laranjeiras tão doces, de outeiros tão agudos de clima tépido e voluptuoso; de tão hospitaleiros habitantes! adeos! outra vez adeos!

Vaes a Smyrna, valente corveta, a Smyrna, cidade de ouro e de sol, cidade de kioskos verdes e encarnados, de tanques de marmore cheios de agua limpida e perfumada,

de frescas sombras de sycomoros e de palmeiras, cidade completa, se alguma o é!

Oh! vida do oriente! vida do oriente! unica existencia que não seja uma longa illusão! porque alli não ha d'essas felicidades em theoria, felicidades especulativas; não! é uma felicidade verdadeira, positiva e provada.

E não se julgue encontrar alli sómente uma serie de prazeres puramente materiaes. É ao contrario a vida do mundo mais espiritualisada, como todas as vidas indolentes e contemplativas.

Conheceis um oriental que não seja poeta? não bebe elle a poesia ou a embriaguez, — porque a embriaguez é a poesia accidental — não bebe elle em tres fontes a sua poesia; no seu Narguilek, na sua taça, e no seu Taim?

A poesia do Narguilek, poesia aerea, diaphana, e indecisa como o vapor embalsamado que d'elle se exhala, é uma harmonia confusa, um sonho ligeiro, um pensamento que se deixa e se toma de novo, uma figura graciosa, que umas vezes apparece nua, e outras semi-coberta pelo fresco fumo do tabaco levantino.

A poesia do caffé já é mais forte e decidida. As idéas confundem-se, enlaçam-se, e

desenvolvem com maravilhosa lucidez o seu resplandecente tecido. A imaginação abre suas azas de fogo, e vos arrebata até as mais elevadas regiões do pensamento.

Então os seculos se patenteam a vossos olhos, rapidos e coloridos como essas praias que parecem fugir, quando as ondas vos arrebatam. Então acodem as sublimes meditações, sobre Deos, sobre o homem, e sobre a alma; então apparecem todos os systemas, e todas as crenças: adopta-se tudo, experimenta-se tudo e acredita-se em tudo. Durante esse sublime instante de allucinação, revestem-se alternativamente todas as convicções; professa-se o christianismo, o mahometismo, o judaismo, etc. etc.

Emfim, a poesia do opio, poesia inteiramente phantastica, nervosa, convulsiva e ardente; ultimo termo da vida poetica, que completa. Assim, o que Fausto tanto buscou, o que fez desesperar Manfredo, o opio vo-lo dá. Se evocaes as sombras, as sombras vos apparecem. Se quereis assistir a pavorosos mysterios, então é um drama infernal, extravagante, sobre-humano, entes sem nome, sons indefiniveis, angustias que matariam se fossem prolongadas, e estaes sempre senhor da vossa faculdade volitiva que dormita.

Com um pensamento transformaes este medonho quadro em alguma arrebatadora visão de amor, de mulheres, ou de gloria.

E depois de ter pairado n'essas elevadas espheras, e saboreado esses sublimes gosos intellectuaes, aportaes no vosso harem. Ahi encontraes uma multidão de mulheres bellas, obedientes, e ternas; porque ellas vos amariam ainda quando fosseis feio e disforme: ahi achaes praseres innumeros, variados, delicados e apurados. Então é a vida material que succede á vida intellectual. Então abysmado no entorpecimento das idéas que repousam, ficaes estupido e inerte; todos os vossos sentidos adormecem, á excepção de um, e esse *um* medra ainda mais com a ausencia momentanea dos outros.

E certo não é isto uma vã theoria, uma louca utopia feita caprichosamente.

O tabaco, o caffé, e o opio, não enganam pessoa alguma; a sua reacção sobre o nosso organismo nervoso é positiva, e phisiologicamente provada e deduzida. Cumpre que a nossa organisação moral ceda á sua influencia: tristes ou alegres, felizes ou desgraçadas, as nossas mais intimas sensações apagam-se diante de uma baforada de tabaco, de dez grãos de caffé, ou de um bocado de opio.

As mulheres do vosso harem tambem vos não enganam.

É verdade que a sua pelle é fresca e lisa, que seus cabellos são pretos e lustrosos, que seus dentes são alvissimos, e vermelhos seus labios: é verdade que as suas caricias são apaixonadas e ardentes; porque creadas no serralho, sois vós o unico homem que ellas viram, e que jamais verão.

Portanto, se o vosso tabaco, o vosso caffé, e o vosso opio, são de superior qualidade, se sois assaz rico para dar seis mil pesos por uma Georgiana, achareis uma unica illusão n'essa existencia toda intellectual, cuja felicidade inteira e completa, não descansa sobre bases frageis e movediças como o coração de uma mulher ou de um amigo; porem sobre factos materiaes, que se compram a peso, e que se acham em todos os basares de Smyrna e de Constantinopla!

É a este paiz por excellencia que conduzes toda essa grave companhia, que acalentas em teu seio, minha benemerita Salamandra!

Ha cinco dias que o céo te abençôa, porque é impossivel ter o mar mais tranquillo, e mais favoravel vento; na memoria dos marinheiros nunca se tinha visto tempo mais regular.

O bom do marquez acostumava-se perfeitamente á sua nova existencia. Pedro determinava a derrota, Pedro fazia as observações astronomicas, Pedro dirigia as manobras, Pedro velava na rigorosa disciplina do navio; em uma palavra, Pedro fazia tudo, porem sempre de maneira que fizesse sobresair o commandante, deixando-lhe a honra do que era bom; n'isto admiravel ministro responsavel de um rei infallivel.

O velho Garnier atormentava sempre o commissario, jurava, blasfemava e trovejava com *seus filhos*, quando lhe occultavam alguma molestia. O segundo tenente Merval, não podendo ser bem succedido para com Alice, entabolou relações de amizade com madame de Bléne.

O novo official Bidaud comia, fazia quartos, e dormia.

Já se sabe que Paulo amava Alice: mas o amor de Paulo era profundo e religioso, porque a memoria de sua mãi ligava-se a todos os seus pensamentos, e vinha purificar e sanctificar esta paixão: paixão de tal fórma ligada á sua existencia, que elle a julgava como a sua vida que na realidade era, e que se no meio d'esta alegria que o inundava, elle cuidasse na morte, não diria —

morrer, e sim — não ser amado de Alice!

Emfim, Paulo tinha-se habituado ao seu amor, como nos habituamos a existir, não se admirando d'isso, mais do que nos admiramos de viver; e todavia, o pobre moço não tinha ousado arriscar uma declaração, porque pensava que toda a sua conducta era uma confissão.

Alice da sua parte tambem procurava Paulo: passava horas inteiras a ouvi-lo fallar ácerca de seus projectos, de seu pai, e da sua mocidade. Então os olhos se lhe arrasavam de lagrimas, vendo a sua alma nobre e pura, pintar-se nas suas menores palavras. Alice admirava o seu caracter ingenuo, e cheio de illusões que ella participava, não acreditando senão na virtude, e attribuindo sempre o vicio ao acaso ou á fatalidade; e demais Paulo era tão valente e animoso!

Para vê-la algumas vezes na janella do seu camarim, não se suspendia Paulo na extremidade de um cabo, com risco de vida, e tudo por um olhar, um sorriso, ou signal da sua branca mão?

Com effeito, creio que Alice tambem amava Paulo, porem a sua felicidade era uma felicidade tranquilla e socegada; a moça desejaria unicamente uma declaração; porque na

sua virginal ignorancia, todo o amor consistia na phrase — eu te amo. — Até então poderia talvez ser amisade ; até então podia duvidar. E depois, as palavras — eu te amo — deviam causar um estremecimento tão vivo, uma emoção tão profunda..... Por isso a pobre menina não suspirava senão pela declaração de Paulo.

Quanto ao passageiro que conduziam a Smyrna, monsieur de Saffie, tinha feito a bordo singular impressão.

Até então a pequena colonia tinha-se dado optimamente ; cada um, como se diz vulgarmente, tinha feito o seu ninho. Apreciavam-se as boas qualidades, desculpavam-se os defeitos, e estas mutuas concessões tornavam a vida toleravel. Mas o que sobre tudo caracterisava as relações d'esta sociedade em miniatura, era uma inteira confiança, um abandono sem limites.

Desde o dia em que Saffie chegou a bordo mudou completamente este estado de cousas.

Não que fosse elle importuno e intrigante; era, ao contrario, impossivel encontrar homem mais polido, de maneiras mais nobres e distinctas; cheio de tacto e de gosto, previdente, sem orgulho, esquecendo-se de sua alta posição, e por isso mesmo segurando-lhe a influencia.

Havia porem nelle alguma cousa de inexplicavel e extravagante.

Tinha quando muito trinta annos. O seu rosto era regularmente bello, palido e serio. Seus grandes olhos tinhão ás vezes encantadora expressão de graça e de doçura, mas revelavam quasi sempre um sentimento de amarga e altiva tristeza. A sua estatura era elevada, esbelta, e admiravelmente proporcionada; e o minucioso cuidado por elle empregado em seu vestuario, de elegante simplicidade, fariam delle no physico um homem completo, se estas miseraveis vantagens exteriores não fossem offuscadas pelo brilhantismo e variedade de sua conversação, que de tal fórma arrebatava, que não se pensava senão em ouvi-lo.

Mas esses momentos eram raros. Todavia algumas vezes o seu rosto animava-se; suas faces coloriam-se, e então as idéas mais engenhosas, completas e novas, corriam em multidão. Então eram objecções arrogantes e offensivas, choros e risadas; a ingenuidade de um menino, e a triste zombaria de um velho; outras vezes horriveis paradoxos, assustadoras verdades sobre o homem e a mulher, e atrozes motejos sobre o genero humano. E como se o auditorio lhe faltasse,

calava-se, tornava a caír no seu silencio e taciturnidade habituaes, levantava-se e ia sentar-se em um escaler amarrado por fóra do alto da pôpa, onde passava horas inteiras a meditar.

Esta extravagancia era talvez n'este homem singular a consciencia da sua superioridade, porque nada lhe parecia estranho. Tinha fallado a Pedro sobre a arte de navegar, ao velho Garnier sobre phisiologia, a madame de Bléne sobre pintura, e a Alice sobre musica; mas sempre com um modo tão frio, ainda que de exquisita polidez, com uma indifferenca tão pronunciada pela pessoa com quem conversava, que se experimentava uma especie de repulsão tanto mais penivel, quanto a primeira impressão que Saffie fazia experimentar tendia a fazer contrair amizade em elle.

Succedia sempre que a sua presença comprimia a alegria e o abandono. Logo que elle saía dilatavam-se os corações, e reapparecia o sorriso em todos os labios.

Cinco dias depois da saída de França, era já bastante tarde; tinha-se tomado caffé na camara do commandante, que havia para esse fim convidado uma parte de seu estado maior; e Saffie acabava justamente de saír para subir ao convez.

Nunca as suas zombarias tinhão sido mais mordazes e crueis. Nunca até então se tinha elevado a uma tal altura de sarcasmo fulminante, e descido depois a uma philosophia mais doce e consoladora; de maneira que neutralisando-se as suas idéas por estes dous systemas, tinha deixado a companhia em um estado de duvida e espanto inconcebiveis.

— Que homem dos diabos! disse o bom marquez batendo nas coixas; onde vai elle buscar tudo aquillo?

— Não comprehendo uma palavra de semelhante individuo, respondeo o douctor. Afflige-nos, e consola-nos, agrada-nos, e aborrece-nos; e tudo isto em menos de um quarto de hora. Desejaria ve-lo doente, porque é nas molestias que se conhecem os homens a fundo. Oh! se elle caísse doente!

— E pois, disse Alice: tem um tal desdem, uma tal confiança em suas expressões, que parece querer impôr aos outros as suas convicções, quer sejão falsas, quer verdadeiras. Quanto a mim, estou longe de as partilhar todas. Algumas d'ellas mostram uma alma bem ulcerada..... ou bem indigna. Não vos parece, senhor Paulo?

— Sim, menina. Acho, como vós, que algumas vezes pinta os homens com bem fêas côres. Eu o lamento, por não vêr o que ha n'elles de nobre, bello, e grande. Os crimes e os vicios são as sombras do quadro. Bastaria que elle conhecesse meu pai para não desconfiar mais genero humano; disse o moço, que foi pago da sua crença filial com um sorriso da boca de Alice.

— O caso é, accrescentou madame de Bléne, que elle tem nos olhos alguma cousa que attrahe, sem se saber por que!

— Quanto a mim, disse Alice, eu o repito: estou certa que é um homem ou muito máo, ou muito desgraçado.

E ficou pensativa e distraída.

— Talvez ambas as cousas, disse o velho douctor; e eu o saberei se Deus me ouvir, e lhe mandar uma boa gastrite.

— Não é o que elle come que o hade fazer adoecer, disse o marquez. Á excepção de uma canja d'arroz á turca que lhe faz o seu cosinheiro, não come cousa alguma, e não bebe senão essa diabolica bebida que lhe prepara o creado grave: chá frio com um pouco de vinho champagne.

— Bello acepipe! disse o douctor. Talvez em outro tempo comesse muito, commandante.

— Que quereis? accrescentou philosophicamente o marquez; não se póde ser e ter sido....

— Todavia, commandante, vamos jogar uma partida de xadrez, e hontem jogámos outra. Que dizeis a isso?

— Joguemos, douctor!

E apoderaram-se do taboleiro, em quanto madame de Bléne pegava na costura.

Paulo tinha saído para entrar de quarto. Alice encostou-se na janella, para contemplar o sol, que se escondia no horisonte, puro e radioso.

Saffie observava tambem o pôr do sol.

CAPITULO XXVIII.

> .... Tenho então tentações de tomar a existencia pela cruel zombaria de um poder cégo; de fallar-lhe a sua lingua, e semelhante ao moribundo, que procura illudir a agonia, e se ri nas ancias da morte, abysmar a minha rasão em um ultimo delirio, e acabar tambem por uma gargalhada.
>
> A. DE LAMARTINE. — *Harmonias*.

Saffie.

Pedro estava de quarto quando Saffie chegou ao convez.

O bom tenente adiantou-se para elle, e depois de ter trocado algumas palavras, pretextou ter uma ordem a dar, afim de deixar Saffie, pois tinha sido tocado pela expressão que assombrava o rosto pallido do passageiro.

O desejo da solidão estava claramente escripto em sua fronte melancholica, e no amargo sorriso que arqueava seu labio inferior, rôxo e delgado.

Com effeito, apenas o tenente se affastou, Saffie subio á pôpa, e d'ahi ao escaler, onde se assentou; e occultando a cabeça nas mãos, pareceo absorto em profunda meditação.

Saffie estava abysmado em um d'esses momentos raros de recolhimento e franqueza intima, em que forçosamente se fica face a face comsigo mesmo, na presença dos factos e das recordações.

E por improvisa força de vontade, pôde elle abraçar de um lançar d'olhos a sua vida passada e presente.

De distincto nascimento e orphão, tinha entrado ainda muito joven na posse de uma grande fortuna.

Á sua entrada nas sociedades foi acolhido com incriveis obsequios. Seu rosto de rara belleza, sua riqueza, e uma intelligencia de singular vastidão grangearam-lhe successos extraordinarios para a sua idade.

Gosou pois do viço das emoções, da exaltação pura e casta, da crença sublime que Deos deposita no coração de cada homem: admiraveis sensações que uns poupam até a velhice, e outros dissipam em um só dia!

E Saffie tendo-as dissipado, sentia sua alma vasia e secca quando ainda não tinha vinte annos.

Os triumphos feminis, que sempre tinha achado faceis, foram por elle despresados; procurou outros na ambição, e por insolita fatalidade, que os costumes da epocha fa-

zem talvez comprehender, tudo para elle tinha bom exito, ainda n'esta nova carreira.

Começou então a considerar os homens e as mulheres com grande compaixão; pois que, por singular capricho da nossa organisação, são sempre os homens que mais desfructam o mundo, os que mais o abominam.

E isso se concebe: o homem de sentimentos elevados tem momentos de amarga tristeza, e desanimo profundo, cujo caracter principal é um sentimento pronunciado de despreso pela sua propria pessoa.

E quando chega a pensar que elle mesmo, tão degradado a seus proprios olhos, é adulado, procurado e exaltado pelo mundo, deve na verdade despresar ou odiar muito a esse mundo!

Ora Saffie, enervado principalmente porque em tudo havia sido bem succedido, caío em incuravel melancholia. Os seus pensamentos tornaram-se pungentes e sombrios, e durante dous annos subio ou desceo todos os degraus que conduzem ao suicidio.

Levado a este ponto, reflectio pela ultima vez, penetrou ainda em seu coração, porem achou-o morto e insensivel a tudo.

Pela ultima vez, remontou-se aos effeitos

e ás causas, e encontrou na felicidade que o perseguíra, a fonte dos males imaginarios ou reaes, que sem cessar o atormentavam.

Então, por um sentimento que taxarão se quizerem de monomania, começou a execrar e amaldiçoar o mundo, que fazendo-o tão feliz, o tinha ao mesmo tempo tornado tão desgraçado.

O seu coração, que já não vibrava as palavras de amor, virtude e ambição, teve um écho prolongado para a palavra — odio.

Saffie pulou de gosto, pois tinha achado uma nova corda em seu coração; uma mina fecunda em emoções.

— Finalmente, disse elle, ou seja por excesso de felicidade ou de desgosto, o mundo fez-me desgraçado; esgotou todas as minhas sensações; mas tornei a descobrir uma, dolorosa, penetrante e implacavel, cuja reacção soffrerá o mundo.

E desde então, o movel de suas acções foi: — *fazer todo o mal possivel á humanidade;* — não esse mal physico que as leis perseguem e condemnam, mas esse mal, esse assassinato moral que ellas toleram, e que a sociedade chega a animar algumas vezes.

Assassino materialista, Saffie queria matar a alma e não o corpo.

— Já se não accredita em Satanaz, dizia elle; mas eu faria bem em accreditar n'elle, unicamente pelos meios dados á intelligencia e natureza do homem.

E o novo futuro que assim creava excitou poderosamente a imaginação ardente e desordenada de Saffie. Conheceo que, mais que nunca, tinha precisão das suas vantagens; e por isso reappareceo nas sociedades, mais bello, mais seductor, e mais completo que em outro tempo; porque esta idéa fixa e dominante tinha dado a suas feições uma expressão natural, que o distinguia ainda mais dos outros homens.

Quanto a elle, era facil o seu papel; o seu odio ao genero humano, pondo-o incessantemente em guarda contra a malignidade mundana, assegurava-lhe a vantagem de não ser nunca enganado por ella.

Assim, a mais sordida baixeza, a mais flagrante ingratidão, e o mais revoltante capricho, o achavam sempre insensivel e prevenido: julgando o mundo por si proprio, via os homens e as mulheres com as mais sombrias côres, e attribuia-lhes vistas e intenções de tal fórma miseraveis, que a realidade estava sempre abaixo de suas suspeitas.

Mas, por singular fatalidade, com um coração mirrado e desabusado, tinha Saffie conservado a cabeça de um mancebo, e a imaginação de um poeta.

Uma d'essas imaginações variadas e poderosas, que lançam sobre todos os objectos um esplendido manto de poesia; que, junta a uma profunda dissimulação, dava-lhe meios de representar todas as convicções, todos os sentimentos para chegar a seus fins. E tão moço, tão bello, e tão rico; em uma esphera social tão elevada, não tinha elle todos os meios de o conseguir?

E todavia, é doloroso pensar que o seu exterior joven e encantador, que exprimia algumas vezes suave e triste melancholia, que parecia revelar uma alma terna e ingenua, era um exterior falso!... que era enganadora a sua mocidade; que essa apparencia seductora, tão cheia de vida e de seiva, essa voz calorosa e animada, esses impulsos de natural admiração da virtude, e despreso do crime, eram tambem falsos; e que era finalmente do fundo de sua alma vasia e tenebrosa, odienta e incredula, que Saffie dirigia as suas mentiras, com tanta elegancia e brilhantismo mascaradas!

D'este modo, elle não accreditava na ami-

sade, e a amisade achava-o sempre facil, franco e beneficente; porque o seu olhar poderoso descobria logo, em cada um, o vicio ou a boa qualidade que procurava lisonjear ou apagar.

D'este modo, todas as irresistiveis seducções do seu espirito, de sua fortuna, e de sua posição, inclinavam-se para o lado fraco do caracter de cada um, por insignificante que fosse, persuadido que, para quem sabe *zombar dos homens*, todos teem sua corda occulta ou apparente, que se póde fazer vibrar dolorosamente.

Tambem não accreditava no amor, que tinha reduzido a não ser para elle senão um acaso, porque desconfiava igualmente das suas illusões.

E todavia a linguagem mais pura e abrasadora, as mais engenhosas seducções, as mais delicadas attenções, a mais extraordinaria dedicação, tudo elle empregava para chegar a seus fins.

Não accreditava no amor, e com tudo seus olhos humidos ainda se arrasavam de lagrimas, seu coração ainda pulava, seus labios ainda estremeciam; o som de sua voz ainda era melodioso e suave; as suas expressões ainda eram apaixonadas, freneticas

e embriagadoras; as suas caricias ainda eram ardentes e corrosivas, e os seus beijos ainda correspondiam ao coração, como uma faisca electrica.

E pois, quando por fim uma pobre mulher assim embriagada e fascinada, amorosa e apaixonada, esquecendo tudo por elle, atormentada pelos remorsos, dizia, derramando dolorosas lagrimas:

—Meu Deos! ao menos sou amada! Saffie, ainda abrasado por seus osculos, respondia-lhe com alguma fria e cruel zombaria, que patenteava inteiramente a sua alma. Assim, elle o confessava, a sua fingida paixão era um meio; e a posse ainda outro meio de reacção sobre uma mulher facil e apaixonada. Sem amor e sem desejos, a sua victima ficava em absoluta dependencia d'elle, como um homem de quem é sabido um segredo, e que se colloca vinte vezes por dia face a face com o cadafalso.

O miseravel deleitava-se com os soluços espedaçadores que então se escapavam, avivava a ferida moral que fazia verter sangue, e comprazia-se em ver um coração anhellante dilacerar-se, e proromper em dolorosos gritos de amor e de remorsos.

Então, quando já estava fatigado da ir-

ritação nervosa que lhe causava este horrivel espectaculo, cahia no seu nada, como esses corpos inanimados que já não podem ser movidos pelo galvanismo.

Desgraça! as vantagens phisicas e intellectuaes, de que era tão admiravelmente dotado, davam-lhe immensos meios de ensaiar o seu atroz systema de desencantamento sobre os entes fracos, credulos e inoffensivos, que chamava a si por meio d'essa força de attracção de que são dotados alguns homens.

Tal é a analyse imperfeita do caracter, que algumas vezes, por justo castigo de Deos, cahia em lugubres e pungentes reflexões.

Com effeito, Saffie, contemplando n'este momento o abysmo sem fundo, que elle mesmo havia cavado em seu coração, estava como que tomado por uma vertigem.

Porque via sua alma, fria, nua e mirrada, sua alma, que elle havia cruelmente despojado das mais puras e primitivas crenças de mancebo, das mais viçosas e ingenuas illusões da mocidade; d'essas illusões que Deos nos dá, como um prisma de mil côres, a fim de colorir, com seus magicos reflexos, a tristeza da realidade.

Porque nas tenebrosas viagens que fazia o seu pensamento, Saffie achava sua alma sombria e esgotada, sem uma recordação ao menos em que podesse repousar; sem uma idéa consoladora em que podesse parar, como em viçosa oasis no meio d'este immenso e arido deserto.

Elle só encontrava em sua alma o nada e a desesperação; porque, tendo quebrado todos os vinculos que o ligavam ao genero humano, via-se para sempre só no mundo, acompanhado unicamente do seu odio.

Saffie levantou a cabeça, seu rosto estava mais pallido que de ordinario, e tinha na fronte horrivel expressão de incuravel e profundo pesar.

— Oh! disse elle, será isto viver?... Em outro tempo vivi para o amor!... Agora vivo sómente para o odio! Mas, quando esta vida se gastar como a outra, quando se extinguir esta ultima sensação, porque o odio tambem se gasta...

— Sim, depois? perguntou elle a si mesmo.

— Depois... o suicidio! não terei fugido d'elle senão para o tornar a encontrar!

— E por fim?

— Oh! por fim... por fim... existe o nada! — o nada! horrivel pensamento!...

não existir! E se a minha vida triste e glacial me servisse de peso? atroz loucura! arremeçar-se no nada para fugir ao nada! Oh! se me fosse possivel accreditar no inferno!...

E escondeo a cabeça nas mãos.

Pouco depois levantou-a com violencia, e alçando o rosto para o céo:

— Pois bem! o inferno seria talvez uma sensação! disse elle com horrido sorriso. Posso eu agora amar os meus semelhantes, quando a mim mesmo abomino? Não, não! proseguio, com os dentes cerrados. Acabe primeiro o meu infausto destino! E depois... Sim! depois... o inferno! se com effeito existe... Mas não, não ha inferno! continuou elle com singular expressão de lamento e desesperação.

O seu caracter inflexivel e duro como o ferro, arremessando-se de um pulo por cima dos pensamentos oppressivos que por um momento o tinham abatido, não colheo de sua meditação senão um sentimento ainda mais amargo contra o genero humano.

E desceo ao convez.

O segundo tenente Merval, que tinha entrado de quarto, approximou-se d'elle.

— Então, Senhor, lhe disse o leviano e inconsiderado mancebo: acaso sereis poeta?

Esta formosa noite deve inspirar-vos, não é assim? Confiai-me o objecto em que acabais de meditar.

— A charidade evangelica, senhor, respondeo Saffie, com um sorriso que gelou o official.

CAPITULO XXIX.

Oh lá Etrick! tenho desconfianças do compadre!

BURKE.

Preparativos de combate.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, já o estado maior da corveta estava reunido no convez.

Pedro apontava o seu oculo para um ponto assaz longinquo.

Ao lado de Pedro, o commandante com os olhos fitos, o pescoço estendido, e ar inquieto, parecia esperar anciosamente o resultado das observações do tenente.

— Não me enganei! disse Pedro fechando o oculo com a palma da mão.

E voltou-se para o marquez.

— Devo prevenir-vos de uma cousa, commandante; e vem a ser, que os piratas argelinos andam a corso, e que bem poderia acontecer que... — Então! então! que é isso? Como empallideceis!

— Não, meu amigo. Isto é dos nervos; eu sei o que é.

— Muito bem! Dizia-vos pois, que poderia acontecer que tivessemos de dar caça a algum corsario. Em tal caso, vou mandar tocar a postos, abrir o paiol da polvora, e vigiar que se façam todos os preparativos de combate.

— Oh! meu Deos! meu Deos! combate!... estamos perdidos! disse o pobre do marquez em voz baixa, com os olhos horrivelmente arregalados, e batendo nas mãos; saiamos d'aqui, saiamos d'aqui.

— Sim, commandante, disse Pedro em voz alta, fingindo responder ao seu superior; e approximando-se de Merval:

— Mandai largar cutellos, senhor! o commandante deseja que saibamos quanto antes com quem temos de haver-nos.

— Muito bem, tenente, disse o official.

E ordenou a manobra que foi immediatamente executada.

— Porem, disse o marquez, pallido como um defuncto, e pegando no braço do tenente, em nome do céo, dizei-me, estais bem certo que nada temos a receiar?

— Sim, commandante, disse novamente Pedro, com sua voz forte e atroadora.

— Senhor de Merval, continuou elle, o commandante julga que não temos sufficien-

te panno, e que caminhamos pouco. Tende a bondade de mandar largar a varredoura.

A manobra seguio a ordem, e a corveta corria com espantosa rapidez.

Bouquin disse baixinho a La Joie, que mettia na algibeira o seu grande apito:

— Viste o cobra-velha com o seu boné de pello? Quer panno e mais panno! O tenente tambem gosta de panno, mas é um moço ao pé de um velho. Oh! porem... olha, marinheiro, olha; o páu da surriolla toca no mar. Eis aqui o que se chama um lobo marinho! Quem tal diria!

Com effeito a corveta inclinava-se, e voava com a rapidez de uma flecha.

— Deos do céo! vamos *virar!* dizia o ex-estanqueiro, com o modo mais compassivo e assustado. Será possivel que queiraes realmente que se mande abrir a... a *cousa*... da polvora!?

— É negocio de um momento. Tendes algum objecto... no paiol?

— Hein?

— Pergunto se tendes alguma roupa, alguns bahus no logar que serve d'entrada ao paiol da polvora?

— Pois o paiol fica perto da minha camara?

— Certamente! a porta fica por baixo da vossa cama.

— A porta... do logar da polvora... ou... o paiol. Como! pois eu durmo sobre polvora?

— É verdade; dormis sobre o paiol: e então! não é esse o logar de honra? Um capitão de fragata não estará ahi convenientemente collocado para fazer saltar o seu navio, se a fortuna lhe for desfavoravel?

— Saltar! Quem falla em saltar? Ah meu Deos! estamos perdidos!

— Ora pois, commandante! continuou Pedro em voz baixa, conduzindo o marquez para a sua camara, a fim de não ser ouvido de pessoa alguma; ora pois, senhor! agora receio eu uma cousa!

— Qual é, tenente?

— É que não sejaes cobarde.

— Senhor!

— Porem tranquillisai-vos! Em quanto Pedro Huet for tenente da Salamandra, em quanto elle puder puxar o gatilho de uma pistola, eu vos asseguro que se conservarão sem mancha as vossas dragonas... e ainda máu grado vosso!

— Que quereis dizer n'isso?

— Quero dizer que se vos visse no con-

vez, a ponto de commetter uma cobardia... Entendeis; uma cobardia?

— Que farieis?

— Matar-vos-hia!

— Meu Deos! meu Deos!

— Sim, matar-vos-hia! Seria fusilado, porem a vossa farda ficaria sem mancha!

— Em nome do céo!

— Em nome do céo, pensai bem no que vos digo! Os meus olhos vigiam sobre vós, e dou-vos minha palavra de honra, minha palavra de homem do mar, que farei quanto vos digo; e Pedro nunca faltou a um juramento! Attendei-me pois. Nós vamos no alcance d'aquella embarcação; talvez não seja nada, e talvez seja muito. Vou por vossa ordem mandar preparar para combate; d'aqui a meia hora estaremos ao alcance da artilheria, e póde ser que ella trabalhe bem! Tereis animo de repetir as ordens que vos eu ensinuar?

— Quando?

— Quando estiver travado o combate, se for necessario combater.

— Porem no combate, não posso eu ficar aqui socegado?

— Ah! sim! — Pois que assim é, senhor, haja ou não combate, logo que esti-

vermos ao alcance da artilheria vos mandarei prevenir. Subireis ao convez, examinareis a mastreação, e me direis: — Tenente, commandai a manobra, e permitta Deos que os nossos canhões achem a quem fallar! ou qualquer outra cousa de vossa escolha, mas que tenha a mesma significação, e então subireis ao catavento, do qual não sahireis antes de terminado o fogo.

— E tomai sentido, senhor; ao menor signal de medo, á menor hesitação, estarei comvosco, eu vo-lo repito, estarei comvosco para vos vigiar, disse Pedro, levando o dedo index ao olho esquerdo, que parecco scintillar ao pobre marquez. Agora commandante, proseguio elle respeitosamente, vou occupar-me de tudo, e esperar as vossas ordens.

— Porem...

Pedro sahio, fazendo uma profunda cortezia.

CAPITULO XXX.

Ei-la finalmente!

SCHILLER. — *Os Salteadores.*

A Vela.

Ao sair da camara do commandante, Pedro encontrou seu filho na bateria.

— Então meu pai! será verdade? perguntou o mancebo radiante de alegria, teremos combate?

— Póde ser, meu amigo. E por esse motivo descerás ao meu camarote por um momento.

E desceram ambos.

— Paulo, disse o tenente, pegando em um sabre suspenso por cima do seu leitosinho, tomarás este sabre, entendes? É uma excellente folha turca montada á hespanhola, com bainha e guarda mão. Em combate d'abordagem é uma arma preciosa.

— Porem vós, meu pai?

— Tu sabes que possuo o sabre do pobre Brémont, que é excellente. Estão promptas as tuas pistolas?

— Sim, meu pai.

— Vai busca-las; quero ve-las.

— Estão promptas, meu pai.

— Paulo, ide busca-las.

— Sim, meu pai, disse o mancebo, abraçando Pedro.

Pedro acompanhou-o com os olhos, e levantando-os depois para o céo:

— Meu Deos! disse elle com admiravel expressão de fervor; meu Deos, não nos separeis ainda!

Paulo voltou com as pistolas.

Seria curioso observar o cuidado com que Pedro lhe examinou as molas e os feixos.

— Este descanço está muito fraco, disse elle.

E lançou uma das pistolas em cima da cama, tomou outra no tropheo de armas, examinou-a cuidadosamente, e a entregou a seu filho.

— Toma, meu amigo. Carrega-as com duas balas, ouves? e sobre tudo, Paulo, poupa os teus tiros: nada d'imprudencias como na ultima...

— Porem o sabre, meu pai?

— O sabre, senhor... não é tão bom como a arma de fogo, quando se faz boa pontaria. E sobre tudo, Paulo, conservai-

vos no vosso posto... Vós me entendeis, no vosso posto na bateria, e não no convez.

— Porem, meu pai...

— Senhor...

— Sim, sim, meu pai; lá estarei. E vós?

— O meu posto é a ré, como sempre, para dirigir a manobra.

— Isso está claro, meu pai.

— Invejoso! disse o bom do tenente rindo-se.

Neste momento desceo um homem do leme.

— Tenente, o official de quarto vos manda prevenir que está quasi ao alcance da artilheria a vela que se avista.

— Dize-lhe que já lá vou, respondeo Pedro.

— Vamos meu filho! abraça-me e sejamos homens!

Cumpre ter abraçado um pai ou um amigo em iguaes circumstancias, para poder avaliar quanto é profunda e intima a ternura de um tal abraço, que bem póde ser o ultimo.

Quando Pedro e seu filho chegaram ao convez, não se via em seus rostos o mais ligeiro indicio de commoção.

— Tenente, disse Merval entregando-lhe o oculo, já sabemos o que é.

Com effeito depois de ter firmado com um tiro de polvora secca, que ficou sem resposta, o pavilhão da Salamandra, tinha-se experimentado um segundo com bala, que foi mais bem succedido.

— Ainda bem, disse o tenente, vendo uma bandeira encarnada içar-se lentamente no tope grande de um brigue, estreito, ousado, e elegante.

— Bouquin fez boa pontaria, porque a bala deo em cheio, disse Merval. Porem olhai, a gaivota abate as azas e põe-se á capa. Sem duvida quer mandar-nos algum escaler, tenente.

— É provavel, e vou prevenir d'isso o commandante.

O leitor não terá esquecido a conversação de Pedro com o infeliz marquez. Segundo as intenções do primeiro, tinha o ex-estanqueiro subido ao convez em grande uniforme, balbuciado bem ou mal a phrase que Pedro lhe havia ensinado, e subido ao catavento. Teso, immovel, e com os olhos fitos sobre Pedro, que não o perdia de vista, ficou esperando.

Certamente se o marquez merecia algum castigo, elle o recebeo amplo e abundante, na meia hora d'incerteza que o conservou

suspenso, sem outras distracções que as causadas por Pedro, que vinha de tempos em tempos dizer-lhe ao ouvido:

— Lembrai-vos do que vos prometti. Á primeira hesitação... entendeis?

E depois d'esta amigavel communicação, Pedro o saudava profundamente, como se se occupasse de importantes objectos de serviço.

E a equipagem, vendo o impertigamento e impassibilidade do marquez, no meio do movimento inseparavel dos preparativos de um combate, tomou facilmente a sua petrificação pelo sangue frio e habito dos perigos.

E por isso Bouquin disse a La Joie, mostrando-lhe o marquez:

— O sugeito está mal amarrado no uniforme, e mesmo parece-me um mexilhão; porem é um demonio, que hade ficar a pé firme debaixo do fogo. Teso como o mastro do traquete, o tractante do velho é incapaz de se mover: o tenente gosta de lhe fallar ao ouvido, porem qual! nem ao menos mexe com a cabeça!

Ao primeiro tiro dado pela Salamandra para firmar o seu pavilhão, o desgraçado marquez, ainda que prevenido, deo um pulo terrivel no seu banco.

— Olha o velho jacaré! disse Bouquin,

puxando a jaqueta de La Joie. Que patife! está saltando de gosto por ver começar a dança de *guarda costas!* Oh La Joie! o commandante será damnado por fogo?—Socega, socega, velho *papa-balas*, que vamos dançar essa dança de que tanto gostas, e tambem a metralhada!

Felizmente porem para o *papa-balas*, o damnado, o amador da metralhada e da *guarda costas*, não continuou o fogo; pelo contrario, como acabamos de ver, o brigue içou o seu pavilhão, depois do convite, um pouco arrogante, que lhe fez a Salamandra, e mandou um escaler a bordo da corveta.

Então Pedro approximando-se do marquez, disse-lhe ao ouvido:

—Á excepção do salto que destes, estou satisfeito. Descei para a vossa camara.

O ex-estanqueiro não lh'o fez dizer duas vezes.

No escaler, dirigido por quatro homens, vestidos, com todo o aceio, á egypcia, isto é de camisa, solideo vermelho, e calções que não passavam do joelho, vinha um individuo de quarenta annos de idade, de boa nutrição, vestido de colete de pelle e casacão côr d'azeitona, o qual trazia na cabeça

uma carapuça, que, se me não engano, era azul.

Subio elle desembaraçadamente ao convez, saudou o segundo tenente Merval, que se achava no alto do portaló, e lhe disse em muito bom francez, e com accento que trahia um pouco a sua origem normanda:

— Poderei saber, tenente, em que posso ser-vos util?

— Tardastes em içar o vosso pavilhão, senhor, observou Pedro, admirado de ver o gordo normando navegando sob a bandeira turca.

— Tenente, respondeo o outro, asseguro-vos que estava dormindo. O meu segundo acha-se doente, e antes que pudesse fazer-me ouvir d'aquelles animaes — e mostrou os egypcios — passou-se justamente o tempo necessario para receber uma das vossas ballas — e tirou a carapuça — no meu cintado.

— Vós sois francez, senhor? perguntou Pedro.

— Sim, senhor, e natural de Vire.

— E como navegaes sob o pavilhão turco?

— Porque sou tambem turco.

— Senhor, respondei seriamente; é um official da marinha real de França quem vos interroga.

— Meu Deos! tenente, sou turco pois que apostatei.

— Ah! sois renegado? disse Pedro, com despresadora expressão.

— Para vos servir, disse o outro tirando a carapuça.

— E para onde ides? perguntou Pedro.

— Para Gibraltar com carga de trigo, procedente de Odessa. Aqui estão as minhas cartas, e os meus papeis, referendados pelo consul inglez em Constantinopla.

Tudo estava perfeitamente em regra.

— Se dais licença, disse Pedro, vou mandar um dos meus officiaes visitar o vosso brigue. É uma convenção feita entre as tres grandes potencias, a fim de apanhar, se for possivel, o pirata Sam-Bay.

— Deos vos guarde, tenente!... quero dizer Mahomet vos ajude! Quando quizerdes visitar o meu navio, estou prompto, pois tenho pressa de chegar ao meu destino.

— Senhor de Merval, disse Pedro, embarcai n'um escaler, armai-o em guerra, e tende a bondade de ir examinar aquelle brigue: dar-me-heis conta do resultado.

O apito de La Joie retinio. Lançou-se ao mar a embarcação, e Merval, acompanhado do renegado, deixou a corveta.

— Tenente, acceitai meus cumprimentos, disse o normando cortejando Pedro.

— Adeos, senhor, disse este com frieza glacial; e accrescentou em voz baixa: — Merval, deixai a metade da vossa gente armada no escaler, e á menor demonstração hostil, fazei signal. O brigue está como sabeis debaixo da nossa artilheria. Porem não importa; prudencia em todo o caso.

E o escaler deixou a Salamandra.

Pedro acompanhou-o com a vista. Meia hora depois voltou, e Merval subio a bordo.

— Então, Merval? perguntou Pedro.

— Tenente, nada tenho a dizer-vos; está carregado de trigo até á camara; acho apenas a tripulação um pouco numerosa, e nada mais. O seu segundo é um italiano, renegado como elle; achei-o deitado e muito pallido. Respondeo-me em pessimo francez ás perguntas que lhe fiz, e tudo o mais refere-se ao que nos disse o capitão gordo.

— Não vistes armas?

— Não: apenas algumas espingardas no seu camarim, que não devem causar desconfianças. Para um renegado pareceo-me excellente homem!

— Sim, sim; mas não gosto d'apostasias: é um calculo interesseiro e muito infame!

— Sou da vossa opinião. Mas ei-lo que pergunta se póde seguir, disse Merval, mostrando ao seu superior um signal do brigue.

— Fazei-lhe signal que sim, disse Pedro.

E um galhardete azul e amarello subio ao tope grande da Salamandra.

Apenas este signal foi visto pelo brigue, amurou os papa-figos, e começou a caminhar lentamente, approveitando-se da brisa, que era bastante fresca.

Mas quando se poz fóra do alcance dos tiros da corveta, largou ao mesmo tempo joanetes, sobres e cutellos, com presteza e precisão admiraveis, mareou a um largo para correr com mais velocidade, e fugio com prodigiosa rapidez.

— É um brigue mercante que navega e manobra melhor que muitos navios de guerra, disse o tenente sacudindo a cabeça.

— Vamos nós dar-lhe caça? perguntou Merval.

— Nada: elle está em regra; e demais, por muito boa marcha que tenha a Salamandra, agora boas noutes.

— Porque diabo corre elle com tanta pressa?

— Não sei, respondeo o tenente, descen-

do para a camara do marquez, a dar-lhe conta do acontecimento.

E o coitado, contentissimo por ter escapado ao perigo que tanto temia, perguntou a Pedro se não podia mandar dobrar a ração de vinho aos marinheiros.

— Ámanhã é justamente domingo, disse Pedro; muito bem, commandante; isso tornará mais alegre o seu baile, pois pediramme licença para dançar, e eu lh'a concedi em vosso nome.

— Fizeste bem, disse o ex-estanqueiro.

Tendo a noticia das intenções generosas do commandante circulado promptamente, cada um foi pensar com alegria no baile do dia seguinte.

LIVRO SEXTO.

CAPITULO XXXI.

> Silencio! filho das paixões, silencio!
> Se o teu coração murmura, não ultrajes com palavras o teu Deus!
>
> BYRON. — *O céo e a terra.*

Paradoxos.

Havia certa tristeza engraçada no logro da tripulação da Salamandra e do seu estado-maior, que se preparavam para um combate encarniçado.

Era como um drama sem desfecho, um amor quebrado antes da sua ultima phase, uma ambição abortada; era emfim um d'esses enganos tão communs, que vem brutalmente mofar das previsões mais sabiamente concebidas.

E na verdade, os preparativos de guerra, as emoções instinctivas de temor, de que participam ainda os mais valentes, quando está para decidir-se uma questão de vida ou de morte; os testemunhos de grave e profunda ternura que se dão n'estes solemnes momentos, tudo isto, digo, em relação

a um normando renegado, que fazia pacificamente o seu negocio de trigos; tanta exaltação obrigada a moderar-se de repente! havia n'isto, eu o repito, um não sei que de triste para homens que, tendo feito de antemão o sacrificio de sua vida, e tendo superado o primeiro momento, que é o que mais custa, só tinham a esperar a ventura de um combate, rarissima em tempos de paz.

E por isso todos os rostos estavam tristes e carrancudos.

Paulo principalmente não occultava o seu desgosto: perder uma tão bella occasião de se distinguir, e de mais a mais á vista de Alice! O pobre moço exhalava suas queixas com amargura tal, que commoveo Saffie.

Saffie tinha já observado o caracter de Paulo: a sua natureza primitiva, franca e apaixonada, contrastava de tal fórma com as organisações espurias e murchas que tinha até então encontrado, que teve desejos de penetrar em um coração tão candido e virginal.

Sim, Saffie, impellido por infernal maldade, quiz entibiar — outros diriam esclarecer — a alma joven de Paulo, porque a sua estava já secca; arrancar o pobre moço

ás suas poeticas illusões, atravez das quaes elle só via no mundo sentimentos puros e affeições doces, por isso que elle Saffie só achava odio, vicios e crimes.

Pois, como dissemos em outra parte, empenhava-se em assassinar a alma e não o corpo. Chamava elle a isto fazer *conhecer a verdade!*

E tal é o nada da justiça dos homens, que pune de morte a quem faz uma ferida que, ou é susceptivel de cura, ou mata immediatamente; mas deixa atormentar e espedaçar impunemente uma alma, e filtrar n'ella gotta a gotta um veneno activissimo que a queima a fogo lento, transformando-a em chaga incuravel, que sangra até á sepultura.

Se assassinaes o physico, matam-vos! se assassinaes o moral deixam-vos tranquillo, ou vos louvam algumas vezes. E isto é infame! infame!... Porque ao menos uma punhalada tem apenas duas horas de agonia, e nada mais!

Porem arrancar de um coração ingenuo e convencido a sua pureza e a sua convicção, é uma punhalada que dura toda a vida!

Dizer a este homem que se ajoelhe e exclame:

— Meu Deos, arrasto uma existencia amarga e atroz; minha mãi, meus filhos e minha mulher já não vivem; porem eu tudo soffro porque tu és justo; porque algum dia, se eu soffrer com paciencia as provações que me fazes padecer, tornarei a ver na eterna gloria, minha mãi, minha mulher e meus filhos: por tanto, Senhor, não desejo a morte, mas se tu a quizeres mandar, eu a agradecerei.

Responder a este desgraçado: — Deos, se acaso existe, não te escuta; elle occupa-se com a creação, e não com a creatura. A tua familia está morta, nada! depois de ti nada! Cabanis e Bichat o provaram. Sempre e por toda a parte o nada! Comprehendes, não é verdade? Assim, em vez de esperança, esquecimento... e alfim a morte! Se padeces, não tens o Sena? Não te lamentes, sybarita!

Sim! aquelle que assassinar esta alma, tão cheia de vida e de esperança; aquelle que encaminhar mathematicamente este homem para o suicidio, irrefragavel consequencia da morte moral e da extincção de toda a crença, deducção positiva, que se applica ao homem ou á sociedade inteira...

Sim! esse será menos criminoso que o

homem arrebatado e ciumento, que mata sua amante ou o seu inimigo?

Era debaixo do peso d'esta despreoccupação, que Saffie queria affogar a alma de Paulo.

O combate com tanta impaciencia esperado, e que illudio tantas esperanças, foi o seu ponto de partida; a sua cruel e poderosa zombaria achou n'este incidente uma imagem fiel das illusões que atormentam nossa existencia; e Paulo fallou-lhe em gloria.

Então pintou-lhe Saffie a posição de seu pai, de Pedro Huet, bravo, leal, coberto de feridas, encanecido nas victorias e no serviço, vendo, de um unico salto, um homem estupido e cobarde collocar-se superior a elle...

Paulo, não sabendo qual a resposta que devia dar a factos, fallou-lhe da sua nobre e gloriosa profissão, que bem recompensava as injustiças dos homens.

Então mostrou-lhe Saffie as privações e os despotismos que reagiam sobre as mais ternas affeições da natureza, e que transformavam as relações de pai e filho em obediencia d'escravo a senhor!

E o pobre moço, querendo saír do estreito circulo da individualidade em que Saffie o

apertava como em um torno, fallou-lhe no amor, no genio, na amizade... com o seu enthusiasmo de credulidade poetica.

Então Saffie, com as provas de um positivo assustador, respondeo-lhe:

—A virtude?... é o ouro, ou um temperamento mais ou menos negativo. O crime?... é uma organisação prescripta pela fórma do craneo. O amor?... é um apparelho nervoso. O genio?... um cerebro mais ou menos desenvolvido. De maneira que o sopro de Deos, e a emanação divina, não podem luctar contra a influencia de um producto material, de um copo de vinho.

De maneira que o amor mais exaltado, a mais ardente amizade, o genio mais poderoso confundem-se e dissipam-se ao sopro gelado da febre!

Esta espantosa theoria assustou o mancebo, porque Saffie pintava o seu quadro com tão sombrias côres, com factos tão cruelmente provaveis, com uma eloquencia tão penetrante, que o infeliz Paulo ficou como aturdido e vertiginoso.

Tornou-se por um momento como esse louco de que falla não sei que poeta, o qual, dominado pelo demonio do saber, não via mais a pelle rosada e macia da mulher,

seus olhos puros e transparentes, e seus cabellos de seda . . . não ; este exterior delicioso escapava a suas vistas . . . mas descobria com seu olhar agudo e penetrante as vêas sanguinolentas que se cruzavam sob a sua pelle , os nervos que agitavam seus olhos , e finalmente os musculos vermelhos que faziam mover seu corpo. Horror ! elle não via n'isto mais que um cadaver animado. . .

Mas conhecia a verdade ; via as cousas a fundo , como se diz.

Paulo começava tambem a conhecer a verdade, a ver as cousas a fundo, e tambem a desconfiar.

E o scepticismo é um passo immenso para o desengano.

Paulo ficou immovel , aterrado , e fascinado pela horrivel conversação, e pelo olhar profundo de Saffie.

Sim , Paulo , em logar de crer , começava a duvidar. Uma zombaria tão pungente e algebrica devia deixar traços eternos em seu espirito ardente, impressionavel e intelligente.

Oh ! desgraça ! Compadecei-vos de Paulo, que até então tinha-se subtraído a essa educação abstracta e positiva , ultimo gráo de uma civilisação extrema, que se consome pe-

las suas proprias luzes, e que despojou a nossa sociedade de suas ultimas illusões.

E este mal é irreparavel, porque jámais se encontrará uma crença perdida.

Quem não trocaria toda a fria e profunda sciencia do sceptico pela emoção da creancinha, que junta as mãos na presença do Senhor, e lhe pede perdão de uma falta, ou uma velhice feliz para sua mãi.

Quem não daria a implacavel rasão, a sabedoria frenetica do materialista pela consoladora convicção d'aquelle que acredita em outro mundo povoado por tudo quando nos foi caro n'este?

Quem não trocaria o amargo desprezo do mundo, a triste e zombadora insensibilidade, que nos põe acima de todas as illusões, pelos tempos de ingenua credulidade, em que nos deixavamos enganar com tanta satisfação?

Oh! quanto é então a alma vasia e esteril! ver em todas as cousas interesse, calculo, e pensamentos sinistros... Não acreditar em nada, não amar cousa alguma; ser forçosamente máo ou desgraçado!

Quanto é atroz semelhante vida!

E comtudo, Paulo tinha dado o primeiro passo n'esta vida!

E esse primeiro passo é tudo! Pois não sei que fatal inclinação do nosso entendimento nos faz correr ao encontro da desgraça com lamentavel frenesi, esquecer em um momento annos inteiros de esperança e de ventura, para nos votarmos voluntariamente a um futuro de lagrimas e de desgostos!

Estará escripto no coração do homem:— Tu não pódes crescer senão em toda a profundidade do teu infortunio?

Iria a implacavel ambição de alguns buscar alimento até na desesperação?

Compadecei-vos de Paulo! porque ao menos Saffie, mirrado pela sciencia, e estragado pelos prazeres, tinha ainda o seu odio para alimentar-se! tinha substituido alguma cousa ao que desejava destruir em Paulo!

Porque Saffie tinha uma alma de forte têmpera, um d'esses caracteres absolutos e obstinados, que Deos lança sobre a terra, organisados e completos, tanto para o bem, como para o mal extremo.

Por isso que a alma de Saffie era a immensa cratera de um volcão que tinha engulido tudo: aguas, relvas, verduras e sombras; mas ao menos podia vomitar a

lava abrasadora que fervia em suas entranhas!

Porem a alma de Paulo, meu Deos! a alma de Paulo não era mais que uma fragil e tenra flôr, que, arrancada de sua haste, murcha e desmaiada, devia cair e morrer.

E por isso, o desgraçado moço sentio espedaçar-se-lhe o coração; seus olhos humedeceram-se de lagrimas crueis, e elle disse a Saffie:

— Ah! senhor! por que me dissestes essas cousas? se soubesses o mal que me fazeis!... Que horrivel systema é o vosso!

Então Saffie, com a sua maravilhosa facilidade em assaltar as emoções, e transtornar as idéas que tinha feito nascer, respondeo-lhe que este systema oppressivo não era o seu, mas sim o de alguns homens assaz desditosos para não acreditarem em cousa alguma.

— Quanto a mim, accrescentou elle com sardonico sorriso, acredito no progresso e perfeição infinita do genero humano.

Este ultimo systema, porem, foi tão fracamente denunciado, foi assignalado com côres tão frias e desbotadas, e o outro, pelo contrario, tão vigorosamente colorido que fi-

cou, sombrio, respeitavel e terrivel, e com toda a sua espantosa altivez, impresso no espirito de Paulo.

Saffie deixou-o só.

Livre das importunações de um ente tão infernal, tentou Paulo sair das trévas em que sua alma estava dolorosamente abysmada: invocou a sua ternura filial, e o seu amor por Alice.

Estas doces e ternas recordações vieram illuminar seu pensamento como dous raios d'esperança e de consolação; mas, como o passarinho cuja asa se acha quebrada, o desgraçado fazia vãos esforços para attingir a plenitude de ventura e serenidade d'alma que outr'ora experimentava.

Foi então que Paulo conheceo qual sería a sua vida futura.

Horrorisado e fóra de si, correo por sublime instincto ao camarote de seu pai.

Na porta d'este achava-se postada uma sentinella.

Sabe o leitor que Pedro tinha ordenado ao seu commandante que o castigasse com quinze dias de prisão pelo seu acto de admiravel insubordinação.

Esses quinze dias ainda não eram passados.

— Quero fallar a meu pai, disse o mancebo com voz alterada.

— Senhor Paulo, o tenente prohibio a entrada de toda e qualquer pessoa. É essa a ordem das prisões e do commandante.

— Porem, disse Paulo tremendo de afflicção, digo-vos que quero fallar a meu pai.

— Tenente, gritou o marinheiro, o senhor Paulo quer fallar-vos. Devo deixa-lo passar?

— Senhor, disse Pedro a seu filho, chegando á porta com expressão d'enfado, senhor, não sabeis qual é a ordem?

— Meu pai! por compaixão!... meu pai... permitti que vos falle... Oh! tenho que dizer-vos!... Emfim... meu pai... eu padeço...

A esta voz commovida e entrecortada, o bom tenente esteve quasi a fraquear. Levantava já a mão para ordenar ao marinheiro que o deixasse passar, quando o reteve a sua inflexivel dedicação á disciplina.

— É impossivel, Paulo, disse elle; se estaes doente procurai o meu velho amigo Garnier.

E teve a coragem de fechar a porta.

— Oh! meu Deos! meu Deos! disse Paulo.

E caío sentado na escada do convez, com a cabeça occulta nas mãos. Depois, como tomado de subita idéa:

— Ao menos Alice me attenderá, disse elle.

E desappareceo.

CAPITULO XXXII.

> Bella como a primeira mulher, sorrindo-se á amavel e perigosa serpente, cujo emblema estava já gravado em seu coração quando foi seduzida; seduzia por seu turno ainda mais.
>
> BYRON — *A noiva d'Abydos.*

Amor.

O commandante jogava o xadrez com madame de Bléne.

Alice estava sentada, pensativa.

Graças á grande preoccupação dos jogadores, Paulo passou quasi sem ser visto, e approximou-se de Alice.

Surprehendeo-a a sua pallidez e emoção.

— Grande Deos! senhor Paulo, que tendes?

— Ah, senhora Alice, disse Paulo, tende compaixão de mim!

A moça estremeceo.

Tende compaixão de mim!

Era quasi uma declaração.

— Explicai-vos, senhor Paulo, respondeo ella com interesse. Explicai-vos... Que tendes?

— Preciso ser feliz, senhora: preciso estar com meu pai... comvosco... Pois conheço que uma horrivel fatalidade me arrasta e arrebata... Oh! provai-me que ha verdade n'esta vida... que nem tudo é mentira, odio e desesperação... Oh! amai-me... Por compaixão... amai-me, se não quereis que eu morra.

Esta linguagem contrastava de tal fórma com o caracter de Paulo, que Alice ficou commovida até o fundo d'alma.

— Quaes são pois os pensamentos horriveis que vos mortificam, senhor Paulo? a vós, tão confiado no futuro, tão feliz, e tão certo da vossa ventura!

— Sim, sim, eu o era ha duas horas. Agora porem... tudo *elle* mudou... Foi *elle*, unicamente *elle*... Que horrivel poder tem aquelle homem!

— Porem, em nome do céo, de quem fallais vós?

— De Saffie! respondeo Paulo com accento de terror.

O corpo de Alice tremia todo.

— Sim, continuou Paulo, foi elle, foi Saffie... Esse homem singular tem uma eloquencia tão funesta!... Sentia todas as suas palavras entrarem aqui... no meu coração,

agudas, frias e penetrantes... As lições de meu pai, os ultimos desejos de minha mãi riscavam-se da minha memoria... Sua voz estendia-se como um véo sobre todas as cousas... E eu estava arquejante, fóra de mim, inteiramente subjugado... ouvindo com terror e avidez... querendo fugir sem poder... sentindo penetrar o punhal em meu coração, sem ter animo de fazer o minimo movimento para o evitar... Porem tudo aquillo é falso; é um sonho, uma visão... Não; a felicidade existe... porque vós estais aqui... Tambem existe a virtude... porque conheço meu pai... Oh! sim, elle me enganava... Não é verdade que elle me enganava quando me dizia que não ha felicidade sobre a terra? Haveria tanta para mim se... Vós me amaes, porque... Olhai, senhora, já vo-lo não posso occultar: eu vos amo; sim, eu vos amo! Não vos enfadeis com esta declaração... Perdoai! disse o pobre moço, perdoai! nunca faria semelhante confissão... porem padeço tanto!... Oh! tomai, tomai este annel... é o que caío da mão de minha mãi quando pela ultima vez me abraçou... Oh! tomai-o! É o meu thosouro... é a joia mais preciosa que possuo; visto que me amaes, não deve ella pertên-

cer-vos?... disse elle, offerecendo-lh'a com encantadora timidez.

— Alice! Alice! disse madame de Bléne, vem decidir uma questão entre mim e o commandante.

— Paulo, meu amigo, n'esse caso vireis vós em meu auxilio, disse o bom marquez.

Estas palavras despertaram Paulo; Alice pegou no annel, tremendo, metteo-o no dedo, lançou sobre Paulo um olhar arrebatador, e dirigio-se para onde estava o commandante jogando. . . . . .

. . . . . .

E de noite, embalada em seu leito, Alice não dormia. O seu coração batia; experimentava um sentimento de angustia e de dôr inexplicavel, e dizia a si mesma com espanto: — Que infernal influencia terá *elle?* Mudar com uma palavra o coração de Paulo! Um coração formado pelo amor paterno, e purificado pelos votos de uma mãi moribunda!... Que poder!

CAPITULO XXXIII.

É na desgraça que se revela o amor.
MADAME EM. DE GIRARDIN — *Elle me amava.*

Amor e Odio.

Oh! quanto é bella uma noite nas aguas indolentes do Mediterraneo! Quando o navio negligente deixa fluctuar suas vastas velas ao sopro incerto de uma brisa expirante! Quando o mar se acalenta como uma creança em seu berço! Quando brilham as estrellas no fundo azulado das ondas, como outras tantas lantejoulas caídas do céo! Quando finalmente a lua derrama ao longe seus reflexos de luz nacarada e resplandecente!

E quanto me agrada o silencio de taes noites!... Quanto é grato o surdo e melancholico murmurio do mar que repousa! Quanto gosto de ouvir a aspiração longinqua das balêas, que brincam sobre as ondas, lançando brilhantes repuxos d'agua d'espumas alvejantes! Quanto é deleitavel a navegação harmoniosa do navio, que sussurra docemente como as folhas seccas das arvores sob os pés ligeiros de uma moça!

Quanto é aprazivel ver a Salamandra caminhar silenciosa no meio das magestosas harmonias do mar e dos céos!

Quanto é bello ver, na pôpa da corveta, Alice vestida de branco, que só, e immovel no meio das sombras transparentes da noite, deixa errar ao longe seus olhos humedecidos!

O dia antecedente parecia-lhe um sonho.

E ella sonhava com elle.

— Paulo ama-me! pensava ella. Elle m'o confessou! E uma declaração de amor, que, segundo me disseram, deve sempre alvoroçar, deixou-me apenas uma impressão doce e tranquilla. — Pois o amor será só isto! — Acaso o amarei eu? Oh! sim! eu o creio, porque o seu rosto é tão terno; elle tem tanta bondade, bravura e nobreza d'alma! estima tanto seu pai! Lembra-se tanto de sua mãi! Quando me falla a seu respeito as suas palavras são tão sinceras e convincentes!... E fallar-me de sua mãi é agitar toda a tristeza e melancholia da minha alma. E depois, este annel era de sua mãi, e elle m'o deo porque me ama, e porque eu tambem o amo; sim. E comtudo, pensava eu que a palavra amor transtornava toda a nossa existencia. Acreditava que esta pala-

vra mudava a nossa vida, os nossos sentidos; mudava até a nossa linguagem, o ar que respiramos, a natureza que temos diante dos olhos. E todavia, não sinto em mim mudança alguma: vivo e respiro como d'antes; o céo é o mesmo, são as mesmas as aguas do mar. Apalpo-me, sou ainda a mesma; ainda sou... Alice. E eu o amo! — sim, porque não tenho por elle senão desejos de felicidade. Se penso no seu futuro, é só para rogar a Deos lh'o dê prospero e tranquillo... E hontem quanto eu soffria vendo-o padecer! vendo o pobre moço, tão puro e venturoso, afflicto e abatido pela influencia de...

Alice parou n'esse logar; o seu rosto cobrio-se de rubor, e ficou por um momento pensativa. Depois proseguio:

— Sim, sim, reconheço que o amo, comparando o que por elle experimento ao que sinto pelos outros. Aquelle joven official é bello como Paulo, e bravo como elle, porem tem um coração vulgar e commum... E por isso pouco me importa a sua desgraça ou a sua felicidade. A sua voz me é indifferente, ao passo que me agrada a voz de Paulo. Elle não me deixa nenhuma recordação, nenhuma saudade; entretanto que

gosto de ver Paulo e de estar junto d'elle... Amo a sua presença, ao mesmo tempo que...

Aqui Alice parou de novo; pois, por inexplicavel temor, tinha recuado duas vezes ante uma idéa, á qual involuntariamente voltava.

— Pois bem! proseguio ella, como superando um sentimento de vergonha para comsigo mesma; mas por que devo recuar a este pensamento? Sim!... *elle* é um ente a quem odeio; sua vista me incommoda, sua voz me irrita; sim! eu o aborreço!... E quem me dera poder amar Paulo tanto quanto a *elle* odeio!

As faces de Alice estavam abrasadas, e elle apenas respirava.

— Oh! o odio é quem muda o coração, e não o amor! O odio, que lhe tenho, foi quem me mudou... Quando penso *n'elle*, o céo parece-me sombrio e triste; o mar torna-se lugubre. Finalmente, se, timida e receiosa, d'elle me lembro, é para o amaldiçoar... Todavia, o que me fez *elle?* Não sei: mas a sua vista me fatiga, a sua polidez, fria e exquisita, me fere e atormenta... *Elle* é tão soberbo e altivo, e Paulo tem tanta bondade! e demais, seus eternos sarcasmos contra o genero humano, suas

zombarias sobre o amor e a felicidade... Que me importa tudo isso? Mas seus olhos tem uma tão severa expressão... pois, máo grado meu, encaro-o algumas vezes, amaldiçoando-o a *elle* e a mim. Seu rosto, pallido e triste, acompanha-me por toda a parte... desde que o vi, desde que o odeio!

Sim, elle estava alli, encostado áquella escada, quando pela primeira vez subi ao convez. Tinha um ar triste e pensativo; saudou-me profundamente, e jámais esquecerei a expressão de seus grandes olhos, que por um momento se fixaram sobre mim... para nunca mais o fazerem. Jámais esquecerei a expressão d'esse olhar profundo, resoluto e dilatado, que senti quasi physicamente...

E recordo-me que Paulo ficou, como eu, admirado da singularidade de semelhante homem. Participei a Paulo quanto me havia tocado o seu primeiro encontro, e elle tinha experimentado a mesma impressão. E d'ahi em diante... sim, d'ahi em diante foi-se augmentando o meu odio. Oh! daria de bom grado ametade da minha existencia para saír d'este navio, para chegar ao meu destino, e não o tornar a ver... nunca! Porem, oh meu Deos! poderei eu esquecê-lo?

E Alice caío em dolorosa melancholia...

— Acaso estareis doente, senhora? perguntou uma voz meiga.

Alice estremeceo; era Saffie.

Pela primeira vez fallava a sós com ella; pela primeira vez a sua voz tinha para ella um accento interessante.

Alice sentio-se desfallecer; o seu coração abandonou-a.

CAPITULO XXXIV.

Ha com tudo entre vós celestes creaturas.

BYRON. — *D. Juan.*

Mas ah! o perigo nada tem de repulsivo, e a voz que nos perde é quasi sempre a que mais nos agrada.

MADAME EM. DE GIRARDIN.—*Magdalena.*

Elle me diz «aborreço-te» com a mesma facilidade com que diria «amo-te.»

SEXTIUS DELAUNAY.—*Panayota, poema inedito.*

Julgaes que sou feliz?

Alice, não podendo superar a sua emoção, encostou-se á borda da corveta.

— Senhora, poderei offerecer-vos o meu braço? disse Saffie approximando-se.

— Não, não, senhor! respondeo logo Alice, com expressão de involuntario temor. Depois accrescentou: Muito vos agradeço, senhor!

Queria ella ir reunir-se a madame de Bléne, mas foi-lhe isso impossivel; estava como pregada no logar em que se achava.

Saffie fez uma respeitosa cortezia ao ouvir a recusa, e disse:

— Conheço, senhora, que é importuna a minha presença, e que a aversão que vos inspiro, impede que acceiteis da minha parte o mais insignificante obsequio. Eu me retiro, mas permitti que mande alguma pessoa para junto de vós; porque, accrescentou elle com profundo accento d'interesse, pareceis-me incommodada, e muito sentiria que vos faltassem os cuidados necessarios por serem por mim offerecidos.

— Senhor, acho-me melhor, muito melhor. Não sei quem poderia auctorisar-vos a pensar que...

— A pensar... que me aborreceis, Alice! respondeo Saffie. Uma sympathia raras vezes diminuida, uma voz secreta, que nos adverte que o sentimento que experimentamos é partilhado. E bem vêdes, Alice, que este instincto me não illudio.

A donzella julgava sonhar: Saffie já a chamava — Alice, — tractando-a com essa liberdade que só existe no fim de alguns annos de intimidade, ou depois das provas de uma mutua affeição. Ella não sabia o que responder; perturbou-se e sentio bater-lhe o coração. Saffie já não fallava, e ella ainda o ouvia.

Elle proseguio:

— Soube finalmente que me odiaes, Alice, porque desde o primeiro dia que vos vi tambem vos odiei.

Alice estremeceo.

— Sim, porque viestes cruelmente despertar perdidas emoções, crenças para sempre destruidas, e sonhos passados, de amor e felicidade. Sim, Alice, porque fostes vós o anjo que os condemnados avistam do fundo dos infernos. E por isso, o meu odio augmentará cada dia á vista de vossos encantos. Sim, detesto-vos, porque não posso amar-vos.

Alice empallideceo.

— Cumpre ter um coração para amar, Alice; e seria preciso ter um coração digno do vosso, um coração ardente e joven, uma alma pura em que a vossa, caso n'ella se refugiasse, achasse idéas doces e consoladoras, como a andorinha, que só deixa o seu ninho, por saber que acha em toda a parte o mesmo sol, os mesmos perfumes, e as mesmas flôres! Em minh'alma, Alice, accrescentou elle com amargo sorriso, só encontrarieis odio, desprezo, e incredulidade. Um coração mirrado, Alice, é um precipicio horrivel... Pobre anjo, caírieis n'elle, abysmada no nada e na desesperação!

E pegando depois na mão de Alice, cujos olhos estavam humidos de lagrimas, continuou com voz suave e persuasiva:

— Penso com magoa e gosto que existe para vós um porvir de felicidade. Sim, Alice, existe um coração igual ao vosso, um coração que póde restituir-vos o que lhe outorgardes: um moço, como vós, na aurora da vida; formoso como vós, e como vós puro, credulo e sensivel. Este mancebo ama-vos; amai-o tambem, Alice; cumpre que o ameis...

— Por tanto, Alice, se novas penas pudessem achar morada em meu coração, ellas augmentariam com a minha existencia, mas o meu coração já está cheio.

— Bem sabeis, senhora, quanto seria doloroso dizer: — Ei-la emfim, realisada por outros, essa ventura ineffavel; verificado por outros, que não por mim, esse sonho de toda a minha vida, esse pensamento, com que já nem ao menos posso sonhar! — Oh Alice! comprehenderieis o meu odio, se soffresseis o que eu soffro!

Uma lagrima caío na mão de Alice, que respirando com difficuldade, exclamou involuntariamente:

— Meu Deos! e quem vos disse que eu sou feliz?

E desfez-se em lagrimas, porque esta scena era superior ás suas forças. E por isso, no momento em que madame de Bléne subia ao convez, Saffie apenas lhe pôde dizer: — Senhora, creio que vossa sobrinha acha-se indisposta.

— Aqui estou, aqui estou, disse o bom douctor. Mas desçamos para baixo; talvez que o ar da noute vos fizesse mal!

CAPITULO XXXV.

O coração!... é um abysmo.

POPE.

O Noivo.

Alice, occultando as suas lagrimas, tinha descido para o seu camarim, e desejando estar só, pedio a sua tia que se retirasse, dizendo que queria dormir um pouco.

— Oh! desgraçada de mim! murmurou ella; desgraçada de mim! Que ouvi? E não morri... a seus pés! Disse elle que não póde amar-me, e ordenou-me que amasse outro! — Não póde amar-me! — Acaso os meus olhos lhe provariam que lhe tinha algum amor? Oh! meu Deos! qual seria a minha sorte se o amasse?! Seria humilhada, repellida e desprezada! Seria preciso arrojar-me a seus pés, e exclamar: Perdão, perdão!

— E se eu o amasse, se o adorasse com todas as forças da minha alma; se por uma influencia inexplicavel, a sua alma triste e dilacerada para mim se attraísse; se esperasse cicatrizar suas dolorosas feridas; se o

meu coração fosse tão amante quão compadecido!

— Não póde amar-me! E se... mas este pensamento me envergonha, como se fosse proferido por outra boca... E se por fatal contradicção, por horrivel capricho do meu destino, eu... talvez o amasse, por isso mesmo que não póde amar-me!

— Porem não! oh! não, meu Deos! estou louca, perdoa-me; a alma creada á tua imagem e semelhança não póde ser tão baixa e miseravel; não, é um erro da minha imaginação; estou doente, tenho febre, estou louca e delirante!

— Porque emfim Paulo póde muito bem amar-me! Paulo, a quem elle me ordena que ame, tem uma alma candida, sensivel e nobre. Sim, heide ama-lo, sim, até já o amo. Paulo, Paulo, onde estaes? Paulo! só a vós amo!...

Alice estava em um estado de exaltação difficil de descrever.

— Alice! Alice! disse uma voz fraca.

A moça estremeceo; a voz vinha da janella que estava aberta.

Paulo appareceo n'ella.

— Oh céo! Paulo! senhor Paulo! disse precipitando-se nella, como vos achaes ahi?

— Ah! senhora! não é este o meu lugar de cada instante, todas as vezes que estou livre? Quer aqui estejaes, quer não, não venho eu aqui sempre? Pois para mim estaes aqui sempre, ou vós, ou a vossa lembrança. Oh! deixai-me estar aqui, disse o mancebo de joelhos na portinhola.

— Vós ouvistes-me, senhor Paulo?

— Será certo? não me enganaria? seria a vossa voz? ter-me-hieis chamado?

E entrou no camarim: Alice não podia negar.

— Ouvi, Paulo. Vós me amaes?

— Tendes o annel de minha mãi.

— Sou digna d'elle, Paulo, porque vos amo; sim, eu vos amo!

O mancebo cahio a seus pés.

— Attendei-me, disse ella com voz commovida e precipitada. Ainda que a fortuna de meu pai seja consideravel, ainda que ambos sejamos ainda creanças, estou certa de obter o seu consentimento para o nosso casamento. Cumpre que vosso pai faça a minha tia o pedido da minha mão, no que ella consentirá. Então, Paulo, não me deixareis nem um momento; tereis todo o direito de estar em minha companhia, porque seremos noivos, e então cumpre que este-

jaes sempre, sempre junto de mim. Ouvis, Paulo? quereis assim?

Paulo estava louco, embriagado e delirante de alegria. Realisava-se o seu pensamento; a mulher adoravel que devia amar em nome das virtudes de sua mãi, a sua crença, e a sua divindade, ei-la! é Alice! Alice, que lhe dizia: Eu te amo! Alice, que lhe dizia: Pobre mancebo, é a ti que eu prefiro! Ella o amava, era ella quem lh'o dizia...

Paulo não achou uma palavra para responder-lhe. De joelhos diante d'ella, e com as mãos juntas e cerradas, dir-se-ia que orava.

Um diluvio de lagrimas veio depois banhar-lhe as faces, e poude apenas dizer: — Oh Alice! Oh minha mãi! tu me ouviste!

Alice estava anhellante. Com este passo extraordinario e inesperado julgava fugir ao amor de Saffie, sem poder explicar a sua violencia. Noiva de Paulo, e a elle voluntariamente dedicada, seria um crime e uma infamia engana-lo, e julgava-se incapaz de descer a tanto.

— É possivel, Alice? vós me amaes?

— Sim, amo-vos, só a vós amo, Paulo! E vós tamhem me amaes? Oh! dizei essa

palavra; repeti-a: quero ouvi-la... Oh! vós podeis amar-me, não é verdade? Esta palavra satisfaz-me tanto! Dizei tambem que eu vos amo, que foi por meu gosto que vo-lo disse, e que se vos enganasse seria infame: ouvis, Paulo? infame!...

— Não vos comprehendo, Alice!

— Não, não; eu vos amo! Não sois vós o esposo da minha escolha? vossa mãi e a minha, que estão no céo, abençoarão a nossa união... Meu Paulo, meu bom Paulo!

Porem Paulo, ouvindo passos, beijou a mão de Alice, e desappareceo pela portinhola.

— Ao menos, disse a donzella, este horrivel pensameuto não me importunará mais; já estou mais tranquilla: heide *esquece-lo!* Oh minha tia! quanto padeço! disse Alice a madame de Bléne, que entrava no seu camarim.

CAPITULO XXXVI.

A vida é uma viagem; tractemos de diverti-la.

Poesias do Imperio.

O rato esfregado com greda.

Tinham-se passado alguns dias depois que Alice fizera a Paulo a confissão de seu amor, pedindo-lhe unicamente que não fallasse ainda no pedido a seu pai.

O desejo de Paulo era não deixa-la. Constantemente junto d'ella, feliz e encantado, tinha de todo esquecido a conversa de Saffie; e o prazer que innundava sua alma havia dissipado os pensamentos sombrios e crueis que por um momento o tinham agitado.

Saffie apparecia raras vezes no convez, e mesmo no alojamento do commandante. Fechou-se no seu camarim, pretextando uma ligeira indisposição, o que depressa satisfez os desejos do bom douctor, que, como sabe o leitor, só por isso esperava para *conhecer* Saffie.

Foi porem illudida a esperança do velho Garnier, porque Saffie recusou os seus cuidados.

Apenas uma vez Saffie se approximou de Alice para dizer-lhe: — Alice, vejo que sois feliz; vós o amais... Não vo-lo tinha eu aconselhado? Estará n'isso a ventura?

E retirou-se.

Alice nada respondeo, mas ficou extremamente pallida.

— Elle m'o aconselhou, pensava ella. Julgará que amo Paulo por me haver dito que assim o fizesse? Amo-o porque é bom, leal e bravo... Amo-o porque o seu amor faz a minha ventura.

E, depois de alguns momentos, juntando as mãos com força: — Oh! quem me dera morrer! sim, morrer! disse, olhando para o céo.

Talvez, pela vez primeira, pareceram-lhe molestas as attenções de Paulo. A sua presença a incommodava.

E pretextou tambem uma indisposição para ficar no seu camarim.

— Não tendes rasão, disse o velho douctor; hoje é domingo; temos á noite baile, com o qual vos divertireis, porque os nossos marinheiros dançam uns com os outros. É muito justo, é um dia consagrado ao prazer.

Isto porem não decidio Alice, que desceo para o seu aposento.

Na verdade, como tinha dito o douctor, era um dia consagrado ao prazer. E uma das provas convincentes d'esta alegria eram os gritos atroadores que retiniam na prôa da corveta.

— Perdão! perdão! dizia uma voz fraquinha, entrecortada de choro.

— Esfregai com greda esse torpe rato! esfregai-o com greda! repetiam em côro.

— Oh! vós me maltractaes! continuou a fallinha.

— Por que rasão, infame, não vieste lavar o focinho com os outros grumetes? Estavas roendo alguma cousa no porão, hein?

— Porem, meu Deos! vim logo que Buyk m'o permittio.

— É mentira! greda, greda com o rato!

— Sim, sim, greda ao rato! repetio em côro uma dezena de vozes, sobre as quaes sobresaíam de maneira horrivel os gritos agudos dos grumetes.

— Meu Deos! meu Deos! que vos tenho eu feito para assim me maltractardes? exclamou Miseria.

— Andas-nos aqui illudindo, e por isso temos direito de divertir-nos um pouco á tua custa; queremos ver de que côr fica a pelle de um rato esfregando-a com greda.

Este gracejo fez dar fortes gargalhadas ao auditorio, que cobrio de bravos e gritarias a voz do infeliz moço.

Miseria agitava-se no meio de uma multidão de marinheiros e grumetes. Tiraram-lhe toda a roupa, á excepção das calças, e prepararam-se para esfregar-lhe o corpo com arêa e estôpa (*).

Porfim dous vigorosos marinheiros seguraram n'elle, e conservaram immoveis seus membros fracos e debeis, estendendo-o depois sobre as antenas.

— Espera, espera, parisiense! disse o pobre pequeno a um de seus camaradas tremendo de medo; não me faças mal, e vos darei o meu pão e o meu vinho. — Meu Deos! não tenho mais nada; porem não importa, eu vo-lo darei, se m'o não tirarem.

— Não duvido, rato infame, porque irias roer biscouto na dispensa.

N'este logar proromperam em novas gargalhadas, e lançaram sobre Miseria um punhado de arêa branca e finissima.

— Oh! estaes-me enchendo os olhos de

(*) Operação frequentemente practicada a bordo dos navios, e particularmente com os novatos bretões.

arêa; estaes-me cegando. Perdão! perdão! Que vos fiz eu? que vos fiz eu? Oh! meu Deos! meu Deos! gritou o pequeno com voz colerica e espedaçadora.

— Esfregai, esfregai; agora hade ficar vermelho; bem sabeis que o rato marinho é como o camarão, fica vermelho quando se cosinha, e isto vai cosinha-lo: vamos, disse o parisiense.

Novas risadas. E começaram a esfregar todo o corpo de Miseria com estôpa embebida em agua do mar, mas esta agua, caustica e picante, junta á arêa fina e cortadora, causava ao desgraçado dôres atrozes, pois a massa corrosiva entrava nas esfoladuras que fazia aqui e alli.

— Deixa-me! deixa-me! bradou o pequeno.

— Ah! o rapagão ainda está valente? Quando estiveres lavado, rato...

— Deos! oh Deos! quanto soffro! Deixa-me, parisiense! Deixa-me, eu t'o rogo! Farei tudo quanto me mandarem. Comerei essa arêa, se quizerem; respondei, parisiense, quereis que eu a coma?... Porem, isso não!... Por compaixão... perdão!... Perdão!... Vêde! o meu peito está em carne viva!...

A esfregação continuava; que digo? redobrava!

— Então não quereis deixar-me? Meu Deos! se minha mãi aqui estivesse, se minha mãi fosse viva!... disse o pequeno.

E seu rosto tomou singular expressão.

A dôr tornou-se agudissima e nervosa.

— Oh minha mãi! minha mãi! estão-me martyrisando... Vem defender-me, minha mãi!

O infeliz perdia a rasão. O padecimento era superior ás forças de uma creatura tão fragil e delicada.

— Ora pois, estará louco este rato infame? Aqui não ha queijo; ouves, selvagem?

— Oh! eis ahi, eis ahi minha mãi! Maltractai-me agora... Oh! sim! sim! tendes-me rasgado o corpo todo; mas ahi vem minha mãi, tomai sentido!

E o miseravel ria-se.

— Está louco!... Olha-lhe para os olhos, parisiense, disse um marinheiro; parecem de fogo!

Miseria tinha, com effeito, caído em um d'esses excessos de demencia, que seguiam sempre os máos tractos com que o atormentavam.

Seus olhos brilharam, e, dilatando-se de

maneira assustadora, ficaram fixos; e um sorriso, igual ao sorriso sardonico do moribundo, entreabrio seus labios pallidos.

Miseria proseguio:

—Sou eu, minha mãi; é o Jorgesinho, que elles chamam Miseria, eu bem sei por que, e em quem dão pancadas diariamente. Vmc. vem, não é verdade? Traz-me roupa, porque tenho frio, pão, porque me tiram o meu, e eu tenho fome... Responda, hade aquecer-me no seu leito, ao lado da grande chaminé; não é assim, minha mãi? E de manhã dar-me-ha os bolos de trigo negro que costumava fazer para o seu Jorgesinho? Mandar-me-ha aos domingos orar a Deos, e beijar o menino Jesus, visto que aqui a bordo já me tenho esquecido de rezar. Porem não, não, Vmc. não póde vir; está morta... como meu pai, que tambem morreo... Só o seu Jorgesinho existe ainda para o frem matando pouco a pouco todos os dias. Ouve, minha mãi? querem mandar-me para a sua companhia, sim, para a sua companhia!

E Miseria fechou os olhos.

Os marinheiros olharam uns para os outros. A sua conducta não era dictada por estudada atrocidade, era um prazer brutal.

Divertiam-se com este infeliz como uma creança brinca com um pobre passarinho a quem martyrisa.

Os que seguravam Miseria tinham as lagrimas nos olhos; e, vendo-o em semelhante estado, largaram-no, e assentaram-se nas antenas.

Este movimento fez que o pequeno voltasse a si, mas sem restitui-lo á rasão. Deo um pulo, e voltando-se, como um poletiqueiro, com espantosa rapidez, começou a gritar com fallinha aguda e penetrante:

— O rato... o rato... tem bons dentes... e roeo a noz... roeo... roeo...

E fazia estalar os dentes uns contra os outros com incrivel vivacidade.

Depois, volteando sempre, chegou á escotilha de prôa, lançou-se á ponta de um cabo, e desappareceo.

Ainda alguns minutos depois ouviam-se estas palavras, em quanto Miseria se sumia nas profundidades do porão.

— A noz está roida... roida... roida... porque o rato tem bons dentes...

Depois extinguio-se a voz, porque Miseria tinha chegado ao fundo do porão.

Ainda que o desgraçado estivesse em completo estado de demencia, todavia uma idéa

fixa, uma idéa de vingança o dominava; e sómente para a execução d'esta idéa parecia ter conservado a sua rasão.

Miseria introduzio-se em um paiol, e chegando-se a uma pipa, que tirou do seu logar, acocorou-se junto do costado da corveta.

E por meio de um trado e uma serra que tinha escondido, conseguio furar o casco do navio, e fazer uma abertura de quatro pés de longo, e dous de largo.

Trabalhava n'isto havia bastante tempo, e era o que elle chamava *roer a noz*.

N'este momento apenas o delgado forro de cobre do navio obstava á entrada d'agua na corveta.

Mas, com uma martellada na primeira folha d'esse cobre, podiam as outras immediatamente despregar-se, e dar entrada ás ondas, que deviam fazer soçobrar a Salamandra.

Miseria pegou no martello; porem conteve-se, porque se lembrou do baile d'essa noite.

E esperou.

CAPITULO XXXVII.

En avant deux!

TOLBECQ.

O Baile.

N'essa noite os marinheiros, um tanto embriagados, ruidosos e contentissimos, subiram ao convez; dous bretões de Ploermel tocavam o instrumento nacional, especie de gaita-de-folle de duas embocaduras, mui pouco harmoniosa, mas aguda e penetrante.

Por occasião do baile tinha quasi desapparecido a hierarchia militar: o grumete figurava modestamente face a face com o cabo de marinheiros, que muitas vezes o havia castigado; os novatos eram attenciosamente tractados pelos gageiros, e o proprio La Joie com singular gravidade fazia passos de dança defronte de Bouquin, que escolhêra para seu par, e a quem, em um accesso d'insolita satisfação, chamava alegremente *madame Bouquine*.

Alguns velhos carvões, que não gostavam de dançar, ou que não achavam pares a seu gosto, contemplavam este espectaculo aga-

chados nas amuradas, fumando seus cachimbos, e sem proferir palavra mandavam uns aos outros terriveis baforadas de tabaco, alternadamente pela bocca e pelo nariz.

O bom commandante sorria-se á vista d'este quadro pastoril, satisfeito com a alegria d'estes bravos, e sómente contrariado por achar-se comprimido em seu uniforme.

— Apostemos, Pedro, disse o velho Garnier ao tenente, que vou convidar o commissario a dançar?

— Vós não sois gamenho, douctor, respondeo madame de Bléne.

— Oh! minha senhora, sou já muito velho, e deixo essa honra ao commandante ou ao primeiro tenente.

— Já vêdes, commandante, disse madame de Bléne, que convem invejar a mediocridade; pois se o governar tem seus encantos, não deixa de ter igualmente os seus desgostos.

— Minha senhora, respondeo o marquez, recordando-se da galanteria do ultimo seculo, em quanto não chegam os desgostos gosam-se os encantos.

E pegou-lhe na mão com urbanidade.

— Oh! que loucura, commandante, dançar na vossa idade!...

— O coração não envelhece, respondeo espirituosamente monsieur de Longetour.

— O coração, é verdade, commandante... mas tracta-se das pernas.

— É certo, porem vós daes coração ás pernas, respondeo o marquez com esse fino estouvamento que recordava as bellos tempos do marechal de Mirepoix.

Não havia que responder-lhe, cumpria render-se... e madame de Bléne se rendeo.

— Porem, de véras, commandante, não posso; minha sobrinha acha-se doente, e...

— Nada, disse o douctor, venho agora da camara do commandante; escutei á porta, e ella dorme... perfeitamente. Assim, minha senhora, não ha desculpa...

— Commissario, quereis fazer-me a honra de dançar comigo esta contradança?

— Ora adeos! estaes gracejando, respondeo o commissario.

— De nenhum modo; cumpre fazer de *vis-à-vis* ao commandante e á senhora... e vós estaes excellente. Sim, commissario, só vos falta o capacete e o pennacho.

— Uma idéa me occorre, disse Merval; não poderiamos acordar a senhora Alice?

— Sem duvida, disse o bom tenente, procurando Paulo com os olhos.

N'este momento tinha a gaita-de-folle cessado a sua musica dissonante, os pares descansavam, e reinava um d'esses silencios repentinos, que algumas vezes surprehendem as mais tumultuosas assembléas.

Ouvio-se então uma risada aguda e sarcastica, que parecia partir do céo, e logo caíram do alto dos mastros estas palavras:

— Ah!... ah!... ah!... o rato tem bons dentes, e com elles roeo a noz... ella está roida: cuidado com o buraco!... O rato tem bons dentes.

A marinhagem, o estado maior, e a gente toda do navio ficou como petrificada, e procurando descobrir d'onde partia esta voz estranha.

Ouvio-se então como o estrondo de um corpo pesado que caía no mar. O tenente correo ao portaló, olhou e gritou:

— É um homem no mar!... e immediatamente depois e com o maior sangue frio: — Ás bombas!... preparem as bombas!...

É impossivel descrever o effeito que produziram estas palavras repetidas de bocca em bocca.

— Ás bombas! ás bombas! gritou outra vez o tenente correndo para a prôa. — Que-

rem ir a pique, sem tentar ao menos escapar á morte?

Apenas tinham sido proferidas estas palavras appareceo no convez Buyk, o fiel do porão.

— Ha quatro pés d'agua na caverna, gritou elle, e o porão enche-se!

— Ás bombas!!.. todos ás bombas! repetio o tenente. Escaleres ao mar, e pena de morte ao primeiro que abandonar o navio antes de chegar-lhe a sua vez.

Esta voz conhecida, e o apito de mestre La Joie restabeleceram a ordem possivel; começaram as bombas a trabalhar, e tractou-se de lançar os escaleres ao mar. N'este momento ía Paulo deixar o convez, quando seu pai o percebeo.

— No vosso posto, senhor!... Na prôa! gritou-lhe elle.

— Porem, meu pai, Alice...

— Senhor! não me ouvis? repetio Pedro com voz atroadora.

Paulo não pôde responder-lhe uma só palavra, e, arrastado pelo habito de passiva obediencia, corria para o seu posto, quando encontrou madame de Bléne, que fazia todos os esforços para romper a espessa camada de marinheiros que lhe embargava a passagem.

— Vós não podeis passar, senhora, lhe disse elle.

— Em nome do céo!... minha sobrinha!... Alice!...

— Está em segurança, senhora! se a corveta fôr a pique serão primeiramente salvas as senhoras.

— Porem, meu Deos! meu Deos! quero ve-la, quero passar.

— É impossivel, senhora; embaraçarieis o serviço, e a pouca esperança que nos resta de salvação só depende das bombas. — Vamos, vamos, meus rapazes, animo! disse Paulo, dando o exemplo de prodigiosa actividade.

O tenente, com o porta-voz na mão, estava tranquillo no meio d'este perigo terrivel; e de minuto em minuto inclinava-se para ver os progressos da agua, que já chegava á bateria, e de espaço em espaço dava as ordens necessarias para evitar qualquer confusão.

A admiravel tripulação da Salamandra tinha sido tão perfeitamente acostumada por elle a uma exacta e severa disciplina, que esta manobra, da qual dependia a vida de todos, era feita com tanto silencio e sangue frio como se se tractasse de um simples exercicio.

O tenente, absorvido por uma vigilancia continua, não tinha podido occupar-se do commandante, que, fóra de si, tinha-se esquecido inteiramente do brio e da honra.

Pedro procurou com os olhos o ex-estanqueiro. Acabava-se então de lançar ao mar a baleeira, e o marquez, dando por isso, levantava já a perna por cima da borda para se atirar a ella, quando Pedro o segurou por uma aba da farda.

— Onde ides, senhor? lhe disse.

— Essa não está má! como vèdes, quero salvar-me. Deixai-me; nós vamos a pique.

— Miseravel! murmurou o tenente, conduzindo-o á força para o convez.

— Sou vosso commandante, e mando-vos que me largueis, proseguio o outro luctando com o tenente.

— Porem, não sabes, desgraçado, que o primeiro homem que abandonar o navio antes das senhoras e das creanças, é punido com a morte? Não sabes que o commandante é o ultimo que deve abandonar a sua embarcação?

— Mas eu não quero morrer! Sim, tenho medo! Sou indigno de ser vosso commandante, e dou a minha demissão. Consenti que me salve, disse finalmente o marquez.

O ex-estanqueiro procurava fugir das mãos de Pedro, que tremia que a tripulação presenciasse esta altercação.

— Salve-se quem poder! salve-se quem poder! gritou o marquez, fóra de si, n'um momento em que a corveta, inclinando-se, parecia submergir-se.

— Cala-te! disse Pedro, pondo arrebatadamente a mão na bocca do marquez, cala-te, infame! Esse grito de cobardia é sempre punido de morte! Elle o vai ser, pois que te prometti que não mancharias as tuas dragonas,

E Pedro, exasperado e furioso, puchou do punhal e correo-o sobre o commandante. Felizmente, porem, resvallou a folha, e apenas arranhou o braço do velho.

— Tenente! que é isso, tenente! disse La Joie, precipitando-se sobre Pedro.

— O miseravel quer assassinar-me! gritou o marquez, pallido e tremulo.

Pedro voltou a si, e disse com accento de colera simulada:

— E por que rasão, commandante, não quereis salvar meu filho, e dar-lhe ordem para embarcar no escaler?

Por esta mentira admiravel, por esta interpretação natural dada á sua conducta, Pe-

dro salvava a honra do commandante, mas perdia-se a si proprio.

— Vós sabeis, tenente, que os officiaes são sempre os ultimos a embarcar, e o senhor Paulo é official, disse La Joie, conservando Pedro seguro pelo meio do corpo.

— Retirai-vos, mestre, disse Pedro a La Joie, parecendo tranquillisar-se; o meu amor por meu filho me arrebatou. Sou criminoso, commandante, e me entrego á minha sorte. Eis aqui o meu punhal.

O marquez, estupefacto, pegou machinalmente no punhal.

N'este momento chegou Bouquin, esbaforido e a toda a pressa.

— Commandante, disse elle, seremos muito felizes se as bombas esgotarem a agua do navio. Bayk, depois de ter-se *arriado* ao longo do costado, faz diligencia por pregar uma chapa de chumbo no rombo da corveta.

— O commandante, disse friamente Pedro, manda que não descansem as bombas. — Senhor de Merval, mandai *bracear* o grande, e gavia; vamos atravessar. — Senhor Bidaud, fazei continuar os preparativos começados, afim de lançar a lancha ao mar, e ide ver no porão a quantidade d'agua que vencemos. — Bouquin, fazei reinar

a ordem na bateria, e, se as circumstancias o exigirem, alijaremos a artilharia;— e vós, mestre calafate, entendei-vos com o carpinteiro para remediar quanto antes esta avaria.

Estes detalhes decisivos e minuciosos, estas ordens precisas e exactas eram dadas com a sua voz ordinaria, e sem a mais ligeira emoção.

O perigo, porem, ainda parecia eminente.

CAPITULO XXXVIII.

Uma occasião, meu charo Tom.

BYRON. — *Memorias.*

Não: o fogo do céo não é mais vivo nem mais prompto, que o que veio abrasar-me n'aquelle momento.

ROUSSEAU. — *Julia.*

Naufragio.

Depois de ter chorado por muito tempo, arrebatada e perseguida pela lembrança de Saffie, que não podia evitar, maldizendo o amor profundo que lhe consagrava, e depois de ter por vinte vezes invocado a morte, Alice tinha adormecido, acabrunhada e abatida pela dôr.

Despertada porem pelo tumulto que reinava no convez, ouvio ella estas horriveis palavras: — A corveta perde-se... vamos a pique.

— Meu Deos! que será isto? gritou ella, sentando-se na cama.

A porta do camarim abrio-se.

— Minha tia! em nome do céo!

Era Saffie.

Este fechou a porta e disse:

— Estamos perdidos, Alice; em menos de dez minutos será a corveta engolida pelas ondas.

— Que dizeis?

— Acaba de descobrir-se um rombo no costado do navio; morremos todos!

Com effeito, a portinhola, que ficava ordinariamente dous pés acima da superficie do mar, tinha descido um pé, e continuava a baixar.

Sim, vamos morrer, disse Alice pensativa.

Suas faces tornaram-se purpurinas, e brilhou um relampago em seus olhos, humedecidos pelas ultimas lagrimas.

— Morrer! repetio ella; o céo me attendeo!

E seu rosto tornou-se radioso de alegria.

Saffie approximando-se mais, tomou-lhe as mãos em suas mãos abrasadoras.

— E é porque vamos morrer, Alice, que vim para junto de ti. Por esta morte daria a minha vida... ainda quando houvesse ella de começar prospera e longa.

N'este momento um grito espantoso e lugubre soou no convez, e a portinhola desceu até ao nivel do mar.

— Ouves, Alice? disse elle, apertando-a apaixonadamente contra si.

— Oh! sim, ouço, Saffie. Vou alfim morrer, e comvosco!

— Sim, comigo.

E sua boca collou-se sobre a boca de Alice.

A esta impressão profunda e electrica, a este beijo abrasador, a cabeça de Alice transviou-se. O fogo ficou-lhe nos labios, mas toda a sua existencia concentrou-se n'essa fervida caricia, e ella caio anniquilada nos braços de Saffie.

— Oh! abençoada seja a morte que se approxima! murmurou ella, se me der tempo e força para confessar-te que te amo, Saffie, a ti, a quem não posso já amar! porem á borda do tumulo póde sem infamia fazer-se esta confissão, não é verdade?

— Oh! Alice! — e elle a cobria de beijos delirantes. — Morreremos de amor e felicidade, antes de chegar a morte que esperamos.

— Sim; mas antes de morrer, julgas tu que terei tempo de fazer-te esquecer algum dos teus padecimentos, de apagar algum dos teus desgostos, a ti, que adoro, e que julgava aborrecer? Aborrecer! a ti, meu anjo e meu demonio, a ti, meu pranto e meu

prazer! Oh! dize-me que já não padeces; que me perdoas o meu odio, porque o meu odio, proseguio ella com exaltamento, agora é que eu o comprehendo; o meu odio era o amor comprimido e abrasador; sim, meu Saffie, era o amor, o amor!

— E o meu, Alice, era tambem amor! era a desesperação de não poder devorar com meus beijos os teus olhos, a tua boca, os teus cabellos, toda a tua pessoa!

Alice, tremula e arrebatada, retorcia-se sob as caricias apaixonadas de Saffie.

— Oh! Saffie! suspirava ella com voz quasi extincta, tu o disseste, a delicia em que me abraso matar-me-ha primeiro que essas ondas: eu vos agradeço, oh meu Deos!

— Sim, Alice, agradece a Deos ou ao demonio.

— Deos e o demonio és tu, Saffie, porque me arrebatas e não me amas, meu amor!... Porem que importa? eu te amo, e morro comtigo; mas ah! antes quereria morrer por ti. Queres que por ti me perca para sempre? Que blaspheme de Deos n'este momento terrivel? Que condemne a minh'alma por toda a eternidade? E accreditarás depois d'isso que te amo? disse Alice com os dentes cerrados.

— Sim, disse Saffie, erguendo-se com horrivel expressão d'ironia; sim, blasphema, blasphema!

N'este momento um jacto d'agua entrou na camara pela portinhola.

— Saffie! gritou Alice espantada. E apertando-o violentamente com ambos os braços, e collando a boca na sua, caío em um espasmo nervoso, e desmaiou.

Saffie levou-a immediatamente para a bateria; e parando depois:

— Espero, disse, que apezar de tudo não haverá perigo; ao menos o tenente me certificou que o não havia quando desci ao seu camarim.

E contemplando Alice com ar risonho:

— Mais uma que, ao despertar, não accreditará no amor; mais uma que hade *conhecer a verdade.* Quantos desgostos lhe poupo! Desenganada tão joven!... Que futuro de galanteio, se ella comprehender a sua posição! — Porem onde acharei madame de Bléne para entregar-lhe esta carga preciosa?

CAPITULO XXXIX.

> Sancta simplicitas! não se tracta d'isso; ouvir e callar.
>
> GOETHE — *Fausto.*

> Se o nariz de Cleopatra fosse mais curto, toda a superficie da terra teria mudado.
>
> PASCAL — *Pensamentos.*

O Diario.

Quando Saffie desceo ao camarim de Alice começavam as bombas a vencer a agua do navio; tinha-se conseguido fechar as janellas da pôpa, e feito inclinar a corveta sobre o lado opposto á parte offendida, afim de remediar a avaria. Uma hora depois, tendo-se restabelecido o socego a bordo, a Salamandra seguio seu rumo; Pedro deo a Merval as suas ultimas instrucções, e desceo á camara do marquez.

Á sua vista teve o commandante uma oppressão cruel de coração.

— Senhor, lhe disse Pedro, perdoai se estive a ponto de commetter um crime; porem vós assim o quizestes...

O bom Longetour levantou-se e respondeo:

— Vós, tenente, deverieis ter respeitado as minhas cãs, e sómente as minhas cãs; pois conheço que, como commandante, só mereço o vosso desprezo, e que fazeis o que podeis para desculpar meus erros aos olhos da tripulação. Sei que, graças a vós, passo mesmo por entender alguma cousa do meu officio; que, no proprio momento em que a minha cobardia vos revoltava, vos sacrificaveis por meu respeito: tudo isso sei, meu amigo, e é esse o motivo por que devo escusar um momento d'effervescencia... Dai-me a vossa mão... e não fallemos mais em semelhante cousa.

— É certo, senhor, disse Pedro, apertando-lhe a mão, que não tenho animo de querer-vos mal; e comtudo, sabeis ao que vai dar causa o vosso comportamento?

— Não, meu amigo, não sei.

— Graças a vós, senhor, meu filho, o meu pobre Paulo será d'aqui a pouco um orphão.

— Grande Deos! explicai-vos.

— Tende a bondade de ler isto, disse Pedro, apresentando ao marquez um livrinho dos que usam os homens do mar.

O commandante pegou n'elle, e começou:

« Todo o official que, em combate ou naufragio, recusar obedecer ás ordens do commandante:

« Todo o official que levantar a espada ou a mão sobre o seu superior, será... »

O commandante não pôde continuar, empallideceo, e foi obrigado a apoiar-se nas costas da cadeira.

Pedro tomou o livro, e proseguio sem emoção:

« Esse official será *punido de morte.* »

E poz o livro em cima da mesa.

O commandante caío anniquilado em sua cadeira; Pedro cruzou os braços, e lhe disse:

— Como vêdes, senhor, a lei é positiva a este respeito. Ora, eu levantei sobre vós o meu punhal; fallemos claro, quiz assassinar-vos, a vós, commandante do navio, em pleno convez, á vista de toda a equipagem, n'um d'esses momentos em que é necessario reinar a bordo a mais severa e absoluta disciplina. Repito, a lei é positiva: *pena de morte!*

— É impossivel! á excepção de La Joie, talvez ninguem nos visse... alem de que, não me queixarei de vós, e em tal caso...

— Tudo se passou em presença dos nossos marinheiros; se vos não queixasseis, o

rumor publico vos accusaria, e eu mesmo, senhor, iria entregar-me á prisão.

— E eu, senhor, diria em alta voz ao conselho: — Tudo isso aconteceo, porque eu me comportei cobardemente, porque quiz abandonar o meu navio, e o meu tenente a isso se oppoz: sou eu quem mereço a morte, porque, emfim, não estou acostumado á agua nem ao fogo; isto é uma verdade, exclamou o bom marquez, levantando-se; tenho medo de um naufragio ou de uma bala, é outra verdade; mas ninguem dirá que fui tão miseravel que deixei fusilar um militar valente, um pai de familia, um honrado maritimo como vós.

E por conclusão o excellente homem lançou-se, banhado em lagrimas, nos braços do tenente, que lhe respondeo na maior commoção:

— Tranquillisai-vos, commandante. Vós sois bom e sensivel, tendes qualidades que respeito; em todos os empregos do mundo, excepto no de capitão de fragata, estarieis perfeita e honrosamente collocado. Finalmente, é uma desgraça, porem o mal está feito, e é irremediavel; mas juro-vos por Deos e pela honra, que não abrigarei em meu coração o menor sentimento

de odio contra vós no meu derradeiro momento.

—Meu Deos! meu Deos! dizia o bom commandante chorando amargamente; maldicto seja eu! Ainda uma vez, Pedro, proseguio o marquez limpando as lagrimas; isso não hade ser assim, é impossivel.

A resposta de Pedro foi pegar no Diario do commandante, e escrever o seguinte:

N'este dia, o individuo chamado Pedro Huet, de quarenta e dous annos de idade, natural de Quimperlé, cavalheiro da Legião de Honra, tenente de marinha, embarcado como meu segundo a bordo da corveta de S. M., denominada Salamandra, tendo-se esquecido de seus deveres, a ponto de dirigir uma punhalada, a mim, capitão de fragata, commandante da sobredita corveta, no exercicio das minhas funcções e revestido do meu uniforme; tendo sido commettido este crime porque eu me recusava a dar ordem para que fosse salvo seu filho, aspirante a bordo: convoquei para ámanhã um conselho de guerra extraordinario, afim de tomar conhecimento d'este attentado, e dar as providencias convenientes. E achando-se o réo no caso de reincidencia, por ter já faltado gravemente á disciplina, interrompendo as

minhas ordens em presença da tripulação, ordenei que cessassem provisoriamente as funcções do dito Pedro Huet, e que ficasse preso no seu camarote até ulteriores indagações. Feito a bordo, no dia, etc.

Assignado:

O capitão de fragata, commandante da corveta Salamandra.

Pedro levantou-se depois, e disse ao commandante:

— Fazei-me o obsequio de assignar este termo. Eu mesmo o redigi, porque vós talvez ignorasseis a formula d'esta declaração.

— Nunca, nunca! exclamou o marquez, depois de haver lido.

— É inutil a vossa resistencia, porque n'este momento consigna o tenente Bidaud por minha ordem o mesmo facto no caderno dos quartos, que é tão authentico como o vosso.

— N'esse caso, respondeo o marquez, vou escrever por baixo toda a verdade.

— Senhor, gritou Pedro córando de raiva, ousareis referir o acto da mais insolita cobardia em um dos Diarios da marinha fran-

ceza? Não sabeis, senhor, que esses Diarios talvez algum dia pertençam á historia?

— O que ahi dizeis é uma mentira.

— Esta mentira não me deshonra. Poderá ler-se no Diario da Salamandra: — Pedro Huet, arrebatado pelo amor de seu filho, esqueceo-se de seus deveres a ponto de querer ferir o seu commandante; foi castigado, e morreo como um bravo. — Mas ninguem lerá: — Um commandante da marinha franceza foi o primeiro e unico que gritou a bordo do seu navio: *Salve-se quem puder!* — Não, não, ainda que um raio me fulminasse n'este momento, vós não accrescentarieis uma palavra ao que escrevi, e que espero assignareis sem mais demora. Lembrai-vos, senhor, que ha uma hora estaes fallando ácerca do supplicio com um condemnado á morte, e eu prefiro outro objecto de conversa.

O commandante assignou soluçando.

— Muito bem, disse Pedro. Agora tenho a pedir-vos um favor, e vem a ser, que meu filho ignore o que se passou entre nós; a sua idade o impossibilita de fazer parte do conselho, e eu conheço a equipagem, conheço os meus bons carvões, e sei que o pobre moço nada saberá antes de chegarmos a Smyr-

na, onde se acha a divisão que deve fornecer o conselho supremo destinado a julgar-me em ultima instancia. Mais uma palavra, commandante: — Sustento ha cinco annos um velho marinheiro invalido, bravo e honrado, que não tem no mundo outra pessoa que por elle se interesse. Chama-se Graciano, e mora em Brest. Promettei-me que fareis as minhas vezes para com elle, porque sem isso morreria de fome. Vamos! está dito; adeos, commandante, vou para o meu camarote: direi a Paulo que me mandastes recolher preso por falta de serviço. Monsieur Bidaud fará a derrota e observará o sol, pois julgo-o capaz d'isso.

Pedro saío, e o marquez ficou abysmado em dolorosas reflexões.

CAPITULO XL.

Hoje me salvastes a vida e desviastes de mim o punhal do assassino. Por que aparastes o golpe? Teria cessado toda a incerteza, e isenta de censuras repousaria tranquillamente no tumulo.

SCHILLER — *Maria Stuard.*

Ai de mim! se soubesses as ondas que tem de correr d'essas lagrimas!

BYRON — *Cain.*

Presentimentos.

Eis-nos alfim outra vez em viagem, cara e digna Salamandra. É verdade que foste um pouco demorada pela malvadez de Miseria; pobre Miseria! descança em paz na tua sepultura transparente. A idéa era boa, mas foste demasiado apressado na sua execução. Para que lançar-te ao mar, quando podias esperar em cima do mastro grande?

Verias então a corveta ir-se pouco a pouco abysmando, e com ella essa multidão que tantas vezes te espancava! essa multidão, que tu, fraco menino, dominavas das alturas do mastro grande e da tua vingan-

ça! Mocidade, amor e formosura, gloria e genio, tudo seria absorvido debaixo de teus pés, e tu, a quem elles desprezavam, tu, grumete e gigante ao mesmo tempo, gosarias de alto sua longa e dolorosa agonia.

Depois o mastro, abaixando-se por seu turno, iria pouco a pouco desapparecendo, até que, sósinho sobre o immenso mar, poderias, como S. Thiago, caminhar sobre as ondas, e exclamar: Milagre!

E comtudo sacrificastes todas essas vantagens ao prazer de lançar do alto de teu mastro não sei que miseravel trocadilho de palavras ácerca de uma noz roida por um rato!

Navega, finalmente, minha boa Salamandra, que o vento está um pouco fresco, e estamos perto das costas de Africa.

Quem acreditaria, ao ver-te tão tranquilla e socegada, que existem a teu bordo paixões que fermentam, corações que se espedaçam, pensamentos de morte, gritos e lagrimas?

Meu Deos! Tudo isso nem faz menos negro o teu casco, nem menos fino o teu apparelho, nem menos elegante a tua figura!

Ou se degolem ou chorem sangue, o teu exterior, aceiado e grave, nada revela.

Todavia, póde ser que como essas fadas de balladas, robustas e rubicundas, que, vestidas de azul e ouro, formam danças magicas nas bordas de algum lago solitario, tocando apenas com a ponta do pé alvo e delicado sua limpida superficie; e que, inchadas de raiva e furor, se transformam em espectros e phantasmas medonhos, quando a lua se levanta sanguinea por detraz dos pinheiros do bosque...

Assim talvez seja esse mundo em miniatura, que ainda ha poucos dias se comprimia e agitava amando-se mutuamente a teu bordo. Essas amizades e esses amores esperam talvez sómente por uma lua ensanguentada para calcar aos pés, como nas balladas, flôres e perfumes, cintos fluctuantes, e insignias resplandecentes; para substituir por gritos de morte e de desesperação as doces e suaves palavras que se pronunciam em voz baixa, e para transformar em chagas crueis as doces feridas que faz uma bocca carinhosa, e que sobre a pelle fina deixa vestigios tão queridos dos amantes:

Porem que digo, minha boa Salamandra? Quem sabe se, em vez d'esse astro funebre da noite, se levantará um sol puro e radioso? Um sol luzente, que brilhe e resplan-

deça sobre as aguas do mar em mil reflexos entrecortados, ardentes, e scintillantes? Um sol benefico, que aqueça com sua luz dourada a ninhada de maçaricos que o mar conduz e balancêa em seu ninho alcatifado de musgo verde e de flôres côr de rósa?

Porque, emfim, como dizia Paulo a Saffie, nem sempre ha inverno e escuridade; tambem ha sol e primavera, ou, para dizer melhor, tambem ha *compensações.*

E pois, se Alice ainda é victima do espasmo nervoso e violento que a agita desde que Saffie a conduzio moribunda para a bateria, afim de confia-la aos sollicitos cuidados de sua tia querida:

Se Alice, não sendo já senhora de sua rasão, exulta e se ri dolorosamente no meio de um pavoroso delirio:

Se Paulo, respirando com difficuldade, e com os olhos arrasados de lagrimas, passou todo o dia e toda a noite sentado á sua porta, applicando o ouvido, e sentindo partir-se-lhe o coração a cada grito convulsivo que dava a desditosa moça, que, segundo a sua promessa, devia ser sua esposa, por ser elle o amante da sua escolha; a menos que não queira passar por infame, como ella mesma disse:...

Se Pedro Huet, sósinho em seu camarote, e com a cabeça apoiada nas mãos, lembra-se que d'ahi a um mez será fuzilado como criminoso, porque o seu superior commettêra uma cobardia:

Se o pobre marquez, contemplando com horror a sua posição, considera-se, elle, homem destituido de maldade, o unico causador da morte do seu tenente, a quem de todo o coração estima, e que receia não poder salvar:...

Se a tripulação, silenciosa e triste, parece ferida previamente pelo mesmo raio que deve fulminar a Pedro; Pedro, que os marinheiros lamentam sem o desculpar, tanto n'elles está arreigado, graças aos constantes esforços do tenente, o respeito devido ao chefe, e o horror á insubordinação:

Se estes bravos olham para Paulo com interesse, interrompendo a conversação começada quando este se approxima, de maneira que o pobre moço é a unica pessoa a bordo que ignora a sorte futura de seu pai:

Se o bom velho Garnier, em quanto prodigalisa a madame de Bléne seus cuidados paternaes, diz comsigo mesmo: Aqui ha mysterio e infamia occulta; Pedro é incapaz de faltar a tal ponto ao respeito devido ao

commandante, e comtudo foi visto... Pobre... pobre Pedro! quem pensaria que devias acabar de semelhante maneira, fuzilado como um cão!...

Se o commissario e os segundos tenentes, Merval e Bidaud, ainda que pouco sympathisem com o geral desgosto, não podem isentar-se da tristeza contagiosa, espalhada a bordo depois dos ultimos acontecimentos, e estão igualmentes melancholicos e taciturnos, como para não contrastarem com a geral afflicção:

Finalmente, se tantas calamidades e tão lugubres reflexões escurecem o interior, outr'ora tão alegre, da Salamandra:

Pela lei das compensações Saffie acha-se impassivel e indifferente, e lança por toda a parte e sobre todos os objectos o seu olhar de aguia.

Assim como em seu odio profundo envolvia todo o genero humano, do mesmo modo tudo aquillo que directa ou indirectamente affligia o seu semelhante, era para elle um objecto d'estudo e um prazer.

E não sei por que infernal previsão presentia este homem horriveis acontecimentos... O céo estava sombrio e encoberto; o vento começava a soprar com violencia, e o mar a mugir surdamente.

Como esses tigres que inconcebivel faculdade guia e attrahe em torno da habitação dos moribundos, assim Saffie passeava no convez da corveta, já evocando sobre ella em seu pensamento imagens funebres.

O seu andar era pesado e tardio como o da estatua do *commendador de D. João d'Alvarado.*

Estava pallido, e sardonico sorriso errava em seus labios vermelhos e delgados.

— Nunca acreditei em presentimentos, dizia elle, mas quem me explicará a convicção em que me acho de estar na vespera ou no momento de alguma espantosa catastrophe? Cousa estranha! experimento uma sensação interior aguda e penetrante que não posso explicar... E se eu morrer!... Morrer!... Morrer tão cedo!... Seria horrivel... Oh! não, não; tenho confiança no meu destino. E demais, Satanaz choraria por mim, como diz o vulgo.

E deo uma gargalhada.

CAPITULO XLI.

O mal que fazemos chama sobre nós menos odios e menos perseguições que as nossas boas qualidades.

LA ROCHEFOUCAULD — *Maximas.*

Swift, não sendo moço, nem bello, nem rico, e nem mesmo amavel, inspirou as duas mais extraordinarias paixões de que se tem ouvido fallar : as de Venessa e Estella.

BYRON — *Memorias.*

Theoria.

O vento continuava a soprar do norte com violencia, estava o céo escuro, o mar impolado, e a brisa erguia os louros cabellos de Paulo, que, encostado a uma das caronadas da bateria, parecia abysmado em dolorosa contemplação.

Seu rosto, ordinariamente rosado, tranquillo e risonho, estava de mortal pallidez; algumas lagrimas seccas brilhavam em suas faces, e seus olhos ardentes achavam-se pregados em um annel que tinha na mão.

A cabeça do pobre moço transviava-se; era o annel de sua mãi que Alice acabava

de entregar-lhe, dizendo: Paulo, não sou d'elle digna; esquecei-vos de mim.

Por detraz de Paulo, e contemplando-o immovel, estava Saffie, o qual se approximou.

— Que tendes, Paulo? pareceis incommodado.

Paulo estremeceo, escondeo o annel, e respondeo:

— Não tenho nada, senhor.

— Todavia acha-se alterada a vossa physionomia. Será por ter o commandante castigado vosso pai com alguns dias de prisão?

Paulo, como sabe o leitor, ignorava a scena da punhalada e suas consequencias.

— Mas isso, proseguio Saffie, é uma consequencia da hierarchia militar: o cobarde castiga o bravo; é essa a ordem das cousas. Vosso pai sacrifica-se por esse velho imbecil, pois eu tudo sei, e em recompensa do seu sacrificio perder-se-ha algum dia. Tudo isso, Paulo, segue a marcha das cousas do mundo.

— É verdade, senhor, vicios, crimes e infamias são as unicas cousas que não enganam, e que se acham taes quaes se figuravam.

— Bravo, Paulo! que quer dizer isso?

Depois que fallámos o outro dia chegou depressa a vossa sabedoria.

— Oh! é porque agora, tornou Paulo com sorriso amargo e pungente, já posso comprehender-vos. Sim, começo a duvidar de tudo, e até de mim mesmo.

— Paulo, esse passo é de gigante!

— Sim, senhor, começo a duvidar de tudo, a perguntar a mim mesmo se é possivel que um juramento feito pelas cinzas de um morto, pela sua memoria respeitavel, seja... Porem, dizei-me vós, a quem deve ter instruido a experiencia: Para ser amado de uma mulher não basta ser amante e leal, ver n'ella o seu futuro, a sua fé, e o seu Deos? Não bastará isso? Respondei, respondei por compaixão.

— Attendei-me, Paulo. Figurai na mente um homem de genio vasto, de belleza perfeita, rico como um principe, e de sentimentos sublimes, pois bem, Paulo...

— Ah senhor! pois é necessario tudo isso para ser amado?

— Sim, Paulo, e muitas vezes para ser sacrificado a um ente desprezivel, estupido e disforme.

— Oh! isso é uma zombaria cruel!

— Não zombo, Paulo; fallo serio! Não

é dado ás paixões do homem ou da mulher parar em um termo qualquer, por mais completo que elle seja; a actividade do espirito humano não se extinguiria, nem mesmo com a posse de um ente ideal. D'este modo, Paulo, se uma mulher chegar a encontrar uma perfeição, não se contentará com ella, e por isso mesmo que não achará superior, procurará o inferior, e se lançará nos contrastes. Ora, achando-se nos contrastes, os mais decididos são sempre os melhores; tal é a historia de Joconda; sob a apparencia da leviandade existe uma verdade profunda e real, quer seja applicada ao physico, quer ao moral. Paulo, já lestes a historia de Joconda?

— Não, senhor.

— Pois bem: Joconda era um principe rico e formoso, amavel e espirituoso, o qual despedio-se de sua mulher para ir fazer uma viagem; achava-se esta ainda abrasada pelas caricias da despedida, quando voltou inopinadamente seu marido, e a encontrou nos braços de um creado idiota e disforme! Aqui tendes, como vos dizia a irresistivel necessidade dos contrastes. Temos ainda o antigo symbolo do fructo prohibido applicado ao moral; temos o amor do imprevisto e do ex-

travagante, que lhes faz collocar idolos e monstros nos leitos ou nas chaminés.

— Oh! isso é horrivel! disse Paulo, escondendo a cabeça nas mãos.

— Repito, o que digo da disformidade physica applica-se melhor ainda á disformidade moral, porem indaguemos. Voltando ao homem perfeito que figuramos, supponde, Paulo, que o nosso typo ideal é um dos nossos homens celebres, que se acha apaixonadamente namorado de uma mulher moça e bella; esta, porem, terá mil meios de calcar aos pés este homem, cuja superioridade a esmaga e ferirá continuamente, e estes meios ella os empregará, porque na mulher ha apenas um sentimento profundo e inalteravel, o do amor-proprio. Com um beijo poderá ella fazer um louco ou um imbecil maior ainda que o seu amante; particularmente aos olhos d'este, que se verá sacrificado, sabendo que um estupido gosa da ventura que lhe é recusada. Agora, Paulo, vêde os tormentos, escutai os soluços e lamentos d'esse homem celebre que ama ainda freneticamente depois de abandonado! Ei-lo que renega gloria, fama e genio, formosura e riqueza, maldizendo a sua sorte, apesar de ser um Byron, um Bonaparte, um

Dante, um... Ei-lo aborrecido de si mesmo pelo infernal capricho de uma mulher, elle, tão illustre, levado a ponto de dar com delicia seu sangue e sua alma, se podesse, para ser estupido um segundo, uma hora, toda a sua vida! porque a sua amada gosta dos ignorantes, e aborrece os sabios. E acreditaes, Paulo, que existirá uma mulher capaz de resistir ao encanto de dizer: Por um frivolo capricho, nascido em quanto penteava meus cabellos, ou rasgava um lenço, eu, mulher fraca, obscura e sem nome, obriguei o homem que faz o orgulho, o brilhantismo e a gloria de uma nação ou do universo a maldizer estes dons divinos, que fazem a inveja dos homens, e a admiração das outras mulheres; e a exclamar com as mãos postas, de joelhos e lacrimoso: — Meu Deos! faz-me tão abjecto quanto me fizeste poderoso, e talvez ella me ame! — Paulo, nenhuma das filhas de Eva resistirá a esta tentação!

— Mas dizei-me, em nome do céo: que devo fazer? que devo acreditar?

— Um antigo verso indiano diz: *Esperar tudo, para não admirar nada.*

— N'isso está a duvida, é a incredulidade que roe o coração.

— Sim, Paulo, em quanto ha coração; mas quando já o não ha; quando, secco e mirrado, elle se acha morto, insensivel e frio, desconfia-se do mundo e de suas illusões; porque então o coração é apenas um cadaver exposto aos tormentos da sociedade: e riem-se d'elle.

— Isso é infame! exclamou Paulo como em delirio. Pois a virtude e a honra, a pureza e o amor não bastam para ser amado? É preciso ser corrompido e vicioso?

— Sim, Paulo; o vicio elegante agrada muito ás mulheres: o vicio é sufficiente para uma amizade ordinaria, mas para uma grande paixão, para uma paixão abrasadora e ardente é necessario o crime. Uma alma corrompida, insolente e sceptica as embaraça e as diverte; uma alma criminosa assusta-as. Ora, o amor é n'ellas quasi sempre terror ou curiosidade. Lauzun e Richelieu para o vicio, e os heroicos salteadores das Calabrias e da Hespanha para o crime; são estes os meus exemplos, Paulo.

— N'esse caso, disse Paulo, cujo coração contrahia-se horrivelmente, para ser feliz com ella...

— Oh Paulo! Vós exigis muito. Para ser feliz cumpre considerar a mulher como es-

feito; possuir por vaidade uma vez sómente, desafiando d'este modo o que se chama uma *trahição*, dizer depois: obrigado, ou adeos, e mudar sempre.

— E quando se ama, quando se adora com delirio e apaixonadamente?

— Vós me perguntaes qual é o meio de ser feliz, não é assim, Paulo? A verdadeira felicidade é negativa, e consiste na insensibilidade moral; e por isso cumpre esbanjar depressa, e empregar, pouco importa em que, esse superfluo de paixão e de delirio de que fallaes.

— Porem, dizei-me em nome do céo: se assim é, o que restará depois?

— Resta satisfazer os sentidos em quanto os ha, e quando já os não ha, analysar a sangue frio esses entes inexplicaveis, fazendo-os passar a contento seu ou vosso por todas as emoções, desde as mais suaves até as mais pungentes, mostrar-lhes depois que a vossa paixão foi apenas um estudo psycologico, que de sua alma que tornaes feliz ou desgraçada, como vos parece, fizestes um livro em o qual lestes; e que uma vez lido esse livro, cumpria fecha-lo ou rasga-lo.

Paulo achava-se em um estado difficil de descrever. Este homem inexplicavel tinha-o

pela segunda vez como sitiado. Mas o que mais fazia penetrar no intimo do coração de Paulo a amargura d'estes horriveis paradoxos era a lembrança da conducta de Alice, e uma suspeita vaga, um instincto indefinivel, que lhe mostrava que ella, tão pura e extremosa, devia servir de apoio a este fatal systema, e por isso, fascinado e fóra de si, tentou um ultimo esforço com a raiva fria do jogador, que com a ultima moeda arrisca tambem a vida em uma carta.

— Senhor, disse elle em voz baixa e abafada, esperai! saiamos das generalidades, cheguemos a um facto individual e que me pertence. Olhai, senhor, eu amava uma moça formosa, pura e casta. Oh! amava-a apaixonadamente, e mesmo com respeito, porque a amava em nome de minha mãi! Comprehendeis? em nome das virtudes de minha mãi! Um dia eu padecia, e padecia muito. Precisava expandir a minha dôr, e dizer a alguem: compaixão para mim! Fui ao camarote de meu pai, e elle não me quiz fallar. Dirigi-me então ao seu aposento; e vós talvez saibaes que nunca desejàmos tanto ser amados como quando padecemos. Escapou-me com as minhas lagrimas a confissão do meu amor, e ella não me repellio, pelo con-

trario, disse-me alguns dias depois: Paulo, eu vos amo; amo-vos de todo o meu coração; juro ser vossa em nome do annel de minha mãi; juro diante de Deos não pertencer a outrem! Se vos eu enganasse, Paulo, seria infame; sim, muito infame! Finalmente, senhor, julgareis qual seria o meu delirio e o meu prazer. Não ousava esperar tanto, e nem mesmo o exigia. Para que m'o diria ella se não fosse verdade? Não havia rasão alguma para enganar-me; e comtudo, esta manhã...

E Paulo escondeo a cabeça nas mãos.

— Sim, Paulo, disse friamente Saffie, esta manhã Alice vos entrega o vosso annel, e vos diz: Paulo, esquecei-vos de mim.

Paulo endireitou-se como se tivesse sido mordido por algum reptil.

— Vós o sabeis?

— Sim. Não vos tinha eu dito que o coração da mulher era assim organisado?... Paulo, vós sois joven, e tendes uma alma nobre, pura e ingenua, acreditaes e admiraes tudo: mas ha aqui um homem que não tem convicção alguma consoladora, que em nada acredita, que não póde amar cousa alguma, e que odeia com implacavel rancor todo o genero humano.

Saffie parecia elevar-se á maneira que assim desenvolvia o seu odioso caracter.

— E julgaste ser amado, moço terno e delicado, tendo em tua companhia um homem infame e corrompido? julgaste ser amado, quando uma mulher devia escolher entre um anjo e satanaz?

— Meu Deos! meu Deos! parte-se-me a cabeça... Que quereis dizer? balbuciou Paulo; quem é esse homem e esse satanaz?

— Eu!

— Vós?

Paulo caío desorientado em cima de uma caronada. Depois, levantando-se de um pulo, apertou com violencia o braço de Saffie e gritou:

— Mentes! ou se fôr verdade eu te matarei.

— Mancebo, disse Saffie, soltando-se das mãos de Paulo; quero esclarecer-te e instruir-te, juntando o exemplo ao preceito, e tu queres assassinar o teu bemfeitor?... isso é mal feito. Alguem se approxima, tranquillisa-te, e lembra-te da reputação da *minha* Alice!

E Saffie entrou no camarim do commandante.

CAPITULO XLII.

— Estareis bem certo do que dizeis? A vossa vida d'isso depende.
— Certissimo.

GOETHE — *Fausto.*

— Oh meu querido! quanto sois amado! qual a mulher que não teria ciumes de mim?
— Sim, mas julgo que amastes algum nescio, — sem fallar de vosso marido — de sorte que tenho a honra de succeder a esse nescio, e talvez depois de algum combate... Minha querida, o vosso amor foi uma zombaria, e se no meu acreditastes, foi por nimia simplicidade.

M. S. J. — *Pensamentos em acção.*

Duvidas.

— Commandante! disse o velho Bidaud, pelo meu calculo estamos a quinze leguas de distancia do banco de Terim.

— E pelo meu a duas leguas quando muito, commandante, respondeo Merval.

— E o diabo do tenente obriga-me a telo preso em semelhante occasião! Tem na verdade um amor proprio insupportavel, pensava comsigo mesmo o marquez.

— Pelo vosso calculo em que altura nos achâmos, commandante?

— Pelo meu calculo?

— Sim, commandante.

O marquez desesperava.

— O meu calculo?... Esperai um pouco...

— Aqui está o vosso roteiro, commandante; quereis ver?...

— Não, não, disse o marquez apressadamente. O meu calculo... refere-se ao do senhor Bidaud... sim, sim, refere-se inteiramente ao d'elle.

Não tem duvida, pensava elle; é o mais velho, deve ser o mais prudente, e isso tira-me do embaraço em que me acho. Alem de que, é máo dar a victoria aos moços.

— N'esse caso, commandante, approvaes a minha derrota? perguntou o velho Bidaud.

— Sim, meu caro amigo.

— Basta, commandante, respondeo Merval retirando-se.

Foi n'este momento que Saffie entrou na camara do commandante.

— Bom dia, commandante.

— Bom dia, meu caro passageiro.

— Mademoiselle de Bléne estará melhor? perguntou Saffie apontando para o alojamen-

to das senhoras, que communicava com a camara do commandante.

— Diz o medico que a irritação nervosa está quasi acalmada. Foi medo. De resto ella vos agradece a sua salvação, pois durante o seu delirio constantemente vos chamava. Com effeito a não serdes vós, arriscava-se a morrer affogada no seu camarim, accrescentou o marquez com mostras d'interesse. Diz-se porem que um beneficio nunca se perde.

— Tendes rasão, commandante; mas ouço rumor no alojamento das senhoras.

— Provavelmente hade ser madame de Bléne que acompanha sua sobrinha á bateria para faze-la tomar algum ar.

Com effeito, Alice, pallida e enferma, entrou encostada ao velho Garnier, e dando o braço a sua tia.

— Devagar, devagar, dizia o bom douctor; estaes ainda muito fraca, e...

Alice deo um violento grito de surpreza, pois acabava de ver Saffie.

Felizmente madame de Bléne conteve-a, voltou a cabeça, e vendo Saffie:

— Perdoai, senhor, a vossa presença foi tão sensivel á minha pobre Alice, que...

— Eu me retiro, senhora.

— Não, senhor. Eu e ella vos somos tão obrigadas pelos soccorros que lhe prestastes, que a vossa vista não póde deixar de ser-lhe agradavel; foi a primeira emoção que ella não pôde superar.

Alice voltou a si, e procurando com os olhos Saffie, fixou-os sobre elle com essa admiravel expressão de tristeza e resignação, de amor e felicidade, que revelam um d'esses gostos que fazem a ventura das mulheres.

Saffie desviou os olhos, approximou-se d'ella, e informou-se da sua saude com a polidez secca e insensivel que lhe era habitual, mas sem nenhuma emoção, sem nenhum d'esses olhares rapidos e profundos, que são tão significativos: não havia em sua voz e em seus olhos mais do que a *firmeza* do homem do mundo para com a mulher, que lhe é de todo indifferente.

— Agora já não ha perigo, disse o douctor. A menina acha-se restabelecida, tudo aquillo era nervoso. Minha senhora, permetti que vos deixe... *Meus filhos* me esperam.

E o bom douctor saío.

— Ora pois, disse o marquez, tudo vai excellentemente. Dentro em pouco chegaremos a Smyrna sem obstaculo. Madame de

Bléne, agora podiamos jogar a costumada partida de xadrez, que estes infernaes acontecimentos vieram interromper.

— Ide, minha tia, disse Alice, que notou a indecisão de madame de Bléne; acho-me muito bem. D'este logar posso ver-vos e ouvir-vos: se precisar alguma cousa vo-lo direi.

Madame de Bléne foi para a camara, que só era separada da bateria por um ligeiro repartimento, no qual havia duas portas.

Saffie ficou só com Alice.

— Oh Saffie! disse a moça, occultando a cabeça nas mãos.

— Vós soffreis, menina? perguntou elle com o seu sangue frio habitual.

— E vós m'o perguntaes? disse Alice em voz baixa. Que me resta agora... A deshonra!

— Não achaes menina, que o amor tem no coração das mulheres um logar muito secundario? Em primeiro logar a virtude, as conveniencias e os deveres; em primeiro logar... que posso eu dizer? E depois de tudo isso vem então o amor, a que ellas chamam *deshonra*. Sem duvida as mulheres empregam o que tem de mais vivo no espirito e na alma, não em amar, porem em orga-

nisar as suas paixões, em arranjar algum amor commodo e discreto, alguma tranquilla affeição, que venha por seu turno depois das obrigações ou dos prazeres. Sempre ha para isso uma hora ou um dia. No seu livrinho de lembranças póde ler-se: A tal hora heide esquecer-me dos meus deveres de filha ou de esposa. Passada essa hora começa-se de novo a adorar o marido, ou a dizer: Minha mãi, abençõe sua filha!

Alice julgava sonhar. Confundia-a uma zombaria enunciada com tanta frieza e tranquillidade. A pobre menina não sabia o que devia responder.

Saffie continuou:

— Se eu tivesse de ser amado de qualquer mulher, quereria que nada se passasse antes de reconhecer o seu amor; e este amor deveria ser confessado alto e bom som, ou fosse casada ou solteira. Seria preciso que ella sacrificasse a este amor, reputação, conveniencia e virtude.

— Grande Deos! disse Alice em voz baixa; e é assim que quereis ser amado!

— Sim — disse Saffie com expressão d'ironica soberba.

— Pois bem, disse Alice, assim mesmo vos amarei. Sim! proseguio ella; e seus olhos

se arrasaram de lagrimas. Sim! direi, se quizerdes, á face do céo: Amo-o; não amo a mais ninguem. Por elle me perdi, por elle esqueci virtude, honra e dever; e agora o seu amor é a minha virtude e a minha felicidade, é tudo quanto possuo. Sim, Saffie; e até direi mais: sou feliz por elle, e por elle despresada! exclamou Alice radiante de alegria.

Pegou então na mão de Saffie, a qual quiz beijar, mas este a retirou.

— E quem vos disse que serieis amada?... que o sois!... lhe perguntou elle com amargura.

— Oh! foi, como tu dizias, *esse instincto que nos adverte que é partilhada a sensação que experimentamos.* É o amor que m'o diz, e tambem a lembrança da minha falta... não, meu Saffie, queria dizer da minha ventura.

— Menina, o amor te illude.

— Não vos comprehendo, Saffie, disse Alice tremendo.

— Pois bem, comprehendei-me agora...

N'este momento abrio-se com estrondo a porta da camara, e appareceo o primeiro tenente.

— Inferno! maldicção! disse elle; o mi-

seravel Bidaud errou o calculo! Devemos estar em cima do banco de Terim. Commandante! a vossa derrota, a vossa derrota! depressa, depressa!

E Pedro, sem responder ás interpellações do marquez, de Alice, e de Saffie, pegou em um compasso, fez um calculo, e precipitou-se no convez.

Já dissemos que Pedro, condemnado a prisão, tinha encarregado o tenente Bidaud da derrota da corveta, por julga-lo para isso habilitado. Este, ou por erro, ou por ignorancia, calculou mal, e julgou-se muito mais affastado do banco do que na realidade estava.

Havia porem duas ou tres horas que a côr d'agua mudava visivelmente; apanhava-se quantidade de peixe, e as vegetações que por toda a parte fluctuavam, annunciavam que se navegava em um baixio.

Paulo tinha sido retirado da estupefacção em que se achava por La Joie, que lhe disse, tocando-lhe respeitosamente no braço:

— Senhor Paulo, acabo de ler no meu pharol maritimo, o qual me diz que navegamos em cima do banco de Terim... Vêde esta agua, estas vegetações... Ah! senhor Paulo, o primeiro tenente estaria melhor aqui do que no seu camarote.

Paulo olhou para o mar, e comprehendeo todo o perigo que não percebiam os olhos do tenente Bidaud, persuadido que estava bem longe d'esta perigosa paragem.

D'esta vez Paulo infringio as ordens, e prevenio seu pai, que subio assustado ao convez, e de lá desceu á camara, para certificar-se da posição assustadora em que se achava o navio.

Bouquin tinha por sua ordem lançado o prumo.

Reinava a bordo o maior silencio, pois esta prova era decisiva.

— Então, disse Pedro com anciedade a Bouquin, inclinado por fóra dos ovens. Quanto?

Por um momento appresentou o rosto de Pedro uma expressão rapida de dôr, de resignação e desespero. Subio porem ao catavento, e commandou a manobra com o seu costumado sangue frio.

Sómente o seu tom apressado e imperativo annunciava que essa manobra era de subida importancia.

— Ferra joanetes! gritou elle; orça, orça! Bouquin, que fundo temos?

— Quinze braças, tenente.

— Orça, orça todo! Ouves, timoneiro?

bradou com extraordinaria vivacidade. E tinha os olhos ardentes pregados no velame. Todo ao vento! Chega-te todo ao vento!

Já era tarde; estavam sobre o banco de Terim. Ao tempo que mettia de ló deu a corveta uma pancada com a quilha. Correo ainda algum tempo, e deo uma segunda, e finalmente uma terceira, até encalhar em um lugar em que a sonda não dava doze pés d'agua.

O ultimo choque correspondeo profundamente ao coração de cada um.

FIM DO 2.° VOLUME.

A SALAMANDRA.

A SALAMANDRA

ROMANCE MARITIMO

DE

EUGENIO SUE,

TRADUZIDO POR * * *

VOLUME TERCEIRO.

LISBOA:

TYPOGRAPHIA DE O. R. FERREIRA E C.ª
LARGO DO CONTADOR-MOR, N.º 1 A.

1846.

CAPITULO XLIII.

Homem immortal, admira as bellezas da natureza, e diz, na alegria de teu coração: Tudo isto é meu. — Admira-as, em quanto é permittido a teus olhos fascinados o poder contempla-las. Dia virá em que deixem de pertencer-te.

BYRON. — *Lara.*

Teremos brevemente o homem face a face com o homem.

M. S. J. — *Pensamentos diversos.*

O Banco d'Areia.

Á primeira pancada que deo a corveta ao encalhar no banco d'areia, lançou a equipagem um espantoso grito.

Á segunda pancada houve silencio.

Á terceira não gritou, mas saío de todos os peitos um gemido silencioso; ainda havia comtudo alguma esperança n'esse longo suspiro.

Á quarta, porem, quando a Salamandra, parada repentinamente em sua marcha, estalou nas suas principaes peças, desunidas pelos abalos profundos e surdos que faziam

oscillar a sua quilha, como o corpo de uma serpente revolvendo-se, então um unico grito, um grito immenso e espedaçador, sobrepujou ao ruido das ondas, que, engrossando, vinham quebrar-se no costado da corveta.

Depois calou-se a equipagem, porque esse grito era o do instincto vital, que tinha por um momento dominado sobre o habito e a vontade. Esse grito, dado pelo homem e não pelo marinheiro, era a ultima expressão de uma natureza que devia dar lugar á propria abnegação, á dedicação, e ao sangue frio, no meio dos perigos horriveis que presagiava este acontecimento.

A equipagem tornou pois a ficar tranquilla e impassivel; retinio o apito de mestre La Joie, e cada um se dirigio ao seu posto, sem temer e sem desprezar o perigo.

Esperava-se o tenente, que tinha descido á camara, onde se achavam Alice e sua tia em um estado d'espanto difficil de descrever.

— Minhas senhoras, disse Pedro, ainda não está tudo perdido; porem muito temos que receiar! descei ao nosso alojamento.

— Senhor, disse Pedro a Saffie, o concurso de um homem animoso, não póde deixar de ser utilissimo em taes circums-

tancias. Quereis ter a bondade de subir ao convez?

— Estou ás vossas ordens, disse Saffie. Sómente preciso tomar alguns papeis.

E entrou um momento no seu camarim, tomou uma bolsa, uma boceta de prata dourada bastante grande, e subio ao convez.

Pedro dirigio-se ao commandante, que se achava pallido, desfigurado, e inteiramente desmoralisado.

— Senhor, lhe disse Pedro, acabaes pela vossa ignorancia de fazer encalhar a corveta, dando rasão a Bidaud contra Merval. O rumo que indicava este ultimo official era o unico bom. Isto porem não é de admirar, e devia succeder... Ah! senhor! senhor! os imprudentes protectores que vos nomearam, terão talvez de exprobar-se horriveis desgraças. Emfim, o mal é irreparavel; mas como não desejo que repitaes a scena de outro dia, não saíreis d'esta camara.

O bom marquez ficou como alliviado de um enorme peso.

— Deveis deitar-vos no vosso catre; direi que no ultimo abalo, tendo caído um dos moveis da vossa camara, ferio-vos gravemente, e que por esse motivo não podeis comparecer no convez.

— Tenente, então estamos perdidos?

— Póde ser; mas como podeis ter medo, e subir ao convez, vou fechar-vos n'este lugar. Quando só vós e eu estivermos a bordo, virei abrir-vos, e seremos os ultimos a embarcar: é esta a regra.

— Porem, meu Deos! disse o marquez endireitando-se, se...

Pedro estava já da parte de fóra, e o marquez ouvio a bulha das fechaduras das tres portas que o tenente successivamente fechára.

Quando Pedro voltou ao convez, estava revestido do seu grande uniforme, como em dia de combate ou de festividade.

O tenente subio ao degráo do catavento.

— Filhos, disse elle, ainda não devemos desesperar! Cumpre porem que haja ordem no que vamos tentar para desencalhar a corveta. O commandante acaba de ser perigosamente ferido, e não póde comparecer; mas recebi as suas instrucções, e elle vella sobre vós. Se os nossos esforços nada puderem conseguir, n'esse caso, tendo feito o nosso dever, abandonaremos a corveta, salvando primeiramente as senhoras, os doentes, e os passageiros; depois vós e os officiaes; eu e o commandante seremos os ultimos. Conto comvosco, contai comigo.

E voltando-se depois para o homem do leme, disse:

— Içai o estandarte da França!

A bandeira branca desenrolou magestosamente suas largas dobras, no meio do profundo e religioso silencio da tripulação. Pedro mostrou-a aos marinheiros, e lhes disse: — Meus valentes marinheiros, lembrai-vos d'aquillo! Branca ou tricolor, é a França que ella representa... Sêde dignos d'ella. — Viva a França!

— Viva a França! gritou unanimemente a equipagem, com o exaltamento do sangue frio, se assim posso exprimir-me, e todos começaram a trabalhar.

O banco em o qual tinha encalhado a corveta era formado de lodo e de pequenas conchas, e por isso ficou ella por algum tempo immovel no rego que tinha formado.

Se o vento não augmentasse, e o mar não engrossasse mais, poderia haver alguma esperança de bom exito.

E por isso, graças á inconcebivel actividade de Pedro, que parecia multiplicar-se, começaram-se os importantes trabalhos de salvação debaixo de triste e religioso silencio. Alliviou-se a corveta da artilheria, e mais objectos de peso; as velas foram ar-

riadas com precipitação; arriaram-se tambem os mastaréos de joanete e os de gavia, e dispoz-se tudo para tirar a Salamandra de um baixo tão perigoso.

— Bem o tinha vaticinado o fiel do porão, dizia Bouquin a La Joie, a corveta está mamada!...

— Que queres, respondeo La Joie, talingando um virador; as corvetas e os marinheiros não são eternos; são como os vidros, que, se não quebrassem, durariam sempre.

— Olha, La Joie, está acolá uma nuvem escura que me faz entortar os olhos. Ah! patife! indigno! É vento, não tem duvida.

— Pois não olhes para ella.

— Sim, marinheiro, mas olha que isto hade ser o castigo do tenente, por ter querido apunhalar o commandante.

— Dize antes que hade ser a sua felicidade. Sim, Bouquin! em um naufragio póde elle morrer affogado, mas antes quero isso, que vê-lo *fuzilar:* isso é bom lá para os soldados.

— Ora pois, La Joie, já se deo fundo a um ferro, e vamos ver se é possivel desencalhar a corveta. Isto vai decidir-se, marinheiro; o momento é decisivo, como diz o

adagio. E pois, como tambem diz o ottomano, o que tiver de ser hade ser!

Paulo, Merval e Bidaud estavam á proa, na bateria, e tinham executado as ordens de Pedro; havia-se espiado um ferro a longa distancia da Salamandra: virou-se ao cabrestante, que, fazendo força na ancora, devia chamar pouco a pouco o navio para o declive do banco, e po-lo a nado. Com effeito alguns passos avançou elle; mas infelizmente, não offerecendo o fundo lodoso de que era formado o baixo, apoio algum ás unhas da ancora, e não podendo ellas morder, garraram finalmente, e a Salamandra não se moveo mais.

Pedro mandou então collocar dous mastaréos como espeques de cada lado, para sustenta-la caso viesse a soçobrar.

Vendo depois formarem-se no horisonte algumas nuvens que corriam rapidas e avermelhadas, reconheceo que haveria vento forte, e tambem porque o mar tornou-se mais cavado, e as ondas vinham quebrar mais amiudadas no baixio.

A Salamandra, até ahi immovel, começou a sentir ligeiros abalos, que lhe imprimia a força crescente das vagas.

Pedro olhou ainda outra vez para o hori-

sonte, consultou a bussola, e disse mentalmente: — Acabou-se tudo! A julgar pelo vento, resta-nos apenas uma hora para construir uma jangada, que é a nossa unica esperança.

O mais notavel n'esta horrivel posição, é que, aos olhos dos proprios marinheiros, apparecia o perigo sob um aspecto menos ameaçador; o céo estava ainda puro, o mar bellissimo, e a corveta quasi immovel.

Finalmente, não era um d'esses naufragios violentos e impetuosos, em que as ondas furiosas arrebatam e espedaçam as suas victimas nas pontas de agudos rochedos: era um naufragio tranquillo e medonho como a raiva concentrada; um naufragio de que era possivel calcular o regresso e o progresso com exactidão quasi mathematica; era emfim uma morte, cuja hora podia determinar-se. Era facil dizer-se: O horisonte está a dez legoas; lá se fórma a tempestade; d'aqui a uma hora caírá a bordo, e então este mar tão liso se encrespará, agitado pela força do vento, e virá espedaçar-se contra este baixio: a cada vaga será a corveta arrebatada, depois precipitada sobre o banco da maior altura d'essas vagas enormes, e passados dez minutos já não existirá a Salamandra.

Este raciocinio determinou Pedro a mandar construir uma jangada.

Saffie observava tudo com imperturbavel sangue frio, porque previa algum espantoso drama; e bem que n'elle devesse representar o seu papel como os demais passageiros, não o temia, porque o unico lado favoravel do seu horrivel caracter, era uma coragem indomavel, e um desprezo da morte, que talvez a sua vida explicará.

— Terei talvez de ver, pensava elle, a civilisação combatendo com a ferocidade, e os mais puros sentimentos lutando contra o instincto animal. Saberei talvez em qual dos degráos da nossa escala organica, o espirito cede ao corpo, e a alma aos animaes. Oh! isto hade ser curioso!

E lançava por toda a parte suas vistas penetrantes.

— Filhos, tinha dito Pedro, não devo occultar-vos que não resta meio algum de salvar a corveta. Trabalhemos em uma jangada, que é a unica esperança que temos de salvação para chegar á costa.

A equipagem vio claramente que tudo estava perdido. Houve um momento de intima saudade por ter de deixar a boa Salamandra, que por tanto tempo os embalára: mas

venceo a necessidade, e os marinheiros começaram a trabalhar na jangada com o indifferentismo que os carecterisa. Viam na jangada um outro navio apenas menos commodo, e nada mais.

— Ainda não embarquei em uma jangada, e vós parisiense? perguntava um moço.

— Já por duas vezes embarquei. É uma navegação soberba! O ar é excellente e livre; não é como n'essas miseraveis cobertas em que morremos abafados; fica-se rente ao mar, meu rapaz, de maneira que póde a gente divertir-se em apanhar os tubarões pelo rabo, e quando se está na cama não ha mais que estender o braço e pescar peixes á unha; ora, hasde confessar que isto é agradavel.

— Não te calarás, meu faisca! disse La Joie ao parisiense. É preciso trabalhar; e tu, oh novato!... Olha cá para mim... anda, que tens tanta destreza nas mãos como um leitão no rabo!

— É que nem todos tem a satisfação de vir ao mundo na capital, e de ser um patife, um caveira, um demonio, um...

Um glorioso socco do mestre interromdeo esta vaidosa nomenclatura.

— Morde essa lingua, cão negro, ladrão,

jacaré... Trabalha na jangada, que não temos outra cousa. Não é debalde que te chamam *parisiense* (*). Se queres trabalhar, trabalha calado.

— Já lá vou, já lá vou, mestre, disse o incorrigivel parisiense; o que vós dissestes, entrou-me por um ouvido e sahio por outro.

A construcção da jangada avançava rapidamente; por baixo das antenas que compunham a sua massa, tinha Pedro mandado collocar algumas fiadas de barricas vasias para a sustentar e suspender acima do nivel do mar. Fez tambem collocar entre as vigas a madeira miuda, e por cima as peças principaes, de maneira que formassem um estrado o mais unido possivel, que foi coberto de pranchas, e depois as barras do cabrestante, collocadas em redor da jangada, deviam sustentar varios cabos servindo de antepara.

Finalmente puzeram-se na jangada algumas peças d'artilheria para servirem de signal; arvorou-se o mais solidamente que foi possivel um mastaréo de joanete, appare-

(*) O epitheto de parisiense passa geralmente na marinha por um insulto. Veja-se o Diccionario de Marinha, por Willaumez.

lhado com uma vela; munio-se tambem a jangada de polvora, e de uma bussola; e esta fragil machina foi amarrada por um cabo á pôpa da corveta.

Apenas se tinham terminado estes trabalhos, o mar, que tinha engrossado consideravelmente em quanto se construio a jangada, tornou-se agitado e furioso, o vento era forte e secco, e as ondas que vinham quebrar sobre o banco, começavam a abalar a corveta.

Pedro empallideceo, e mandou cortar os mastros reaes para alliviar o navio.

N'este momento subio o fiel do porão para annunciar que a quilha estalava.

Com effeito as vagas, tornando-se cada vez mais furiosas, começavam a erguer a Salamandra.

Por ordem de Pedro a tripulação correo ás bombas, mas estas não puderam funccionar.

Não restando esperança alguma de salvar a corveta, Pedro mandou immediatamente embarcar.

— E os nossos saccos! disseram alguns marinheiros.

O sacco de um marinheiro contem toda a sua fortuna e todo o seu haver.

— Agora não se trata dos vossos saccos! gritou Pedro; prohibo a quem quer que seja a descida á coberta. A gente toda aos escaleres e á jangada!

Nenhum dos marinheiros se lembrou mais do seu sacco.

— Senhor, disse Pedro a Merval; mandai embarcar primeiro na lancha os doentes, e depois as senhoras e alguns moços. Dareis uma *espia* ao escaler, e rebocareis a jangada. Eu e o commandante seremos os ultimos, e embarcaremos na baleeira.

Pouco depois, vendo ao longe a toalha d'escuma que se avisinhava com a tormenta:

— Embarca! embarca! gritou elle, que o tempo insta.

Era um espectaculo admiravel o que offereciam esses homens impassiveis, graves e silenciosos, partindo para o seu posto, abandonando um a um o navio em que deixavam tudo quanto no mundo possuiam, para irem affontar perigos incalculaveis, e tudo isto sem um lamento nem uma queixa, como se fossem para um exercicio; tanto era completa e absoluta a disciplina que Pedro havia estabelecido a bordo!

Logo que as embarcações se acharam

tripuladas, procedeo-se ao embarque dos doentes.

O velho Garnier os acompanhava vergado sob o peso de uma caixa enorme, de que não queria encarregar ninguem. — Dizia elle que era para seus filhos.

— Vamos, vamos, meus filhos! o movimento hade fazer-vos bem; alem de que mudareis de ar. No todo ganhaes com a mudança.

E dirigindo-lhes estas singulares consolações, o bom douctor accommodava-os na lancha o melhor que era possivel.

Appareceram depois ao portaló Alice e sua tia, acompanhadas de suas criadas.

Cousa singular! Alice estava no uso completo de toda a sua rasão, e conservava admiravel sangue frio consolando e animando sua tia. A sua organisação nervosa e exaltada recebia esta grande energia do proprio horror da sua situação. Empallideceo, porem, ao ver Saffie.

As senhoras foram amarradas em uma cadeira de braços, e descidas assim para a jangada uma depois da outra.

Era Paulo quem a commandava.

O desgraçado moço perturbado por tudo quanto acabava de passar-se, e pelas suas oc-

cupações, tinha quasi esquecido os seus desgostos. A presença de Alice lh'os recordou de novo.

O coração de Paulo sentio a mais viva dôr; voltou os olhos e d'elles correo uma lagrima abrasadora.

Alice estava sentada junto d'elle, e tocando-o com o seu corpo.

Houve um momento de dôr acerba.

Soou o porta-voz de Pedro, e todos prestaram attenção.

— Estão todos nos seus postos? perguntou Pedro.

Sim, tenente, disse Merval; já dei uma *espia* á jangada, e espero as vossas ordens.

— Sim, tenente, disse Bidaud; eu reboco a lancha, e tambem estou esperando.

— Sim, tenente, disse por ultimo Paulo; a jangada está prompta, e só espero as vossas ordens para cortar o cabo.

— Estão lá as bussolas e os instrumentos? perguntou ainda o tenente.

— Tenho-os na lancha, disse Merval.

— Tendes lá tambem a caixa dos Diarios?

— Está amarrada ao mastro da jangada, respondeo Paulo.

— Muito bem, disse Pedro, agora façam a chamada para certificarem-se que não resta a bordo pessoa alguma.

Fez-se a chamada; achava-se completa a equipagem, menos os seis gageiros que estavam apromptando a baleeira na qual devia Pedro acompanhar a jangada.

— Aprompta para largar! gritou então Pedro com voz retumbante, ainda que profundamente commovida, e Bouquin ergueo a faca sobre o unico cabo que ainda prendia a jangada á Salamandra.

— Larga! gritou Pedro.

Cortado o cabo affastou-se a jangada, rebocada pelos escaleres.

Esta ultima ordem foi a que chegou mais ao intimo do coração dos marinheiros. Esse cabo era o unico laço que prendia sua existencia á Salamandra; roto elle, não havia mais esperança; estava tudo terminado entre elles e a corveta.

Alem de que era tempo, porque as ondas tornavam-se assustadoras. Uma, entre outras, correndo do largo, adiantava-se monstruosa e espumante, elevando-se quasi á altura dos cestos de gavia da corveta; mas, tendo encontrado a resistencia do banco, então, duplicando a força e a violencia, apa-

nhou a corveta de lado, e deo-lhe um choque tal, que pouco faltou para que a deitasse a estibordo, e que Pedro e seus gageiros fossem lançados por terra no convez.

Preparava-se Pedro para descer á camara do commandante, afim de abrir-lhe as portas e embarca-lo comsigo na baleeira; mas quando punha o pé no primeiro degráo da escada, foi lançado com tanta força contra o angulo da escotilha, que fez na cabeça uma terrivel ferida; a commoção foi tão forte que o fez cair desmaiado e coberto de sangue.

Saffie tinha ficado tambem a bordo, porque queria ver tudo até ao fim. Foi elle quem levantou Pedro, quem atou com o lenço a sua ferida, e disse aos remadores, profundamente penalisados pela catastrophe succedida ao tenente:

—Vamos! embarquemos; o mar fica cada vez peior, a jangada já está longe, e temos que fazer para alcança-la.

Desceram o pobre tenente para a baleeira, que a violencia das ondas elevava algumas vezes á altura da borda; e Saffie, lançando um olhar sobre o convez, disse com medonho sorriso:

— O que mais estimo é que o bom do marquez fique na corveta; não hade gostar de lá estar sósinho.

O escaler affastou-se finalmente da Salamandra, e alcançou d'ahi a pouco a jangada, onde depositaram Pedro ainda desmaiado.

O marquez tinha ficado a bordo esquecido. Sim, meu Deos!... A gente da lancha julgava que elle estava na jangada, e a da jangada que estava na lancha.

O que é certo é que elle se achava a bordo da Salamandra!

Pobre corveta! Todos os olhos se voltavam para ella, que apparecia ainda algumas vezes quando as ondas abaixavam, elevando-se sombria e lugubre com o seu immenso pavilhão branco, que o vento estendia como um lençol sobre o céo negro e tempestuoso.

Logo que sahio dos limos do banco, navegou a jangada mais facilmente; o mar estava furioso, mas como já não quebrava em cima do baixio, era supportavel.

Uma hora depois já se não via a corveta; apenas de quando em quando distinguia-se a bandeira, porem vagamente, como as

azas brancas da gaivota quando vôa a grande distancia.

Por fim nada mais se vio, por se approximar a noute, e o tempo tornar-se escurissimo.

CAPITULO XLIV.

É um demonio que o destino soltou contra mim para inquietar-me. Não concebo uma esperança que a infernal serpente não venha transformar precipitando-se na minha passagem.

SCHILLER — *Maria Stuart.*

Uma noite de verão.

É suavissima a claridade da lua quando se reflecte pura e brilhante nas aguas pacificas de algum lago; mas quando, encoberta por nuvens densas e rapidas, apparece de tempos em tempos vermelha e sanguinea como sinistro meteoro, oh! então o seu brilho funebre é digno do astro de uma noite tempestuosa e desesperadora!

A noite era terrivel!...

As ondas encapeladas, impetuosas e cobertas d'escuma branca, chocavam-se e confundiam-se em immensos turbilhões, cujas cristas aos milhares reflectiam-se sombrias no céo transparente, ainda que encoberto, do Mediterraneo.

E que sussurro!... Se a tempestade diminuia algumas vezes a sua voz atroadora,

que se extinguia tocando as vagas com surdo mugido; logo depois, e passado assustador silencio, bramia com nova furia. Succediam-lhe sibilos agudos e metalicos, um ruido surdo e rolante, estrepitos isolados, precipitados e lamentosos, que se assemelhavam a gritos de agonia.

Era o choque das ondas que vinham saltando quebrar-se em cima da jangada: e esta volteava na voragem debaixo de tão horrida tormenta.

Sómente a jangada, porque os escaleres não tinham podido resistir a um mar tão desenfreado.

Merval e Bidaud soçobraram com tudo quanto possuiam, inclusivè as bussolas e os viveres! — corpo e alma da jangada!

Navegava esta ao impulso indomavel da tempestade, porque o mastro tinha-se vergado, rachado e depois partido.

Mas não offerecendo as vigas de que era construida, nem o pavimento, resistencia ou superficie alguma á violencia do vento, não podia ella virar-se; era porem innundada a cada vaga de mar, submergida e varrida pelas ondas, que caíam sobre ella atravessando-a em todo o seu comprimento.

Havia cinco dias que durava a tempestade.

Já não é a equipagem valente, briosa e obediente da Salamandra que se comprime mutuamente n'esta fragil machina; é uma turba medonha e amaldiçoada.

São individuos sem nome, descórados, cadavericos, desgrenhados, com os cabellos ensanguentados e ferozes, as barbas longas, a roupa esfarrapada; que tem nos labios medonho sorriso, e os beiços gretados e ensanguentados; porque ha cinco dias que são devorados pela fome. São homens inteiramente entregues á imperiosa furia da necessidade, e nos quaes, á excepção do instincto vital, nada mais existe.

Só haveria esperança em uma morte prompta.

Porem não. A fome arripia suas entranhas; a sede abrasa suas fauces; suas chagas, vivas e vermelhas, são ainda mais irritadas pela acrimonia da agua salgada; elles tem a raiva no coração e na bocca as blasphemias, mas todos amam a vida e a ella se consagram com o aflinco d'agonia. Chegados a este ponto, é-lhes impossivel o suicidio, porque o suicidio é um raciocinio, e elles já não podem raciocinar.

E pois, o suicidio raras vezes medra no meio das privações e da miseria... São-lhe

precisos prazeres sumptuosos e embriagadores, mulheres e perfumes, flores e vinhos exquisitos. É-lhe preciso concentrar em um só todos os gostos sonhados ou conhecidos, encher d'elles a sua taça de ouro resplandecente de pedrarias, e dizer, depois de haver esgotado até a ultima gota d'essa ambrosia: — Está vasia a taça!... Adeos!

Porque é então sómente que a vida aborrece, porque tem trasbordado por todos os sentidos.

Porem no meio das mais horriveis desgraças, quando resta apenas um sopro de vida, oh! então cuida-se n'elle, aviventa-se esse sopro como se aviventa a ultima faisca que ainda arde no centro de uma fogueira que está a apagar-se.

Assim amavam elles a vida a bordo da jangada, porque, para sustentar os trinta homens que sobreviviam, só restava tres libras de biscouto e um pequeno barril de vinho.

Os desgraçados podiam, de commum accordo, pôr termo a esta horrivel agonia... Mas não!... era necessario viver... sim, viver de lagrimas, de odios, de tormentos, e de crimes... Porem, que importa?... Sempre se vivia!...

O instincto vital assim o ordenava.

Já não havia pai nem filho, marinheiros nem officiaes, mulheres nem crianças.

Eram entes esfaimados — e que para comer tudo deviam tentar.

Ventura aos fortes, desgraça aos fracos!...

Um só, porem, parecia superior a tão acerbos desejos: era Saffie. Sómente o seu rosto não tinha ainda mudado; conservava-se do mesmo modo, tranquillo, impassivel e indifferente.

Em pé, e encostado ao pedaço de mastro, estava em meditação.

A cada golpe de mar que vinha innundar a jangada, uns abaixavam a cabeça, outros oppunham ao choque doloroso das vagas pedaços de taboa e de maçame.

Outros não faziam o menor esforço para evita-lo; deitados, e em lethargico adormecimento, com os olhos abertos, embaciados e vidrados, mordiam algum pedaço de cabo que o acaso lhes tinha lançado, o qual não queriam mais deixar.

Estes, com as pernas presas e maltractadas pelas taboas da jangada, riam-se. Os padecimentos e a fome os tinham enlouquecido.

O maior numero, em pé, e apertados uns

contra os outros, obedeciam como uma massa inanimada ás oscillações da jangada, cujo centro occupavam.

Conservavam-se á pôpa Paulo, seu pai, o velhor Garnier, Alice, sua tia e Saffie.

Por um resto d'instincto de subordinação, tinham deixado os poucos mantimentos que ainda restavam sob a guarda dos officiaes.

O tenente achava-se deitado ao abrigo de uma muralha de barricas, embrulhado em um capote de marinheiro, e olhava para Paulo, que contemplava Alice.

Esta, agachada e ensopada em agua do mar, trémula de frio, com a cabeça apoiada nos joelhos que envolvia em seus braços descarnados, tinha os olhos pregados em Saffie.

Madame de Bléne já não via nem pensava; estava inerte.

N'este momento parecia que a tempestade duplicava a sua força; a jangada, erguida por ondas enormes que a tomavam de flanco, ficava algumas vezes quasi perpendicular.

Então os marinheiros, seguindo o impulso de tão terriveis balanços, eram violentamente lançados da pôpa até á prôa.

Em vão os officiaes tentaram dar algumas

ordens para concertar a agglomeração de gente no meio da jangada.

Suas vozes não foram ouvidas.

N'esse momento terrivel julgaram-se os marinheiros em perigo de morte, e depois de algumas palavras trocadas entre elles, uns em pé, outros arrastando-se, e outros finalmente segurando-se á antepara da borda, avançaram, armados de machados e de chuços, para a pôpa da jangada.

— Queremos vinho, disse La Joie, brandindo um machado; queremos embebedar-nos para morrer em paz.

Paulo levantou-se immediatamente, abraçou com um braço o barril, e com o outro apontou uma pistola, dizendo:

— Miseraveis! é o nosso unico recurso... cumpre poupa-lo!

— A tua pistola não dá fogo, porque está molhada! respondeo La Joie, abaixando o cano d'ella com o cabo do seu machado. Vinho!... queremos vinho!...

— Vinho! vinho! repetiram os outros. Ou vinho ou morte!

— Quereis revoltar-vos?! gritou o tenente procurando uma arma.

— Aqui já não ha officiaes! nós somos os mais fortes, e o vinho hade ser nosso!

— Não!

— Sim!

La Joie approximou-se, ameaçando sempre Pedro.

Paulo precipitou-se sobre elle, porem o marinheiro lançou-o por terra com uma pancada de machado.

Pedro, querendo vingar seu filho, foi igualmente ferido.

Então, sanguisedentos e furiosos, tentaram elles defender-se, auxiliados pelo cirurgião e por dous marinheiros fieis; mas foram derribados, calcados aos pés, e atirados para a prôa da jangada.

Madame de Bléne, empurrada no meio do tumulto para a borda da jangada. desappareceo arrebatada pelo mar, estendendo as mãos para Alice.

Alice, porem, vio-a affogar-se sem poder soccorre-la, porque ella mesma precisava agarrar-se fortemente a uma viga para não rolar ao mar.

— Queremos beber!.,. disse La Joie todo ensanguentado, segurando-se com uma mão na antepara, e apresentando com a outra nma caneca de folha.

— Sim, queremos beber!... bebamos todos, morramos bebados, disseram os outros.

E precipitaram-se em multidão sobre o barril, que foi desfundado, bebido e derramado em um momento.

A embriaguez apoderou-se rapidamente de suas cabeças enfraquecidas por tantas privações, no meio do fracasso das vagas e do mugido da tempestade, e então começaram a cantar, com voz quasi extincta, palavras extravagantes, incoherentes e lugubres como as canções dos loucos.

Ao clarão avermelhado da lua alguns procuravam dançar cambaleando; depois, cheios de bebida e atordoados pelo vinho, caíam semi-mortos, rolavam aqui e alli por toda a jangada, e quando esta se inclinava eram engulidos pelo mar sem dar um grito.

O parisiense, inteiramente bebado, avistou Alice agachada ao pé de uma barrica vasia.

— Toma, bebe! lhe disse elle, batendo nos dentes da moça com a sua caneca de folha.

Alice bebeo com delicia até a ultima gota. O rubor e o calor subiram-lhe ás faces.

— Estás ficando mais bonita, balbuciou o parisiense. Ora dá-me um beijo em recompensa.

E o marinheiro roçou com a sua bocca

impura a bocca de Alice, que lhe disse, repellindo-o com brandura:

— Oh! este vinho fez-me tanto bem! Mas ainda tenho sêde.

. . . . . .

. . . . . .

— Olha, Paulo, dizia Saffie.

E mostrava ao moço Alice e o marinheiro.

— Não vês, Paulo?

E chegava-se ao ouvido do desgraçado, que soffria dores crueis de uma ferida que tinha no hombro.

— Não vês, Paulo? eu t'o havia dito... E acreditai lá em alguma cousa! Subordinação, pudor de donzella, amizade, amor... tudo isto, Paulo, cede á irresistivel influencia da fome ou da sêde! Nobres sentimentos, que dependem de uma precisão tão ignobil, que... Porem tu não me ouves, tu desmaias! Oh! depois me ouvirás, disse Saffie com infernal sorriso.

E fazendo-o respirar um cordial de que estava munido, chamou-o ao uso dos sentidos.

— Ah! por compaixão! vai-te! vai-te d'aqui! murmurou Paulo.

— É a tua salvação. Come!

E Saffie, tendo, com a maior precaução,

entreaberto a boceta de prata que tinha trazido comsigo na occasião da sua partida da corveta, tirou d'ella um pedaço de certa substancia solida e compacta, e a deo a Paulo.

Paulo levou-a á bocca com avidez; mas, por um movimento de sublime reflexão, deteve-se, partio-a em tres pedacinhos, e arrastou-se para seu pai. Alice estava muito longe, e elle não teve forças para chegar até ella.

CAPITULO XLV.

E chama-se a isto vida!

BYRON — *Cain.*

Oh! meus sonhos dourados!

SCHILLER — *Os Salteadores.*

Uma vela! uma vela!

Dous dias depois tinha a tempestade inteiramente serenado. O céo estava azul, o ar puro, e o sol no seu nascimento.

O vinho tinha-se entornado; o biscouto calcado aos pés, esmagado. Tinham então comido os couros, os çapatos, os chapéos e os cinturões.

Tinham bebido com furor a agua do mar.

Tinham mettido na bocca pregos e pedacinhos de chumbo, esperando que a sua frescura metalica lhes extinguisse a sêde.

Tinham comido a estôpa e a roupa.

Tinha havido uma nova carnificina, para disputarem-se uma gaivota que havia pousado a bordo.

Tinham comido o velho Garnier, que morreo amaldiçoando *seus filhos.*

Tinham igualmente comido dous terços do parisiense, que tiraram por sorte.

Mas este execravel alimento tinha abbreviado a existencia dos que d'elle participaram.

Apenas dous ou tres marinheiros e Saffie podiam sustentar-se em pé, e com os olhos fixos no horisonte contemplavam a sua linha vaporosa e incerta com inconcebivel attenção.

Julgaram avistar uma vela.

Uma vela!

Saffie especialmente tinha os olhos pregados n'esse objecto com pertinaz constancia, pois começava a participar do horror de semelhante situação.

No momento do naufragio tinha-se elle munido, por natural previsão, de uma substancia excessivamente nutritiva, encerrada em um pequeno volume (*), e d'esto modo havia até então escapado aos tormentos da fome; porem o seu meio de existencia diminuia, e elle perdia a esperança de ver a

(*) Carne de caça pisada e secca com assucar. Os indios não levam para as suas longas caçadas outras provisões. Uma onça d'esta substancia por dia basta para alimentar um homem robusto, mesmo quando se entregue a violento exercicio.

jangada lançada pela corrente das aguas na costa d'Africa; porque o vento tinha soprado de terra com tanta violencia que deviam estar d'ella muito affastados: e pois, foi com expressão de alegria difficil de descrever que elle exclamou:

— Uma vela! uma vela!

A palavra magica — uma vela — penetrou até o coração dos moribundos; seus olhos extinctos reanimaram-se; os feridos erguiam-se com difficuldade, e dirigiam a vista enfraquecida para o logar que designava Saffie.

Outros juntavam as mãos, outros davam gargalhadas; e alguns foram tão felizes que poderam chorar.

A palavra — uma vela — foi como um balsamo consolador, que, derramando-se sobre as feridas, serenou todas as dores e fez esquecer até a propria fome!

A esperança veio extinguir todos os odios; e todos os sentimentos violentos dissiparam-se a este pensamento.

Esses homens, ha pouco tão ferozes e crueis, procuravam-se uns aos outros, reuniam-se e abraçavam-se, dando gritos delirantes de alegria, que partiam do fundo d'alma.

Alguns d'elles, em completo entorpecimento, não podendo tomar parte na geral embriaguez, eram despertados por seus companheiros, que lhes gritavam, sacudindo-os.

— Estamos salvos, marinheiros; uma vela!

— Sim, meu Deos! uma vela!

Paulo e seu pai trocaram um olhar sublime, e abraçaram-se com mutua e profunda felicidade.

Alice, anniquilada, dormitava no meio de uma lethargia nervosa, que era atraiçoada por bruscos estremecimentos. Ella não ouvio nada; pobre menina!

— Uma vela!... Esta palavra foi repetida, cantada, murmurada, e exclamada com alegria sempre crescente; porque o navio salvador tornava-se pouco a pouco mais distincto, e d'ahi a pouco vio-se o velame de uma fragata que resplandecia com os raios do sol.

Oh! houve então um admiravel momento de exaltação, porque n'esse momento cessou toda a incerteza, e esse signal de salvação foi acolhido por mil vozes atroadoras!

N'esse momento os marinheiros, ha pouco insensiveis, deshumanos e impios, sentiram-se penetrados de religioso reconhecimento!

Pobre gente! a sua alma, ulcerada por longos padecimentos, não podia comportar uma tão grande felicidade; a sua alegria trasbordou, e tiveram então desejos de expandi-la em uma oração de amor e gratidão.

Alguns bretões começaram immediatamente a cantar um hymno simples a Nossa Senhora do Soccorro.

— De joelhos, filhos! gritou Pedro.

Todos se ajoelharam com fervor; seus olhos ardentes banharam-se de lagrimas doces; e era um quadro sublime o que apresentavam esses homens pallidos, enfermos e dercarnados, juntando as mãos tremulas e emmagrecidas para agradecer a Deos um tão inesperado soccorro.

Era na verdade magestosa a ingenua oração d'esses homens intrepidos, que, elevando-se no meio da immensidade das ondas, pareciam saudar o nascer do sol como a aurora d'esse bello dia!

Parecia haver um presagio divino no brilho d'esse astro resplandecente, dissipando as sombras de uma noite escura, do mesmo modo que a ventura e a paz íam extinguir até a lembrança de seus horriveis martyrios.

A fragata avançava sempre para a jangada, barlaventeando quanto podia.

— Saíremos da jangada como entrámos, disse Pedro com o seu systema machinal de disciplina. Primeiro as senhoras, os moços, e os marinheiros, e depois o estado-maior.

O estado-maior era elle e seu filho.

— Sim, sim, nosso bom tenente, responderam os marinheiros com alegre submissão, pois com a esperança, senão certeza, de salvação commum tinham voltado a subordinação, a dedicação, o amor e o respeito que consagravam ao tenente.

— Meu pai... já não tereis força bastante para subir a bordo, disse Paulo; mas uma cadeira arranja tudo.

— Meu Paulo, meu filho, respondeu Pedro abraçando-o, não sei que voz secreta me dizia que ainda não deixariamos um ao outro. E na verdade, o céo não podia separar-nos, porque todas as noites o implorava em segredo por ti, meu filho. E o céo nunca abandona os que o invocam... como vês, Paulo!

— Oh! minha mãi me tinha dito isso, respondeo o pobre moço com admiravel expressão de fé e de ternura, beijando as mãos de seu pai.

— E então! e então! disse n'este momento Saffie com accento de profunda inquietação... Olha tu. — E mostrava a fragata a um marinheiro occupado em seus arranjos de partida.

— Ah! senhor! disse este, ella cáe a ré. Agora vai capear... Porem não... oh!... oh!...

— Inferno! desesperação!... gritou repentinamente Saffie, batendo o pé com violencia.

— Que é?... que succedeo?... perguntaram.

— Ella não nos vio, e vira de bordo, meus bellos cantadores de hymnos! exclamou Saffie com voz atroadora, os olhos chammejantes, e rangendo os dentes desesperadamente.

— Oh! é impossivel... disse Pedro.

Era verdade.

A fragata andava bordejando; e quando acabou o bordo virou no outro para assim seguir a barlavento.

O navio affastou-se, diminuio pouco a pouco de altura, tornou-se mais pequeno, cobrio-se de vapor, ficou quasi imperceptivel, e desappareceo inteiramente nas profundidades do horisonte.

Em quanto apparecia uma linha das velas da fragata acima da superficie do mar, havia um raio d'esperança no fundo do coração d'estes infelizes... pois não podiam nem queriam acreditar em um tão atroz ludibrio do destino.

Mas quando nada mais ficou no horisonte... nada... alem do sol que resplandecia sobre o mar azul, tranquillo e deserto:

Oh!... então acharam-se na situação mais pungente e amargurada que póde penetrar o coração do homem.

Como nas reacções fortes do moral sobre o physico, o abatimento e a fraqueza succederam logo ao estado de exaltamento que a esperança tinha feito nascer.

Este entorpecimento do corpo e do pensamento durou alguns momentos.

Dir-se-ía que os miseraveis tinham precisão d'esse espaço de tempo para serem precipitados das alturas immensas da esperança nos abysmos insondaveis da desesperação:

Para saborear devidamente a amargura de uma tão infernal illusão:

Para bem comprehender todo o horror de sua desesperada posição, e para ve-la diante de si.

E pois, quando esta convicção entrou no coração de cada um, fria e acerba como a mordedura de um moribundo:

Quando o mar e o horisonte ficaram vasios e desertos:

Então houve uma horrivel confusão d'espantosas blasfemias contra o céo que haviam invocado, de gritos de morte e desesperação lançados por esses mesmos homens que ainda ha pouco se abraçavam mutuamente.

Então a raiva e a fome, que a esperança tinha por um momento adormecido, levantaram-se mais implacaveis e sanguisedentas que nunca.

Então os desgraçados, como para vingarem-se sobre si mesmos de sua miseria commum, arrojavam-se uns contra os outros, espancando-se e espedaçando-se, exasperados por espantoso frenesi . . . . . .

. . . . . .

O proprio Safie deo tambem um grito terrivel arrancado pelas dôres, e caío anniquilado.

Era um dos insensatos que tentava cortar-lhe um pé com uma faca . . . . . .

. . . . . .

No dia seguinte tinha passado este accesso de raiva frenetica; a fome havia prevalecido.

Pedro e seu filho achavam-se deitados um junto do outro; a sua rasão começava tambem a abandona-los. Tudo parecia voltear em redor d'elles; estavam vertiginosos.

Mas, superior a tudo, dominava o sentimento de uma fome de tigre.

— Paulo, disse Pedro com voz rouca e entrecortada, tenho muita fome; quem te deo aquillo que hontem me déste?

— Foi Saffie.

— Elle ainda terá mais?

— Não sei.

— Vamos ver; se ainda tiver, nós lh'o tiraremos, porque somos dous.

E arrastaram-se para junto de Saffie que parecia sem movimento.

— Pedro poz-lhe o joelho sobre o estomago, e encostou-lhe o punhal ao peito, em quanto Paulo o apalpava.

Paulo achou a boceta de prata, e seu pai lh'a vio abrir.

— Dá cá!... dá cá!... disse elle a seu filho.

— Esperai.

— Não, dá cá.

— É meu! disse Paulo, arrancando o pouco que ella continha e levando-o á boca.

— Hade ser para mim! quando não...

gritou Pedro, lançando-se sobre o filho com um berro feroz.

Travou-se então uma luta terrivel, e ao rumor d'ella acordou Saffie.

— Oh! vós me roubastes, e querieis assassinar-me. Olha, Paulo, disse elle com voz fraca, examinando as probabilidades de tão horrivel combate; é o punhal que vai decidir entre ti e teu pai... Oh!... bello bocado, que pouco lhe faltou para ser parricida... Muito bem! come!... come!...

A noute veio felizmente encobrir esta scena horrivel.....

.....

No dia seguinte, Saffie, saindo de uma especie de somnolencia nervosa e incommoda, julgou-se sob a influencia de horroroso pesadelo.

CAPITULO XLVI.

E eu morro! Não, meu Deos, tu não és justo!

FREDERICO SOULIÉ — *Christina.*

A loucura não é mais que a concentração de todas as idéas em um unico e extremo pensamento.

CABANIS — *Physica e Moral.*

A Febre.

Era meio dia. O sol quasi vertical da costa d'Africa, então em toda a sua força, derramava seus raios inflamados sobre as aguas do mar, tranquillo e limpido, fazendo-os brilhar com milhares de fogos resplandecentes.

A jangada, immovel n'esse mar liso e polido como um espelho, reflectia-se n'elle com os mais insignificantes pormenores.

O convez apenas se elevava a um pé acima da superficie do mar, e sem antepara alguma, por terem sido espedaçadas e arrancadas pela tempestade quasi todas as muralhas de barricas e de cabos.

Aqui e alli fluctuavam pedaços de roupa, de cabos e de taboas, alumiados e dourados

pelo sol que n'elles se reflectia; algumas armas enferrujadas brilhavam tambem no convez da jangada.

Á excepção dos feridos mortalmente e dos cadaveres, todos os marinheiros estavam em pé, com os olhos brilhantes, os labios vermelhos, e as faces córadas, animadas e luzidias.

Sómente em vez de sentir o calor suave e penetrante, que pareciam annunciar estes symptomas exteriores, estavam elles banhados de suor frio, e seus membros achavam-se gelados e endurecidos.

A fóra este phenomeno, e uma contracção nervosa que dava a quasi todas as physionomias uma expressão horrenda e extravagante, nada revelava n'elles o longo martyrio por que acabavam de passar.

Alguns d'elles reparavam quanto era possivel a desordem de seus vestidos, remendavam a roupa esfarrapada, atavam as gravatas, e diziam: — O tenente vai começar a inspecção; é preciso estarmos limpos.

Outros julgavam ver ao longe uma cidadade resplandecente de ouro, de marmores e de arvoredo, que se elevava em amphitheatro.

— Lá está Smyrna, diziam elles, e eis-nos

chegados. Meu Deos! como é bonita! Olha aquellas cupolas de prata, aquelles tanques, aquellas laranjeiras. Lá estão algumas mulheres que nos chamam! vem cá, marinheiro... vem! dá-me o teu braço.

E caminhavam para a borda da jangada, como se o convez d'esta e o mar apresentassem igual superficie, cambaleavam na extremidade das taboas, caíam, e eram tragados pelas ondas.

Respingavam então algumas gotas d'agua, o mar encrespava-se, algumas bolhas de ar vinham á superficie, e logo depois ficava o mar liso como d'antes.

Alguns d'elles, sentados em redor d'uma barrica vasia, deleitavam-se a uma mesa abundantemente servida.

— Passa-me d'esse frango, marinheiro, dizia um.

— Ei-lo aqui; e está famoso, respondia o outro, imitando o gesto de uma pessoa que serve.

— Que vinho!

— Que bello pão!

— E que carne fresca!

— Estou-me regalando com ella; nem sempre se está em terra.

Uns dançavam, com passos mal seguros,

uma walsa rapida, começada na jangada entre dous marinheiros e terminada no mar.

Outros julgavam ver a cabana em que tinham nascido, suas mulheres e filhos, e tudo o que amavam. Então enterneciam-se, beijavam os filhos na testa, e promettiam-lhes que não navegariam mais; mas tudo isto com o riso nos labios ou as lagrimas nos olhos, e com a melhor fé do mundo. Era um delirio que se exprimia com tanta evidencia e naturalidade, que um cego tomaria como realidades estas aberrações da febre.

Um dos symptomas d'ella, era desenvolver até ao infinito o desejo culminante de cada um, e fazer sobresair o seu pensamento fixo e habitual, como em todas as loucuras completas ou passageiras.

Á vista de um delirio tão horrivel e sereno, Saffie ficou assombrado; pois tendo, bem como Paulo, tomado alguns atomos de alimento, não participava d'esse estado de excitação comatosa, d'essa exaltação cerebral devorante, desenvolvida pelos ardores do sol e pela reacção sympathica do estomago irritado, sobre o cerebro enfraquecido: a febre emfim, essa especie de reflexo moral, não lhe fazia estalar o craneo, offe-

recendo á sua vista, como á d'estes infelizes, imagens enganadoras de lugares encantadores, de banquetes, de mulheres, ou de suas familias.

Sómente Paulo e Saffie conservavam o sangue frio no meio d'esta horrivel orgia intellectual.

Ainda que enfraquecidos por longas privações, conservavam sufficiente lucidez d'espirito para ver tudo e tudo ouvir; Paulo, sobre tudo, sustentado pela porção de alimento, que na vespera tinha disputado a seu pai.

Assim pois, experimentava elle horrivel angustia á vista de semelhante espectaculo, que se tornou ainda mais horrivel pelo apparecimento de Alice...

Alice, pisada, çuja, com os cabellos em desordem, magra, desfigurada e amortecida, mas com as faces cobertas de vivo encarnado, com os olhos brilhantes, e n'esta occasião dotados de extraordinaria força; Alice, dizemos, levantou-se lentamente do meio de duas barricas em que se conservára até então, e adiantou-se hirta e enteiriçada como uma estatua, meio coberta com o capote que Pedro lhe havia dado.

Paulo occultou a cabeça nas mãos.

Alice parecia procurar com os olhos alguma pessoa; depois caindo a sua vista sobre Saffie, empurrou com força admiravel os marinheiros que lhe embargavam a passagem, e chegou ao pé d'elle.

— Saffie! disse Alice com voz fraca e suave, inclinando-se para elle com ternura; meu amante, meu querido; unico ente que amo de todo o meu coração.

Paulo quiz affastar-se; mas o misero não poude faze-lo: tinha sufficiente força moral para comprehender o que se dizia, mas faltava-lhe força physica para fugir.

— Pareceo-me que amava Paulo; pobre anjo! enganava-me. Elle era para mim como uma companheira ou uma irmã; era uma amiga fraca e terna, e nada mais. Mas tu, disse ella erguendo-se com orgulho, és o meu amante; cada um de teus olhares é para mim um prazer e um tormento; e pois, as tuas caricias abrasam e embriagam... Oh! desde aquelle dia em que, temendo a morte, a ti me entreguei inteiramente... tenho-as sentido sempre!... e ainda me resta a sua impressão! D'esse dia em diante a minha vida tem sido um longo prazer, porque ainda tenho nos labios... os teus beijos.

— Oh! quem me dera morrer! gritou Paulo com voz espedaçadora.

— Quem falla aqui em morrer?... Quero viver, e viver comtigo. Vem Saffie, vem comigo. Minha tia é morta, bem como meu pai e minha mãi, tudo morreo para mim desde o dia em que te conheci. Vem, sou tua!... Olha, vês este quarto azúl? é o meu... este leito de cortinas brancas?... é tambem o meu; o teu, queria eu dizer. Estas flôres de que tanto gostas, fui eu que as colloquei n'este vaso de alabastro. Vem, meu amante, pois tu o és... Que m'importa o desprezo do mundo? Não tenho precisão do mundo para dizer-te: — Tu és a minha vida e o meu coração!... Que m'importa o mundo?... o meu mundo é a tua pessoa... Vem, Saffie! vem morrer para reviver e morrer de novo no meio dos prazeres embriagadores, cuja lembrança me devora; porque já não é o sangue, e sim o desejo, que circula e palpita nas minhas veias.

Os olhos de Saffie tornaram-se resplandecentes.

Alice accrescentou depois, fingindo despir-se.

— Olha... este vestido preto que me

fazia tão pallida... vai cair... Como são crueis estes laços!... já estão quebrados... Vou soltar ao vento a minha loura madeixa que tanto amas; vou deixa-la cair sobre as espaduas!... Vem agora, meu amor!... vem!... eu te espero... Oh! vem...

E a infeliz menina fez o simulacro de subir a um leito, abrio o cortinado e caío no mar.

Paulo deo um grito terrivel, endireitou-se, estendeo as mãos para diante, mas não poude levantar-se.

— Salva-a, monstro! gritou elle, mostrando Alice que appareceo um momento á superficie do mar, estendendo os braços.

A sua ultima palavra foi: — Saffie.

— Morre feliz, respondeo Saffie com voz surda, e uma lagrima brilhou em seus olhos.

— Alice!... Alice!... Meu pai... Alice!... bradou Paulo retorcendo-se.

Esta voz, e a palavra pai, arrancaram Pedro á sua preoccupação; pois este desgraçado, tendo sido privado por seu filho de um pouco de alimento, partilhava o delirio geral. O tenente julgava tomar a altura do sol, e simulava cuidadosamente esta observação astronomica.

— Já vou, Paulo... lhe disse elle; já vou, meu filho; mas bem sabes que é preciso pôr a *Salamandra* a caminho; é meio dia... tenho dezenove gráos, e quarenta e seis minutos.

Depois, fingindo que fechava os instrumentos:

— Agora, Paulo, estou á tua disposição, meu caro filho. Oh! meu Paulo! cuidados por cuidados, existencia por existencia.

Este ultimo golpe veio anniquilar o moço.

Oh! elle maldizia-se a si proprio...

— Paulo, meu filho... Estou doente... não sei o que tenho... mas estou ferido na cabeça e n'um braço... Olha... Não sei quem me fez isto... mas soffro muito... Vem cá, meu filho... vem, meu Paulo; fica ao pé de mim, e não padecerei mais. Alem de que estamos para chegar a Smyrna; e lá, accrescentou elle baixinho, heide dar-te uma boa noticia. Pedi para ti mademoiselle Alice a sua tia; emfim, hasde saber tudo. Pobre creança! quanto estimo que sejas feliz! a tua felicidade é o meu pensamento de cada dia e de cada hora. Oh! Paulo! se tivessemos essa ventura, que prazer para a minha velhice! Abraça-me pois, ingrato!

E o tenente inclinou-se para seu filho, que estremeceo sentindo os labios gelados de seu pai.

Logo depois, erguendo-se Pedro, exclamou:

— Aqui estou, commandante! ás vossas ordens!

E foi sentar-se no centro da jangada, onde parecia conversar com alguem.

— Oh! desgraça! inferno!... A morte, a morte! gritava Paulo; sou um infame!

— Para que pedes a morte, Paulo? disse Saffie. És chegado ao termo da sciencia, conseguiste desprezar a ti e aos outros; por quanto tu o sabes... tu o vistes... e has-de accreditar... que...

E calou-se porque começava a enfraquecer-se; suas idéas confundiam-se. Mas dominado por seu horrivel systema, queria segui-lo até ao fim, até á sepultura.

— Sim! tu o vês, continuou elle com voz surda e entrecortada; tu o vês... e está provado:

— A materia prevalesce sobre o espirito... O instincto animal é o mais forte. Honra, respeito, amor, paternidade... pudor... tudo se cala quando a fome falla: Alice... teu pai!...

— Oh! deixa-me! Vai-te, gritou Paulo, vai-te d'aqui! Tu és um demonio!

— Prouvera a Deos que eu o fosse! disse Saffie.

Um unico sorriso amargo e ironico contraío seus labios.

— Oh!... disse Paulo com voz moribunda, e procurando rolar para a borda da jangada afim de cair no mar.

LIVRO SETIMO.

CAPITULO XLVII.

Adorar a Deos na creatura.

BEN AMAIR — *Poeta Persa.*

Barca-Gana.

O lago Tsad é um formoso lago, cujas aguas são tão limpidas e verdejantes que se vê brilhar na arêa, que alcatifa seu fundo, ricas e scintillantes conchas nacaradas, e numerosos ramos de coraes vermelhos e resplandecentes.

Os peixes, de barbatanas douradas e escamas azues, vem morder alguma das longas raizes amarellas dos *lotus* que fluctuam na superficie das aguas, e levando comsigo as corollas azues d'essa bella flôr, desapparecem debaixo dos ramos purpurinos do banco de coral.

A garça de cabeça preta, erguida sobre seus pés côr de rosa, com o pescoço dobrado, e á espera da sua presa, fica algumas vezes immovel á borda d'agua, á semelhança das figuras symbolicas do culto dos hinduos.

Situado no extremo do valle formado pelas montanhas inaccessiveis do Bournou, a grande distancia de Tripoli e da costa d'Africa, este lago apparece fresco, cristallino, e ignorado, como uma gota de orvalho no centro de uma moita de herva.

Cercado de acacias, de coqueiros, de palmeiras e de bananeiras, que reflectem suas diversas verduras em suas aguas transparentes, apenas resta no meio um logar em que se vê tremular o azul do céo; tanto as arvores são elevadas e copadas!

E pois, a praia é tão lisa e tão branca; a campina que a cerca tem uma relva tão viçosa e esmaltada, que é um logar delicioso para as narcejas, pelicanos e grous, que ahi vem brincar ao saír d'agua, e fazer brilhar ao sol os diamantes que cáem de suas azas humidas.

Porem, oh! meu Deos! que gritos e que espanto! A turba aquatica voltêa, esvoaça, e vai pousar em uma ilhotasinha coberta de tomilho, de mangerona e de angelicas.

Pobres passarinhos; para que fugis? A imagem de Leila, joven indiana, formosa, esbelta, cortez e melancholica, que caminha pensativa, vestida de um *bouakan* de algodão escarlate, atado em redor do corpo com

um cinto de seda branca, não é uma imagem assustadora.

Leila tinha na mão um cestinho de junco, que enchia de flôres escolhidas com esmero. Chegando ao pé de uma magnolia vermelha, preparava-se ella para despoja-la de sua brilhante corôa, quando deo um gritosinho de surpreza e parou.

Estendendo então em fórma conica uma folha de bananeira espessa e luzidia, para ella fez rolar, empurrando-o com um ramo de flôres de acacia, um ovo grande, de um branco trigueiro e avermelhado, e collocou depois a folha em cima de um lirio da Persia.

Pegando então de novo no cestinho, matisado e perfumado por milhares de flôres, entregou-o ás aguas do lago, e inquieta seguio com a vista esta barquinha embalçamada.

Então a fraca viração que acariciava a superficie das aguas, engolfou-se nas folhas de rosa, introduzio-se nos estames dos lirios vermelhos, e arrastou o *navio* para a ilhota em que os passaros se haviam refugiado.

Triste e terrivel naufragio! cujos fragmentos espalhados seguravam-se a raminhos de hervas, ou a conchinhas de todas as côres que scintillavam como diamantes.

Leila mostrou-se penalisada do naufragio, porque pegou no ovo encerrado na folha, com expressão de pesar, e parou mais de uma vez antes de chegar ao templo de Lari.

Era sol posto quando ella chegou.

O templo de Lari formava interiormente um longo parallelogrammo, construido de bambus odoriferos, ligados entre si por cordões de algodão de côres vivas e brilhantes, que Leila apenas distinguia; porque a grande quantidade de ninhos de *taméos*, cheios de vermes luzentes, de que estes passaros guarnecem as suas habitações, unicamente projectavam alguma claridade no meio das trevas.

Ao ver estes ninhos cercados de uma aureola azulada, que resplandeciam aqui e alli suspensos no escuro, dir-se-hia que numerosas girandolas de saphiras reflectiam o brilho furta-côr e prismatico da opala.

Talvez este aspecto lugubre augmentasse o desgosto de Leila, se o canto dos *taméos*, que se exhalava em murmurios harmoniosos e lamentaveis, não viesse por sua ingenua e encantadora melodia transformar a tristeza da joven arabe em doce e pensantiva melancholia.

Leila caminhou para o sanctuario.

No fundo do templo, e dividindo-o em toda a sua largura, estendia-se uma vasta cortina de damasco da Persia côr de rosa, com flôres de prata. O seu tecido, lustroso e transparente, parecia occultar um fóco de luz.

Reflexos de um vermelho vivo resplandeciam nas extremidades das columnatas de bambus mais proximas do sanctuario; e depois, enfraquecendo-se e degraduando-se essa côr, a principio escura, ia-se extinguindo, até morrer desmaiada, nas trevas que envolviam o asylo sagrado.

Perto da cortina, ricamente purpureada, uma ligeira balaustrada de cannas pintadas parecia defender a entrada do sanctuario.

Esta elegante galeria era ornada de maravilhosos arabescos feitos de pennas de pavão, e beija-flôr, e o colorido variado de sua bella plumagem confundia-se com tanta arte em um fundo escuro, que parecia veludo preto bordado de ouro, de azul, de rubins e de esmeraldas.

No meio d'esta grade maravilhosa elevava-se, suspensa por uma canna curiosamente esculpida, uma laminasinha de ouro bastantemente larga, e coberta de uma camada de algodão branco e macio, perfumado de folhas de rosa.

Foi n'este brilhante leito, e no meio d'estas flôres, que Leila depositou o ovo sagrado; e pegando depois em uma especie de psalterio de duas cordas, que se achava pendurado em um bambu, d'elle tirou um som que vibrou e retenio por um momento, cobrindo o sussurro dos passaros.

Tendo de novo collocado o instrumento no seu logar, Leila saío do templo ás arrecúas, com as mãos cruzadas no peito, e cantando um hymno maldivo.

Á medida que a moça se retirava do logar sagrado, diminuia, segundo o costume, o sonoro da sua voz. Assim pois, quando Leila chegou á porta do templo, o som d'ella, que já era apenas um murmurio, pronunciou a ultima palavra do hymno.

Logo que o silencio annunciou que o adorador de Lari havia desapparecido, o grão-sacerdote Barca-Gana saío de um dos lados do templo em que era situada a sua habitação, caminhou para junto da cortina, vio o ovo, e prosternou-se.

O grão-sacerdote Barca-Gana era um homem de sessenta annos, de côr fortemente azeitonada, magro e descarnado, e seus olhos brilhavam debaixo de longas pestanas brancas.

Ultimo sectario de uma tribu errante, que, vinda do golpho persico, se tinha estabelecido nas montanhas inaccessiveis de Bournou, Barca-Gana tinha trazido comsigo as superstições da sua terra natal; e, como muitas seitas dos egypcios, dos indios e dos persas, adorava a Deos na creatura: o *Grou* era a ave sagrada d'estes idolatras.

Barca-Gana, revestido de um *bouakan* verde que o circumdava inteiramente, tinha a cabeça coberta por um véo de escomilha côr de laranja com flôres de ouro, preso na testa com tiras guarnecidas de pedras preciosas.

Approximou-se elle da almofadinha em que estava depositado o ovo divino, e depois de varias genuflexões, começou a cantar, em rythmo monotono e cadente, as lettras seguintes, em lingua maldiva:

« Abre o sanctuario; é um raio da chamma celeste, um atomo da sua luz, e uma faisca do seu fogo.

« Ente escolhido pelo grão scheik dos valles verdes, oh! tu, que fecundas o germen com o teu sopro!

« Abre o sanctuario!

« Comerás lagartos d'escamas azues, tamaras cheias de leite e de mel; terás leitos

de algodão macio para fecundar o germen divino com o teu calor.

« Abre o sanctuario!

« A minha cabeça está cingida do *tailek*, e meus hombros de *bouakan*.

« Abre o sanctuario!

« É uma faisca do fogo divino que vaes avivar com o teu sopro, oh! tu, escolhido pelo grão scheik dos valles verdes. »

Uma mão invisivel puxou a cortina, que correo sobre um bambu, e um jacto de claridade resplandecente innundou o interior do templo.

O proprio Barca-Gana ficou como deslumbrado pelo espectaculo que se offerecia á sua vista.

CAPITULO XLVIII.

Assim vai o mundo!

Um Beocio.

O Escolhido do Grão Scheik dos valles verdes.

O espaço encoberto pela cortina formava um semi-circulo algum tanto alongado, construido de bambus como o resto do templo, mas pintados de encarnado vivo e brilhante, e realçados por anneis de ouro que imitavam as bases e os capiteis d'essas columnas elegantes.

Do centro do zimborio, no qual iam ajuntar-se as cannas verdes que precediam a columnata, pendia uma vasta lampada de barro, tão bem pintada como um vaso etrusco, cheio de pedacinhos de alóes, cuja chamma derramava mais perfume que claridade.

No centro d'este sanctuario elevava-se um altar quadrado, sustentado por pés de bronze, e coberto dos mais ricos tecidos da India e da Persia: véos de ouro e de seda, cachemiras de côres finissimas, garças bordadas de ouro e d'escarlate, confundiam-se

em sanefas ondeantes, e fluctuavam em torno d'esta especie de leito, feito de quatro camadas de algodão, do mais fino e do mais alvo.

De cada lado d'este leito dous enormes leques de pennas de pavão refrescavam o ar, agitados por mãos invisiveis.

Finalmente, no meio de grande numero de laminas de ouro cheias de hyerogliphicos, que lhe ornavam o peito, os braços, e o pescoço, apparecia deitado, com gesto grave, indolente e preoccupado, o ex-estanqueiro, ex-capitão de fragata e ex-marquez de Longetour, agora escolhido do grão scheik dos valles verdes, tendo na cabeça uma coroa real feita de pennas de grou e adereçada de diamantes.

O digno marquez estava prodigiosamente gordo. Seu rosto vermelho, liso e cheio, annunciava perfeita saude; e sua longa barba branca dava-lhe um certo ar druidico assás magestoso.

Todavia o marido d'Isabel fez uma carantonha ao ver Barca-Gana levantar respeitosamente a coberta para introduzir no leito o ovo sagrado.

— Ora pois, disse o marquez; temos mais um a fazer sair da casca! Estes animaes

julgam que sou algum forno ou alguma galinha choca! Abusam diabolicamente do meu calor natural para fazer saír de seus ovos os malditos grous!... Ainda se m'os deixassem; ao menos far-me-íam companhia e me tomariam amizade... Porem não, logo que elles podem sustentar-se em pé, levam-nos... Sim, sim, está bom; vai-te embora, velho animal! disse o marquez ao ver as genuflexões de Barca-Gana, que saía do sanctuario recuando. Vamos! agora tenho descanso até ás dez horas. Ás dez horas trazem-me lagartos cosinhados com especiarias orientaes, e tamaras passadas com mel e creme. Custou-me muito a habituar-me a semelhante comida; porem agora já me dou bem com ella, já estou acostumado aos lagartos. Todavia é um alimento gostoso... Meu Deos! meu Deos! quem diria ha quatro mezes, quando eu jogava a minha partida de dominó no café de S. Magloire, que algum dia ficaria reduzido a chocar ovos de grou em Africa, e a comer lagartos! Com effeito! tambem é porque o tenente foi tão malvado que me abandonou na corveta! Oh! nunca lhe perdoarei isso, e se conseguir voltar á França... Porque, emfim, se elle me não abandonasse, o miseravel Sam-Bai que dei-

xaram estupidamente fugir, tomando o renegado por um negociante de trigos de Odessa, não voltaria na mesma noite do naufragio, de não sei que maldito corso, não veria a corveta encalhada no banco e quasi a desfazer-se, e não mandaria a sua gente roubar a bordo; não me teria achado no meu catre mais morto que vivo, não me teria tomado a bordo do seu navio, levado á costa e vendido como escravo a um damnado que quiz primeiro obrigar-me a fazer barris; e vendo depois que para isso não tinha geito, poz-me a tirar agua, para o que não tinha eu força. Emfim, felizmente para mim — digo felizmente, porque a minha vida actual é uma fortuna, á vista das minhas diversas existencias, — esse animal de barbas grandes trocou por mim um camello e duas espingardas, e trouxe-me para estas montanhas, amarrou-me a este diabo de leito, cobrio-me de ouropeis, e ha trincta dias que me faz desempenhar o asnatico officio em que me emprego. Até quando durará isto, meu Deos? E os outros!... Onde estarão agora o patife do tenente, Alice, madame de Bléne e a equipagem?... Talvez afogados... Estou melhor aqui; mas, qual melhor! Ah! Isabel!... Vinte vezes maldita sejas tu...

A culpa é tua: a não seres tu, estaria eu ainda na rua de Grammont, vendendo macubá *em boas pitadas!*

O bom homem ficou absorto e pensativo até a hora da refeição, depois do que adormeceo com o somno dos justos e dos escolhidos do grão scheik dos valles verdes.

No dia seguinte de manhã acordou o marquez sobresaltado por desacostumado rumor. Em vez da lingua aspera e guttural que resoava ordinariamente no templo, ouvio elle vozes europeas. Bateo-lhe o coração, e julgou morrer de gosto vendo abrir-se a grande cortina e entrar, com a maior devoção do mundo, tres officiaes inglezes de fardas escarlates, conduzidos por Barca-Gana, que desejava admitti-los á adoração dos santos mysterios.

Apenas o marquez os avistou, gritou anhelante: — Em nome do céo! quem quer que sejaes, tende compaixão de mim!

Os tres inglezes olharam-se mutuamente com inconcebivel admiração, pois estavam longe de reconhecer um europeo debaixo de tão extravagante vestuario.

— Sois francez, senhor? perguntou um d'elles.

— Sim, meu Deos! sou francez e capi-

tão de fragata; estou aqui por meus peccados ha trinta dias. Por compaixão, levai-me comvosco... salvai-me!

— É impossivel, senhor, tornou o bom inglez, que vos levemos á força; porem, como vou para Tripoli, de volta de uma viagem no interior de Africa, ordenada por lord Bathurst, fallarei ao consul de vossa nação, e valer-me-hei da influencia que tem o nosso sobre o dey para fazer-vos restituir a liberdade.

— A minha vida, senhor, será pouca para abençoar-vos, se o conseguirdes, disse o marquez.

— Animo, senhor! Em tres dias estaremos em Tripoli, e dentro em pouco tereis noticias nossas. Adeos, pois temo que uma mais longa entrevista seja perigosa para vós.

Com effeito, Barca-Gana começava a carregar o sobr'olho, mas tendo-o tranquillisado o interprete dos inglezes, conduzio os estrangeiros para fóra do templo, e só ficou inteiramente socegado quando os vio descer com a sua comitiva as ladeiras d'essas montanhas elevadas.

Os officiaes faziam parte da expedição de descoberta que precedeo a do infeliz major Laing. Sabendo elles pelos seus interpretes

que existia nas montanhas de Bournou uma seita estranha á religião de Mahomet, quizeram visita-la, e d'ahi proveio o seu encontro fortuito, tão feliz para o ex-estanqueiro.

Quanto a Barca-Gana, tinha feito excellente negocio comprando o marquez.

Segundo o costume de todas as seitas do Indostão, que adoram as aves, os proscriptos de Bournou nunca deixavam os passaros chocar os ovos de que deviam saír os passaros sagrados.

Pareciam-lhes essas aves de mais pura essencia quando deviam ao homem a segunda vida que dá a incubação; e por isso era uma grande honra ser escolhido para desempenhar esse officio.

Barca-Gana, porem, lembrou-se que um branco, um homem de uma especie tão particular e tão pouco conhecida faria aos olhos dos crentes muito melhor effeito no leito sagrado, e que fecundaria mais perfeitamente.

Movido por estas idéas comprou elle o bom marquez, como um charlatão compra de preferencia um cavallo de extraordinario pello para puxar o seu carro.

Infelizmente Barca-Gana não gosou por muito tempo da sua feliz idéa. Os officiaes

inglezes, logo que chegaram a Tripoli, expozeram o negocio aos consules europeos. Foi implorado o dey, e por sua ordem uma escolta de arabes e o chanceller do consulado partiram para ir arrancar o digno Formon ás suas gallinicas occupações.

O dey fez mesmo alguma cousa mais para obsequiar o consul inglez; pois sem o consultar mandou decimar os habitantes de Lari, enforcar Barca-Gana como idolatra, e metter Leila no seu serralho.

Quanto ao marquez, chegou a Tripoli robusto e vigoroso, montado em um camello do dey.

Tres dias depois, um navio que partia para Genova foi encarregado de um officio do consul ao governo francez, e de um relatorio em que o marquez fulminava a sua indignação contra Pedro, por have-lo fechado a bordo na occasião do naufragio; e annunciava alem d'isso a sua volta proxima na primeira embarcação que saísse para França.

LIVRO OITAVO.

CAPITULO XLIX.

Requeiro justiça e vindicta!
P. L. Jacob. — *O Rei dos libertinos.*

Os Juizes.

O officio do marquez chegou a Cherbourg na mesma occasião em que o brigue mercante *Dous Amigos* tinha transportado os naufragos da jangada, que recebêra no mar um dia depois que esses desgraçados foram atacados da febre.

Havia algum tempo que o conselho de guerra que devia julgar Pedro se achava reunido: a accusação era baseada sobre o relatorio do diario da Salamandra, que, como sabemos, fôra conservado na jangada.

Pedro era pois accusado de *tentativa de morte seguida de execução*, na pessoa de seu commandante, durante o exercicio de suas funcções. As testemunhas tinham sido inqueridas, e os poucos marinheiros que restavam da equipagem da Salamandra, em cujo numero entravam Bouquin e La Joie, vi-

ram-se na necessidade de depor contra o tenente; pois os factos eram tão positivos e evidentes, que nem mesmo puderam attenuar a sua gravidade. O precioso documento enviado pelo marquez veio completar a accusação instaurada contra Pedro, e dar vigoroso impulso ao processo, reforçando-o com um novo delicto.

Era, segundo creio, o dia 20 de novembro.

A atmosphera cerrada do porto condensava-se em espesso nevoeiro, que encobria todos os navios fundeados no ancoradouro.

Eram outo horas; e um comprido escaler, amarrado ao caes, balanceava-se ao impulso de uma forte mareta.

Os remadores, sentados em seus bancos, e com os remos levantados, conversavam entre si, em quanto o patrão, agachado na pôpa, limpava com minucioso cuidado os bancos, provavelmente destinados a receber officiaes de elevadas graduações, a julgar pelo pavilhão que tremulava na pôpa da embarcação.

Foi elle distrahido do seu trabalho por um marinheiro de cousa de cincoenta annos, de cabellos quasi brancos, mal vestido, com uma perna de páo, e trazendo um

sacco que annunciava que este homem acabava de fazer uma longa viagem.

— Camarada, disse o velho marinheiro, tirando um chapéo de palha besuntado de espessa camada d'alcatrão; sois patrão do navio almirante, não é isso?

— Sou. Que quereis?

— Far-me-hieis grande obsequio, deixando-me embarcar no vosso escaler para ir a seu bordo.

— A bordo do almirante?

— Sim.

— Ora boas noutes, velho congro! Este escaler é dos officiaes superiores que vão para o conselho de guerra.

— Oh! meu Deos! disse o velho marinheiro com incrivel expressão de angustia e de temor. Que conselho de guerra?

— Já me estás encommodando. O conselho que tem de julgar o tenente Pedro Huet.

— O tenente Pedro! Oh! disse o marinheiro occultando o rosto em suas mãos enrugadas.

— Pois tu o conheces? perguntou o patrão, commovido sem saber porque.

— Oh! se o conheço!

— Vai-te embora, homem; lá vem o

chefe e os officiaes. — Peguem nos remos e levantem-se!

A esta ordem levantaram-se os remadores, tendo o chapéo em uma mão e o remo na outra.

Era o almirante e cinco officiaes superiores.

— Arreda-te, disse o almirante empurrando grosseiramente o velho marinheiro, que tinha ficado immovel diante da embarcação.

Chamado a si, o marinheiro segurou resolutamente o almirante por uma aba da farda.

— Então que é isso? Que diabo queres tu?

— Almirante, disse Graciano, que assim se chamava o velho marinheiro, venho de Brest a pé, caminhando dia e noute, com esta, disse elle batendo na perna de páo com a sua bengala. Fiz a viagem para ver o meu bravo tenente, que me dá o pão diario, e ha cinco annos evita que eu morra de fome. Haveis de deixar-me vê-lo, almirante! Um velho marinheiro deve amar o seu official; não é assim?

— É muito justo, meu bravo! disse o official. Vem comigo; hasde ver o teu te-

nente. Patrão, manda sentar este homem na prôa.

— Oh! obrigado, disse Graciano correndo para o escaler com a prestesa de um rapaz, apezar da sua perna de páo.

O almirante occupou o primeiro lugar da direita da embarcação, e os outros officiaes sentaram-se segundo o seu posto ou a sua antiguidade. O patrão dirigio a prôa para a náo almirante.

Depois de alguns minutos de silencio, um capitão de fragata disse ao almirante:

— Sabeis que o officio do commandante Longetour compromette fortemente o tenente Huet?

— É verdade, nunca se vio maior esquecimento da disciplina!

— Uma cousa me admira, disse outro, é que Pedro, sabendo que a caixa dos diarios se achava na jangada, não a lançasse ao mar. Era isso muito facil, e foi mesmo um milagre a conservação d'essa caixa.

— Pedro Huet, senhor, é um homem honrado, respondeo o almirante; é um bravo official, desvairado um momento pelo excessivo amor que tinha a seu filho. É uma falta que deve punir-se, mas que póde desculpar-se.

— Poderia desculpar-se um tão violento ataque contra a disciplina, respondeo o official relator, homemzinho magro, de olhos verdes e malignos; mas já não é a primeira vez que Pedro Huet contra ella attenta, como vimos das informações do senhor marquez de Longetour. A disciplina era odiosa a Pedro Huet; sim, era-lhe odiosa essa rainha, que deve sempre reinar tyranna e absoluta, accrescentou o homemzinho com voz aspera e rabulista.

— Senhor, disse o almirante com fria e tranquilla dignidade, que a sua impaciencia trahia. Senhor relator, atacareis o accusado na presença do conselho.

E reinou o mais absoluto silencio até a chegada do escaler á náo almirante.

— Almirante, não vos esqueçaes de mim, disse Graciano, quando este ia subir a bordo.

— Não, meu bravo. Patrão, manda conduzir este homem á presença do senhor Pedro Huet.

CAPITULO L.

Um pai é na terra o unico Deos sem atheo.

ERNESTO LEGOUVÉ — *Poesias ineditas.*

O pai e o tenente.

Em um camarote da náo, fracamente alumiado pela abertura de uma canhoneirinha que ahi deixava penetrar um pallido raio de luz, achavam-se reunidos Pedro Huet e Paulo.

Pedro, sentado diante de uma secretária coberta de varios papeis, não mostrava a menor commoção; Paulo, porem, em terrivel estado d'espanto, conservava nas suas as mãos de seu pai, e tinha sobre elle pregados os olhos, mais dilatados que de ordinario pela sua magreza; pois que Paulo achava-se desfigurado, tanto os padecimentos o haviam mudado.

— Porem, meu pai, dizia o moço; é impossivel, inteiramente impossivel! não podem condemnar-vos...

— O crime é capital, Paulo, respondeo Pedro com voz surda.

— Mas, em nome do céo, meu pai! patenteai toda a verdade... Dizei como foi; que é falso... emfim, tomai ao menos um defensor.

— Já vos disse, meu filho, que a minha culpa era real aos olhos do mundo; ella o não seria se eu não quizesse ainda sacrificar-me pela manutenção d'essa disciplina em nome da qual me accusam.

— Porem, meu pai, é uma infamia morrer assim... N'esse caso não sou eu nada para vós!

— Paulo, fui official antes de ser pai; quanto maior é o sacrificio mais digno é de louvor, respondeo o fanatico e obstinado maritimo.

— Meu Deos, não sabeis que n'isso commetteis um crime! exclamou Paulo com violencia. Esqueceis que minha mãi vos vê e vos ouve, e que hade maldizer-vos? esqueceis que suas ultimas palavras foram: Vive para o nosso Paulo?... Sabei, alem d'isso, que se vós morrerdes eu tambem me matarei!

— Paulo! disse Pedro com auctoridade.

— Sim, accrescentou o moço desesperado, sim! matar-me-hei a vossos pés, na vossa presença; porque emfim heide cançarme dos sacrificios que por vós faço. Eu vi-

vo! e Alice morreo á minha vista, pronunciando o nome de um homem que a não amava, e que ella me preferio, a mim, que a amava tanto! Ainda não tenho dezeseis annos e o mundo está já deserto para mim; não tenho senão a vós, a vós sómente! E faltaes á verdade para fazer respeitar um homem estupido e cobarde... pedis baixamente uma morte vergonhosa que não merecestes... vós, que sois bravo e leal!...

— Paulo, faço o meu dever.

— O vosso dever! mas esse dever é infame! tambem vós me provaes que tudo é egoismo sobre a terra; não sabeis finalmente, meu pai, que poderei duvidar do amor que me tendes!

— Oh! meu Paulo! meu filho, que pensamento! disse o pobre pai todo choroso.

— Perdoai, meu pai, perdoai! porem attendei-me, escutai o vosso Paulo que tanto vos ama; é por vós, é para obrigar-vos a viver que digo tudo isto...

— Mas, desgraçado moço, matas-me com isso; é um tormento horrivel... Desejaria agora retroceder, porem posso eu faze-lo? é um facto passado á vista da equipagem, um facto confessado por mim, provado. Meu Deos! Meu Deos! e és tu que me repre-

hendes?... Devias porem sentir quanto o meu coração batia quando nos abraçavamos antes d'entrar em fogo.

— Tendes rasão, meu pai, respondeo Paulo com tranquillidade, que contrastava singularmente com a exaltação passageira que por um momento o animára, e seu rosto tomou expressão de agradavel serenidade. Em summa, tendes rasão; o que eu dizia... era por vossa causa; agora, porem, que me provastes que não podeis escapar á vossa sorte... serei mais rasoavel.

Pedro não o entendia, mas o seu coração dilacerava-se.

Deveis reconhecer uma cousa, meu pai: Alice morreo, não é verdade? Depois da vossa morte, filho de um condemnado, ser-me-hia necessario deixar a carreira da marinha, e ir viver não sei aonde. E para que viver? Confessai pois, meu pai, confessai do fundo do vosso leal coração de homem do mar, que seria um louco se pensasse em sobreviver-vos.

— Paulo!... disse Pedro horrorisado.

— Sim, meu pai: fazei de conta que eu, vosso filho, fui condemnado á morte... quereríeis vós sobreviver-me?

— Oh! meu Deos!

— Meu pai, supplico-vos em nome de minha mãi que falleis a verdade, que digaes vossos sentimentos. Respondei, meu pai, quererieis sobreviver-me?

Pedro não respondeo, e escondeo a cabeça nas mãos, fazendo ouvir um gemido cruel.

— D'isso estava eu certo, respondeo o moço: poderia eu ter um pensamento que não fosse o vosso? Além de que, não poderia eu viver; bem vêdes como estou doente, ficaria louco... é melhor morrer comvosco. Ora pois, meu pai, sois julgado hoje, e é ámanhã que... Sim! é ámanhã, meu pai; e agora, como no fogo, o pai e o filho estarão ao lado um do outro, e caírão do mesmo tiro. Dizei-me se posso ambicionar outra cousa; se não é este o fim consequente de minha vida actual. Respondei, meu pai. Oh! meu Deos, como estaes triste! que é isso? Olhai ao menos para o vosso Paulo, disse o moço, puxando as mãos com que Pedro occultava o rosto.

Pedro experimentava uma commoção difficil de descrever, pois comprehendia a vontade de seu filho. Conhecia que para esse desgraçado era impossivel a vida, porque, julgando por si, sabia que, como Paulo, não hesitaria um momento.

— Porem, meu pai, a minha cabeça anda-me á roda, falta-me o alento... é um dos meus desmaios... Bem vêdes... que... e... meu pai...

Empallideceo, fecharam-se-lhe os olhos, e desmaiou nos braços de Pedro. O pobre moço, cançado das privações da jangada e dos desgostos, achava-se extraordinariamente fraco; haveria, quando muito, oito dias que elle se levantava, convalescendo de longa e dolorosa enfermidade.

— Maldicção! elle está doente; é a terceira vez desde hontem que...

E levava Paulo para a sua cama.

N'este momento entrou Graciano.

— Meu bom tenente! disse tomando as mãos de Pedro.

— Tu por aqui, meu velho Graciano?... é o céo que te envia; ajuda-me! ajuda-me a soccorrer meu filho!

— É um desmaio; dai-me vinagre!

— Aqui está.

— Não hade ser nada, tenente, disse Graciano...

— Escuta, Graciano... tu és meu amigo?

— Venho de Brest a pé, caminhando de dia e de noute para vos ver, tenente.

— Pois bem! toma... aqui está este di-

nheiro, é tudo o que me resta... Leva meu filho para onde tu quizeres, fecha-o, guarda-o, por força ou por vontade; com tanto, porem, que eu o não veja mais... a minha sentença vai ser pronunciada hoje e executada ámanhã. Entendes, Graciano?...

— Sim, tenente, disse o marinheiro com voz firme.

Abrio-se a porta: — Tenente, o conselho está reunido, disse um official.

— Eu já subo, senhor, respondeo o tenente. — O official retirou-se.

Então, approximando-se de Paulo, que ainda se achava desmaiado, o pobre pai abaixou-se sobre elle, e abraçou-o com espedaçadora agitação.

— Adeos! adeos, meu Paulo, meu filho, meu tudo! Não te verei mais, nunca mais! Sim... oh! sim!... talvez d'aqui a pouco. Quanto soffro!... Que crueldade!... Porem agora é impossivel! a minha confissão reforçou a accusação; ha testemunhas, tudo está perdido. Já não é possivel retroceder. — Outra vez adeos, meu filho, meu pobre filho. E morre sem me abraçares! Oh! é horrivel, horrivel!

E o desgraçado procurava os labios de seu filho, respirava seu halito, beijava seus

cabellos, e humedecia-lhe a fronte regando-a com suas lagrimas de despedida.

Caminhava então para a porta, mas voltava de novo para junto de seu filho, e cobria-o de lagrimas e de beijos.

— Se fico aqui mais tempo morro! Graciano, abre a porta.

Graciano abrio a porta compungido, e appareceo o official destinado a acompanhar Pedro á camara do conselho.

A sua vista chamou o tenente ao sentimento de si mesmo; abotoou a farda, despida das dragonas e da fita, limpou os olhos, pegou no chapéo, e disse ao official com voz firme e imperativa:

— Marchemos, senhor.

Pedro, acompanhado pelo official, entrou na camara do conselho.

Durante este tempo, Graciano, aproveitando-se da fraqueza e do desmaio de Paulo, transportou-o para terra, ajudado por dous marinheiros de bordo.

CAPITULO LI.

Só Deos é justo.

ALCORÃO. — *Versiculo XI.*

O Julgamento.

O conselho, reunido na camara da náo, compunha-se de um almirante que o presidia, de tres capitães de náo, dous capitães de fragata, e do official relator.

Quando Pedro entrou mandaram-no sentar diante do presidente, que, dirigindo-se ao official, disse-lhe: — Senhor, tende a bondade de fazer a accusação.

O homemzinho de olhos verdes levantou-se, pegou em um enorme quaderno, e leo o que se segue:

« Senhores, é em nome da disciplina, indignamente ultrajada por um homem que, por sua posição, mais devia respeita-la, que reclamamos a applicação das mais severas penas contra o accusado Pedro Huet, tenente da marinha real, já culpado por haver em pleno convez interrompido e alterado as ordens de seu commandante, mandando fazer uma manobra que poderia ser pre-

judicial á conservação da corveta. Porem, senhores, o que é este delicto em comparação dos demais? N'este processo horroroso caímos de abysmo em abysmo! Attendei-me, senhores. Em occasião de grande perigo, esquecendo o respeito devido ao chefe e á ordem immutavel estabelecida a bordo, cego por uma ternura egoista para com seu filho, o accusado levou o esquecimento de todos os seus deveres a ponto de exigir do seu commandante uma ordem para ser salvo em primeiro lugar um filho seu aspirante a bordo. Porem a que excesso ousou elle chegar, senhores, quando o bravo commandante, com a fria inflexibilidade que caracterisa o verdadeiro official de marinha, lhe recusou este insolito pedido! O tenente Pedro, senhores, atreveo-se a puxar pelo seu punhal e a ferir com elle o seu chefe, á vista de toda a equipagem, em um d'esses momentos decisivos em que a mais perfeita subordinação, a mais passiva obediencia, podem unicamente dar os meios de salvar o navio. Vós estremecereis, senhores, sim, estremecereis de horror, quando souberdes de um outro attentado! A corveta acha-se de novo em perigo pela ignorancia de um dos officiaes. N'este momento criti-

co, em que a presença do commandante no convez é como o pharol que guia o navio ao longe, e dirige a sua marcha no meio dos escolhos, esbranquiçados pela escuma das ondas que n'elles quebram furiosas, e como querendo traga-lo; elle, que arranca os naufragos do mar furibundo, pela benefica claridade que projecta ao longe sobre a immensidade das vagas, como uma estrella movida pela mão da Providencia...»

No fim d'esta phrase, que elle pronunciou sem tomar alento, o advogado tornou-se azul; mas proseguio, depois de haver largamente respirado:

«Foi n'este momento, senhores, que temendo sem duvida que seu bravo e inflexivel superior se oppozesse de novo a seus projectos, o dito Pedro Huet teve a audacia de fechar o commandante na sua camara, privando assim voluntaria e scientemente a equipagem das ordens e dos talentos d'esse official superior, que se dizem conformes com a informação dada pelo referido Pedro da capacidade do seu commandante; que deviam, digo, tirar o navio do baixio perigoso em que se achava. Não parece pois, senhores, que o dito Pedro, tendo scientemente privado a corveta da direc-

ção do seu chefe, é o unico responsavel da perda d'esse navio?

« Este ultimo documento foi-nos transmittido pelo proprio senhor marquez de Longetour, que, por uma clemencia digna do seu bello caracter, procura quanto é possivel attenuar os erros do seu tenente. E é esta a occasião apropriada para responder ás calumnias derramadas sobre uma classe estimavel de officiaes, por um momento retirados de todo o serviço activo. Vós o vêdes, senhores: o marquez de Longetour é abandonado no meio dos perigos mais horriveis. Animado pela sua coragem elle esperou; os piratas o arrebatam e o conduzem para o interior da Africa; e, apezar de perigos sem numero, aproveita-se elle da opportunidade, para entregar-se a descobertas e experiencias scientificas de historia natural, segundo elle mesmo nos escreveo, juntando assim a perseverança e assiduidade do homem estudioso á coragem do homem do mar.

« Passemos porem, senhores, a outros quadros mais lisongeiros para a humanidade. Senhores, protesto, em nome da disciplina ultrajada, contra as disposições favoraveis que poderia fazer nascer este docu-

mento. A minha accusação, senhores, é baseada em factos. A conducta do senhor Huet é do mais pernicioso exemplo, e não poderia desculpar-se com o motivo da amizade filial, que é o seu movel. Terminarei, senhores, com uma phrase bem simples, mas expressiva, ao que me parece: Antes de ser pai, deve lembrar que se é official. »

Sómente a estas palavras Pedro deo um salto na sua cadeira.

« Reclamo pois, senhores, contra o sobredito Pedro Huet, a applicação do artigo do codigo penal, como réo:

« 1.° De falta de subordinação para com o seu commandante.

« 2.° De tentativa de morte na pessoa de seu commandante, durante o exercicio de suas funcções.

« 3.° De ter scientemente concorrido para a perda da corveta, privando-a das ordens e da presença do commandante, e de ter alem d'isso exposto este official a morrer, privando-o voluntariamente de todo e qualquer soccorro. »

E o homemzinho sentou-se.

— Accusado, tendes a dizer alguma cou-

sa em vossa defeza? perguntou o almirante a Pedro com mostras d'interesse.

— Não, senhor presidente.

— Tendes advogado?

— Não, senhor presidente.

— Persistis no vosso silencio?

— Sim, senhor presidente. Sómente declaro, á face de Deos e dos homens, que, se não fosse ferido e lançado por terra sem conhecimentos na occasião de abandonar a corveta, não teria deixado o commandante fechado na sua camara.

— E para que o tinheis fechado?

— É essa uma questão á qual não posso responder, senhor presidente.

O presidente saío com os membros do conselho.

Pedro ficou só, com a cabeça inclinada nas mãos. Os poucos carvões que se tinham salvado a bordo da jangada estavam em terra em deposito, depois de terem sido ouvidos como testemunhas.

O conselho voltou, e o presidente leo o seguinte com voz commovida:

« Luiz, por graça de Deos, rei de França e de Navarra, etc.

« Hoje 20 de novembro de 1815, reu-

nido n'este porto por ordem de Sua Magestade, a bordo da náo almirante, depois de ouvir a missa do Espirito Santo, o conselho de guerra maritimo, e achando-se terminados os debates relativos ao senhor Pedro Huet, ex-tenente da marinha real, e preenchidas todas as formalidades exigidas pelo decreto de 24 de julho de 1806:

«Ouvido o capitão relator e o accusado, o conselho, depois de haver deliberado a portas fechadas, em presença do senhor procurador de Sua Magestade, e tendo o senhor presidente recolhido os votos, reconheceo que o processo tinha sido julgado legal por *unanimidade*, e tambem por *unanimidade* declarado réo de tentativa de morte, seguida de execução, na pessoa de seu commandante.

«E tendo desprezado os outros pontos da accusação, o conselho condemna em sua alma e consciencia, e por unanimidade de votos, o individuo chamado Pedro Huet á pena capital, devendo a sentença ser executada dentro de vinte e quatro horas; e outrosim condemna o accusado nas custas.

«Feita, julgada e resolvida a bordo da náo almirante no porto de Cherbourg, no

dia, mez e anno precitados, pelas onze horas menos um quarto da manhã. Os senhores membros do conselho assignaram com o escrivão a sentença original, etc.»

Pedro não disse uma palavra ao ouvir a sua sentença; nenhuma emoção se pintou em seu rosto, pois vivia desde longo tempo com essa idéa. Apenas dirigindo-se ao presidente:

— Meu chefe, quereis ter a bondade de conceder-me uma pequena entrevista?

— Estou ás vossas ordens, senhor. — Permitti que fiquemos sós, meus senhores, disse elle aos membros do conselho, que saíram.

— Conheceis-me, almirante? disse Pedro quando os outros se retiraram.

— Sim, Pedro, disse-lhe o official dando-lhe a mão: já vos vi debaixo de fogo, e sei quem sois. É uma fatalidade inexplicavel a que ora vos acontece, pois não conheço ninguem mais amigo da disciplina.

— Almirante, tenho um filho.

— Já me tinha lembrado d'isso; não deve inquietar-vos a sua sorte futura.

— A sua sorte futura! Não! disse Pedro, porque elle se matará!

— Meu amigo, esse pensamento...

— Sei que elle se matará. Sómente quereria, quereria... que não fossemos separados: entendeis-me?

— Pedro, meu amigo, não participo dos vossos temores. Vosso filho...

— Matar-se-ha, respondeo Pedro. Lembrai-vos ao menos de uma oração por nós ambos: é o meu unico desejo. Nunca fui beato, mas estou certo que ha alguma cousa lá em cima!

— No caso de succeder a desgraça que suppondes, á fé de homem de mar que sereis satisfeito!

— Obrigado. Adeos! disse Pedro estendendo-lhe a mão.

— Vinde, meu bravo, respondeo o almirante, abrindo-lhe os braços. Já não é a primeira vez. — Não fui eu que vos abracei quando recebestes o habito da legião de honra?

E os dous officiaes de marinha caíram nos braços um do outro.

— Adeos, adeos, meu chefe, lembrai-vos de *nós!* disse Pedro vendo retirar-se o almirante.

E voltou para o seu camarote, onde já não encontrou seu filho... Assentou-se tris-

temente no mesmo lugar em que elle se sentára, e passou a noute a meditar. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Devia ser fuzilado ás onze horas da manhã a bordo de um pontão, por um pelotão de gendarmes.

CAPITULO LII.

Que aborrecimento!

BURKE.

Visita.

Aproveitando-se do desmaio de Paulo, Graciano conduziu-o á praça do porto, á hospedaria do *Chasse-Marée*, em a qual se achava alojado.

Era, como o leitor sabe, a vespera do dia em que Pedro devia ser fuzilado. A sua execução tinha sido determinada para o dia seguinte. O signal era a ultima pancada das onze horas no relogio do porto.

O quartinho provisoriamente habitado por Paulo, era ordinariamente destinado aos marinheiros que esperavam embarque vantajoso em algum navio de commercio.

As paredes cobertas de papel pintado ennegrecido e caíndo em pedaços, algumas gravuras coloridas representando os episodios das guerras de Napoleão, uma cadeira, uma mesa còxa, e uma cama de vento compunham a sua mobilia.

Situado no quarto andar, a unica janella d'esta especie de sotão dava para um beco infecto, e a claridade do dia penetrava com difficuldade atravez dos caixilhos esverdeados, no meio dos quaes havia tambem varios fundos de garrafas.

Eram quatro horas da tarde.

O céo, cercado e impregnado das nevoas de novembro, encobria-se cada vez mais, e dentro em pouco começou a escuridade a invadir tambem este miseravel retiro.

Paulo, sentado na borda da cama, em nada reparava.

O pobre moço, com a cabeça baixa, as mãos cruzadas nos joelhos, e as pernas caídas, parecia em estado de profunda insensibilidade. Seus olhos abriam-se algumas vezes seccos e ardentes.

Deram quatro horas, e o sino do arsenal fazia ouvir seus prolongados sons, que fizeram saír Paulo da inercia em que se achava.

— Quatro horas! disse elle depois de contar hora por hora. Que fará agora meu pai?... Ainda tenho dezenove horas a contar! É bastante! Tenho amizade a este relogio porque me hade dizer o momento em que meu pai morrer. Elle me perguntará: Paulo, estás prompto? Teu pai te espera...

e não me enganará. Ámanhã, para elle e para mim, a ultima pancada das onze horas será o signal de uma satisfação, pois é esse signal que hade reunir-nos para sempre. Mas o que farei d'aqui até lá? Estou tão aborrecido! Queira Deos que esta noute ou ámanhã me não dê algum dos meus desmaios! Oh! não! o céo é justo em demasia para recusar-me essa felicidade! disse com amargura. Quem o diria ha seis mezes? É bem fatal a minha existencia! Que fiz eu a Deos para ser tão desgraçado! Parecia-me ter diante de mim um futuro tão longo e tão risonho! Tinha um pai que me amava, era moço e valente, agradava-me a minha profissão, e amava, oh! amava um anjo!

Passado um momento de silencio:

— Eis aqui uma cousa bem horrivel! Não sei se as dôres, os desgostos ou as molestias cansaram todas as fibras do meu coração, que já o não sinto! — lembro-me de Alice, de meu pai que morrerá ámanhã, de mim mesmo que tambem ámanhã me matarei; e tudo isto sem grande sensação. A minha vida passada, presente, ou futura é como um livro que eu lesse e me deixasse recordações, mas não impressões. A unica cousa que soffro é o aborrecimento,

mas um aborrecimento pronunciado, e o desejo de chegar ao dia de ámanhã.

Não, — não! disse elle depois de novo silencio; por mais que queira lembrar-me de tudo quanto amei, de todas as minhas esperanças malogradas; por mais que queira tocar com o dedo as minhas feridas, outr'ora tão vivas e sanguinolentas, chamar atrozes recordações: nada, nada experimento, nem odio, nem desesperação, nem saudade; a minha alma está morta para todas as sensações!... É sem duvida effeito dos meus desgostos extremos, e talvez da minha molestia. Mas, cousa singular! talvez seja tambem a certeza que tenho de morrer ámanhã. Porem, na verdade, só experimento aborrecimento e sempre aborrecimento.

N'este momento uma ligeira pancadinha agitou a porta.

— Ah! é o bom velho Graciano que está de sentinella, disse Paulo. Acha-se alli para me não deixar saír, como se eu d'isso me lembrasse, meu Deos!

Abrio-se a porta, e um individuo approximou-se no escuro, pois a noute tinha vindo de repente.

— És tu, Graciano? perguntou o moço.

— Não, Paulo, respondeo uma voz bem conhecida, que fez estremecer o filho do tenente.

— Saffie! disse Paulo estupefacto.

CAPITULO LIII.

Oh! condemnação eterna! Mais um minuto de odio!

BERTRAM.

Proposição.

Ao ouvir a voz d'esse homem que vinha recordar-lhe as suas mais acerbas desgraças, que vinha quasi resumi-las em sua odiosa pessoa, sentio Paulo um fraco movimento no intimo de seu coração amortecido. O desgraçado julgou que ao menos o odio vibraria em seu coração. Porem não, todas as molas de sua alma tinham sido quebradas para sempre. A emoção passageira que nascêra sómente da surpreza, durou apenas um momento, e Paulo caío logo na sua insensibilidade moral.

Graciano appareceo com um candieiro.

— Deixa-nos sós, disse Paulo.

Graciano saío.

Saffie, emmagrecido pelas privações de que havia tambem participado, parecia mais pallido que de ordinario; mas conservava a mesma tranquillidade, o mesmo sangue frio

e a mesma expressão de insolente zombaria.

— Então, Paulo?

— Muito bem, senhor, quando entrastes pareceo-me que sentia um sentimento de odio e de colera: enganava-me. — Oh! quanto deveis desprezar-me; quanto deveis achar-me infame! disse o moço com amargo sorriso; pois vejo-vos ao pé de mim, e não tenho poder nem força, nem tão pouco vontade de vos matar: comprehendeis isso?

— Sim, Paulo; assim devia ser. Depois dos grandes prazeres vem os grandes desgostos; depois dos grandes desgostos, o nada, — a morte moral. Assim pois, póde-se dizer da alma o que os jogadores dizem do jogo. Ha no jogo dous prazeres: o primeiro de ganhar e o segundo de perder; — pois vale mais perder de que não jogar. E por tanto vale cem vezes mais soffrer que ser abysmado no entorpecimento em que vos achaes.

— Oh! isso é verdade, Saffie; porque se eu soffresse poderia odiar-vos, e se podesse odiar-vos, matar-vos-hia; porem não posso faze-lo.

— Attendei-me. Faz d'aqui a pouco oito annos, Paulo, que, como vós, tambem eu

estava em vesperas de matar-me; tambem, como vós, tinha o coração gelado e amortecido: a unica differença é que eu era impellido ao suicidio pela saciedade da ventura, e vós sois levado a elle pela saciedade da desgraça: o resultado é o mesmo. Ora, venho propôr-vos o emprego do meio que me salvou, pois que vós me interessaes.

— Que quereis dizer?

— Logo que morrer vosso pai, suppondo que podereis saír do torpor que vos opprime, qual seria, na vossa opinião, o primeiro sentimento que se despertaria em vosso coração?

Paulo reflectio um momento e respondeo:

— O odio dos homens e o desejo de vingar-me sobre vós.

— O odio dos homens, sim; quanto ao desejo de vingar-vos sobre mim, é isso simplicidade e injustiça. Em summa, meu filho, fui eu que disse a teu pai: — Sectario de uma disciplina imaginaria, sacrifica ao teu idolo a tua honra, a tua ambição, teu filho e a tua vida? Fui eu que disse a Alice: — Despreza e atormenta o coração puro e ingenuo de Paulo e ama-me? Não; eu disse a Alice: — Existe um coração puro e casto como o teu, procura-o, comprehende-o, ama-o; porque o meu coração, me-

mina, acha-se esgotado, sombrio e murcho. Pois bem, apesar d'isso, Paulo, veio ella ter comigo e fugio de ti, porque estava em sua natureza de mulher; — foi por isso que Alice, educada em um convento, tendo todas as virtudes e todos os sentimentos nobres, me preferio a ti; foi por causa de todas estas virtudes que fui eu o escolhido. Uma mulher corrompida não teria hesitado; escolher-te-hia a ti.

Tu fallas de matar-me, Paulo! Fui eu, ou foi a fome que transformou a obediencia em revolta, o amor em odio, o pudor em frenesi amoroso? Não participei eu das vossas privações? Como vós, não arrisquei tambem a minha vida? A minha unica vantagem foi ver as cousas a sangue frio, pois, como já te disse, nada me admira, porque estou preparado a tudo.

— Emfim, que quereis de mim? perguntou o moço com indifferença.

— Escuta, Paulo. Tu tens dezeseis annos, és bom e corajoso; tens os mais terriveis motivos accumulados pela fatalidade sobre a cabeça de um homem. O teu desejo de vingança deve ser implacavel e agudo, pois os homens roubaram-te pai, amante, illusões e futuro!

Vem comigo, Paulo. Sou rico, aproveitarás a minha experiencia; unamo-nos por uma confraternidade de odio. Vem, Paulo: és tu a unica creatura humana pela qual posso interessar-me, porque só tu pódes auxiliar os meus projectos e torna-los mais completos. Vem! Uma mulher te enganou: pois bem; joven, formoso e desenganado, d'ora em diante serão as mulheres que se lançarão a teus pés: então, Paulo, tambem tu farás derramar lagrimas crueis; tambem ellas sentirão partir-se-lhe o coração. Pensa bem n'isto; todos os desgostos que soffrestes tu os imporás á humanidade! Ulcerado como está o teu coração, todas as mulheres soffrerão a reacção do teu desespero, ou sejam culpadas ou innocentes; tu choraste sangue, ellas chorarão sangue. Vem, Paulo! E ainda isto não é nada; se o amor te dá o poder de esmagar esse sexo, dar-te-ha a ambição o de vingar-te dos homens. Vem, Paulo! Posso abrir-te larga e vasta carreira nos empregos e nas honras; ainda ahi encontraremos um poderoso meio de acção sobre a humanidade; dominaremos os homens de uma altura espantosa, dilatar-se-ha o teu espirito!... e quem sabe? talvez cheguemos a contar, não os desgostos dos homens,

porem os das nações. Comprehendes, Paulo? das nações! Vem, Paulo, vem vingar-te em longa escala, vem dar um grito de vingança que resoe na posteridade! e se o plano ainda te parece estreito, existe em Roma uma mais poderosa àlavanca; e tu não és casado, nem eu tão pouco!...

Vem, torno a dizer-te. E demais em ti é bella a vingança, pois vingas um pai e uma amante. Lembra-te d'isso, Paulo!... — a humanidade! — que immensa hecatombe a seus manes!... Vem, deixemos esta cidade; acompanha-me a París... vem, vem!

—Não, não; devo morrer aqui com meu pai!

—Porem, moço desgraçado, a quem aproveitará a tua morte? é loucura vingar-se em si mesmo da humanidade.

—Saffie, escutei-vos com attenção; observei cuidadosamente se alguma das vossas palavras despertaria em mim alguma cousa, odio, esperança ou desesperação; porem o meu coração ficou mudo.

—Estás certo d'isso?

—Estou.

—Pobre Paulo, n'esse caso compadeço-me de ti porque contava comtigo. Eu devia esperar isso. Oh! cumpre ter uma alma for-

te e poderosa para resistir aos golpes da ventura ou da desgraça, e a tua alma era fraca e debil. Ainda uma vez, reflecte, interroga o teu coração: nada? nada?

— Nada, respondeo Paulo pensativo, nada. Não comprehendo que se possa existir, estando o mundo deserto.

— Mas a vingança, misero?

— Como não sinto na vossa presença desejos d'ella, segue-se que o meu coração está morto e bem morto.

— Então adeos, Paulo... adeos.

Pela vez primeira, talvez, uma lagrima de compaixão ou de saudade brilhou nos olhos de Saffie.

Tambem elle experimentava uma sensação desagradavel ao ver este moço tão joven e bello, pallido, magro e moribundo, — pois a morte physica não era mais que um acontecimento destituido de importancia; — ao ver esse pobre moço sósinho; em um quarto arruinado, sem um amigo nem um parente, isolado no meio do mundo, não tendo approximado os labios da taça da vida senão para conhecer-lhe a amargura, morrendo sem lamentar-se, sem uma saudade, sem um murmurio, e sem poder ao menos derramar uma lagrima.

— Outra vez adeos! disse Saffie, e desappareceo.

— Adeos, disse Paulo. E olhando para o relogio: — ao menos foi uma hora passada com indifferença.

Ouvio-se resoar os chicotes dos cocheiros, e os vidros da miseravel estalagem vibraram ao ruido sonoro e retumbante de uma carruagem que partia rapidamente.

CAPITULO LIV.

— Á tua saude!
— Á tua...
— Toca...

SCHILLER — *Os Salteadores.*

Graciano.

No dia seguinte ás oito horas da manhã Paulo chamou Graciano.

O marinheiro entrou.

— Escuta, meu velho Graciano, disse Paulo abrindo uma gaveta da mesa. Julgo que estão aqui cinco mil e alguns centos de francos; é tudo quanto possuimos meu pai e eu; são teus.

— Obrigado, senhor Paulo.

— Pois bem sabes que quando se está morto de nada se precisa.

— Sim, senhor Paulo.

— Meu pai hade ser fuzilado hoje ás onze horas!

— Sim, senhor Paulo.

— Assim pois, matar-me-hei tambem ás onze horas.—Mas tu não me respondes? Todavia conto comtigo para me arranjares armas.

— Senhor Paulo...

— Preferes que eu me enforque com a minha gravata? ou que quebre a cabeça contra uma pedra?

— Não, senhor Paulo.

— Pois bem, então... Deves saber que se me embaraçares hoje, ámanhã ou depois sempre heide encontrar meios de o conseguir; e assim...

— Sim, senhor Paulo.

— Emfim, Graciano, tu viste-me nascer, não é verdade?

— Sim, senhor Paulo; — e o pobre homem sentia entumecer-se-lhe o coração. — Sim, senhor Paulo, e era eu mesmo quem passeava comvosco, quem vos acalentava e vos montava na minha perna de páo quando já ereis maiorsinho.

— Pois bem, meu bom velho Graciano, dizes tu que então eras meu amigo, não é assim?

— Oh! sim, senhor Paulo.

— Então não me recuses o que te peço; ficarias satisfeito se alguem te negasse o mesmo favor? Emfim, se, em logar de ter só uma perna cortada, tivesses as duas, se estivesses certo de morrer, gostarias que o teu marinheiro recusasse quebrar-te a cabeça para evitar que soffresses mais?

— Oh! não, senhor Paulo; isso é um

dever sagrado que os marinheiros devem uns aos outros: quando se podem poupar os soffrimentos de um amigo cumpre faze-lo; e aquelle que o não fizesse seria um miseravel e um cobarde...

— Ora pois, Graciano, eu tambem sou teu amigo; e recusarias ao filho do teu tenente, ao menino que acalentaste, o que não recusarias a um companheiro?! negas-me isso... quando sabes que meu pai vai ser fuzilado?... Emfim, morto meu pai, bem sabes que não poderia sobreviver-lhe, que soffreria muito... E recusas-me o que te peço?!... preferes ver-me antes morrer de desgosto que de um tiro, como deve morrer todo o soldado?... Recusas, meu bom velho Graciano?

— Bem, senhor Paulo... Visto que assim o quereis, não recusarei. E pois, bem sei que morrendo vosso pai de semelhante maneira... seria interminavel o vosso desgosto... Oh! sim, seria um desgosto cruel... um desgosto para toda a vida, meu caro senhor Paulo.

— Já vês pois, meu bom velho Graciano, que tenho toda a rasão; e assim compra-me um par de pistolas e carrega-as tu mesmo com duas balas; tu mesmo, ouves?

— Socegai, senhor Paulo, disse Graciano limpando uma lagrima.

— Vai pois, e volta aqui antes das dez horas e meia. Ora pois, Graciano, posso contar comvosco, á fé de marinheiro?

— Á fé de marinheiro, senhor Paulo, disse Graciano, depois de haver por um momento hesitado, e saío.

Deram nove horas.

Nove e meía.

Dez horas.

Ás dez e um quarto ouvio Paulo alguns passos junto á porta de seu quarto.

Carregou a sobrancelha, receiando algum logro de Graciano; mas este ultimo entrou com duas pistolas debaixo da jaqueta, mostrando-se confuso e embaraçado.

— Senhor Paulo, disse elle, voltando as armas de todos os lados e com os olhos baixos. Vós me recommendastes que não dissesse nada a ninguem.

— Certamente, e então? que fizeste?

— Senhor Paulo, encontrei na rua mestre La Joie e Bouquin, dous amigos velhos da jangada, que me disseram queriam ver-vos *antes*.

— Manda-os entrar, Graciano.

La Joie e Bouquin approximaram-se com timidez.

— Então, meus velhos carvões, disse Paulo, vindes dizer-me adeos?

— Oh! senhor Paulo, respondeo La Joie, nunca se esquecem as pessoas a quem se estima. Fui eu, senhor Paulo, que vos ensinei a fazer o primeiro *nó d'escota*. Fui eu que vos recebi em meus braços quando fostes ferido, e vós não esquecestes isso, pois nunca maltractastes o velho La Joie, como fazem tantos jovens officiaes. Ora pois, senhor Paulo, é triste pensar que depois de vós e do tenente só restamos *nós dous* Bouquin, dos carvões da Salamandra. Graciano tudo me disse, senhor Paulo; e isso é bello para vós! o que pretendeis fazer é proprio de um bom filho e de um bravo official de marinha; só as mulheres e os frades dirão que fazeis mal. Eu e Bouquin desejariamos ao menos... porem... não me atrevo...

— O que queres, meu velho La Joie?

— Sim, senhor Paulo, desejariamos possuir alguma cousa que vos pertencesse, algum botão da vossa farda, alguma cousa insignificante; desculpai-nos, senhor Paulo, mas seria isso uma reliquia para *nós dous* Bouquin...

— Prometto-te o que desejas, La Joie.

Deram dez horas e meia.

— Vamos, meus amigos, disse Paulo; adeos! retirai-vos... *É ás onze horas;* nem uma palavra a pessoa alguma.

— Contai comnosco, senhor Paulo.

— Vamos! abraçai-me.

Bouquin e La Joie abraçaram Paulo chorando.

— Adeos, meu velho Graciano; adeos, e obrigado.

— Meu pobre senhor Paulo, dizia este..

. . . . . .

E os tres desceram lentamente a escada.

Paulo escreveo o que se segue quando o relogio do porto deo dez horas e tres quartos:

« Mato-me por não poder sobreviver á morte de meu pai. Deixo a Jacques Graciano, marinheiro invalido, todo o dinheiro que se acha n'este quarto. Desejo que se dê a La Joie, mestre d'equipagem, o meu punhal d'uniforme, que deve achar-se a bordo da náo almirante, no camarote de meu pai. Desejo igualmente que se dê a Bouquin, marinheiro, a minha agulheta, que hade achar-se no mesmo logar, como testemunho de amizade e reconhecimento a estes dous bravos maritimos. Desejo finalmente ser enterrado com meu pai.

«Feito no dia 21 de novembro, ás onze horas menos dez minutos da manhã, cinco minutos antes de meu pai ser fuzilado.

«PAULO HUET.»

Á primeira pancada das onze horas Paulo armou as pistolas.

Suas ultimas palavras foram:

— Perdoa-me, oh! meu Deos, se commetto um crime! — Esperai-me, meu pai, eu já vos sigo. — Minha mãi... Alice!...

Á ultima pancada das onze horas Pedro Huet caía fuzilado no pontão.

Á ultima pancada das onze horas Paulo Huet caía no soalho do quartinho da estalagem de *Chasse-Marée*.

O almirante não se esqueceo da promessa feita ao seu companheiro d'armas.

Pedro e seu filho não foram separados.

O almirante, Graciano, Bouquin e La Joie foram as unicas pessoas que acompanharam o enterro do pai e do filho.

Á noite, os tres marinheiros, que tinham ido divertir-se em uma taberna, achavam-se um pouco ebrios, e fallavam d'incendiar o porto de Cherbourg para vingar Pedro e seu filho.

Felizmente não teve logar o seu projecto.

Graciano gosa de uma honesta abastança até o fim de seus dias.

La Joie caío ao mar em um temporal e morreo afogado.

O seu marinheiro Bouquin morreo de febre amarella na Martinica.

CAPITULO LV.

Um Salão.

A scena passa-se no palacio de Saint Are, um mez depois da morte de Paulo e de seu pai.

É um d'esses antigos salões do arrabalde de Saint Germain, que datam do XVII seculo. A profusão de molduras e arabescos das portas, dos tectos e dos caixilhos tem sido dourados de novo, e sobresaem brilhantes sobre o fundo branco das paredes. Grandes janellas cobertas de largas e pesadas cortinas de seda côr de purpura, dão para o jardim; varias portas parallelas a essas janellas, communicam com uma deliciosa estufa, perfumada e embalsamada pelas flôres do inverno; alcatifas espessas e macias guarnecem esta estufa, e grandes viveiros cheios de bengalinhas, prestam ainda mais um encanto á sua bella e vigorosa vegetação.

É noute.

Ricos candelabros, collocados nos cantos d'este immenso salão, reflectem-se no meio

dos espelhos, e lançam um pallido clarão na estufa, alumiada por esta doce luz.

Varios retratos de familia annunciam que o palacio é habitado por pessoas de antiga e gloriosa origem.

Dão seis horas.

Um creado abre os dous batentes da porta do salão.

Entram: a duqueza de Saint Are, cincoenta annos, figura magestosa, maneiras espirituosas e agradaveis, vestida com gosto e simplicidade extremos.

A condessa d'Hermilly. Dezenove annos, rosto encantador, os mais bellos olhos do mundo, pés e mãos de rara delicadeza, pallida, de cabellos louros e pelle alvissima; vestuario exquisito. Casada ha um anno com o conde d'Hermilly.

Entram de braço dado, e vão sentar-se nas poltronas collocadas aos lados de uma immensa chaminé.

A DUQUEZA.

Quanto sois boa, minha querida Maria, em ter vindo tão depressa, poupando-me assim o aborrecimento do toucador referindo-me as vossas loucuras!

A CONDESSA.

E chamais aquillo loucuras, meu Deos! É pena que aqui não esteja o senhor d'Hermilly; elle que sempre me reprehende a minha seriedade!

A DUQUEZA.

E tem rasão, Maria. Não pareceis da vossa idade.

A CONDESSA.

Antes é elle que não parece da sua.

A DUQUEZA.

O caso é que aos trinta annos tem elle a leviandade de julgar-se moço, o defeito de ser bonito, e de accreditar-se o mais venturoso dos homens. Torno a dizer-vos, Maria, que sois uma louca, e se elle aqui estivesse vos reprehenderia na sua presença. Preferirieis que elle fosse como o senhor de Servieux, constantemente triste, preoccupado, e de um pessimismo capaz de desejar o fim do mundo?

A CONDESSA.

E tendes esta noute em vossa casa o bom senhor de Servieux, o velho amigo de minha mãi?

A DUQUEZA.

Tenho; e ainda isso não é tudo. Tenho tambem uma celebridade, oh! uma grande celebridade chegada recentemente a Paris.

A CONDESSA *(com curiosidade.)*

Oh! meu Deos! quem é?

A DUQUEZA.

O marquez de Longetour, parente do senhor de Saint Are, official de marinha, e um verdadeiro Jean Bart. Todo elle é um romance!

A CONDESSA.

Pois contae-me essa engraçada historia.

A DUQUEZA.

Minha cara filha, isso seria demasiado

longo. Diz-se unicamente que, sendo tomado pelos piratas e conduzido ao interior de Africa, vio as cousas mais curiosas d'este mundo, e fez numerosas descobertas d'historia natural, pelas quaes a academia das sciencias quer recebe-lo socio correspondente. Porem o que é ainda mais admiravel, é que foi feito prisioneiro, como tambem se diz, sómente por não querer abandonar o seu navio perdido sem recurso. A tripulação abandonou-o, e teve elle a coragem de querer ficar só a bordo. Os homens do mar teem uma amizade singular a seus navios.

A CONDESSA.

Isso é que se chama constancia e fidelidade. É casado?

A DUQUEZA.

Ha muitos annos. É um velho sincero, benigno e agradavel, mas um d'esses genios inflexiveis, que só se revelam nos grandes perigos; finalmente é um d'esses individuos a quem só engrandecem os obstaculos.

A CONDESSA.

Estou anciosa por ver o vosso official de marinha.

A DUQUEZA.

Na verdade que lhe sou affeiçoada, e por isso terei o maior prazer em participar-lhe hoje que vai ser-lhe conferido um posto superior, em recompensa da sua bella e nobre conducta. Alem d'isso foi muito elogiado pelo passageiro que devia conduzir a Smyrna, o qual deo a seu respeito as melhores informações. Temos n'este mais um romance.

A CONDESSA.

E de dous? hade ser interessante!

A DUQUEZA.

O senhor de Longetour appresentou-me o seu passageiro, e, confesso-vos, Maria, que é um dos homens mais singulares que tenho encontrado.

A CONDESSA.

Será tambem algum velho official de ma-

rinha, feio e grosseiro, com grandes cutiladas no rosto?

A DUQUEZA.

É um homem de trinta annos, quando muito, da mais escolhida sociedade, de distincta belleza, de idéas originaes e extraordinarias, que pinta como um anjo, e é excellente musico.

A CONDESSA.

Na verdade é um heroe de romance.

A DUQUEZA.

Mormente se ajuntardes a isso o nome de muita boa familia, grande fortuna, trem do melhor gosto, os mais formosos cavallos de París; e ainda tereis uma idéa incompleta do senhor de Saffie.

A CONDESSA.

Tenho ouvido fallar muito a seu respeito. Frequenta a vossa casa?

A DUQUEZA *(sorrindo-se.)*

Sei que os invejosos e os máos fallam de um rapto acompanhado de circumstancias *horrorosas*; accusam-o de ter feito morrer de desgosto a pobre baroneza de Pavy, e de um cento de atrocidades semelhantes.

A CONDESSA.

E tudo isso é falso. Vós o crêdes...

A DUQUEZA.

A prova de que reputo mui duvidosa e impura a origem d'esses boatos, é que o senhor de Saffie é recebido no meu salão.

UM CREADO *(annunciando.)*

O senhor cavalheiro de Servieux.

Entra o cavalheiro de Servieux; beija a mão da duqueza de Saint Are, e inclina-se diante da condessa d'Hermilly.

A DUQUEZA.

Quanto sois amavel em vir um pouco mais cedo, senhor de Servieux! Ides sem duvida entristecer-nos, assustar-nos com o futuro, não é assim? Aqui está uma das vossas sectarias admiravelmente disposta a ouvir-vos.

O SENHOR DE SERVIEUX *(rindo-se.)*

Isso é uma declaração de guerra, senhora. Mas confessae ao menos que a tristeza em um velho é algumas vezes convicção ou abnegação. Todavia, por espirito de contradicção, pretendo estar hoje alegre; demais, é menos o desejo de contrariar-vos que operará essa grande revolução em meu espirito, que a certeza que tenho de agradar-vos dando-vos uma boa noticia.

A DUQUEZA.

Que quereis dizer?

O SENHOR DE SERVIEUX.

Oh! não quero fallar-vos nem de novos

beneficios a fazer, nem das vossas visitas matinaes de que só os pobres conhecem o segredo, nem do reconhecimento das viuvas dos officiaes mortos em Waterloo, que tão generosamente soccorreis, nem de...

A DUQUEZA *(com impaciencia.)*

Senhor de Servieux!

O SENHOR DE SERVIEUX.

Aqui estou, minha senhora. É simplesmente de um bilhete da mão do ministro, redigido á pressa. Vi-o na camara, e elle me entregou estas palavras escriptas com lapis.

A DUQUEZA *(lendo.)*

«A promoção do senhor marquez de Longetour ao posto de capitão de náo, e a sua nomeação de commendador da legião de honra, foram assignadas hoje.»

—Optimo! Mil graças, meu caro senhor de Servieux!

O SENHOR DE SERVIEUX.

Nada de agradecimentos, minha senhora, pois era de justiça. O benemerito official lucta com todas as suas forças contra o perigo, e quando já não tem recursos, por um fanatismo admiravel, recusa abandonar o navio que o rei lhe confiára, permanece n'elle, e expia essa dedicação sublime por um horrivel captiveiro nos desertos d'Africa, onde vai ainda occupar-se em prestar serviços á sciencia... — Haveis de confessar, minha senhora, que tudo isto é admiravel! — Eis aqui o que me contaram, e que provem de fonte pura. Ainda isto não é tudo. O bravo official tinha de mais a mais por segundo um homem perigosissimo, que pretendeo assassina-lo á vista da tripulação, indignado sem duvida da firmeza que não esperava encontrar no nosso leal capitão. Parece mesmo, segundo o processo, que foi esse miseravel quem causou a perda do navio, já uma vez salvo pelo senhor de Longetour. Felizmente fez-se justiça! e a nossa marinha não tem a lamentar um official que tanto a ennobrece!

A DUQUEZA.

E pois, o senhor de Longetour tinha emigrado, e um emigrado não póde necessariamente ser senão um cobarde e um nescio. É realmente triste ser tão mal comprehendido, e ter em recompensa o odio e a calumnia, pelo pouco bem que se quer fazer.

O SENHOR DE SERVIEUX.

Tomam-nos por *papões*, e a nossa causa é julgada em ultimo recurso, quando se falla em reductos e trincheiras. Mas esses gracejos provam tanto como as proscripções de 93. A demanda ainda não está acabada, senhora duqueza; a França odeia-nos, porque não podem restaurar-se as crenças destruidas como se restaura um throno.

A DUQUEZA.

Ora vamos, sois um scismatico, pareceis o Cazotte da restauração.

Entra um creado que entrega uma carta á duqueza.

A DUQUEZA *(abrindo a carta.)*

Daes licença, senhor de Servieux?

O senhor de Servieux inclina-se, e conversa com a condessa d'Hermilly.

A DUQUEZA.

Que contratempo! que tristeza! — *Sorrindo-se.* — Heide tornar a ver o senhor de Longetour, porem jámais verei uma carta semelhante; Déos tudo faz por melhor. — *Rindo ás gargalhadas.* — Estes homens do mar são bem singulares! Bem se diz que todos os homens de grande coragem e espirito superior, são sempre dominados por suas mulheres. Lêde isto em voz alta, senhor de Servieux, e desafio-vos que nos façaes agora ficar tristes. Tambem vós vos alegrareis, Maria, pois ha um momento a esta parte pareceis-me pensativa.

A CONDESSA.

Não ha tal.

O SENHOR DE SERVIEUX *(lendo.)*

« Minha cara parenta ; como é permittido fallar francamente entre amigos e parentes, confesso-vos que não posso ter o gosto de ir hoje jantar comvosco, não por minha vontade, mas porque assim o quer o diabo de minha Izabel, de minha maldita mulher, que vós perfeitamente conheceis. Pedi, ameacei, nada pude conseguir ; não sei por que capricho me negou o que lhe pedia, mas não quiz. E como eu fallasse em jantar comvosco a todo transe, porque emfim a bordo do meu navio era outra cousa, sabei, minha cara senhora e parenta, que me fechou com duas voltas, e é da minha prisão que vos escrevo esta carta, que lancei pela janella a um moço de recados, dizendo-lhe que a levasse immediatamente ao palacio de Saint Are. Não me queiraes mal por isso, minha cara parenta, pois muito sentiria que me julgasseis ingrato depois de tantos obsequios que me tendes feito desde que voltei de Tripoli. Estava eu certo de haver-vos escripto de Toulon, á minha chegada a França, oito dias antes da minha partida para París ; encontro porem agora a

minha carta na secretária d'Izabel, que sem duvida se esqueceo d'ella. Desculpai-me, minha cara parenta, e tende compaixão de um prezo. Se estivesse a bordo do meu navio, as cousas não passariam assim. Sobre tudo supplico-vos que Izabel de nada saiba. Soube, quando cheguei, que o meu tenente tinha sido fuzilado; foi uma grande desgraça, pois era um bravo, e daria tudo quanto possuo no mundo para o salvar. Assim pois, senhora, as diligencias que vos pedi fizesseis a seu respeito, tornam-se agora inuteis, o que bastante me penalisa. Acceitae, etc. »

O Senhor de Servieux entrega a carta á duqueza.

A DUQUEZA.

Que homem excellente! Ainda lamenta o seu tenente!

O SENHOR DE SERVIEUX.

Com tudo é cousa singular, porem provada, que esses animos de ferro, esses homens indomaveis nos perigos, logo que entram na vida privada, tornam-se fracos e incapazes.

A DUQUEZA *(rindo-se.)*

É sempre Hercules aos pés de Omphale, senhor de Servieux. Porem cumpre responder ao pobre marquez.

Toca campainha e diz a um creado:

Tragam o que é preciso para escrever.

Escrevendo. — « Meu caro parente, tomo o mais vivo interesse pelo vosso captiveiro, e para suavisar o seu aborrecimento, mando-vos um bilhete do ministro; o que alem de tudo o mais me consola, é ver uma mulher (e vossa mulher) fazer-vos expiar os despotismos que se diz praticaveis a bordo do vosso navio.

« Até breve, pois a senhora de Longetour não hade ser sempre inexoravel. — Mil saudades e recommendações, meu caro parente.

« DUQUEZA DE SAINT ARE. »

A DUQUEZA DE SAINT ARE *(dobrando a carta, fechando-a, e entregando-a ao creado)*

Levai esta carta.

O SENHOR DE SERVIEUX.

Ah! desgraçado! compadeço-me de ti! se Izabel intercepta a carta, mette-o no segredo.

A DUQUEZA.

E talvez a pão e agua, com sentinellas á vista...

O CREADO *(annunciando.)*

O senhor duque.

O duque de Saint Are beija a mão da condessa, trava-se a conversação, que é interrompida pelo creado, que nomeia successivamente as visitas; por fim annuncia:

O senhor de Saffie.

A CONDESSA D'HERMILLY *(voltando a cabeça vivamente.)*

É elle! Como é bello!...

Dez minutos depois, um mestre-sala abre os dous batentes da porta e diz:

A senhora duqueza está servida!

FIM.

CATALOGO

De Romances, Novellas, e Historias Portuguezas, que se vendem na loja de Bordalo, rua Augusta, n.º 195. Na mesma loja se alugam, não só as obras mencionadas n'este catalogo, como tambem todos os mais Romances que de futuro se publicarem, pelo modico preço de 300 *réis por mez,* 800 *réis por trimestre, ou* 1440 *réis por semestre, deixando depositado* 1440 *réis, ou dando por fiador pessoa estabelecida.*

OBRAS DE EUGENIO SUE.

Judeo Errante, 20 vol.	2$400
Mysterios de París, 8 vol.	3$840
Aventureiro, ou o Barba-Azul, 3 vol.	1$440
Mathilde, 4 vol.	1$440
Salamandra (Romance Maritimo), 3 vol.	900

OBRAS DE MADAMA A. RADCLIFFE.

Adelina e Theodoro, 4 vol.	1$200
Amanda e Oscar, 6 vol.	1$920
Barbarinski, ou os Bandoleiros, 2 vol.	360
O Eremita dos Bosques de Santarem, 2 vol.	600
O Espectro do Castello d'Estalens, 3 vol.	1$440
Enredo Mysterioso, 3 vol.	
Fantasma Branco, 3 vol.	960
Italiano, ou o Confessionario dos Penitentes Negros, 3 vol.	1$200
Rosa e Branca, 2 vol.	800
Consuello, 4 vol.	1$920

OBRAS DE JORGE SAND.

Julia, ou os Subterraneos do Castello de Mazini, 2 vol.	720
Mysterios do Castello de Udolfo, 6 vol.	1$920
Romalino, ou os Mysterios do Castello de Monte Rosso, 2 vol. . . .	600
Tumulo, 2 vol.	720
Marqueza de Ganges, 2 vol. 1844.	800

OBRAS DE MADAMA COTTIN.

Clara d'Alba, 1 vol.	360
Dous Infelizes, ou Amelia Mansfield, 4 vol.	1$200
Elisabeth, ou os Desterrados da Siberia, 1 vol.	400
Malvina, 4 vol.	1$200
Mathilde, ou Memorias tiradas da Historia das Cruzadas, 4 vol.	1$440

OBRAS DE MADAMA DE STAEL.

Corina ou a Italia, 4 vol.	1$920
Delfina, 6 vol.	1$920

OBRAS DA CONDESSA DE GENLIS.

Affonso de Lodeve, 2 vol.	600
Affonso e Dalinda, 1 vol.	600
Affonso ou o Filho Natural, 2 vol.	720
Battuecas, 2 vol.	480
Cavalleiros do Cysne, 4 vol.	1$200
Dona Ignez de Castro, 1 vol.	80
Joven Penitente, 1 vol.	120
Laura e Julia, 1 vol.	200
Mãis Rivaes, 2 vol.	

Serões do Palacio, 3 vol. . . . . 1$800
Sitio da Rochella, 2 vol. 800
Votos Temerarios, 2 vol. 960

OBRAS DE MADAMA MONTOLIEU.

Cega em París, 1 vol. . . . . .
Carolina de Lichtfield, 2 vol. 960
Doze Novellas, 4 vol. 960
Joven Cega, 1 vol. 300
Izidoro e Horaida, 4 vol. . . . . 1$200
Saint-Clair das Ilhas, 3 vol. . . . . 1$200
Sybaritas, ou os Subterraneos de Piombino, 2 vol. 720
Wilhelm e Aurora, 2 vol. 480
Falkenberg, ou o Tio, 2 vol. 400

OBRAS DE MADAMA CAMILLA BODIN.

Callista, 2 vol. 800
Leque, 2 vol. 720

OBRAS DE MADAMA DE SOUSA.

Adelia de Senange, 2. vol. 600
Carlos e Maria, 1 vol. 300
Emilia e Affonso, 2 vol. 600

Anna de Grenwil, 3. vol.	960
Augusto e Gabriella, 2 vol.	480
Cecilia de Chatenai, 2 vol.	720
Celestina, ou os Esposos sem o serem, 4 vol.	1$600
Celina, ou a Filha do Mysterio, 6 vol.	1$920
Dois Robinsons, ou Aventuras de Carlos e Fanny, 3 vol.	1$200
Domingos, ou o Sineirozinho, 4 vol. 1843.	1$200
Elmonda, ou a Menina do Hospicio, 3 vol. 1844.	960
Emilio, ou os Serões de meu pai, 4 vol.	1$200
Esperia, ou o Ermiterio de S. Thiago, 4 vol.	1$200
Etelvina, ou Historia da Baroneza de Castle-Acre, 3 vol.	960
Fantasma de Nembrod Castle, 2 vol.	480
Fonte de Santa Catharina, 4 vol. .	1$440
Jacques e Georgeta, ou os Pequenos Montanhezes, 4 vol.	1$200
João e Joanninha, ou os Pequenos Aventureiros Parisienses, 4 vol.	1$440

Joanninha, ou a Engeitada Generosa, 2 vol. 720
Julio, ou a Casa Paterna, 4 vol. . 1$200
Leandro, ou o Pequeno Casal no meio dos Bosques, 4 vol. . . . . 1$600
Mathilde de Edmonville, 2 vol. . . 720
Orfãozinhos da Aldeia, 4 vol. . . . . 1$200
Paulo, ou a Herdade abandonada, 4 vol. . . . . 1$200
Victor, ou o Menino da Selva, 4 vol. . . . . 1$600

OBRAS DO VISCONDE D'ARLINCOURT.

Enguerrand de Coucy, 2 vol. 720
Ernesto d'Angers, 2 vol. 600
Esfoladores, ou a Usurpação e a Peste, 2 vol. 720
Estrangeira, 2 vol. 720
Hervanaria, 2 vol. 720
Jacques Artevelle, 2 vol. 960
Ida e Nathalia, 2 vol. 600
Ipsiboé, 2 vol. 720
Ismalia, ou a Morte e o Amor, 2 vol. 720
Rebeldes, Chronica do Seculo 14, 4 vol. . . . . 1$200
Renegado, 2 vol. 720

Solitario, 2 vol. 720
Tres Castellos, Romance, 2 vol. . 600

OBRAS DE FREDERICO SOULIÉ.

Conde de Tolosa, Romance, 2 vol. 1$200
Conselheiro d'Estado, 3 vol. 960
Memorias do Diabo, 8 vol. . . . . 1$920
Castello dos Pyrinéos, 4 vol. . . . . 1$440
A Bananeira, 2 vol. 960
De Dia para Dia, 4 vol. . . . . 1$200

OBRAS DE SIR WALTER SCOTT.

Castello Perigoso, Romance, 3 vol. 480
Dama do Lago, 1 vol. 600
Desposada de Lammermoor, 3 vol. 960
Desposados, 3 vol. . . . . 1$200
Formoza Donzella de Pert, 2 vol. . 720
Guy Mannering, ou o Astrologo, 5 vol. 800
Ivanhoe, ou o regresso do Cruzado, 4 vol. . . . . 1$600
Kenilworth, Novella, 4 vol. . . . . 1$600
Lord das Ilhas, 1 vol. 300
Misantropo, ou o Anão das Pedras Negras, 1 vol. 400
Mosteiro, Romance historico, 3 vol. 960

Official de Fortuna, Novella ingleza, 3 vol. . . . . .
Puritanos da Escossia, Novella, 4 vol. . . . . 1$440
Quintino Durward, ou o Escossez na côrte de Luiz XI, 4 vol. . . . 1$600
Talisman, ou Ricardo na Palestina, 3 vol. 960
Uma Lenda de Montrose, 3 vol. . . 480
Woodstock, ou o Cavalleiro, 7 vol. 1$200
O Abbade, 3 vol. 1844. 960
Anna de Geierstein, 4 vol. . . . . 1$600
Waverley, 4 vol. . . . . 1$600
Prisão de Edimburgo, 4 vol. . . . . 1$440

OBRAS DE COOPER O AMERICANO.

Derradeiro Mohicano, 4 vol. . . . . 1$440
Espião do Campo Neutral, 4 vol. . 1$200
Piloto, Novella Maritima, 4 vol. . 1$440
Puritanos da America, Romance, 4 vol. . . . . 1$440

OBRAS DE A. DUMAS.

Capitão Paulo, 2 vol. 600
Historia dos Stuarts, 2 vol. 600
Isabel de Baviera, 3 vol. . . . . 1$200

Uma Filha do Regente, 3 vol. . . . 960
Paulina, 2 vol. 600
Pascal Bruno, 1 vol. 360

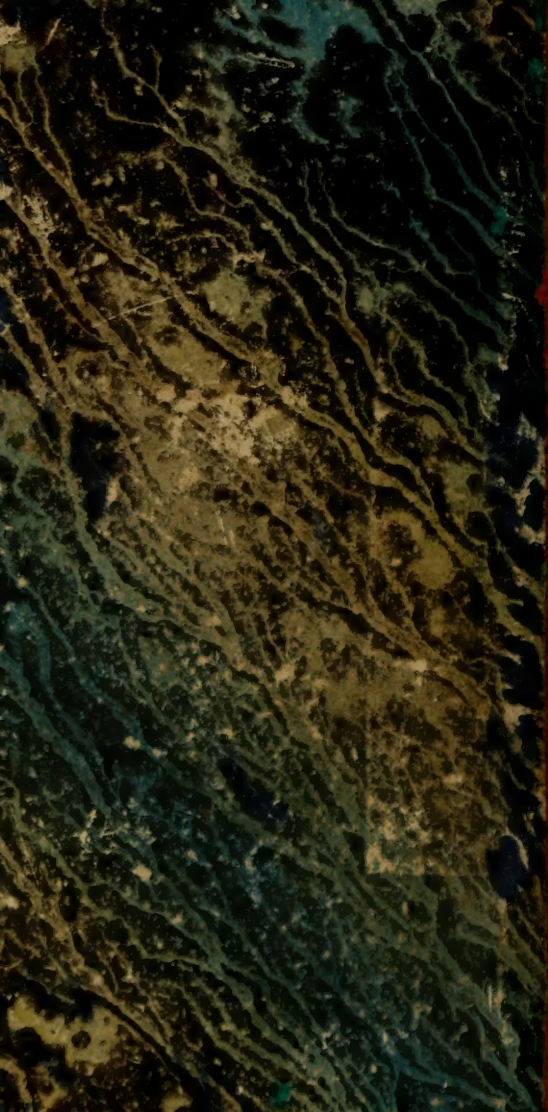
OBRAS DE VICTOR HUGO.

Bug-Jargal, 1 vol. 340
Han d'Islandia, 3 vol. . . . . 1$200
Nossa Senhora de París, 1 vol. . . 1$200

OBRAS DE PAULO DE KOCK.

Barbeiro de París, 4 vol. 960
Bigode, 4 vol. 960
Casa Branca, 5 vol. 960
Coitadinho, 4 vol. 960
Donzella de Belleville, 4 vol. 960
Este Senhor! 4 vol. 960
Filho de minha Mulher, 3 vol. . . . 1$080
Georgetta, ou a Sobrinha do Tabellião, 4 vol. 960
Gustavo, ou a Boa Peça, 3 vol. . . 720
Homem da Natureza, e o Homem Civilisado, 4 vol. 960
Homem dos Tres Calções, 4 vol. . 960
Irmã Anna, 4 vol. 960

Meu Visinho Raymundo, 4 vol... 960
Mulher, o Marido e o Amante, 4 vol. 960
Robineau e Fifina, 4 vol. 960
Leiteira de Montfermeil, 4 vol... 960
Familia Gogô, 4 vol. 960
Joven Encantador, 4 vol. 960
João, 4 vol. 960
Sem Gruvata, 4 vol. 960
André o Saboyano, 4 vol. 960
Magdalena, 4 vol. 960
Mr Dupont, 4 vol. 960

OBRAS DE PIGAULT-LEBRUN.

Angelica e Joanninha, 2 vol. 600
Filho do Carnaval, 2 vol. 960
Historia de Mr. Francheville, 2 vol. 600
Historia de Carlota Francheville, 2 vol. 600
Metusko, ou os Polacos, 1 vol...
Monsieur Botte, 2 vol. 600
Monsieur Kinglin, 1 vol. 240
Theodoro, ou os Peruvianos, 1 vol. 120